

# PATRÍSTICA

---

## PADRES APOLOGISTAS

Carta a Diogneto • Aristides de Atenas  
Taciano, o Sírio • Atenágoras de Atenas  
Teófilo de Antioquia • Hermias, o filósofo



# PADRES APOLOGISTAS

- Carta a Diogneto
- Aristides de Atenas
- Taciano, o Sírio
- Atenágoras de Atenas
- Teófilo de Antioquia
- Hérnias, o Filósofo



# Índice

## CARTA A DIOGNETO

### INTRODUÇÃO

1. O manuscrito
2. Autor
3. Destinatário
4. Data e local da composição
5. Estrutura e conteúdo

### BIBLIOGRAFIA

#### Exórdio

#### Refutação da idolatria

#### Refutação do culto judaico

#### O ritualismo judaico

#### O mistério cristão

#### A alma do mundo

#### Origem divina do cristianismo

#### A encarnação

#### A economia divina

#### A essência da nova religião

#### O discípulo do Verbo

#### A verdadeira ciência

## ARISTIDES DE ATENAS

### INTRODUÇÃO

1. Vida
2. A obra e destinatário
3. Conteúdo da obra

### BIBLIOGRAFIA

## APOLOGIA SEGUNDO OS FRAGMENTOS GREGOS

#### A idolatria entre os caldeus

#### A idéia de Deus entre os gregos

#### O culto idolátrico entre os egípcios

#### Crítica à fé judaica

#### A verdadeira religião

## TACIANO, O SÍRIO

### INTRODUÇÃO

1. Vida
2. Obras

O Diatéssaron

Discurso contra os gregos

3. Estrutura e conteúdo do discurso contra os gregos

BIBLIOGRAFIA

DISCURSO CONTRA OS GREGOS

Exórdio

Zombaria contra os filósofos

Contra o culto imperial e a idolatria

A geração do Verbo por participação

Cremos na ressurreição e no julgamento

A obra do Verbo: criação dos homens e dos anjos

Contra o destino e os deuses

Somos superiores ao destino

As metamorfoses dos deuses

Intransigente afirmação de independência

Duas espécies de espíritos

Por si, a alma não é imortal

O castigo eterno dos demônios

O que é o homem propriamente

A possessão não vem das almas

As doenças vêm dos demônios

A cura vem de Deus

Desprezo hipócrita pela morte

As asas da alma

Não é loucura afirmar a encarnação

A imoralidade do teatro

A luta de gladiadores

Novo ataque ao teatro

Outra vez contra os filósofos

Contra os gramáticos

Não se castiga a ninguém por causa do nome

Contra a variedade das leis

Caminho para a fé: reflexão autobiográfica

O tesouro escondido

A prova da antigüidade

Filosofia cristã

A imoralidade da escultura

Taciano viajante

Moisés é anterior a Homero

O testemunho fenício

O que os egípcios dizem

Os reis de Argos

Moisés é anterior aos pré-homéricos: argumento da antigüidade

Conclusão

ATENÁGORAS DE ATENAS

INTRODUÇÃO

1. Vida

2. Obras

BIBLIOGRAFIA

PETIÇÃO EM FAVOR DOS CRISTÃOS

Dedicatória e introdução

I PARTE: REFUTAÇÃO DAS ACUSAÇÕES DE ATEÍSMO E AFIRMAÇÃO DO MONOTEÍSMO

Demonstração racional do monoteísmo

Afirmação da fé monoteísta e trinitária

II PARTE: REFUTAÇÃO DAS ACUSAÇÕES DE IMORALIDADE, INCESTO E REFEIÇÕES BACANAIS

Indissolubilidade do matrimônio

III PARTE: OS CRISTÃOS NÃO SÃO ANTROPÓFAGOS

SOBRE A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

I PARTE: A POSSIBILIDADE DA RESSURREIÇÃO

Dois tipos de raciocínio

O conhecimento que Deus tem das coisas é garantia da ressurreição

Quem criou pode recriar

Dificuldades para admitir a ressurreição

Argumentações para eliminar as objeções

A ressurreição só depende do querer de Deus.

Não há nenhuma injustiça na ressurreição

Resumo da I parte

II PARTE: A CONVENIÊNCIA E A NECESSIDADE DA RESSURREIÇÃO

1ª prova da ressurreição: o destino do homem criado para a eternidade

2ª prova: o desígnio do Criador e a natureza do homem composto de alma e corpo

3ª prova: tanto o corpo quanto a alma devem ser premiados ou punidos

Necessidade da ressurreição do corpo para que haja julgamento justo

4ª prova: o fim último do homem a felicidade, não é atingida nesta vida

TEÓFILO DE ANTIOQUIA

# INTRODUÇÃO

1. Vida
2. Obras
3. A Autólico
4. O livro I
5. O livro II
6. O livro III

## BIBLIOGRAFIA

### PRIMEIRO LIVRO A AUTÓLICO

#### Introdução

Condições morais para o conhecimento de Deus

Transcendência de Deus

A soberania de Deus

Condições intelectuais para o conhecimento de Deus

Fé e visão

Crer na ressurreição é razoável

Vós credes em outros deuses

Atitude para com o imperador

O nome de cristão

Imagens da ressurreição na natureza

Exemplo pessoal de Teófilo

Exortação final

### SEGUNDO LIVRO A AUTÓLICO

#### Introdução

Os ilogismos do paganismo

As contradições dos escritores profanos

Os autores sacros

Cosmologia bíblica

Descrição do paraíso. Criação da mulher

Retomada de Gn sobre a tentação e queda de Adão e Eva

A desobediência expulsa o homem do paraíso

O homem é, por natureza, mortal ou imortal

O ensinamento dos autores sagrados sobre a história da humanidade

O ciúme de Caim

Início da construção da cidade

Florescimento das cidades e surgimento do sacerdócio

Comparação das duas histórias

O ensinamento dos autores sagrados sobre moral

Concordância com a Sibila

Concordância com textos poéticos

TERCEIRO LIVRO A AUTÓLICO

Introdução

Os outros autores estão mal documentados

Os outros autores são mal inspirados

Caluniadores dos cristãos

Excelência da moral cristã

Acusações precipitadas

Antiguidade da tradição cristã

Necessidade da inspiração

A história do dilúvio

Data de Moisés

Data do templo

Data do último profeta

Cronologia do mundo

Transcendência da história sagrada

História contemporânea

Racapitulação

Conclusão

As verdadeiras razões do incrédulo

Exortação final

HÉRMIAS, O FILÓSOFO

INTRODUÇÃO

1. Vida

2. Obra

BIBLIOGRAFIA

ESCÁRNIO DOS FILÓSOFOS PAGÃOS

## APRESENTAÇÃO

*Surgiu, pelos anos 40, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos e suas obras conhecidos, tradicionalmente, como “Padres da Igreja”, ou “Santos Padres”. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com mais de 300 títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.*

*No Brasil, em termos de publicação das obras destes autores antigos, pouco se fez. Paulus Editora procura, agora, preencher este vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzidos e preparados, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.*

*Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar anotações excessivas, as longas introduções estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém, séria.*

*Cada autor e cada obra terão uma introdução breve com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos, devem-se ao fato que os padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.*

*Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e padres ou pais da Igreja. O termo patrologia designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga incluindo também obras de escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, as origens dessa doutrina, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico e pela evolução do pensamento teológico dos pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística” para indicar a doutrina dos padres da Igreja distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da “teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere a um leigo, sacerdote ou bispo, da antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunho particularmente autorizado da fé. Na tentativa de eliminar as ambigüidades em*



torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e antiguidade. Mas, os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e antiguidade são ambíguos. Não se espere encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a antiguidade se estende um pouco mais até a morte de s. João Damasceno (675-749).

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, cons-truindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes, e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda tradição posterior. O valor dessas obras que agora Paulus Editora oferece ao público, pode ser avaliado neste texto: “Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim, arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar este fim. (...) Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual” (B. Altaner; A. Stuiber, Patrologia, S. Paulo, Paulus, 1988, pp. 21-22).

A Editora

# CARTA A DIOGNETO

## INTRODUÇÃO

Um pagão culto, desejoso de conhecer melhor a nova religião que se espalhava pelas províncias do império romano, impressionado pela maneira como os cristãos desprezavam o mundo, a morte e os deuses pagãos, pelo amor com que se amavam, queria saber: que Deus era aquele em que confiavam e que gênero de culto lhe prestavam; de onde vinha aquela raça nova e por que razões aparecera na história tão tarde.

Foi para responde a estas e outras questões de igual importância que nasceu esta “jóia da literatura cristã primitiva”, o escrito que conhecemos como a *Carta a Diogneto*.

Respondendo às questões propostas por interlocutor, o texto se revela, simultaneamente, como crítica do paganismo e do judaísmo e defesa da superioridade do cristianismo. Tudo isso num estilo aprimorado, elegante, de maestria no manejo dos elementos retóricos.

Infelizmente, permanecem muitas dúvidas em torno deste texto-documento. Elementos importantes que ajudam a determinar e caracterizar uma obra, tais como, autor, data e local da composição, destinatário e a própria integridade do manuscrito ficam na sombra. Nem mesmo o título é seguro. Alguns julgam que seja um discurso ou uma apologia, menos uma carta. Devido à indefinição do autor e da data de composição, alguns a colocam entre os Padres apostólicos, outros, entre os apologistas. De qualquer maneira, trata-se de um documento de primeira grandeza sobre a vida cristã primitiva que merece ser colocado entre as obras mais brilhantes da literatura cristã.

### 1. O manuscrito

Este texto nunca foi mencionado na antiguidade ou na Idade Média. Permaneceu longos séculos em silêncio, ignorado. Encontrado, casualmente, por Tomás de Arezzo, em Constantinopla, em 1436, junto a um punhado de manuscritos contendo 22 títulos de textos apologéticos. Cinco deles estavam catalogados sob o nome de Justino. Junto com o *Discurso aos gregos*, atribuído a Justino, estava outro manuscrito com os dizeres: “Do mesmo... a Diogneto”.

Não se encontrou, até agora, nenhuma outra versão deste documento. Este manuscrito grego, único, percorreu, a partir de sua descoberta, longo caminho até se alojar na Biblioteca municipal de Estrassburgo. Mas não teve sorte muito brilhante. Em 1592, Henricus Stephanus o editou com o nome de *Carta a Diogneto*. Por esta época, foram feitas algumas cópias para outras bibliotecas, o que salvou o texto. De fato, um incêndio provocado pela artilharia, na guerra franco-prussiana, em agosto de 1870, destruiu a Biblioteca e seu acervo.

### 2. Autor

Quem é, afinal, o autor deste discurso ou apologia? Após séculos de discussões, permanece, ainda hoje, grande incógnita. Há, pelo menos, um consenso entre os especialistas: não é obra de Justino mártir. Já no século XVII, Tillemont negava esta autoria, atribuindo-a a um dos apóstolos. A partir daí, as hipóteses se multiplicaram: para uns, seria obra de Apolo, discípulo de Paulo ou de Clemente Romano, para outros, de Aristides ou de Hipólito de Roma. Há os que pensam que este escrito é uma falsificação, uma ficção literária produzida nos séculos XII ou XIII ou mesmo invenção de seu editor, Henrique Stephanus, do século XVI. Na verdade, por razões de divergências de estilo entre os escritos, em razão da argumentação de fundo, de opiniões preferidas, há palpáveis diferenças entre este discurso e os escritos dos autores propostos. Em 1938, P. A. Casamassa concluía que “o autor da *Carta a Diogneto* é e continua até agora desconhecido. Das tentativas que se fizeram para

identificá-lo com algum escritor do século II, algumas são, certamente, errôneas, por apoiar-se em motivos falsos, por exemplo, as de Bunsen e Dräseke, que vêem na carta reflexos do gnosticismo; outras não passam de hipóteses mais ou menos sedutoras”.

Foi a partir de 1946 quando Paul Andriessen publicou sua tese de que “a *Carta* ou *Discurso a Diogneto* não é outra coisa que a apologia que Quadrato apresentou ao imperador Adriano e dada por perdida” que surgiu nova polêmica. As provas com as quais Andriessen tenta sustentar sua tese podem ser resumidas no que segue: a) a obra data, indubitavelmente, dos século II ou III. Vários autores destes séculos podem ser eliminados, como Aristides, Justino, por razões de estilo, linha de pensamento que se diferenciam demasiado da *Carta a Diogneto*. Após examinar cada um dos escritores restantes, não nos resta senão Quadrato. Embora a *Apologia* de Quadrato tenha-se perdido, Eusébio de Cesaréia conservou um fragmento no qual se percebe que seu autor é dos primeiros tempos do cristianismo. Segundo a tradição dos pesquisadores, Quadrato foi, de fato, um dos primeiros apologistas. Eusébio, na *História Eclesiástica* IV,1-2, nos relata que: “Trajano tendo exercido o poder durante vinte anos inteiros menos seis meses, Hélio Adriano recebeu a sucessão do poder. É a este último que Quadrato remeteu um discurso que lhe havia endereçado: ele tinha composto esta apologia em favor de nossa religião porque alguns homens maus se empenhavam em perturbar os nossos. Encontra-se ainda agora este livro entre muitos de nossos irmãos e também conosco. É possível ver nele provas brilhantes da inteligência do autor e de sua exatidão apostólica de doutrina. O autor revela sua antiguidade por aquilo que narra com estas palavras (...)” b) Em *Diogneto*, há uma lacuna entre os §§ 6-7 do capítulo 7, na qual se encaixaria perfeitamente o fragmento da *Apologia*, porquanto a matéria do fragmento contém o assunto que deveria ser tratado na parte perdida de *Diogneto* 7,7. Por uma análise detalhada, Andriessen mostra como o estilo do fragmento da *Apologia* de Quadrato é consoante ao do *Discurso a Diogneto*. “Por outra parte, o que sabemos de Quadrato por Eusébio, Jerônimo, Fócio, pelo martirológio de Beda e pela carta apócrifa de S. Tiago, dirigida a ele, concorda com o conteúdo da carta a *Diogneto*. A impressão que se tira acerca do autor da leitura da carta coincide com o que sabemos do apologista Quadrato pela tradição, ou seja: que foi discípulo dos apóstolos, que escreveu em estilo clássico e que não somente lutou contra o paganismo, mas também contra o judaísmo” (J. Quasten, *Patrologia* I, BAC, 1968, p. 246).

Parece-nos que podemos, sem cometer desatinos, acolher a tese de P. Andriessen, até que surjam provas em contrário mais convincentes, como hipótese de trabalho.

### 3. Destinatário

Se aceitarmos a hipótese que o autor desta *Apologia* é mesmo Quadrato, então o problema do destinatário está, praticamente, resolvido. “Sabemos, ainda por Eusébio, que Quadrato dirigiu sua *Apologia* a Adriano, e os dados que nos porporciona a obra sobre seu destinatário, *Diogneto*, conviriam perfeitamente a este imperador” (J. Quasten, *Patrologia* I, BAC, 1968, p. 246). Mas, como Adriano é *Diogneto*?

Além de nome próprio, “*Diogneto*” é, também, título honorífico dos príncipes e ficava muito bem aplicado a Adriano por seu caráter, seu estilo de vida, viajor, iniciado nos mistérios de Elêusis, elevado, portanto, à raça dos deuses (cf. *Diogneto* 10,5-6). O nome ocorria com frequência em Atenas entre os arcontes: Adriano era ali arconte desde 112 d.C. Não só Quadrato, também Marco Aurélio titula Adriano de *Diogneto* a quem deveu sua formação (educatus est in Adriani gremio), diz o biógrafo de M. Aurélio M.A. Capitolino em *Vita M. Antonini*, IV,1. “A *Diogneto* (i. é, Adriano) devo a aversão pela vanglória, o não dar fê aos contos dos obreiros de prodígios e os charlatães

sobre os encantos, sobre a evocação dos espíritos e outras superstições (...)”, diz M. Aurélio no livro I de seus *Pensamentos*. A carta/apologia faz freqüentes referências à iniciação misteriosa de seu destinatário. Esta começava pela purificação. Na carta/apologia 2,1 se diz: “Comecemos. Purificado de todos os preconceitos que se amontoaram em tua mente; despojado do teu hábito enganador, e tornado, pela raiz, homem novo...”. As referências a um destinatário iniciado nos mistérios de Elêusis se encontram também, nos caps. 4, 6; 5,3; 7,1,2; 8,9-10; 10,7. O ataque ao judaísmo, à circuncisão como mutilação da carne (4,4) pode ser compreendido recordando que Adriano proibiu a circuncisão precisamente por ser uma mutilação do corpo (Iudaei vetabuntur mutilare genitalia, Spartianus, *Vita Hadriani*, XIV). Portanto, podemos concluir que o destinatário da *Carta/Apologia a Diogneto* seja mesmo o imperador Adriano.

#### 4. Data e local da composição

Data e local de composição estão ligados, obviamente, à questão fundamental da autoria. Para Tillemont, esta carta/apologia teria sido escrita antes dos anos 70, provavelmente, em Atenas. H.I. Marrou, profundo conhecedor da literatura dos séculos II e III, julga que a obra tenha sido redigida por volta de 190-200, em Alexandria. Neste caso, seu autor seria Panteno, mestre de Clemente de Alexandria.

Acolhendo a tese de Paul Andriessen de que o autor é Quadrato e Diogneto é Adriano, a carta/apologia teria sido redigida por volta de 120, em Atenas.

#### 5. Estrutura e conteúdo

Esta apologia, muito rica doutrinal e espiritualmente, é também muito breve. Seu conteúdo denso pode ser dividido em quatro partes. Não falaremos em “capítulos”, mas em parágrafos. Após um exórdio, § 1, os §§ 2-4 formam uma primeira parte. Os §§ 5-6 a segunda parte. Os §§ 7-10, a terceira parte e, finalmente, os §§ 11-12 uma grande conclusão.

O exórdio, § 1, enuncia claramente as questões que o interlocutor Diogneto-Adriano levanta aos cristãos. Assim, o discurso se abre com uma introdução na qual o autor elenca as questões às quais pretende responder. Aí estão as razões do escrito, sua motivação.

Nos §§ 2-4, primeira parte, o autor refuta a idolatria e a prática ritualística dos judeus. Positivamente, mostra a superioridade do cristianismo em relação ao paganismo e ao judaísmo. Os cristãos se recusam a adorar os deuses pagãos porque são ídolos e não praticam os ritos judaicos porque são vazios. Segundo o autor, as práticas judaicas são provas “de insensatez e não de religião”.

Nos §§ 5-6, encontra-se a parte positiva dos mistérios cristãos. Aqui se descreve a vida concreta dos cristãos, o testemunho de amor, o papel deles no mundo, como reagem às provocações, ao desdém. No § 6 está o núcleo, o essencial da exposição: *o que a alma é para o corpo, o cristão é para o mundo*. Assim, os cristãos desempenham no mundo a mesma função que a alma desempenha no corpo.

Nos §§ 7-8, o autor expõe a origem divina da fé cristã, a transcendência a revelação, a economia da salvação incluindo a encarnação do Verbo e seu sacrifício redentor. Esta terceira parte, é, propriamente, uma catequese sobre a essência da nova religião. Se esta revelação tardou a se dar, foi porque Deus quis mostrar, de um lado, a impotência radical do homem e, de outro, sua longanidade. No § 10, uma espécie de conclusão desta catequese, o autor exorta seu interlocutor a aceitar a fé cristã, como deve proceder para isso e quais frutos lhe advirão.

A última parte, §§ 11-12, desenvolve o discurso sobre o Verbo e como o homem pode-se tornar

discípulo deste Verbo adquirindo a verdadeira ciência (verdadeira gnose). Como exortação final, apresenta um apelo à conversão de seu interlocutor mostrando, novamente, como a vida se tornará fértil, rica, valiosa e feliz.

## BIBLIOGRAFIA

- ANDRIESEN, Paul “L’Apologie de Quadratus conservé sous le nom d’Épître à Diognète”, em *Recherches de Théologie Ancienne et Médiévale* 13, 1946, 5-39; 25-149; 237-260. — «L’Épilogue de l’Épître à Diognète», em *Recherches de Théologie Ancienne et Médiévale* 14, 1947, 121-156.
- BARDY, G., *La vie spirituelle d’après les Pères des trois premiers siècles*, Paris, 1935, pp. 88-93.
- BILLET, B., “Les lacunes de l’À Diognète”. Essai de solution”, em *Recherches de Science Religieuse* 45, 1957, 409-418.
- BOSIO, G., *I Padri Apostolici*, II, CPS, Turim, 1942, pp. 289-333.
- BUONAIUTI, E., *Lettera a Diogneto*. Testo, traduzione, note: Scrittori cristiani antichi, Roma, 1921.
- GODET, G., “Diognète”, em *Dictionnaire de Théologie Catholique*, 1366-1369.
- MARROU, H.I., *A Diognète*, Introduction, édition, traduction e commentaires. Paris, Les Éd. du Cerf (Sources Chrétiennes 33 bis), 1955.
- PADRES APOSTÓLICOS, Edición Bilingüe Completa; Introducciones, notas y versión española por Daniel Ruiz Bueno, BAC, Madrid, 1968.
- PETERS, S. Gabriel, *Lire les Pères de l’Église*, Cours de patrologie, Paris, Desclé de Brouwer, 1981, pp. 251-265.
- PÉTREMENT, S., “Valentin est-il l’auteur de l’épître à Diognète?” em *Revue d’Histoire et Philosophie Religieuses* 46, 1966, pp. 34-62.
- QUACQUERELLI, A., *I Padri Apostolici*, CTP 5, Roma, 1978, 2ª ed., pp. 353-363.
- QUASTEN, J., *Patrologia* I, Madrid, BAC, 1968, 2ª ed., pp. 245-249.
- ROASENDA, P., “Il pensiero Paolino nell’epistola a Diogneto”, em *Aevum* IX, 1936, pp. 468-473.

# CARTA A DIOGNETO

## *Exórdio*

1. Excelentíssimo Diogneto, vejo que te interessas em aprender a religião dos cristãos e que, muito sábia e cuidadosamente, te informaste sobre eles: Qual é esse Deus no qual confiam e como o veneram, para que todos eles desdenhem o mundo, desprezem a morte, e não considerem os deuses que os gregos reconhecem, nem observem a crença dos judeus; que tipo de amor é esse que eles têm uns para com os outros; e, finalmente, por que essa nova estirpe ou gênero de vida apareceu agora e não antes. Aprovo esse teu desejo e peço a Deus, o qual preside tanto o nosso falar como o nosso ouvir, que me conceda dizer de tal modo que, ao escutar, te tornes melhor; e assim, ao escutares, não se arrependa aquele que falou.

## *Refutação da idolatria*

2. <sup>1</sup>Comecemos. Purificado de todos os preconceitos que se amontoaram em tua mente; despojado do teu hábito enganador, e tornado, pela raiz, homem novo; e estando para escutar, como confessas, uma doutrina nova, vê não somente com os olhos, mas também com a inteligência, que substância e que forma possuem os que dizeis que são deuses e assim os considerais; <sup>2</sup>não é verdade que um é pedra, como a que pisamos; outro é bronze, não melhor do que aquele que serve para fazer os utensílios que usamos; outro é madeira que já está podre; outro ainda é prata, que necessita de alguém que o guarde, para que não seja roubado; outro é ferro, consumido pela ferrugem; outro de barro, não menos escolhido que aquele usado para os serviços mais vis? <sup>3</sup>Tudo isso não é de material corruptível? Não são lavrados com o ferro e o fogo? Não foi o ferreiro que modelou um, o ourives outro, e o oleiro outro? Não é verdade que, antes de serem moldados pelos artesãos na forma que agora têm, cada um deles poderia ser, como agora, transformado em outro? E se os mesmos artesãos trabalhassem os utensílios do mesmo material que agora vemos, não poderiam transformar-se em deuses como esses? <sup>4</sup>E, ao contrário, esses que agora adorais, não poderiam transformar-se, por mão de homens, em utensílios semelhantes aos demais? Essas coisas todas não são surdas, cegas, inanimadas, insensíveis, imóveis? Não apodrecem todas elas? Não são todas destrutíveis? <sup>5</sup>A essas coisas chamais de deuses, as servis, as adorais, e terminais sendo semelhantes a elas. <sup>6</sup>Depois, odiais os cristãos, porque estes não os consideram deuses. <sup>7</sup>Contudo, vós que os julgais e imaginais deuses, não os desprezais mais do que eles? Por acaso, não zombais deles e os cobris ainda mais de injúrias, vós que venerais deuses de pedra e de barro, sem ninguém que os guarde, enquanto fechais à chave, durante a noite, aqueles feitos de prata e de ouro, e de dia colocais guardas para que não sejam roubados? <sup>8</sup>Com as honras que acreditais tributar-lhes, se é que eles têm sensibilidade, na verdade, os castigais com elas; por outro lado, se são insensíveis, vós os envergonhais com sacrifícios de sangue e gordura. <sup>9</sup>Caso contrário, que alguém de vós prove essas coisas e permita que elas lhe sejam feitas. Mas o homem, espontaneamente, não suportaria tal suplício, porque tem sensibilidade e inteligência; a pedra, porém, suporta tudo, porque é insensível. <sup>10</sup>Concluindo, eu poderia dizer-te outras coisas sobre o motivo que os cristãos têm para não se submeter a esses deuses. Se o que eu disse parecer insuficiente para alguém, creio que seja inútil dizer mais alguma coisa.

## *Refutação do culto judaico*

3. <sup>1</sup>Por outro lado, creio que desejas particularmente saber por que eles não adoram Deus à maneira dos judeus. <sup>2</sup>Os judeus têm razão quando rejeitam a idolatria, de que falamos antes, e prestam culto a

um só Deus, considerando-o Senhor do universo. Contudo, erram quando lhe prestam um culto semelhante ao dos pagãos.<sup>3</sup> Assim como os gregos demonstram idiotice, sacrificando a coisas insensíveis e surdas, eles também, pensando oferecer a Deus coisas, como se ele tivesse necessidade delas, realizam algo que é parecido a loucura, e não com ato de culto.<sup>4</sup> “Quem fez o céu e a terra, e tudo o que neles existe”, e que provê tudo aquilo de que necessitamos, não tem necessidade nenhuma desses bens. Ele próprio fornece as coisas àqueles que acreditam oferecê-las a ele.<sup>5</sup> Aqueles que crêem oferecer-lhe sacrifícios com sangue, gordura e holocaustos, e que o enaltecem com esses atos, não me parecem diferentes daqueles que tributam reverência a ídolos surdos, que não podem participar do culto. Os outros imaginam estar dando algo a quem de nada precisa.

### *O ritualismo judaico*

4. <sup>1</sup>Não creio que tenhas necessidade de que eu te informe sobre o escrúpulo deles a respeito de certos alimentos, a sua superstição sobre os sábados, seu orgulho da circuncisão, seu fingimento com jejuns e novilúnios, coisas todas ridículas, que não merecem nenhuma consideração.<sup>2</sup> Não será injusto aceitar algumas das coisas criadas por Deus para uso dos homens como bem criadas e rejeitar outras como inúteis e supérfluas? Não é sacrílego caluniar a Deus, imaginando que nos proíbe fazer algum bem no dia de sábado? <sup>4</sup>Não é digno de zombaria orgulhar-se da mutilação do corpo como sinal de eleição, acreditando com isso ser particularmente amados por Deus? <sup>5</sup>E o fato de estar em perpétua vigilância diante dos astros e da lua, para calcular os meses e os dias, e distribuir as disposições de Deus, e dividir as mudanças das estações conforme seus próprios impulsos, umas para festa e outras para luto? Quem não consideraria isso prova de insensatez e não de religião? <sup>6</sup>Penso que agora tenhas entendido suficientemente por que os cristãos estão certos em se abster da vaidade e do engano, assim como das complicadas observâncias e das vanglórias dos judeus. Não creias poder aprender do homem o mistério de sua própria religião.

### *O mistério cristão*

5. <sup>1</sup>Os cristãos, de fato, não se distinguem dos outros homens, nem por sua terra, nem por língua ou costumes. <sup>2</sup>Com efeito, não moram em cidades próprias, nem falam língua estranha, nem têm algum modo especial de viver. <sup>3</sup>Sua doutrina não foi inventada por eles, graças ao talento e especulação de homens curiosos, nem professam, como outros, algum ensinamento humano. <sup>4</sup>Pelo contrário, vivendo em cidades gregas e bárbaras, conforme a sorte de cada um, e adaptando-se aos costumes do lugar quanto à roupa, ao alimento e ao resto, testemunham um modo de vida social admirável e, sem dúvida, paradoxal. <sup>5</sup>Vivem na sua pátria, mas como forasteiros; participam de tudo como cristãos e suportam tudo como estrangeiros. Toda pátria estrangeira é pátria deles, e cada pátria é estrangeira. <sup>6</sup>Casam-se como todos e geram filhos, mas não abandonam os recém-nascidos. <sup>7</sup>Põem a mesa em comum, mas não o leito; <sup>8</sup>estão na carne, mas não vivem segundo a carne; <sup>9</sup>moram na terra, mas têm sua cidadania no céu; <sup>10</sup>obedecem às leis estabelecidas, mas com sua vida ultrapassam as leis; <sup>11</sup>amam a todos e são perseguidos por todos; <sup>12</sup>são desconhecidos e, apesar disso, condenados; são mortos e, desse modo, lhes é dada a vida; <sup>13</sup>são pobres, e enriquecem a muitos; carecem de tudo, e têm abundância de tudo; <sup>14</sup>são desprezados e, no desprezo, tornam-se glorificados; são amaldiçoados e, depois, proclamados justos; <sup>15</sup>são injuriados, e bendizem; são maltratados, e honram; <sup>16</sup>fazem o bem, e são punidos como malfeitores; são condenados, e se alegram como se recebessem a vida. <sup>17</sup>Pelos judeus são combatidos como estrangeiros, pelos gregos são perseguidos, e aqueles que os

odeiam não saberiam dizer o motivo do ódio.

### *A alma do mundo*

6. <sup>1</sup>Em poucas palavras, assim como a alma está no corpo, assim os cristãos estão no mundo. <sup>2</sup>A alma está espalhada por todas as partes do corpo, e os cristãos estão em todas as cidades do mundo. <sup>3</sup>A alma habita no corpo, mas não procede do corpo; os cristãos habitam no mundo, mas não são do mundo. <sup>4</sup>A alma invisível está contida num corpo visível; os cristãos são vistos no mundo, mas sua religião é invisível. <sup>5</sup>A carne odeia e combate a alma, embora não tenha recebido nenhuma ofensa dela, porque esta a impede de gozar dos prazeres; embora não tenha recebido injustiça dos cristãos, o mundo os odeia, porque estes se opõem aos prazeres. <sup>6</sup>A alma ama a carne e os membros que a odeiam; também os cristãos amam aqueles que os odeiam. <sup>7</sup>A alma está contida no corpo, mas é ela que sustenta o corpo; também os cristãos estão no mundo como numa prisão, mas são eles que sustentam o mundo. <sup>8</sup>A alma imortal habita numa tenda mortal; também os cristãos habitam como estrangeiros em moradas que se corrompem, esperando a incorruptibilidade nos céus. <sup>9</sup>Maltratada em comidas e bebidas, a alma torna-se melhor; também os cristãos, maltratados, a cada dia mais se multiplicam. <sup>10</sup>Tal é o posto que Deus lhes determinou, e não lhes é lícito dele desertar.

### *Origem divina do cristianismo*

7. <sup>1</sup>De fato, como já disse, não é uma invenção humana que lhes foi transmitida, nem julgam digno observar com tanto cuidado um pensamento mortal, nem se lhes confiou a administração de mistérios humanos. <sup>2</sup>Ao contrário, aquele que é verdadeiramente Senhor e criador de tudo, o Deus invisível, ele próprio fez descer do céu, para o meio dos homens, a verdade, a palavra santa e incompreensível, e a colocou em seus corações. Fez isso, não mandando para os homens, como alguém poderia imaginar, algum dos seus servos, ou um anjo, ou algum príncipe daqueles que governam as coisas terrestres, ou algum dos que são encarregados das administrações dos céus, mas o próprio artífice e criador do universo; aquele por meio do qual ele criou os céus e através do qual encerrou o mar em seus limites; aquele cujo mistério todos os elementos guardam fielmente; aquele de cuja mão o sol recebeu as medidas que deve observar em seu curso cotidiano; aquele a quem a lua obedece, quando lhe manda luzir durante a noite; aquele a quem obedecem as estrelas que formam o séquito da lua em seu percurso; aquele que, finalmente, por meio do qual tudo foi ordenado, delimitado e disposto: os céus e as coisas que existem nos céus, a terra e as coisas que existem na terra, o mar e as coisas que existem no mar, o fogo, o ar, o abismo, aquilo que está no alto, o que está no profundo e o que está no meio. Foi esse que Deus enviou. <sup>3</sup>Talvez como alguém poderia pensar, será que o enviou para que existisse uma tirania ou para infundir-nos medo e prostração? <sup>4</sup>De modo nenhum. Ao contrário, enviou-o com clemência e mansidão, como um rei que envia seu filho. Deus o enviou, e o enviou como homem para os homens; enviou-o para nos salvar, para persuadir, e não para violentar, pois em Deus não há violência. <sup>5</sup>Enviou-o para chamar, e não para castigar; enviou-o, finalmente, para amar, e não para julgar. <sup>6</sup>Ele o enviará para julgar, e quem poderá suportar a sua presença? <sup>7</sup>Não vês como os cristãos são jogados às feras, para que reneguem o Senhor, e não se deixam vencer? <sup>8</sup>Não vês como quanto mais são castigados com a morte, tanto mais outros se multiplicam? <sup>9</sup>Isso não parece obra humana. Isso pertence ao poder de Deus e prova a sua presença.

### *A encarnação*

8. <sup>1</sup>Quem de todos os homens sabia o que é Deus, antes que ele próprio viesse? <sup>2</sup>Quererás aceitar os



discursos vazios e estúpidos dos filósofos, que por certo são dignos de toda a fé? Alguns afirmavam que Deus é o fogo – para onde irão esses, chamando-o deus? — Outros diziam que é água. Outros ainda que é um dos elementos criados por Deus.<sup>3</sup> Não há dúvida de que se algumas dessas afirmações é aceitável, poderíamos também afirmar que cada uma de todas as criaturas igualmente manifesta Deus.<sup>4</sup> Mas todas essas coisas são charlatanices e invenções de charlatães.<sup>5</sup> Nenhum homem viu, nem conheceu a Deus, mas ele próprio se revelou a nós.<sup>6</sup> Revelou-se mediante a fé, unicamente pela qual é concedido ver a Deus.<sup>7</sup> Deus, Senhor e criador do universo, que fez todas as coisas e as estabeleceu em ordem, não só se mostrou amigo dos homens, mas também paciente.<sup>8</sup> Ele sempre foi assim, continua sendo, e o será: clemente, bom, manso e verdadeiro. Somente ele é bom.<sup>9</sup> Tendo concebido grande e inefável projeto, ele o comunicou somente ao Filho.<sup>10</sup> Enquanto o mantinha no mistério e guardava sua sábia vontade, parecia que não cuidava de nós, não pensava em nós.<sup>11</sup> Todavia, quando, por meio do seu Filho amado, revelou e manifestou o que tinha estabelecido desde o princípio, concedeu-nos junto todas as coisas: não só participar dos seus benefícios, mas ver e compreender coisas que nenhum de nós teria jamais esperado.

### *A economia divina*

**9.** <sup>1</sup>Quando Deus dispôs tudo em si mesmo juntamente com seu Filho, no tempo passado, ele permitiu que nós, conforme a nossa vontade, nos deixássemos arrastar por nossos impulsos desordenados, levados por prazeres e concupiscências. Ele não se comprazia com os nossos pecados, mas apenas os suportava. Também não aprovava aquele tempo de injustiça, mas preparava o tempo atual de justiça, para que nos convencêssemos de que naquele tempo, por causa de nossas obras, éramos indignos da vida, e agora, só pela bondade de Deus, somos dignos dela. Também para que ficasse claro que por nossas próprias forças era impossível entrarmos no Reino de Deus, e que somente pelo seu poder nos tornamos capazes disso.<sup>2</sup> Quando a nossa injustiça chegou ao máximo e ficou totalmente claro que a única retribuição que podíamos esperar era castigo e morte, chegou o tempo que Deus estabelecera para manifestar a sua bondade e o seu poder. Oh imensa bondade e amor de Deus! Ele não nos odiou, não nos rejeitou, nem guardou ressentimento contra nós. Pelo contrário, mostrou-se paciente e nos suportou. Com misericórdia tomou sobre si os nossos pecados e enviou o seu Filho para nos resgatar: o santo pelos ímpios, o inocente pelos maus, o justo pelos injustos, o incorruptível pelos corruptíveis, o imortal pelos mortais.<sup>3</sup> De fato, que outra coisa poderia cobrir nossos pecados, senão a sua justiça? <sup>4</sup>Por meio de quem poderíamos ter sido justificados nós, injustos e ímpios, a não ser unicamente pelo Filho de Deus? <sup>5</sup>Oh doce troca, oh obra insondável, oh inesperados benefícios! A injustiça de muitos é reparada por um só justo, e a justiça de um só torna justos muitos outros.<sup>6</sup> Ele antes nos convenceu da impotência da nossa natureza para ter a vida; agora mostra-nos o salvador capaz de salvar até mesmo o impossível. Com essas duas coisas, ele quis que confiássemos na sua bondade e o considerássemos nosso sustentador, pai, mestre, conselheiro, médico, inteligência, luz, homem, glória, força, vida, sem preocupações com a roupa e o alimento.

### *A essência da nova religião*

**10.** <sup>1</sup>Se também desejas alcançar esta fé, primeiro deves obter o conhecimento do Pai.<sup>2</sup> Deus, com efeito, amou os homens. Para eles criou o mundo e a eles submeteu todas as coisas que estão sobre a terra. Deu-lhes a palavra e a razão, e só a eles permitiu contemplá-lo. Formou-os à sua imagem, enviou-lhes seu Filho unigênito, anunciou-lhes o reino no céu, e o dará àqueles que o tiverem amado.<sup>3</sup> Depois de conhecê-lo, tens idéia da alegria com que serás preenchido? Como não amarás aquele

que tanto te amou? <sup>4</sup>Amando-o, tu te tornarás imitador da sua bondade. Não te maravilhes de que um homem possa se tornar imitador de Deus. Se Deus quiser, o homem poderá. <sup>5</sup>A felicidade não está em oprimir o próximo, ou em querer estar por cima dos mais fracos, ou enriquecer-se e praticar violência contra os inferiores. Desse modo, ninguém pode imitar a Deus, pois tudo isso está longe da sua grandeza. <sup>6</sup>Todavia, quem toma sobre si o peso do próximo, e naquilo em que é superior procura beneficiar o inferior; aquele que dá aos necessitados o que recebeu de Deus, é como Deus para os que recebeu de sua mão, é imitador de Deus. <sup>7</sup>Então, ainda estando na terra, contemplarás porque Deus reina nos céus. Aí começarás a falar dos mistérios de Deus, amarás e admirarás aqueles que são castigados por não querer negar a Deus. Condenarás o engano e o erro do mundo, quando realmente conheceres a vida no céu, quando desprezares esta vida que aqui parece morte e temeres a morte verdadeira, reservada àqueles que estão condenados ao fogo eterno, que atormentará até o fim aqueles que lhe forem entregues. <sup>8</sup>Se conheceres esse fogo, ficarás admirado, e chamarás de felizes aqueles que, pela justiça, suportaram o fogo passageiro.

### *O discípulo do Verbo*

**11.** <sup>1</sup>Não falo de coisas estranhas, nem busco coisas absurdas. Discípulo dos apóstolos, torno-me agora mestre das nações e transmito o que me foi entregue para aqueles que se tornaram discípulos dignos da verdade. <sup>2</sup>De fato, quem foi retamente instruído e gerado pelo Verbo amável, não procura aprender com clareza o que o mesmo Verbo claramente mostrou aos seus discípulos? O Verbo apareceu para eles, manifestando-se e falando livremente. Os incrédulos não o compreenderam, mas ele guiou os discípulos que julgou fiéis, e estes conheceram os mistérios do Pai. <sup>3</sup>Deus enviou o Verbo como graça, para que se manifestasse ao mundo. Desprezado pelo povo, foi anunciado pelos apóstolos e acreditado pelos pagãos. <sup>4</sup>Desde o princípio, ele apareceu como novo e era antigo, e agora sempre se torna novo nos corações dos fiéis. <sup>5</sup>Ele é desde sempre, e hoje é reconhecido como Filho. Por meio dele, a Igreja se enriquece e a graça se multiplica, difundindo-se nos fiéis. Essa graça inspira a sabedoria, desvela os mistérios, anuncia os tempos, alegra-se nos fiéis, entrega-se aos que a buscam, sem infringir as regras da fé nem ultrapassar os limites dos Padres. <sup>6</sup>Celebra-se então o temor da lei, reconhece-se a graça dos profetas, conserva-se a fé dos evangelhos, guarda-se a tradição dos apóstolos e a graça da Igreja exulta. <sup>7</sup>Não contristando essa graça, saberás o que o Verbo diz por meio dos que ele quer e quando quer. <sup>8</sup>Com efeito, quantas coisas fomos levados a vos explicar com zelo pela vontade do Verbo que no-las inspira! Nós vos comunicamos por amor essas mesmas coisas que nos foram reveladas.

### *A verdadeira ciência*

**12.** <sup>1</sup>Atendendo e ouvindo com cuidado, conhecereis que coisas Deus prepara para os que o amam com lealdade. Transformam-se em paraíso de delícias, produzindo em si mesmos uma árvore fértil e frondosa, ornados com toda a variedade de frutos. <sup>2</sup>Com efeito, nesse lugar foi plantada a árvore da ciência e a árvore da vida; não é a árvore da ciência que mata, e sim a desobediência. <sup>3</sup>Não é sem sentido o que está escrito: No princípio Deus plantou a árvore da ciência da vida no meio do paraíso, indicando assim a vida por meio da ciência. Contudo, por não tê-la usado de maneira pura, os primeiros homens ficaram nus por causa da sedução da serpente. <sup>4</sup>De fato, não há vida sem ciência, nem ciência segura sem verdadeira vida, e por isso as duas árvores foram plantadas uma perto da outra. <sup>5</sup>Compreendendo essa força e lastimando a ciência que se exercita sobre a vida sem a norma da verdade, o Apóstolo diz: “A ciência incha; o amor, porém, edifica.” <sup>6</sup>De fato, quem pensa

que sabe alguma coisa sem a verdadeira ciência, testemunhada pela vida, não sabe nada: é enganado pela serpente, não tendo amado a vida. Aquele, porém, que sabe com temor e procura a vida, planta na esperança, esperando o fruto. <sup>7</sup>Que a ciência seja coração para ti; a vida seja o Verbo verdadeiramente compreendido. <sup>8</sup>Levando a árvore dele e produzindo fruto, sempre colherás o que é agradável diante de Deus, o que a serpente não toca, nem se mistura em engano; nem Eva é corrompida, mas reconhecida como virgem. A salvação é mostrada, os apóstolos são compreendidos, a Páscoa do Senhor se adianta, os círios se reúnem, harmoniza-se com o mundo e, instruindo os santos, o Verbo se alegra, pelo qual o Pai é glorificado. A ele, a glória pelos séculos. Amém.

## INTRODUÇÃO

*1. Vida*

Além das referências do historiador Eusébio de Cesaréia e de São Jerônimo, fundada esta na de Eusébio, não há praticamente mais nada sobre a vida deste apologista. Somente Eusébio de Cesaréia se constitui em fonte segura. Depois de mencionar a existência da apologia de Quadrato (*Historia Ecclesiastica* IV,3,2), Eusébio afirma que “Aristides, também ele, que era um fiel seguidor de nossa religião, deixou como Quadrato, em favor da fé, uma apologia que havia endereçado a Adriano. Sua obra é igualmente conservada até o presente entre um grande número”. Nada se sabe sobre sua família, sua formação intelectual, data de seu nascimento ou de sua morte. Nem mesmo o título de “filósofo” pode ser levado a sério. Advertem os críticos atuais que, a julgar pelo texto de sua apologia, o título é exagerado. Era costume, naquele tempo, chamar alguém de “filósofo”, especialmente em Atenas, “onde já se nascia meio filósofo”. De fato, nenhum especialista na história do cristianismo primitivo atribui algum valor a este título. Segundo B. Altaner, Aristides não tem conhecimento filosófico fundado em textos originais, mas a partir de leituras de manuais de filosofia popular. Pelo texto, de fato, não aparece ser homem de grande cultura, mas de modesta capacidade literária. Apresenta suas idéias de maneira rude, até mesmo ingênua, embora cheias de força da convicção da verdade que possui. Talvez Aristides tenha empregado este título para impressionar o destinatário e os filósofos de corte, valorizando, assim, sua obra.

*2. A obra e destinatário*

O motivo que levou Aristides a escrever esta apologia parece ter sido uma perseguição local movida contra os cristãos. De fato, se ele escreveu e entregou uma apologia ao imperador Adriano, ao mesmo tempo que Quadrato, este, por sua vez, compôs e remeteu ao mesmo imperador uma apologia porque “alguns homens maus empenhavam-se em perturbar os nossos” (Eusébio de Cesaréia, HE, IV,3,1). A razão que moveu Aristides a compor uma apologia em favor dos cristãos parece ter sido a mesma ou alguma coisa ainda mais grave.

A versão siríaca traz como cabeçalho a dedicatória seguinte: “Ao imperador César Tito Adriano Antonino Augusto e Pio, Marciano Aristides filósofo ateniense”. A versão armênia, por sua vez, e também Eusébio dizem que a apologia foi endereçada ao imperador Adriano. Antonino imperou de 138 a 160. Adriano, de 117 a 138. Tudo leva a crer que o destinatário seja mesmo o imperador Adriano. Especialistas como B. Altaner e A. Stuiber dizem que há razões intrínsecas que pleiteiam em favor da versão armênia e de Eusébio.

O contexto, portanto, indica um momento de ataque aos cristãos, senão sanguinolento, ao menos verbal, campanha difamatória, calúnias. A religião cristã é ainda insignificante no quadro do império romano. Não tem nenhuma expressividade nem em número, nem em influência. Ao contrário do que a acusam, Aristides quer mostrar sua grandeza, sua sublimidade em relação às religiões antigas.

Esta obra permaneceu ignorada até 1878. Considerada, então, definitivamente perdida, os mequitaristas de S. Lázaro, de Veneza, publicaram um fragmento da tradição armênia. A confirmação da autenticidade deste fragmento veio pela crítica e pela descoberta, onze anos depois, em 1889, quando o norte-americano J. Rendel Harris fez, no mosteiro de Santa Catarina do monte Sinai, a descoberta da versão siríaca completa da apologia. Foi então que I.A. Robinson reconheceu parte do texto grego da apologia utilizada nos capítulos 26-27 da *Vida de Barlaão e Josafá* de S. João

### 3. Conteúdo da obra

Composta em 17 breves capítulos, mais parecidos a parágrafos, utilizando conceitos platônicos, aristotélicos, estóicos, tem a obra como objetivo mostrar a corrupção, os erros e desvios a que levou a religião pagã e, em oposição, mostrar a sublimidade, a grandeza e principalmente, a verdade da religião cristã.

A apologia começa com uma evocação verdadeiramente filosófica: a contemplação do mundo visível leva o autor à admiração da ordem; à observação do movimento que o conduz até à noção de Deus, primeiro motor de tudo (noção aristotélica), à “ordem do mundo” (noção platônica) e que “por Providência” veio ao mundo (noção estóica).

A partir daí, a apologia estabelece o verdadeiro conhecimento de Deus: eterno, perfeito, imortal, onnisciente, pai dos homens e auto-suficiente. Este conhecimento nem os bárbaros, nem os gregos, nem os judeus o possuíram, mas só os cristãos. O autor se delonga especialmente em demonstrar a absurdidade das religiões das “três raças” (bárbaros, gregos e judeus) e, em contraste, a santidade da vida cristã (quarta raça).

A noção de Deus que ele fornece no primeiro capítulo é filosófica mais que religiosa, colhida na revelação. Talvez tenha pensado Aristides que essa noção de Deus fosse um primeiro passo para se chegar ao Deus da revelação. Parece que essa noção foi usada por ele como arma com a qual se dirige aos filósofos e tenta aniquilar o politeísmo e mitologia que formam o corpo da obra e prepara para a descrição da fé e da vida cristã. Mas, com certeza, esse foi o itinerário do próprio Aristides para a fé cristã.

O estilo é simples, direto, franco, o que nos faz compreender, sem dificuldades, a linha da argumentação do autor. Contudo, não temos aí obra original, a não ser pelo fato de se constituir no primeiro documento do gênero. A refutação do paganismo é feita de modo esquemático, direto, duro, monótono, repetitivo.

A crítica tem sido severa com Aristides por estender-se mais longamente em acusar e apontar os erros, os vícios dos pagãos que sobre a exposição da doutrina cristã, como o fará, logo a seguir, Justino. De fato, dos capítulos 3 a 14 empenha-se o autor em mostrar os absurdos, as torpezas e imoralidades dos pagãos, como e quanto estão errados, para só depois nos capítulos 15-17 mostrar ao rei como só os cristãos encontraram a verdade e praticam as autênticas virtudes.

Assim, a obra vale pelo que revela do clima, do embate da vida cristã em torno da primeira metade do século II. De outro lado, revela a coragem do autor em atacar os gregos, latinos, judeus e egípcios, abertamente, em suas crenças, sem contar com nenhum tipo de respaldo de qualquer tipo de autoridade ou instituição.

## BIBLIOGRAFIA

- BUENO, D.R., *Padres Apologistas Gregos* (s.II), 2ª ed., Madrid, BAC 116, 1979 (Introduções, texto grego, tradução espanhola e notas de D.R.Bueno), pp. 103-151.
- CASAMASSA, A., *Gli apologistici greci*, Roma, 1944, pp. 31-48.
- GIORDANI, I., *La prima polemica cristiana*, 2ª ed., Brescia, 1943, pp. 125ss.
- LAZZATI, G., “Ellenismo e Cristianesimo. Il primo capitolo dell’Apologia di Aristide”, em *La Scuola Cattolica*, 1938, pp. 35-51.
- PELLEGRINO, M., *Gli apologistici greci del II secolo*, Roma, 1947, pp. 25-39.
- PUECH, A., *Les apologistes grecs du IIe siècle*, Paris, 1912.
- IDEM, “The Apology of Aristide”, em *The Harvard Theological Review*, 1937, pp. 233-2476.
- VONA, C., *Aristides*, Roma, 1950.

## APOLOGIA SEGUNDO OS FRAGMENTOS GREGOS

1. <sup>1</sup>Ó rei! Por providência de Deus, eu vim a este mundo e, tendo contemplado o céu, a terra e o mar, o sol, a lua e o restante, fiquei maravilhado com sua ordem. <sup>2</sup>Vendo, porém, que o mundo e tudo quanto nele existe se move por necessidade, entendi que aquele que o move e o mantém fortemente é Deus, porque todo aquele que move é mais forte do que o movido e todo aquele que mantém é mais forte do que o mantido.<sup>a</sup> Digo, portanto, que Deus, o mesmo que ordenou tudo e o mantém fortemente conservado, é *sem princípio e eterno, imortal* e sem necessidades, acima de todas as paixões e defeitos, da ira, do esquecimento, da ignorância e de tudo o mais; por ele, porém, tudo subsiste. Não necessita de sacrifício, nem de libação, nem de nada do que aparece; todos, porém, necessitam dele.

2. <sup>1</sup>Tendo dito essas coisas a respeito de Deus, tal como eu consegui falar sobre ele, passemos também ao gênero humano, para ver, dentre os homens, quem participa da verdade e quem do erro. Com efeito, ó rei, para nós é evidente que há três tipos de homens neste mundo: os adoradores dos que entre vós são chamados deuses, os judeus e os cristãos; por sua vez, os que veneram a muitos deuses se dividem também em três tipos: os caldeus, os gregos e os egípcios, pois foram eles os guias e mestres das outras nações no culto e adoração dos deuses de muitos nomes.

### *A idolatria entre os caldeus*

3. <sup>1</sup>Vejam, pois, quais desses participam da verdade e quais do erro. <sup>2</sup>Os caldeus, por não conhecer a Deus, se extraviaram atrás dos elementos e começaram a adorar as criaturas ao invés de aquele que os havia criado. Fazendo certas representações deles, os chamaram de imagens do céu e da terra, do sol, da lua e dos outros elementos ou luminárias; trancando-os em templos, os adoram, dando-lhes nomes de deuses, e os guardam com toda a segurança, para que não sejam roubados por ladrões, sem perceber que aquele que guarda é maior do que o guardado e que aquele que fabrica é maior do que sua própria obra. Se os deuses deles são impotentes para sua própria salvação, como poderão dar salvação a outros? Portanto, os caldeus se extraviaram com grande extravio, cultuando imagens mortas e inúteis.

<sup>3</sup>Ó rei, eu tenho razão de admirar-me diante do fato que os que entre eles são chamados filósofos, absolutamente não compreenderam que também os próprios elementos são corruptíveis! Portanto, se os elementos são corruptíveis e submetidos por necessidade, como é que são deuses? E se os elementos não são deuses, como o são as imagens feitas em honra deles?

4. <sup>1</sup>Ó rei, examinemos os próprios elementos, para demonstrar que não são deuses, mas corruptíveis e passíveis de mudança, tirados do nada por ordem do Deus verdadeiro, aquele que é incorruptível, imutável e invisível; ele, porém, tudo vê, tudo muda e transforma, como lhe apraz. Que direi, então, a respeito dos elementos?

<sup>2</sup>Erram aqueles que crêem que o céu é Deus, pois o vemos mudar, mover-se por necessidade e que é composto de muitos elementos e, por isso, se chama cosmos ou ordem. Pois bem. Toda ordem é construção de algum artífice e todo o construído tem princípio e fim. Além disso, o céu se move por necessidade com suas luminárias. De fato, os astros, conduzidos com ordem e distância de signo para signo, uns se põem e outros saem, realizando sua marcha segundo os tempos, para cumprir os verões e os invernos, conforme lhes é ordenado por Deus; eles não ultrapassam seus próprios limites, de acordo com a inexo-rável lei da natureza, juntamente com o mundo celeste. Assim, é evidente que o céu não é Deus, e sim obra de Deus.

<sup>3</sup>Aqueles que crêem que a terra é deusa se enganam, pois a vemos injuriada e dominada pelos

homens, cavada, emporcalhada e que se torna inútil. Com efeito, se ela é cozida se converte em morta, pois de uma telha nada nasce. Além disso, se ela é demasiadamente regada, apodrece juntamente com seus frutos. Ela também é pisada pelos homens e por outros animais, mancha-se com o sangue dos assassínios, é cavada, se enche de cadáveres e se transforma em depósito de mortos.

<sup>4</sup>Assim sendo, não é possível que a terra seja deusa, mas obra de Deus para a utilidade dos homens.

**5.** <sup>1</sup>Erram aqueles que pensam que a água é Deus, pois também ela foi feita para utilidade dos homens e é por eles dominada; mancha-se e apodrece, transforma-se ao ferver, muda-se em cores e congela-se com o frio. <sup>2</sup>E é usada para lavar todas as imundícies. Por isso, é impossível que a água seja Deus, mas obra de Deus.

<sup>3</sup>Enganam-se os que crêem que o fogo é Deus. De fato, o fogo foi feito para utilidade dos homens e é dominado por eles, quando é levado de um lugar para outro, a fim de cozinhar ou assar todo tipo de carne e até para a cremação de cadáveres. Além disso, corrompe-se de muitos modos ao ser apagado pelos homens. Por isso, não é possível que o fogo seja Deus, e sim obra de Deus.

<sup>4</sup>Enganam-se aqueles que crêem que o sopro dos ventos é Deus, pois é evidente que está a serviço de outro e que foi preparado por Deus como dom aos homens, para mover os navios e transportar os alimentos e para suas demais necessidades. Além disso aumenta e cessa, conforme a ordem de Deus.

<sup>5</sup>Portanto, não é possível pensar que o vento é Deus, mas obra de Deus.

**6.** <sup>1</sup>Enganam-se os que crêem que o sol é Deus, pois vemos que ele se move por necessidade, muda, passa de signo em signo, pondo-se e levantando-se, a fim de aquecer as plantas e as ervas, para uso dos homens. Vemos também que tem divisões com os outros astros, que é menor do que o céu, que sofre eclipses de luz e que não goza de nenhuma autonomia. <sup>2</sup>Por isso, não é possível pensar que o sol seja Deus, e sim obra de Deus.

<sup>3</sup>Enganam-se os que pensam que a lua é deusa, pois vemos que ela se move por necessidade e que passa de signo em signo, pondo-se e levantando-se, para uso dos homens; vemos que ela é menor do que o sol, que cresce, mingua e sofre eclipses. Por isso, não é possível pensar que a lua seja deusa, e sim obra de Deus.

**7.** <sup>1</sup>Enganam-se os que crêem que o homem é Deus, pois vemos que é concebido (cód = “movido”) por necessidade e que se alimenta e envelhece até contra a sua vontade. <sup>2</sup>Algumas vezes está alegre, outras triste, e necessita de comida, bebida e roupas. <sup>3</sup>Além disso, vemos que é colérico, invejoso, cobiçoso; muda seus propósitos e tem mil defeitos. Também se corrompe de muitos modos por ação dos elementos, dos animais e da morte, que lhe é imposta. Portanto, não é admissível que o homem seja Deus, mas obra de Deus.

<sup>4</sup>Os caldeus, portanto, cometeram grande engano, indo atrás de suas concupiscências, pois adoram os elementos corruptíveis e as imagens mortas, e não percebem que as divinizam.

### *A idéia de Deus entre os gregos*

**8.** <sup>1</sup>Passemos, agora, aos gregos, para ver se possuem alguma idéia sobre Deus. <sup>2</sup>Os gregos, que dizem ser sábios, mostraram-se mais ignorantes do que os caldeus, introduzindo uma multidão de deuses que nasceram, uns varões, outros fêmeas, escravos de todas as paixões e realizadores de toda espécie de iniquidades. Eles mesmos contaram que seus deuses foram adúlteros e assassinos, coléricos, invejosos e rancorosos, parricidas e fraticidas, ladrões e roubadores, coxos e corcundas, feiticeiros e loucos. Alguns deles morreram, outros foram fulminados, outros serviram aos homens como escravos, outros andaram fugitivos, outros bateram no peito e se lamentaram, e outros se

transformaram em animais.

<sup>4</sup>Daí vemos, ó rei, como são ridículas, insensatas e ímpias as palavras que os gregos introduziram, dando nome de deuses a esses seres que não são tais. Fizeram isso, seguindo seus maus desejos, a fim de que, tendo deuses por advogados de sua maldade, pudessem entregar-se ao adultério, ao roubo, ao assassinio e a todo tipo de vícios. <sup>5</sup>Com efeito, se os deuses fizeram tudo isso, como não o fariam também os homens que lhes prestam culto? <sup>6</sup>Como consequência de todas essas obras do erro, os homens sofreram guerras contínuas, matanças e amargos cativos.

**9.** <sup>1</sup>Se quisermos, porém, continuar o discurso sobre cada um de seus deuses, verás inúmeros absurdos. <sup>2</sup>Assim, introduzem para eles, acima de todos, um deus Cronos<sup>b</sup>, e a ele sacrificam seus próprios filhos. <sup>3</sup>Cronos teve muitos filhos de Rea e, finalmente, tornando-se louco, comia seus próprios filhos. <sup>4</sup>Eles dizem também que Zeus cortou-lhe as partes viris e as jogou no mar, donde se conta ter nascido Afrodite. Zeus, tendo amarrado o próprio pai, o atirou no Tártaro.<sup>c</sup>

<sup>5</sup>Vês o extravio que eles introduzem contra seu próprio deus? É admissível que deus seja atado e mutilado? Insensatez! Quem, em são juízo, pode dizer tais coisas?

<sup>6</sup>O segundo a ser introduzido é Zeus<sup>d</sup>, que eles dizem ser rei de todos os deuses e que toma forma de animais para unir-se com mulheres mortais. <sup>7</sup>Com efeito, contam que ele se transformou em touro para Europa e Pasífae; em ouro para Dânae e em cisne para Leda; em sátiro para Antíope e em raio para Sêmele. E que, depois, com elas teve muitos filhos: Dioniso, Zeto, Anfião, Héracles, Apolo e Ártemis, Perseu, Castor, Helena e Pólux, Minos, Radamante, Sarpedão e as sete filhas que chamaram de musas. Depois, introduzem também a fábula de Ganimedes. <sup>8</sup>Ó rei, aconteceu, portanto, que os homens imitaram tudo isso e se tornaram adúlteros e pervertidos e, imitando seu deus, cometeram todo tipo de vícios. <sup>9</sup>Ora, como se pode conceber que deus seja adúltero, pervertido e parricida?

**10.** <sup>1</sup>Juntamente com isso, introduzem certo Hefesto como deus, e este, coxo e empunhando martelo e tenazes, trabalhando como ferreiro para ganhar a vida. <sup>2</sup>Será que ele é necessitado? É uma coisa inadmissível deus ser coxo e ter necessidade dos homens.

<sup>3</sup>Depois introduzem como deus Hermes<sup>e</sup>, que é cobiçoso, ladrão, avarento, feiticeiro, corcunda e intérprete de discursos. <sup>4</sup>Não podemos conceber que deus seja tais coisas.

<sup>5</sup>Também introduzem como deus Asclépio<sup>f</sup>, médico profissional, dedicado a preparar medicamentos e fazer emplastros para ganhar a vida, pois estava necessitado. Depois dizem que ele foi fulminado por Zeus, por causa do filho do lacedemônio Tíndaro, e morreu. <sup>6</sup>Contudo, se Asclépio, sendo deus, não pode ajudar-se a si próprio quando fulminado, como poderá ajudar os outros?

<sup>7</sup>Também introduzem como deus Ares, que é guerreiro, invejoso, cobiçador de rebanhos e outras coisas, do qual contam que, cometendo mais tarde adultério com Afrodite, foi atado pelo menino Eros e por Hefesto. Como podia ser deus alguém que foi cobiçoso, guerreiro, amarrado e adúltero?

<sup>8</sup>Também introduzem como deus Dioniso<sup>g</sup>, aquele que celebra as festas noturnas, é mestre na embriaguez, rapta as mulheres dos outros e que, mais tarde, foi degolado pelos Titãs. Se Dioniso foi degolado e não pôde ajudar-se a si mesmo, mas tornou-se louco, era bêbado e andou fugitivo, como pode ele ser deus?

<sup>9</sup>Também introduzem Héracles, que contam ter-se embriagado e se tornou louco e devorou os seus próprios filhos. Depois foi consumido pelo fogo e morreu. Como pode ser deus um bêbado, que mata seus próprios filhos e é devorado pelo fogo? Como poderá socorrer aos outros, quem não pôde socorrer a si mesmo?<sup>h</sup>



**11.** <sup>1</sup>Também introduzem como deus Apolo<sup>i</sup>, invejoso, que algumas vezes carrega o arco e a aljava, outras a cítara e a flauta, e se dedica à adivinhação para os homens, em troca de pagamento. Será que ele é necessitado? É coisa impossível admitir que Deus esteja necessitado, seja invejoso e tocador de cítara.

<sup>2</sup>Depois introduzem Ártemis<sup>i</sup>, sua irmã, caçadora profissional, que carrega arco e aljava, anda errante pelos montes, sozinha com seus cães, para caçar algum cervo ou javali. Portanto, como pode ser deusa uma mulher assim, caçadora e errante com seus cães?

<sup>3</sup>Também dizem que Afrodite<sup>k</sup> é deusa, ela que é adúltera e que ora teve Ares por companheiro de adultério, ora Anquises, ora Adôn timer, cuja morte chorou, buscando o seu amante. Até contam que ela desceu ao Hades para resgatar Adôn timer de Perséfone, a filha de Hades. Ó rei, viste insensatez maior do que introduzir uma deusa que é adúltera, se lamenta e chora?

<sup>4</sup>Também introduzem como deus Adôn timer<sup>l</sup>, caçador profissional e adúltero, que morreu violentamente, ferido por um javali, sem poder ajudar a si mesmo na desgraça. Como poderá o adúltero, caçador e morto violentamente, se preocupar com os homens?

<sup>5</sup>Ó rei, os gregos introduziram tudo isso e muitas outras coisas, ainda mais vergonhosas e piores. Fantasearam sobre seus deuses coisas que não é lícito dizer ou sequer lembrar. Daí, os homens aproveitaram-se dos seus próprios deuses, para praticar todo tipo de iniquidade, impudícia e impiedade, sujando a terra e o ar com suas horríveis ações.

### *O culto idolátrico entre os egípcios*

**12.** <sup>1</sup>Quanto aos egípcios, que são mais torpes e ignorantes do que os gregos, erraram mais ainda do que todas as nações. Não se contentaram com o culto dos caldeus e dos gregos, mas introduziram como deuses animais irracionais, tanto da terra, como da água, e ainda árvores e plantas. Com isso, sujaram-se em toda loucura e impudícia, mais ainda do que todas as outras nações sobre a terra.

<sup>2</sup>No princípio, cultuaram Ísis, que tinha Osíris<sup>m</sup> como irmão e marido, que depois foi degolado por seu irmão Tifon. Por isso, Ísis fugiu com o seu filho Horo para Bíblos, na Síria, procurando Osíris e chorando amargamente, até que Horo cresceu e matou Tifon.

<sup>3</sup>Dessa forma, nem Ísis teve forças para ajudar o seu próprio irmão e marido, nem Osíris, degolado por Tifon, conseguiu se proteger, nem o próprio Tifon, fraticida, morto por Horo e Ísis, encontrou um meio de livrar-se da morte. <sup>6</sup>Conhecidos por tais desgraças, foram considerados deuses pelos insensatos egípcios que, não contentes com isso ou com os demais cultos das nações, introduziram como deuses até os animais irracionais.

<sup>4</sup>Com efeito, alguns deles adoraram a ovelha, outros o bode, outros o bezerro e o porco, outros o corvo, o gavião, o abutre, a águia; outros o crocodilo; outros o gato, o cão, o lobo, o macaco, a serpente e a víbora; outros a cebola, o alho, os espinhos e outras criaturas mais. <sup>8</sup>E os infelizes não percebem que nenhuma dessas coisas tem poder algum; eles vêem os seus deuses serem devorados por outros homens, ou serem queimados, degolados e apodrecerem, mas não compreendem que não são deuses.

**13.** <sup>1</sup>Portanto, os egípcios, os caldeus e os gregos com grande extravio se extraviaram, introduzindo tais deuses, fazendo imagens deles e divinizando ídolos surdos e insensíveis.

<sup>2</sup>Fico admirado porque eles vêem seus deuses sendo serrados, desbastados com o machado e cortados por artífices, como com o tempo se tornam velhos e se dissolvem ou fundem, mas não compreendem que tais deuses não existem. Com efeito, se não possuem nenhuma força para a sua

própria salvação, como poderão prover aos homens?

<sup>3</sup>Contudo, seus poetas e filósofos (dos caldeus, gregos e egípcios), querendo glorificar seus deuses com seus poemas e escritos, apenas descobriram mais ainda a vergonha deles e a puseram a nu, à vista de todos. De fato, se o corpo do homem, mesmo sendo composto de muitas partes, não perde nenhum de seus membros, mas conserva unidade indivisível entre todos, mantendo-se em harmonia consigo mesmo, como poderá haver tão grande luta e discórdia na natureza de Deus? Com efeito, se a natureza dos deuses era única, um deus não deveria perseguir outro deus, nem degolá-lo ou prejudicá-lo. <sup>6</sup>Se os deuses se perseguiram uns aos outros, ou se degolaram, roubaram ou fulminaram, já não existe uma só natureza, mas opiniões divididas, e todos eles maléficos. De modo que nenhum deles é Deus. Portanto, ó rei, é claro que toda a teoria sobre a natureza dos deuses é puro engano.

<sup>4</sup>Como os sábios e eruditos dos gregos não compreenderam que, ao estabelecer leis, os seus deuses são condenados por essas mesmas leis? Com efeito, se as leis são justas, são absolutamente injustos os seus deuses que fizeram coisas contra a lei, como mortes mútuas, feitiçarias, adultérios, roubos e uniões contra a natureza; se tudo o que fizeram é bom, então as leis é que são injustas, pois colocam-se contra os deuses. Pelo contrário, as leis são boas e justas, pois louvam o que é bom e proíbem o que é mau, e as obras dos deuses são iníquas. Os deuses deles, portanto, são todos iníquos e réus de morte, e são ímpios os que introduzem tais deuses. De fato, se as histórias que se contam a respeito deles são míticas, então os deuses não passam de palavras; se são físicas, os que fizeram e sofreram tais coisas não são deuses; se são alegóricas, são um conto, e nada mais.

<sup>5</sup>Portanto, ó rei, fica demonstrado que todos esses cultos de muitos deuses são obras de engano e perdição. Com efeito, não se deve chamar deuses àqueles que são visíveis e não vêem. Deve-se adorar como Deus àquele que é invisível, que vê tudo e tudo fez.

### *Crítica à fé judaica*

**14.** <sup>1</sup>Passemos, portanto, ó rei, também para os judeus, a fim de ver o que estes pensam a respeito de Deus. Com efeito, sendo descendentes de Abraão, Isaac e Jacó, estes viveram como forasteiros no Egito e daí os tirou Deus com mão poderosa e braço excelso, por meio de Moisés, seu legislador, e deu-lhes a conhecer o seu poder, por meio de muitos prodígios e sinais. Eles, porém, se mostraram duros e ingratos, muitas vezes serviram aos cultos das nações e mataram os justos e profetas que lhes foram enviados. Depois, quando aprovou ao Filho de Deus vir à terra, depois de insultá-lo, entregaram-no a Pôncio Pilatos, governador dos romanos, e o condenaram à morte de cruz, sem qualquer respeito pelos benefícios que lhes havia feito e pelas incontáveis maravilhas que realizara entre eles. Pereceram por sua própria iniquidade. <sup>2</sup>Eles, de fato, ainda adoram um só Deus onipotente, mas não têm conhecimento completo, pois negam a Cristo, Filho de Deus. São semelhantes aos pagãos, ainda que pareçam aproximar-se da verdade, da qual realmente se afastaram. Basta isso sobre os judeus...

### *A verdadeira religião*

**15.** <sup>1</sup>Os cristãos, porém, descendem do Senhor Jesus Cristo<sup>[u](#)</sup>, e este é confessado como Filho do Deus Altíssimo no Espírito Santo, descido do céu para a salvação dos homens. Gerado de uma virgem santa, sem germe nem corrupção, encarnou-se e apareceu aos homens, para afastá-los do erro do politeísmo. Tendo realizado sua admirável dispensação, experimentou a morte por meio da cruz, de espontânea vontade, conforme uma grande economia, e três dias depois ressuscitou e subiu aos céus. Ó rei, podes conhecer a glória de sua vinda, se leres aquela que, entre eles, se chama santa Escritura evangélica.

<sup>2</sup>Jesus teve doze discípulos que, depois de sua ascensão aos céus, saíram para as províncias do império e ensinaram a grandeza de Cristo, de modo que um deles percorreu nossos mesmos lugares, pregando a doutrina da verdade. Daí porque, os que ainda servem à justiça da sua pregação são chamados cristãos. <sup>3</sup>Estes são os que, mais do que todas as nações da terra, encontraram a verdade, pois conhecem o Deus criador e artífice do universo em seu Filho unigênito e no Espírito Santo, e não adoram outro Deus, além desse. Eles têm os mandamentos do mesmo Senhor Jesus Cristo gravados em seus corações, e os guardam, esperando a ressurreição dos mortos e a vida do século futuro. <sup>4</sup>Não adulteram, não fornicam, não levantam falso testemunho, não cobiçam os bens alheios, honram o pai e a mãe, amam o seu próximo e julgam com justiça. <sup>5</sup>Não fazem aos outros o que não querem que se faça a eles; aos que os ofendem, eles exortam e procuram torná-los amigos; empenham-se em fazer o bem aos inimigos, são mansos e modestos; <sup>6</sup>abstêm-se de toda união ilegítima e de toda impureza; <sup>7</sup>não desprezam a viúva e não entristecem o órfão; aquele que possui, fornece abundantemente para aquele que nada tem; se vêem um forasteiro, acolhem-no sob o seu teto, e alegram-se com ele como verdadeiro irmão, porque não se chamam irmãos segundo a carne, mas segundo a alma...<sup>o</sup>

<sup>8</sup>Estão dispostos a dar a vida por Cristo, pois guardam com firmeza os seus mandamentos, vivendo santa e justamente conforme ordenou o Senhor Deus, dando-lhe graças em todo momento pela comida, bebida e os outros bens... <sup>9</sup>Este é, portanto, o caminho da verdade, que conduz todos os que por ele caminham ao reino eterno, prometido por Cristo na vida futura. <sup>9</sup>E para que saibas, ó rei, que não digo essas coisas por minha própria conta, inclina-te sobre as Escrituras dos cristãos e verás que não estou dizendo nada além da verdade.

**16.** Com razão, portanto, o teu filho compreendeu e foi ensinado a servir ao Deus vivo e salvar-se no mundo futuro. Com efeito, são grandes e maravilhosas as coisas ditas e feitas pelos cristãos, pois não falam palavras dos homens, mas de Deus. As outras nações, em troca, erram e enganam-se a si mesmas, pois andam nas trevas e chocam-se entre si como bêbados.

**17.** Até aqui, ó rei, eu dirigi a ti a minha palavra, que foi ordenada à minha mente pela verdade. Por isso, que os teus sábios insensatos parem de falar contra o Senhor. Com efeito, convém que venereis o Deus Criador e deis ouvido às suas palavras incorruptíveis, a fim de que, escapando ao julgamento e aos castigos, sejais declarados herdeiros da vida que não perece.

a Aristides procede à maneira do filósofo do tempo: da contemplação do mundo (theoria), da observação regular do movimento dos astros descobre sua ordem e beleza (kosmos). Daí nasce a admiração que o leva à noção de um Deus criador e ordenador do universo.

b *Cronos*, identificado pelos romanos como Saturno, era um dos Titãs. Separou sua mãe Gaia (a Terra) de seu pai Urano (o Céu) mutilando-o. Metamorfoseado em cavalo, uniu-se com uma ninfa do mar, Oceânide, dando nascimento ao centauro Quirón. Com sua irmã Rea, teve numerosos filhos, entre os quais Zeus. Enlouquecido, devorava numerosos filhos, recém-nascidos.

c *Tártaro* é o fundo do universo, colocado abaixo dos Infernos numa distância igual ao espaço que se estende entre a Terra e o Céu. Aí foram lançadas duas gerações divinas pré-olímpias por cometerem seus crimes. Zeus, durante seu reinado, ameaça continuamente os deuses que infringem sua vontade de os encadear no Tártaro.

d Zeus, Segundo Homero, é o “pai dos deuses e dos homens”. É o último filho gerado pela união de Cronos e Rea, segundo a Teogonia de Hesíodo. Gerado durante a noite, Rea pode salvá-lo da fúria de seu pai, escondendo-o no monte Ida, em Creta, confiando-o aos Curetas e às Ninfas. Adulto, elimina seu pai, tornando-se o deus supremo do panteão grego, submisso unicamente ao Destino. Zeus é, essencialmente, o deus da luz celeste. Governa os fenômenos físicos: a chuva, o raio, o ciclo das estações, a sucessão dos dias e das noites... Símbolo de uma organização patriarcal e de uma hierarquia primitiva, torna-se o garante da realeza e da ordem social, árbitro supremo da justiça.

e *Hermes* identificado entre os romanos como Mercúrio. É o mensageiro do Olimpo. Filho de Zeus e de Maia. Já no dia de seu nascimento, rouba o rebanho de Apolo e apaga os vestígios das pegadas amarrando ramos na cauda dos animais. Suas atribuições são muitas: deus do roubo, da mentira; patrono dos oradores e dos comerciantes; inventor dos pesos e das medidas, dos primeiros instrumentos musicais; guia dos viajantes e condutor das almas dos mortos e, sobretudo, a personificação da habilidade e da trapaça.

Chamado também de Hermes Trismegisto (Três vezes o maior).

**f** *Asclépio*, deus da medicina. Filho de Apolo e da ninfa Coronis, identificado pelos romanos com o nome de Esculápio. Curava e ressuscitava os mortos. Incomodado por este poder, Zeus o fulmina.

**g** *Dionisos*, deus da vinha, do vinho e do delírio extático, chamado também Baco, identificado com a divindade latina Liber Later. Sêmele, sua mãe, morre ao sexto mês de gravidez. Zeus arranca o feto do ventre materno e o costura à sua coxa até completar o tempo de seu nascimento. Seu culto reflete uma vontade de libertação do mundo organizado, hierarquizado, racional, censurado. É o espaço onde se dá vazão aos instintos, ao riso, às práticas orgíacas.

**h** Esse mesmo argumento pode-se voltar contra Aristides: se os deuses deles são fracos, impotentes para se livrarem das desgraças, dos castigos e da morte, não podendo assim ter poderes para ajudar e salvar os outros, o mesmo pode-se dizer de Jesus: “Se és o filho de Deus, desça da cruz; salva-te a ti mesmo se és o Filho de Deus” (Mt 27,39-44). Algumas décadas depois, Celso usará este argumento para desacreditar a divindade de Jesus.

**i** *Apolo*, chamado também Febo, “o brilhante”, é o deus da luz. Filho de Zeus e Leto é irmão gêmeo de Ártemis. Tornou-se adulto aos 7 dias após seu nascimento. Com o passar do tempo, suas atribuições foram-se multiplicando: deus da adivinhação, da música, da poesia, protetor das musas e, ao mesmo tempo, guerreiro e pastor. Símbolo da clareza, da iluminação, tornou-se o deus da religião órfica.

**j** *Ártemis*, identificada mais tarde entre os romanos como Diana. É a deusa da lua e da caça. Munida de arco e flexas, escoltada de ninfas percorre, durante a noite, os bosques em busca de caça. Virgem e casta, é vingativa e cruel. Por tê-la surpreendido nua, no banho, Ácteon foi metamorfoseado em cervo e devorado por seus próprios cães.

**k** *Afrodite*, deusa do amor e da fecundidade (a Vênus romana). Apresenta certas analogias com a divindade semita Astarte e a egípcia Hator. É filha de Zeus e Dione ou, na versão de Hesíodo, nasce da espuma do mar fecundada pelo sangue de Urano quando de sua mutilação. O poder sensual feminino que ela simboliza é representado como uma força corruptora e maléfica. Esposa infiel de Hefáisto, é surpreendida por este e imobilizada numa rede mágica com seu amante Ares. Com Dioniso, tem Priapo. Com Hermes, Hermafrodite. Mantém um idílio apaixonado com Adônis. Da união com o mortal Anquise, gera Eneas. Está na origem da guerra de Tróia por ter ajudado Paris a raptar Helena. Numerosos templos eram-lhe consagrados e foi fonte de inspiração de poetas e artistas.

**l** *Adônis*, em hebraico, Adonai, “meu senhor”. Representa o princípio masculino da reprodução. Morto por um javali, Zeus o ressuscita a pedido de Afrodite, sua amante, e lhe permite passar uma parte do ano na terra e outra parte nos Infernos. Tornou-se símbolo da vida e da natureza.

**m** *Osiris*, Us-yrî= “aquele que está sobre o trono”, i.é, o “rei”. De início, adorado como deus das forças vegetais, sua personalidade vai-se enriquecendo à medida que seu culto se estende. Imagem do grão que germina e nasce, do Nilo que fecunda a terra com suas enchentes, da lua e do sol, torna-se o deus do recomeço por excelência e, por isso, dos mortos, garante da sobrevivência humana no mundo subterrâneo. Duplamente benfeitor, na terra e na região dos mortos, Osiris foi o deus adorado com maior fervor. Seu culto ultrapassou os limites do Egito, alcançou a Grécia e o Império romano. Ísis, “aquela que está sobre o trono”, a “rainha”. Entrou na mitologia egípcia como irmã e esposa de Osiris. Sua lenda começou após a morte de seu esposo Osiris. Adorada como mãe universal, tornou-se a deusa mais popular. Seu culto respondia aos anseios de inquietação moral, crescente nos indivíduos. Calígula consagrou-lhe oficialmente um templo no Capitólio, em 69.

**n** Os cristãos como povo têm também sua genealogia. Só agora Aristides alude aos evangelhos, marcando as passagens da vida de Jesus, referindo-se à missão dos apóstolos, definindo os cristãos como homens de Cristo e dos apóstolos.

# TACIANO, O SÍRIO

## INTRODUÇÃO

### 1. Vida

Taciano, o Sírio, nasceu provavelmente, por volta do ano 120, em “terra dos assírios” de família pagã.

Educado aprimoradamente na cultura grega, pesquisador inquieto, estudou várias religiões e se iniciou nos mistérios. Mais tarde, por volta de 152, conheceu as Escrituras cristãs e se converteu ao cristianismo, provavelmente, em Roma. Foi em Roma que Taciano encontrou Justino mártir, freqüentou sua escola e se destacou como discípulo brilhante. O melhor é deixar que ele mesmo nos forneça as informações sobre seu itinerário cultural. No cap. 35 de seu *Discurso aos gregos*, diz: “Exponho-vos tudo isso, não porque soube de outros, mas porque percorri muitas terras, professei como mestre vossas próprias doutrinas, pude examinar muitas artes e idéias e, por fim, vivendo em Roma, pude contemplar detidamente a variedade de estátuas que para lá vós exportastes. (...) dando adeus à altivez dos romanos, ao frio palavrório dos atenienses e aos contraditórios sistemas de vossa filosofia, aderi finalmente à nossa filosofia bárbara”. No cap. 29 desta mesma obra, Taciano fala mais explicitamente das razões que o levaram à conversão ao cristianismo: “Tendo visto isso tudo, e também depois que me iniciei nos mistérios e examinei as religiões de todos os homens, instituídas por eunucos efeminados, encontrando entre os romanos aquele que eles chamam de Júpiter Lacial, que se compraz em sacrifícios humanos e no sangue dos executados; (...) entrando em mim mesmo, comecei a perguntar-me de que modo ser-me-ia possível encontrar a verdade. Em meio às minhas graves reflexões, caíram-me casualmente nas mãos algumas Escrituras bárbaras, mais antigas que as doutrinas dos gregos e, se considerarmos os erros destes, são realmente divinas. Tive que acreditar nelas, por causa da simplicidade de sua língua, pela maturidade dos que falam, pela fácil compreensão da criação do universo, pela previsão do futuro, pela excelência dos preceitos e pela unicidade de comando do universo. Com a alma ensinada pelo próprio Deus, compreendi que a doutrina helênica me levava para a condenação; a bárbara, porém, livrava-me da escravidão do mundo e me afastava de muitos senhores e tiranos infinitos. Ela nos dá, não o que não tínhamos recebido, mas o que, uma vez recebido, o erro nos impedia de possuir”.

Após a morte de seu mestre, Justino, por volta de 165, Taciano começou a se afastar da Igreja, inclinando-se para a heresia encratita (ou continente). Esta heresia acentua o pessimismo quanto à queda do homem, despreza a matéria, tem o matrimônio como fornicção e prega a abstinência da carne e do vinho. Seu rigorismo na observância desta abstinência levou-o a substituir o vinho pela água na celebração da eucaristia. Esse costume levou-o e a seus seguidores a receberem o apelido de “aquáticos”.

Ireneu de Lião, fornecendo simultaneamente dados pessoais sobre Taciano, descreve assim esta heresia: “Provindo de Saturnino e de Marcião, os que se chamam encratistas pregavam a abstinência do matrimônio, rejeitando a antiga criação de Deus e acusando tranqüilamente aquele que fez o homem e a mulher para procriar os homens; eles introduziram a abstinência daquilo que, fora animado, na sua ingratidão para Deus que fez o universo, e negaram a salvação do primeiro homem. Eis pois o que foi inventado por ele, quando certo Taciano foi o primeiro a introduzir esta blasfêmia. Este último, que tinha sido ouvinte de Justino, durante o tempo que esteve com ele, não manifestou nada de semelhante. Mas, após seu martírio, ele se desviou da Igreja, se elevou no pensamento que era mestre e se orgulhou como se fosse diferente de todos os outros; deu caráter particular à sua



escola, imaginou eões invisíveis, como os discípulos de Valentim; pregou que o casamento era uma corrupção e fornicção, semelhantemente a Marcião e a Saturnino” (Adv. haer 1, 28,1). Eusébio de Cesaréia nos fala de Taciano em conexão com a heresia encratista: “Esta heresia estava então começando a brotar, introduzindo na vida uma falsa doutrina, estranha e corrupta. Deste desvio, é tradição que seu autor foi Taciano” (HE, 18). Conforme informações de Epifânio, Taciano teria retornado ao Oriente, onde difundiu suas concepções encráticas de Antioquia até a Pisídia: “Sucedendo a estes (aos severianos-rigoristas) se levantou tal Taciano (...). A princípio, como quem vinha dos gregos e pertencia à cultura helênica, foi companheiro de Justino, o filósofo, varão santo e amigo de Deus (...). Taciano, a princípio, enquanto esteve ao lado de Justino mártir, levou boa conduta e se manteve na fé; mas, assim que morreu Justino, como cego levado pela mão e abandonado de seu guia se precipita no abismo por sua cegueira e não pára até dar-se a morte, assim também Taciano. Era sírio de origem, segundo a tradição vinda até nós, e estabeleceu sua escola desde o princípio na Mesopotâmia, (...) até o ano 12 de Antonino, o César, por sobrenome Pio. E foi assim que passando depois da morte de Justino à região do Oriente e estabelecendo-se ali, caindo em perversas idéias, também ele introduziu segundo os contos de Valentim, certos eões e princípios e emissores. A maior atividade de sua pregação se estendeu desde Antioquia de Dafne até as partes da Cilícia e, sobretudo, à Pisídia” (*Panarion*, 46-47). Taciano morreu, provavelmente, por volta do ano 180, em lugar ignorado.

## 2. Obras

Segundo testemunhas da antiguidade, Taciano teria escrito várias obras. No cap. 15 de seu próprio *Discurso contra os gregos*, ele menciona um tratado *Sobre os animais* que, apesar do nome, deveria ser um tratado de antropologia natural. No cap. 16 da mesma obra, afirma ter escrito um trabalho *sobre os demônios*. Clemente de Alexandria cita um texto de uma obra de Taciano *Sobre a perfeição segundo os preceitos do Salvador*, em *Stromata* 3,81,1ss. Tratar-se-ia de uma obra ascética encrática, de caráter gnóstico. Nela Taciano interpreta 1Cor 7,5 no sentido que só a abstenção do matrimônio une a Deus, enquanto o uso do matrimônio significa comunhão de incontinência e de fornicção com o diabo. Propõe Cristo como modelo, virgem e continente (e pobre) contrapondo o homem novo (Cristo e os cristãos continentes) ao homem velho (Adão, condenado e os incontinentes). Eusébio de Cesaréia diz que tal Rodão “confessa de si mesmo ter sido, em Roma, discípulo de Taciano e afirma que este redigiu um *Livro de Problemas* no qual promete expor as passagens obscuras e ocultas das divinas Escrituras” (HE, V,13,8). No mesmo capítulo, afirma Eusébio que “Taciano, (...) depois de compor diversos livros, pôs-se também com os demais em ordem de batalha contra a heresia de Marcião (...)”. Mas de todos os seus escritos somente dois foram conservados: *Discurso contra os gregos* e *Diatéssaron*.

### O Diatéssaron

Esta obra assegurou-lhe grande renome, sobretudo no Oriente, até o séc. V. Trata-se da fusão dos quatro evangelhos para formar um único evangelho (*tò dià tessarón euangélion*). Segundo alguns, o livro deveria ser chamado *Diapente*, isto é, evangelho tirado dos cinco, porque Taciano teria usado também o apócrifo evangelho segundo os Hebreus.

As inúmeras versões provam o sucesso desta obra. Ela foi, de fato, o “evangelho” usado pela igreja siríaca até o séc. V. Santo Efrém a comentou, entre os anos 360 a 370<sup>a</sup>. Esta obra exerceu ainda influência importante na tradução dos textos dos evangelhos canônicos. Embora a obra tenha traços

das tendências heréticas de seu autor (encratista, anti-judaica, docetista) nunca foi condenada pela Igreja. Sua composição se deu, com toda probabilidade, depois que Taciano retornou ao Oriente, anterior, com certeza, ao ano 254.

### *Discurso contra os gregos*

De todas as suas obras, é a única que nos restou por inteiro. Trata-se de um ataque impiedoso contra a cultura e filosofia gregas, de um lado, e de um esforço por mostrar a superioridade do cristianismo, de outro. Assim ele combate, veementemente, tanto a mitologia como a poesia, a retórica, a filosofia e as artes gregas. Os gregos não têm do que se orgulhar: tudo o que possuem de bom, de belo, de verdadeiro, devem-no aos “bárbaros”, isto é, à filosofia, à sabedoria e à religião implantadas por Moisés e vividas, plenamente, agora, pelos cristãos. Taciano une, nesta obra, nacionalismo oriental, fé cristã de convertido, especulação teológica, intransigência, ironia e desprezo para com seus adversários. Ao contrário de seu mestre, Justino, Taciano expressa uma acentuada aversão pela filosofia grega, vangloriando-se de ser “bárbaro” e de ter encontrado a verdade e a salvação em escritos “bárbaros”, isto é, na Bíblia. O texto revela autor inquieto, violento e passional. Seu estilo é, freqüentemente, obscuro, acumulando argumentos nem sempre coerentes. Apesar disso, a obra teve sucesso e parece ter sido útil para muitos cristãos, conforme testemunho de Eusébio: “Taciano deixou grande número de escritos, entre os quais muitos mencionam sobretudo o célebre Discurso contra os gregos. E neste, fazendo memória dos tempos antigos, afirma que Moisés e os profetas hebreus são mais antigos do que os mais célebres entre os gregos. Este Discurso parece ser, realmente, o mais belo e útil de todos os seus escritos” (HE, IV, 29,7).

A data de composição vacila, para os especialistas, entre 170 e 172.

### *3. Estrutura e conteúdo do discurso contra os gregos*

Os 42 capítulos que compõem esta obra começam de maneira polêmica contra a cultura intelectual dos gregos (caps. 1-3). No cap. 4, Taciano expõe o conceito cristão de Deus. Trata, no cap. 5, da relação de Deus com o Logos e da criação da matéria. A doutrina da ressurreição e do julgamento, no cap. 6. A alma não é imortal por natureza. Ela é ressuscitada por Deus juntamente com o corpo. No cap. 7, Taciano descreve a criação dos anjos e dos homens. No cap. 8, a queda dos anjos e dos primeiros pais que acarretou a introdução da idolatria e da astrologia no mundo. Nos caps. 9-16, Taciano desenvolve a demonologia e os meios que o homem possui, na Igreja, para vencer os demônios, expulsar o pecado e atingir a imortalidade. Entre os caps. 17-28, expõe contínuos ataques contra as diversas opiniões dos gregos e se prolonga acusando a origem demoníaca de sua cultura, o uso dos remédios, a medicina, os espetáculos, o comportamento imoral dos pagãos e seus regimes políticos. Os caps. 29-30 formam um intermédio autobiográfico. Nos caps. 31-35, desenvolve o argumento da superioridade moral da “filosofia cristã” contra os abusos imorais dos gregos, demonstrando o baixo nível moral de seus homens mais famosos, de suas obras de arte, dos contos místicos que ensinam a imoralidade e corrompem os jovens. Nos caps. 36-41, Taciano desenvolve o segundo argumento, considerado o “argumento cronológico”, provando que os bárbaros (os hebreus e, depois, os cristãos) porque se radicam em Moisés, são anteriores e, portanto, mais antigos que os sábios gregos. Moisés viveu muito antes de Homero, muito antes dos legisladores gregos e, inclusive antes que os sete sábios. O cap. 42 é uma conclusão: “Essas são as coisas, ó gregos, que compus para vós, eu Taciano, que professo a filosofia bárbara, nascido em terra dos assírios, formado primeiramente em vossa cultura e depois nas doutrinas que agora anuncio como pregador. Já conhecendo quem é Deus e sua criação, apresento-me a vós disposto ao exame de meus

ensinamentos, advertindo que jamais renegarei minha conduta segundo Deus”.

## BIBLIOGRAFIA

- ALTANER, B; STUIBER, A., *Patrologia. Vida obras e doutrinas dos Padres da Igreja*, 2ª ed., S. Paulo, Paulus, 1988, 81-83.
- BARDY, G., “Tatien”, em *Dictionnaire de Théologie Catholique* 16, 1946, 59-66.
- BOLBIANI, F., “La tradizione eresiológica sull’encratismo I: Le notizie di Ireneo; II: La confutazione di Clemente d’Alessandria”, em: *Atti e Memorie dell’Accademia delle Scienze di Torino*. Classe di Scienze morali, storiche e filosofiche, 91, (1956-57); 96 (1961-62).
- BUENO, D.R., *Padres Apologistas Griegos* (séc.II), 2ª ed., Madrid, BAC, 1979, 551-628.
- CASAMASSA, A., “L’accusa di ‘hesterni’ e gli scrittori cristiani dell II secolo”, em: *Angelicum* 20, 1943, 184-194.
- CRISTINA, S. Di., “L’idea di dynamis nel ‘De mundo’ e nell ‘oratio ad Graecos’ di Taziano”, em *Augustinianum* 17, 1977, 485-504.
- GRANT, R.M., “The Heresy of Tatian”, em: *Journal of Theological Studies* 5 (Oxford), 1954, 62-68.
- ORBE, A., “A propósito de Gen 1,3 en la exégesis de Taciano”, em: *Gregorianum* 42, 1961, 401-443.
- PUECH, *Recherches sur le Discours aux Grecs de Tatien, suivies d’une traduction française du Discours avec notes*, Paris, 1903.
- IDEM, *Les Apologistes grecs du IIe. siècle de notre ère*, Paris, 1912, 148-171.
- QUASTEN, J., *Patrologia I*. Hasta el Concilio de Nicea, 2ª ed., Madrid, BAC, 1968, 219-229.
- ZAPPALÀ, M., “Taziano e lo gnosticismo”, em *Rivista di Studi Filosofici e Religiosi* 3, 1922, 307-338.



# DISCURSO CONTRA OS GREGOS

## *Exórdio*

1. Gregos, não vos mostreis tão inimigos dos bárbaros, nem julgueis desfavoravelmente as suas doutrinas. Com efeito, qual das vossas instituições não teve origem entre os bárbaros? Os mais famosos entre os telmísios inventaram a adivinhação pelos sonhos; os cários, a previsão pelos astros; e os vãos dos pássaros foram observados primeiro pelos frígios e os mais antigos dos isáurios; os cipriotas encontraram a arte de sacrificar; os babilônios, a astronomia; os persas, a magia; os egípcios, a geometria; os fenícios, o conhecimento das letras. Cessai, portanto, de chamar invenções o que são puras imitações. De fato, Orfeu vos ensinou a poesia e o canto, e também a iniciação nos mistérios; os etruscos, a plástica; os egípcios, com suas tábuas dos tempos, a compor histórias. De Mársias e Olimpo tomastes a arte da flauta e, apesar de ambos serem frígios, com toda a sua rudeza, conseguiram extrair harmonia do bambu. Os tirrenos vos ensinaram a trombeta; os ciclopes, a lavar metais; e uma mulher que, como disse Helânico, imperou outrora sobre os persas, vos ensinou a compor cartas. Seu nome era Atosa. Portanto, deixai de lado esse vosso orgulho e não frente a elegância de vossas palavras, vós que, ao elogiar-vos a vós mesmos, tendes para vos aplaudir os de vossa própria casa. O homem que possui inteligência deve esperar o testemunho dos outros e concordar com eles quando fala. Acontece, porém, que só a vós sucede que não coincidis nem em vossa maneira de falar.

Com efeito, os dórios não falam como os atenienses, nem os cólios pronunciam como os jônios. Havendo, pois, tão grande discussão entre vós onde não deveria existir, eu me acho em dúvida sobre a quem deveria dar o nome de grego. O mais estranho de tudo é que favoreceste expressões não castiças e, abusando de palavras bárbaras, transformastes a vossa fala numa verdadeira algaravia. Por isso renunciámos à vossa sabedoria, por mais que algum de nós tenha sido extremamente ilustre nela. De fato, segundo o cômico, tudo isso não passa de “galhos secos, palavrório afetado, escolas de andorinhas, corruptores da arte”, e os que se deixam dominar por isso sabem apenas roncar e emitir grasnados de corvos. A retórica que compusestes para a injustiça e a calúnia, vendendo a peso de ouro a liberdade de vossos discursos, e muitas vezes o que de imediato vos parece justo, logo o apresentais como coisa não boa; a poesia, porém, vos serve para cantar as lutas, os amores dos deuses, e a corrupção da alma.

## *Zombaria contra os filósofos*

2. Com a vossa filosofia, o que produzistes que mereça respeito? Quem, dos que passam pelos mais notáveis ficou isento de arrogância? Diógenes, com a bravata do seu barril, ostentava a sua independência; depois comeu um polvo cru e, atacado por cólicas, morreu de intemperança; Arístipo, passeando com o seu manto de púrpura, entregava-se à dissolução mantendo a aparência de gravidade; Platão, com toda a sua filosofia, foi vendido por Dioniso por causa de sua glotonaria. Aristóteles, que nesciamente estabeleceu limites para a providência e definiu a felicidade pelas coisas de que ele gostava, agradava muito depressa o rapaz louco Alexandre que, por certo muito aristotelicamente, colocou numa jaula um amigo seu porque este não quis adorá-lo, e o levava em todo lugar como um urso ou um leopardo. Ao menos obedecia fielmente aos preceitos do seu mestre, mostrando o seu valor e a sua virtude nos banquetes, e atravessando com a sua lança o mais íntimo e querido de seus amigos, depois chorando e negando-se a comer para fingir tristeza, a fim de não atrair o ódio dos seus.

Também poderia rir-me dos que até agora seguem as doutrinas de Aristóteles que, afirmando que as

coisas aquém da lua carecem de providência, apesar de estarem mais perto da terra do que a lua e mais baixo do que o curso desta, elas provêm o que a providência não alcança; os que não têm beleza, nem riqueza, nem força corporal ou nobreza de origem, segundo Aristóteles também não possuem felicidade. Que estes continuem filosofando.

**3.** Não posso aprovar Heráclito, quando diz: “Eu ensinava a mim mesmo”, por ser autodidata e também soberbo. Nem o louvaria por ter escondido o seu poema no templo de Ártemis, para que depois a sua edição ficasse envolta em mistério. Os que se interessam por essas questões dizem que o poeta trágico Eurípedes foi lá, leu o livro e propagou de memória e com todo empenho as trevas de Heráclito. Mas o que pôs em evidência a sua ignorância foi o modo como morreu: atacado de hidropisia, e tratando a medicina como a filosofia, envolveu-se com estrume de boi e, quando este endureceu, produziu convulsões em todo o seu corpo e ele morreu de espasmo. Também se deve rejeitar Zenão, quando ele afirma que por meio da conflagração universal os mesmos homens ressuscitarão para as mesmas ações: Amito e Meleto para acusar Sócrates; Busíris para matar seus hóspedes e Herácles para repetir seus trabalhos. Na hipótese da conflagração, Zenão admite mais maus do que bons, pois houve apenas um Sócrates e um Herácles e outros do mesmo tipo, que sempre foram poucos e não muitos. Segundo ele, sempre haverá mais maus do que bons, e o próprio Deus aparecerá como autor do mal ao ter que morar em cloacas, entre vermes e malfeitores.

Quanto à charlatanice de Empédocles, as erupções da Sicília demonstraram que, não sendo deus, ele mentia dizendo que o era. Também me rio dos contos de velha de Ferecides e de Pitágoras, que herda a sua doutrina, e de como Platão, embora alguns não o queiram, imita um e outro. De fato, quem aprovaria o casamento de cão de um Crates e não, de preferência, rejeitando a grande charlatanice de seus seguidores, voltará a procurar o que é verdadeiramente bom? Não vos deixeis, portanto, arrastar por esses bandos de pessoas que gostam mais do barulho do que do saber e que dogmatizam coisas contraditórias, cada um dizendo o que lhe vem à boca. São muitos os choques que acontecem entre eles, pois um odeia o outro, criando doutrinas opostas por pura fanfarronice, desejando postos eminentes. Seria melhor que, não se antecipando à realeza, não adulassem os que mandam, mas esperasse que os grandes se aproximassem deles.

### *Contra o culto imperial e a idolatria*

**4.** Gregos, por que vos empenhais, como em uma luta de pugilato, para que as leis do Estado se choquem contra nós? Se eu não quero submeter-me a certos costumes, por que tenho que ser odiado como ser mais abominável? O imperador manda que lhe paguem tributos, e eu estou disposto a pagá-los; meu amo me ordena que lhe obedeça e o sirva, e eu reconheço a minha servidão. De fato, ao homem se deve honrar humanamente; temer, porém, só se deve temer a Deus, que não é visível por olhos huma-nos, nem compreensível por qualquer arte. Não estou dis-posto a obedecer, somente se me mandam negar a Deus; prefiro morrer, para não ser condenado como embusteiro e ingrato.

Nosso Deus não tem princípio no tempo, pois só ele é sem princípio e, ao mesmo tempo, princípio de todo o universo. Deus é espírito, mas não aquele que penetra a matéria, e sim o criador dos espíritos materiais e das formas da própria matéria; sendo invisível e intangível, ele é o pai das coisas sensíveis e visíveis. Conhecemo-lo através da criação e compreendemos o invisível do seu poder através de suas criaturas. Não quero adorar a obra que, por amor a mim, foi feita por ele. Como declararei deuses a madeira e as pedras? Porque o próprio espírito que penetra a matéria, sendo como é inferior ao espírito divino e assimilado como está à matéria, não deve ser honrado do mesmo modo que o Deus perfeito. Também não devemos pretender ganhar com presentes o Deus que não tem nome, pois aquele que de nada necessita, não deve ser rebaixado por nós à condição de um

necessitado. Quero expor com mais clareza a nossa doutrina.

### *A geração do Verbo por participação*

5. Deus existia no princípio, mas nós recebemos da tradição que o Princípio é a potência do Verbo. Com efeito, o Senhor do universo, que é por si mesmo o sustentáculo de tudo, enquanto a criação não tinha ainda sido feita, estava só. Mas enquanto estava com ele toda a potência do visível e invisível ele próprio sustentou tudo consigo mesmo, por meio da potência do Verbo. Por vontade de sua simplicidade sai o Verbo e o Verbo, que não cai no vazio, gera a obra primogênita do Pai. Sabemos que ele é o princípio do mundo, mas produziu-se não por divisão, e sim por participação. De fato, o que se divide, fica separado do primeiro, mas o que se faz por participação, tomando caráter de uma dispensação, não deixa em falta aquilo de onde se toma. Da mesma forma que de uma só tocha se acendem muitos fogos, mas o fato de acender muitas tochas não diminui a luz da primeira, assim também o Verbo, procedendo da potência do Pai, não deixou sem razão aquele que o havia gerado. É assim que eu mesmo estou falando e vós me escutais e certamente não porque a minha palavra passe a vós eu fico vazio de palavras ao conversar convosco. Ao emitir a minha voz, eu me proponho ordenar a matéria que está desordenada em vós. Da mesma forma que o Verbo, gerado no princípio, depois de fabricar a matéria, gerou por sua vez ele próprio para si mesmo a nossa criação, também eu, regenerado à imitação do Verbo e compreendido que tenho a verdade, trato de organizar a confusão da matéria cuja origem participo. Com efeito, a matéria não é sem princípio como Deus, nem por ser princípio é igual a Deus em poder, mas foi criada e não foi criada por outro, e sim por aquele que é criador de todas as coisas.

### *Cremos na ressurreição e no julgamento*

6. Por isso, também cremos que acontecerá a ressurreição dos corpos depois da consumação do universo, não como dogmatizam os estóicos, segundo os quais as mesmas coisas nascem e perecem depois de determinados períodos cíclicos, sem utilidade nenhuma, mas de uma só vez. Totalmente acabados os tempos que vivemos, dar-se-á a reintegração de todos os homens por razão do julgamento. Então seremos julgados não por Minos ou Radamante, antes de cuja morte, como dizem os mitos, nenhuma alma era julgada, mas o juiz é o próprio Deus que nos criou. Por mais que nos considereis charlatães e palhaços, nada disso nos importa, depois que cremos nesta doutrina. Com efeito, do mesmo modo como, não existindo antes de nascer, eu ignorava quem eu era e só subsistia na substância da matéria carnal — mas uma vez nascido, eu, que antes não existia, acreditei em meu ser pelo nascimento — assim também eu, que existi e que pela morte deixarei de ser e outra vez desaparecerei da vista de todos, novamente voltarei a ser como não tendo antes existido e portanto nasci. Mesmo que o fogo destrua a minha carne, o universo recebe a matéria evaporada; se me consumo nos rios ou no mar, ou sou despedaçado pelas feras, permaneço depositado nos tesouros de um senhor rico. O pobre ateu desconhece esses depósitos, mas Deus, que é rei, quando quiser, restabelecerá em seu ser primeiro a minha substância, que é visível apenas para ele.

### *A obra do Verbo: criação dos homens e dos anjos*

7. O Verbo celeste, espírito que vem do Espírito e Verbo da potência racional, à imitação do Pai que o gerou, fez o homem imagem da imortalidade, a fim de que, como em Deus existe a incorruptibilidade, assim o homem, participando da porção de Deus, possua o ser imortal. Entretanto, o Verbo, antes de criar os homens, foi artífice dos anjos, e algumas criaturas foram feitas livres, sem ter em si a natureza do bem (que não existe senão em Deus), mas que se realiza através dos homens,

graças à liberdade de escolha. Desse modo, o mau é castigado justamente, pois se tornou mau por sua própria culpa; o justo é merecidamente louvado por suas obras, pois não transgrediu a vontade de Deus, embora por seu livre-arbítrio pudesse fazer isso. Essa é a nossa doutrina sobre os anjos e os homens.

Todavia, como a virtude do Verbo tem em si a presciência do futuro, não por fatalidade do destino, mas por livre determinação dos que escolhem, predisse os acontecimentos futuros, freou a maldade por suas proibições e louvou os que perseveraram no bem. Aconteceu, porém, que os homens e os anjos seguiram e proclamaram Deus àquele que, por ser criatura primogênita, superava os demais em inteligência, justamente ele que se havia revelado contra a lei de Deus. Então a virtude do Verbo negou a sua convivência não só ao que se tornara cabeça desse louco orgulho, mas também a quantos o haviam seguido. E o homem, que tinha sido criado à imagem de Deus, apartando-se dele o espírito mais poderoso, tornou-se mortal e aquele que fora primogênito, por sua transgressão e insensatez, foi declarado demônio, e os que imitaram suas fantasias se transformaram no exército dos demônios que, por razão de seu livre-arbítrio, foram entregues à própria perversidade.

### *Contra o destino e os deuses*

**8.** O objeto da perversão deles são os homens, pois, mostrando-lhes, como os jogadores de dados, uma tábua com a descrição da posição dos astros, introduziram o destino, “império” extremamente injusto, porque foram produzidos conforme o destino tanto o que julga como aquele que é julgado; os que assassinam e os que são assassinados, os ricos e os pobres, todos são gerados pelo próprio destino; e todo nascimento, como no teatro, provoca prazer para aqueles entre os quais, como diz Homero: “Gargalhada inextinguível se levantou entre os deuses afortunados”.

Os que estão contemplando a luta corpo a corpo, quando um favorece a outro, e aquele que se casa e corrompe os jovens, adultera e ri, irrita-se, foge e é ferido, de que modo não será considerado mortal? Com efeito, pelas mesmas ações com as quais os deuses mostraram aos homens de que natureza eram, incitaram aqueles que as ouviram a praticar coisas semelhantes. Não é assim que os próprios demônios, com seu capitão Zeus à frente, caíram também sob o destino, ao serem dominados pelas mesmas paixões que os homens? Por outro lado, como honrar aqueles entre os quais existe tal contrariedade de pareceres? De fato, Rea, a quem os habitantes das montanhas da Frígia chamam Cibele, por causa de seu querido Átis, erigiu em lei a mutilação dos órgãos viris; Afrodite, em troca, se compraz nos braços do matrimônio; Ártemis entrega-se à magia; Apolo, à medicina. Depois de cortada a cabeça de Gorgo, a querida de Posêidon, da qual brotou o cavalo Pégaso e Crisador, Atena e Asclépio repartiram as gotas de sangue; com elas, Asclépio curava e Atena, com as mesmas gotas, transformou-se em assassina de homens. Creio que os atenienses, não a querendo desonrar, atribuem o fruto de sua união com Hefesto à terra, para que não se pense que, como aconteceu com Atalanta e Meleagro, também Atena tenha sido privada de sua honradez, por Hefesto. Com efeito, é natural que o coxo de ambos os pés, que fabrica broches e braceletes flexíveis, seduzira com esses adornos femininos a menina sem pai e órfã; Posêidon é navegante; Ares se compraz nas guerras; Apolo tange a cítara; Dioniso é tirano dos tebanos; Crono é tiranicida; Zeus se une com sua própria filha e esta concebe de seu pai. Agora me dará testemunho Elêusis, a serpente mística e Orfeu, que grita: “Fechai as portas aos profanos”.

Aidoneo rapta Coré e seus feitos se transformaram em mistérios. “Deméter chora sua filha”, e muitos se deixam enganar pelos atenienses. No sagrado recinto do filho de Leto há um ponto que se chama o Umbigo e o Umbigo é a sepultura de Dioniso. Agora, louvo a ti, Dáfne, que depois de vencer a intemperança de Apolo, confundiste a sua arte divinatória, pois não sabendo de antemão o que seria

de ti, de nada lhe serviu a sua arte. Diga-me agora o Flecheiro certo como Zéfiro matou Jacinto. Zéfiro o venceu. Apesar de o trágico dizer: “A aura é o carro mais glorioso dos deuses”, vencido por uma leve aura, perdeu o seu querido.

### *Somos superiores ao destino*

**9.** Tais são os demônios que definiram ou fixaram o destino numa tábua, e seu primeiro elemento foi a descrição dos animais. Com efeito, aqueles que se arrastam pela terra, os que nadam nas águas e os que andam de quatro pelos montes, com os quais eles passaram a vida ao serem expulsos da vida do céu; a todos esses consideraram dignos da honra celeste, em parte para fazer crer que eles ainda vivem no céu, e em parte para justificar como racional, através de sua colocação nas estrelas, a conduta irracional que tinham sobre a terra. Dessa forma, o colérico e o sofrido, o temperante e o intemperante, o pobre e o rico dependem dos demônios que estabeleceram a lei do seu horóscopo. Com efeito, a configuração do círculo do Zodíaco é obra de seus deuses e a luz de um deles, quando predomina, triunfa sobre todos os outros, embora aquele que agora foi derrotado costume, mais adiante, vencer. Mas os que se divertem com eles são os sete planetas, como aqueles que jogam os dados. Nós, porém, somos superiores ao destino e, ao invés de demônios errantes, reconhecemos um só Senhor inerrante, e aqueles de nós que são conduzidos pelo destino, rejeitaram aqueles que estabeleceram suas leis. Por Deus, diga-me: “Triptólemo semeou o trigo e depois de seu luto Deméter se transforma em benfeitora dos atenienses? Então, por que, antes de perder a sua filha, ela não foi benfeitora dos homens? No céu se mostra o cão de Erígona, o escorpião que ajudou Ártemis, a metade da nave Argos, o centauro Quíron, e o urso de Calisto. Então, como é que o céu estava sem ornamento antes que todos esses ocupassem seus postos? A quem não parecerá ridículo que a letra delta se tenha colocado entre os astros, segundo alguns por causa da forma da Sicília e, segundo outros, por ser o primeiro elemento do nome de Zeus? Então, por que Sardenha e Chipre não são honradas no céu? Por que não se colocaram também entre os astros os monogramas dos irmãos de Zeus, que com ele repartiram os reinos? Por fim, de que modo Cronos, que foi acorrentado e expulso do seu reino, foi constituído administrador do destino? Como pode dar reinos aquele que já não é rei? Deixai, pois, tanta igno-rância e não cometai uma iniquidade, odiando-nos injustamente.

### *As metamorfoses dos deuses*

**10.** Atribuem-se aos homens transformações fabulosas, mas entre vós até os deuses se transformam. Rea se transforma em árvore e, por causa de Persífone, Zeus se transforma em serpente; as irmãs de Faetonte em choupos, e Leto num animal vil, codorniz, pela qual a atual Delos se chama Ortígia. Por tua vida, diga-me: Deus se transforma em cisne, toma a forma de águia e, para ter Ganimedes como copeiro, se orgulha de sua pederastia? Como posso cultuar deuses que se deixam subornar pelos presentes e que se irritam quando não os recebem? Que eles se acertem com o destino, porque eu não estou disposto a adorar os planetas. Que significam essas madeixas de Berenice? Onde estavam as estrelas de sua constelação antes de ela morrer? De modo que Antínoo, um belo rapaz, foi colocado na lua depois de morto? Quem o levou até lá? Certamente também a este, como aos imperadores, alguém que se ria dos deuses disse, com perjúrio pago, que o havia visto subir ao céu, e foi acreditado e, por ter feito Deus semelhante a si mesmo, foi tido como merecedor de honra e prêmio. Com que direito despojastes o meu Deus? Por que desonrais a sua criação? Matas uma ovelha e depois a adoras. O touro está no céu e degolas a sua imagem. O Ingenículo procura exterminar um animal nocivo e, em troca, tributa honra à águia, que devora Prometeu, plasmador do homem. O cisne é formoso por ter sido adúltero, formosos também são os Dióscuros, raptos das filhas de Leucipo,

que alternam um em cada dia da vida. Melhor é Helena, que abandonou Menelau, de cabelos loiros, e seguiu Páris, rico em ouro e mitrado; justo e discreto, foi ele que transportou essa prostituta para os Campos Elísios. Porém não, tampouco a filha de Tindaro foi tornado imortal, com razão Eurípedes encenou a morte de tal mulher, levada a cabo por Orestes.

### *Intransigente afirmação de independência*

**11.** Portanto, como vou reconhecer o horóscopo do nascimento, quando vejo tais administradores do destino? Sou eu que não quero ser rei; sou eu que não busco a riqueza, recuso o comando militar, odeio a fornicção, não me dedico à navegação levado por cobiça insaciável, não sou atleta para ser coroado, fujo da vanglória, desprezo a morte, coloco-me acima de qualquer doença, não deixo que a tristeza consuma a minha alma; sou eu que, sendo escravo, suporto a escravidão ou, sendo livre, não me orgulho de minha nobreza. Vejo que apenas um é sol para todos e que também existe uma só morte, ora através do prazer, ora através da indigência. O rico semeia e o pobre participa da mesma colheita; os ricos morrem e os mendigos têm o mesmo fim da vida. Os ricos e os que, por sua aparente glória, conseguem as honras necessitam de muitas coisas; mas o pobre e modesto, que não deseja mais do que está a seu alcance, consegue isso com mais facilidade. Para que passar a noite em vigília, cumprindo teu destino através da avareza? Para que, para cumprir teu destino, mil vezes preso de teus instintos, mil vezes morrer? Morre para o mundo renunciando à tua loucura. Vive para Deus, recusando, através do teu conhecimento, teu velho horóscopo. Nós não fomos criados para a morte, mas morremos por nossa própria culpa. A liberdade nos deixou; nós que éramos livres, nos tornamos escravos; fomos vendidos pelo pecado. Deus não fez nada mau; fomos nós que produzimos a maldade; nós que a produzimos, porém somos também capazes de recusá-la.

### *Duas espécies de espíritos*

**12.** Conhecemos duas espécies de espíritos: um, que se chama alma, e outro que é superior à alma, por ser imagem e semelhança de Deus. Um e outro existiam nos primeiros homens, para que, de um lado, fossem materiais e de outro, superiores à matéria. A coisa se explica assim: é fácil de constatar que toda a construção do mundo e a criação inteira é feita de matéria e que a própria matéria foi produzida por Deus. Deve-se pensar que, antes que os elementos dela fossem separados, a matéria era indefinida e informe, mas ficou ordenada e bela depois da divisão. Portanto, o céu é de matéria e também suas estrelas; a terra e todo vivente que é produzido sobre ela têm a mesma constituição, de modo que o nascimento de todos é comum. Embora isso seja assim, há certas diferenças nas coisas materiais, de maneira que algumas são particularmente belas; embora também sejam belas, são inferiores a belezas superiores. O corpo é de constituição única e a causa de sua existência é a mesma, e mesmo sendo assim, existem nele diferenças de glória. De fato, um é o olho, outra a orelha, outro o ornamento dos cabelos, a disposição das entranhas, a junção das medulas, os ossos e os nervos. Contudo, mesmo uma parte sendo diferente da outra, existe harmonia entre elas por causa da dispensação de concórdia. De maneira semelhante, também o mundo, segundo o poder de quem o fez, tem alguns elementos mais esplêndidos e outros menos e, por vontade de seu Criador, recebeu parte do espírito material. Isso será possível ser entendido em pormenores a quem, de maneira vã, não despreze os diviníssimos ensinamentos que, conforme os tempos, foram postos por escrito e que tornaram absolutamente gratos a Deus os que lhes deram atenção.

Igualmente, também os que vós mesmos chamais de demônios, por terem a constituição da matéria e possuírem espírito que dela procede, converteram-se em luxuriosos e gulosos. De fato, só alguns deles se dirigiram para o mais puro, enquanto outros escolheram o inferior da matéria e tiveram

conduta conforme a ela. Gregos, estes são aqueles que vós adorais, apesar de terem sido feitos de matéria e se encontrarem muito distantes de qualquer disciplina. Com efeito, os supracitados, entregues à vanglória pela sua estupidez, soltas todas as rédeas, decidiram ser salteadores da divindade. Mas o Senhor do universo os deixa entregues à própria soberba até que o mundo, chegado a seu termo, se dissolva e venha o juiz, e todos os homens que, após a rebelião dos demônios, aspiraram ao conhecimento do Deus perfeito recebam no dia do julgamento o mais perfeito testemunho, por causa de seus próprios combates.

Portanto, existe espírito nas estrelas, espírito no anjos, espírito nas plavras, espírito nos homens, espírito nos animais; no entanto, sendo um e o mesmo, contém em si diferenças. E nós dizemos isso não só com a língua, nem por meras razões verossímeis, nem por especulações e confusão sofista, mas valendo-nos de discursos de grande expressão divina. Vós que desejais aprender, apressai em aproximar-vos. E vós que não desdenhais nem mesmo o cita Anarcasis, não desdenheis também em ser instruídos por aqueles que professam uma religião bárbara. Fazei de nossa doutrina pelo menos o uso que fazeis da mântica babilônia; escutai-nos pelo menos como escutais o carvalho fatídico, embora tudo isso seja invenção de demônios extraviados. Contudo, as doutrinas de nossa ciência estão além da compreensão mundana.

### *Por si, a alma não é imortal*

**13.** Gregos, a nossa alma não é imortal por si mesma, mas mortal; ela, porém, é também capaz de não morrer. Com efeito, ela morre e se dissolve com o corpo se não conhece a verdade; ressuscita, porém, novamente com o corpo na consumação do tempo, para receber, como castigo, a morte na imortalidade. Por outro lado, não morre, por mais que se dissolva com o corpo, se adquiriu conhecimento de Deus. Porque, de si, a alma é treva e nada de luminoso há nela, e é isso o que sem dúvida significam as palavras: “As trevas não apreenderam a luz”. Não é a alma que salva o espírito, mas é salva por ele, e a luz apreendeu as trevas, no sentido que o Verbo é a luz de Deus e a alma ignorante é treva. Por isso, quando vive só, inclina-se para a matéria, morrendo juntamente com a carne, mas formando parêntese com o espírito de Deus, já não carece de ajuda e se ergue às regiões onde o Espírito a guia. De fato, a morada do Espírito está no alto, mas a origem da alma é embaixo. Originariamente, o espírito habitava junto com a alma, mas, não querendo segui-lo, o espírito a abandonou e ela, que conservava como que um resplendor de seu poder, mas pela separação já não era capaz de contemplar o perfeito, na sua busca de Deus, representou para si, por extravio, uma multidão de deuses, seguindo aos demônios enganadores. O espírito de Deus, porém, não está em todos os homens, mas somente desce para alguns que vivem justamente e, estreitamente abraçado à alma, anuncia, por meio de predições, o escondido para as demais almas. E aquelas que obedecem à sabedoria, atraem para si mesmas o espírito que lhes é congênito. Todavia, as que não obedecem, mas recusam aquele que é mensageiro do Deus que sofreu, mostram-se almas que fazem guerra a Deus, e não são religiosas.

### *O castigo eterno dos demônios*

**14.** Também vós sois assim, gregos, elegantes no falar mas loucos no pensar, pois chegastes a preferir a soberania de muitos deuses em vez da monarquia de um só Deus, como se acreditásseis estar seguindo demônios poderosos. Com efeito, assim como os salteadores, por sua desumanidade, costumam audaciosamente dominar os seus semelhantes, também os demônios, depois de fazer as vossas almas abandonadas se desviarem no lodaçal da maldade, as enganaram por meio de ignorâncias e fantasias. É fato que eles não morrem facilmente, pois não têm carne; mas, vivendo,

praticam ações de morte, e também eles morrem tantas vezes quantas ensinam a pecar aqueles que os seguem. Portanto, a vantagem que agora têm sobre os homens, isto é, não morrer de modo semelhante a eles, esse mesmo fato lhes será mais amargo quando chegar a hora do castigo, pois não terão parte na vida eterna participando dela, em lugar da morte na imortalidade. E como nós, para quem morrer é agora um acidente tão fácil, receberemos depois a imortalidade junto com o gozo, ou a pena junto com a imortalidade, também os demônios que abusam da vida presente para pecar a todo momento, e que durante a vida estão morrendo, terão depois a mesma imortalidade que os homens que deliberadamente realizaram tudo o que eles lhes impuseram como lei durante o tempo em que viveram. Não digamos nada sobre o fato de que, entre os homens que os seguem, aconteceu menos espécies de pecados por não viverem longo tempo, enquanto nos citados demônios o pecado se prolonga muito mais, em razão do tempo indefinido da sua vida.

### *O que é o homem propriamente*

**15.** É preciso, portanto, que daqui para a frente busquemos novamente aquilo que já tivemos e perdemos: unir a nossa alma com o espírito santo e cuidarmos para que ele forme uma parceria com Deus. Entretanto, a alma dos homens compõe-se de muitas partes, e não de uma só; ela é composta, de modo que se manifesta por meio do corpo. Com efeito, nem a alma poderia por si mesma jamais se manifestar sem o corpo, e nem a carne ressuscita sem a alma. O homem não é, como dogmatizam os que têm voz de gralhas, animal racional, capaz de inteligência e ciência, pois, segundo eles, pode-se demonstrar que também os irracionais são capazes de inteligência e ciência. Contudo, só o homem é imagem e semelhança de Deus, e chamo homem não ao que realiza ações semelhantes aos animais, mas àquele que, indo além da humanidade, chega até o próprio Deus. Esse ponto já foi mais tratado mais em pormenores por nós em nosso *Sobre os animais*. O que agora nos interessa dizer é que natureza é a imagem e semelhança de Deus. O incomparável não é outra coisa que o ser em si mesmo, e o que se compara também não é outra coisa que o ser parecido. O Deus perfeito está isento de carne; o homem, porém, é carne; o vínculo da carne é a alma e o que a alma retém é a carne. E se tal espécie de constituição funciona como templo, Deus quer nele habitar por meio do Espírito, que é o seu legado; mas se não é tal santuário, o homem não se avantajaria aos animais a não ser por sua voz articulada; no restante, não sendo imagem de Deus, a sua vida não se diferencia da deles. Os demônios, porém, não têm carne, mas possuem estrutura espiritual, como a do fogo ou do ar. É por isso que os corpos dos demônios são visíveis apenas para aqueles que são dotados do espírito de Deus; para os outros, isto é, para os psíquicos, de modo nenhum, pois o inferior não tem força para compreender o superior. Esta é, portanto, a razão pela qual a essência dos demônios não admite lugar para a penitência, pois são reflexos da matéria e da maldade, e a matéria quis dominar a alma; e, conforme o seu livre-arbítrio, os demônios deram aos homens leis de morte; mas os homens, depois de perderem a imortalidade, com sua morte pela fé, venceram a morte e, por meio da penitência, foi-lhes outorgado o dom de uma nova vocação, conforme a palavra que diz: “Pois por um pouco de tempo foram tornados inferiores aos anjos”. De fato, é possível para todo aquele que foi vencido vencer por sua vez, contanto que rejeite a constituição da morte, e qual seja esta é fácil de ver para aqueles que desejam a imortalidade.

### *A possessão não vem das almas*

**16.** Os demônios que dominam os homens não são as almas dos mortos. Com efeito, como podem ser capazes de agir depois de mortos? A não ser que creiamos que, enquanto vive, um homem é ignorante e impotente e, depois que morre, recebe daí para a frente um poder mais eficaz. Isso, porém, não é



assim, como já demonstramos em outro lugar, nem é fácil compreender como a alma imortal, impedida pelos membros do corpo, se torne mais inteligente quando se separa dele. Não. São os demônios aqueles que, por sua maldade, se enfurecem contra os homens e, com variadas e enganosas representações, desviam os pensamentos dos homens, já por si inclinados para baixo, a fim de torná-los incapazes de empreender a sua marcha de ascensão para os céus. Mas nem a nós ficam ocultas as coisas do mundo nem a vós será difícil compreender as divinas, contanto que chegue até vós a potência do Verbo que imortaliza a alma.

Mas os demônios também são vistos pelos psíquicos, quando eles se mostram a si mesmos para os homens, seja para serem considerados, seja para lhes causar algum dano como a inimigos — pois são amigos de muito más intenções —, seja, finalmente, a fim de procurar pretexto para o seu culto aos que lhes são semelhantes. Se estivesse em seu poder, eles, sem dúvida, poriam o céu abaixo junto com toda a criação; se agora não fazem isso é porque não podem; mas com a matéria inferior fazem guerra à matéria que é semelhante a eles. Quem, portanto, quiser vencê-los, rejeite a matéria, pois, armado com a couraça do espírito celeste, será capaz de salvar tudo o que por ela foi recoberto.

Existem também doenças e rebeliões em nossa própria matéria, e os demônios, quando nos sobrevêm a dor, atribuem a si mesmos as causas delas. Há também vezes em que eles próprios, por causa da tempestade da sua própria maldade, agitam o estado do nosso corpo, mas, feridos pela palavra do poder de Deus, saem temerosos, e o doente fica curado.

### *As doenças vêm dos demônios*

**17.** O que vamos dizer das simpatias e antipatias de Demócrito, a não ser que, conforme o dito popular, esse homem de Abdera fala abderiticamente? E como aquele que deu nome à cidade que, segundo dizem, era amigo de Herácles, foi devorado pelos cavalos de Diomedes; de modo semelhante, aquele que se gloria do sábio Ostanês, no dia da consumação será entregue como pasto do fogo eterno. E vós também, se não puserdes fim ao vosso riso, sofrereis os mesmos castigos que os feiticeiros. Por isso, ó gregos, escutai-me! Eu vos grito como que do céu, e não queirais com vossas zombarias voltar à vossa falta de razão contra o arauto da verdade. Não há doença que possa ser expulsa por meio da antipatia, nem louco que se cure amarrando-se com tiras de couro. São ataques dos demônios, e aquele que está doente, aquele que diz estar enamorado, aquele que odeia, aquele que quer se vingar, são tomados como auxiliares. A maneira do seu artifício é a seguinte. Os caracteres das letras e das linhas por elas formadas não podem por si mesmas expressar o sentido da frase, mas são sinais que os homens inventaram para expressar seus pensamentos; é preciso conservar a ordem das letras, conhecendo por sua posição o sentido que lhes foi determinado. Do mesmo modo, nas variedades de raízes, nem as receitas de nervos e ossos têm alguma eficácia por si mesmas, mas são símbolos da maldade dos demônios, os quais determinaram que tenha força cada uma dessas coisas. Vendo que os homens aceitam o serviço que tais meios lhes proporcionam, atribuindo-o a si mesmos, fazem dos homens seus escravos. Mas como pode ser bom colocar-se a serviço de adultérios? Como pode ser honroso que alguns corram em auxílio daqueles que odeiam? Como pode ser moral atribuir a cura dos loucos à matéria e não a Deus? Toda a sua astúcia se orienta para apartar os homens da religião, fazendo-os crer em ervas e raízes. E o próprio Deus, se tivesse ordenado essas coisas, para fazer o que os homens desejam, seria autor de ações más; todavia, como ele é autor de tudo o que de qualquer forma é bom, e a intemperança dos demônios abusa das coisas do mundo para fazer mal, também a eles deve ser atribuída essa espécie de maldade, e não ao Deus perfeito. De fato, como é possível que, não tendo eu sido absolutamente mau

enquanto vivi, os meus restos, depois de morto, sem eu fazer nada, os meus restos, que já não se movem nem sentem, realizem alguma coisa sensível? Como aquele que morreu com a mais desastrosa morte poderá ajudar alguém a se vingar? Com efeito, se fosse capaz, muito melhor vingaria a si mesmo contra o seu próprio inimigo, pois aquele que pode ajudar a outros, com muita maior razão poderá fazer justiça a si mesmo.

### *A cura vem de Deus*

**18.** A arte dos medicamentos, em todas as suas espécies, tem a mesma artimanha. Com efeito, se alguém se cura por meio da matéria, crendo nela, curar-se-á muito melhor dirigindo-se ao poder de Deus, pois da mesma forma que os venenos são composições materiais, da mesma natureza são também os medicamentos curativos. Contudo, até quando rejeitamos a matéria claramente má, não faltarão muitas vezes pessoas que se dediquem a curar, misturando algo mau com o que é bom e, definitivamente, até para fins bons, valem-se de meios maus. Assim como aquele que se assenta para comer com um ladrão, ainda que não o seja, todavia, pelo fato de participar de sua mesa, participa também de seu castigo, da mesma forma, aquele que sem ser mau se mistura com o mau e o emprega para um suposto bem, será castigado por essa comunicação pelo mesmo Deus que julga o mau. E por que razão aquele que crê na dispensação da matéria não quer acreditar em Deus? Por que não recorres ao Senhor mais poderoso e te curas a ti mesmo, como o cão com as ervas, o cervo pela víbora, o porco por meio dos caranguejos dos rios e o leão pelos macacos? Por que divinizas os elementos do mundo? Por que, ao curar o teu próximo, és chamado de seu benfeitor? Segue a potência do Verbo. Os demônios não curam, mas com seus artifícios procuram escravizar os homens e, com razão, o admirável Justino disse que se assemelhavam aos bandidos. Com efeito, assim como estes têm por costume colher vivos alguns e depois os devolvem aos seus a preço de ouro, também esses su-postos deuses visitam os membros de alguns e depois, em vista de sua própria glorificação, por meio de sonhos, mandam que os enfermos se apresentem publicamente diante de todo mundo e, depois de ter recebido os lou-vores, saem voando dos enfermos e, pondo fim à doença que eles mesmos causaram, restituem os homens ao seu primeiro estado.

### *Desprezo hipócrita pela morte*

**19.** Vós, porém, que não tendes conhecimento dessas coisas, aprendei-as de nós, que as conhecemos, e terminai agora de apregoar que desprezais a morte e praticais a frugalidade. O fato é que vossos filósofos estão tão distantes de semelhante ascese, que alguns recebem anualmente do imperador romano seiscentas moedas de ouro, as quais não têm outra finalidade útil, nem mesmo para cortar gratuitamente a longa barba. Ao menos Crescente, que colocou o seu ninho na grande cidade, sobrepunha a todos em pederastia e não tinha outro objetivo além do dinheiro; ele que aconselhava a desprezar a morte, de tal maneira a temia, que maquinou dá-la a Justino e também a mim, como se fosse um mal, porque, pregando a verdade, ele desmascarava os filósofos como glutões e embusteiros. E quem tinha a obrigação de perseguir o filósofo, senão exatamente vós? Se dizeis, coincidindo com nossas doutrinas, que não se deve temer a morte, não morrais por vanglória humana, como Anaxarco, mas tornai-vos desprezadores da morte, por causa do conhecimento de Deus. De fato, a feitura do mundo é boa, mas a conduta que nele se leva é má, e é fácil ver como em mercado público aplaudis teatralmente aos que não conhecem a Deus. Com efeito, o que é a mântica? Como te deixas extraviar por ela? Ela é para ti ministra das cobiças que imperam no mundo. Queres fazer guerras, e tomas Apolo como conselheiro de tuas matanças. Queres raptar uma donzela, e te propões que a divindade venha em tua ajuda. Estás enfermo por tua culpa e, como Agamenon pedia dez

conselheiros, assim queres que outros tantos deuses estejam a teu lado. Uma mulher que bebe água enlouquece, e com os perfumes de incenso sai de si mesma, e tu dizes que ela adivinha. Apolo foi profeta e mestre de adivinhos e, no entanto, Dafne o enganou. Por tua vida, dize-me: Como é que um carvalho adivinha, pássaros predizem o futuro, e tu és inferior às plantas e pássaros? Portanto, seria bom que te convertesses em árvore fatídica e tomasses as asas dos habitantes do ar. Aquele que te torna avaro é o mesmo que te Vaticana como enriquecer-te; aquele que provoca sedições e batalhas, esse mesmo te profetiza a vitória na guerra. Se te tornasses superiores às tuas paixões, desprezarias tudo o que existe no mundo.

Nós somos assim, e não deveis odiar-nos; ao contrário, rejeitando os demônios, seguir somente aquele que é Deus. Tudo foi por ele, e nada foi feito sem ele; se no mundo criado existe algo nocivo, isso sobreveio por causa dos nossos pecados. Posso mostrar-vos toda a economia disso. Escutai-me, e aquele que crer o compreenderá.

### *As asas da alma*

**20.** Mesmo que te cures por medicamento (concedo-te isso apenas por cortesia), debes também dar testemunho a Deus. De fato, o mundo ainda nos arrasta para baixo, e por causa da minha fraqueza busco a matéria. As asas da alma são o espírito perfeito, e quando o pecado tirou-lhe o espírito, a alma ficou pairando como um pássaro implume, veio arrastar-se por terra e, por ter saído da convivência celeste, desejou a convivência das coisas inferiores. Com efeito, os demônios foram arrancados de sua morada, e nossos primeiros pais foram desterrados: aqueles foram expulsos do céu; estes da terra, mas não de uma terra como esta, e sim de uma outra de melhor constituição. É dever nosso, suspirando antecipadamente pelo primitivo, rejeitar tudo o que é impedimento para recuperá-lo. De fato, ó homem, o céu não é ilimitado, mas finito e limitado. Todavia, o que está além dele são *éons* ou tempos melhores, que não sofrem a variedade de estações, através das quais é produzida toda espécie de enfermidades. Aí se experimenta toda boa temperatura, dia que não tem fim e luz inacessível aos homens aqui debaixo. Aqueles que compuseram geografias ou descrições da terra nos deram a descrição dos diversos lugares, segundo a possibilidade do homem. Contudo, como não eram capazes de explicar os lugares além do céu, porque não são passíveis de observação, deliraram com fluxos e refluxos. Uns disseram que os mares eram cheios de algas, outros, cheios de barro; disseram que alguns lugares eram abrasados pelo calor, outros, gelados pelo frio. Nós, porém, aprendemos dos profetas o que ignorávamos; estes, persuadidos de que o espírito celeste, vestidura de nossa imortalidade, juntamente com a alma, um dia possuirá a imortalidade, predisseram o que as outras almas não sabiam. Entretanto, é possível a todo aquele que se despoja de si mesmo, possuir esse superenfeite do espírito e voltar ao primitivo parentesco com ele.

### *Não é loucura afirmar a encarnação*

**21.** Ó gregos, nós não estamos loucos, nem pregamos idiotices, quando anunciamos que Deus apareceu em forma humana. Vós, que nos insultais, comparai os vossos mitos com as nossas narrativas. Deífobo, como se conta, era a própria Atena, para enganar Heitor; através de Adureto, Apolo, o de vasta cabeleira, dedicou-se a apascentar bois de andar torto e, em forma de uma velha, apresentou-se a Semele, a mulher de Zeus. Como é que vós, entretendo-vos com tais cantos, podeis zombar de nós? O vosso deus Asclépio morreu, e aquele que numa só noite violou cinquenta donzelas em Tépias, morreu entregando-se como pasto das chamas. Prometeu, cravado no Cáucaso, sofre o castigo pelo benefício prestado aos homens. Segundo vós, Zeus é invejoso e manda um sonho enganador quando quer arruinar os homens. Portanto, olhai para os vossos próprios monumentos e

aceitai-nos, ao menos por inventar fábulas semelhantes às vossas. Nós não somos insensatos, mas a vossa religião é pura charlatanice. Se dizeis que os deuses têm origem, afirmais também que eles são mortais. Como é que Hera não concebe mais? Será que ela se tornou velha, ou não tendes quem vos anuncie? Crede em mim, ó gregos, e deixai de explicar alegoricamente os vossos mitos e deuses. De fato, se procurais levar a cabo tal intento, vossos deuses são destruídos não somente por nós, mas também por vós. Com efeito, ou os demônios entre vós são o que se diz que são e, neste caso, têm condição perversa; ou interpretados para significar outra coisa, já não são o que se diz. Eu não me persuadiria jamais a adorar a substância de elementos materiais, nem procuraria persuadir o meu próximo a isso. Metrodoro de Lâmpsaco, em seu livro sobre Homero, discute com farta insensatez, reduzindo tudo a alegoria. Aí ele diz que nem Hera, nem Atena, nem Zeus são o que pensam aqueles que levantam templos e recintos sagrados para eles, mas forças da natureza e ordenação dos elementos. Naturalmente direis que são da mesma natureza Heitor, Aquiles e o próprio Agamenon e, numa palavra, todos os gregos e bárbaros, juntamente com Helena e Páris, e que somente por causa da economia e disposição poética o poeta introduziu todas essas personagens, embora nenhuma delas tenha existido. Advirto que adiantei tudo isso por pura concessão, porque por si não é reverente comparar a nossa idéia de Deus com aqueles que se revolvem na lama da matéria.

### *A imoralidade do teatro*

**22.** Qual é a qualidade de vossas representações teatrais? Quem não zombará de vossos espetáculos públicos que, realizados com pretexto dos demônios perversos, conduzem os homens à desonra? Eu vi muitas vezes uma personagem e, vendo-a, admirei-me e, depois de me maravilhar, a desprezei, pois era uma por dentro e mentia por fora o que não era, extremamente efeminada e totalmente dissoluta; algumas vezes seus olhos brilhavam, outras vezes gesticulava agilmente com as mãos; ora fazia-se de louca com a sua máscara de barro, ora se convertia em Afrodite ou Apolo. Ela sozinha era a acusadora de todos os deuses, compêndio da superstição, caluniadora dos feitos dos heróis, representante de assassinios, intérprete de adultérios, depósito de loucuras, mestra de corrompidos, ocasião de condenações à morte. E tal homem que vi era por todos aclamado. Eu porém voltei as costas para aquele que em tudo era enganado: em seu ateísmo, em suas representações e em sua pessoa. Vós, porém, vos deixais arrebatado por tais pessoas e ultrajais os que não tomam parte em vossos entretenimentos. Não quero ficar de boca aberta quando um coro canta. Nem me dá vontade de me conformar aos gestos e movimentos contra a natureza. Que tipo de extravagância não se inventa e representa entre vós? Rouquejam e recitam indecências, praticam-se movimentos que não são lícitos, e vossas filhas e filhos contemplam os que dão aulas em cena sobre como cometer um adultério. São belas as vossas salas de audição que apregoam tudo de pecaminoso que se pratica no escuro da noite, e divertem os ouvintes com recitais de discursos desonestos. Bons também são os vossos poetas, embusteiros que com suas retóricas enganam aqueles que os escutam.

### *A luta de gladiadores*

**23.** Vi também homens fatigados pelos exercícios de treinamento que levavam por todo lugar o peso de suas carnes. A estes são propostos prêmios e coroas e os *agonotetas* ou organizadores de combates os incitam a competir não em alguma ação boa, mas na insolência e na luta, sendo coroado o que melhor golpeia. Esse é o menor mal; o mais grave quem não vacilará em explicá-lo? Existem aqueles que de tal maneira se entregaram à ociosidade, que por dissolução vendem-se a si mesmos para serem mortos; o pobre se vende a si mesmo e o rico compra os que devem matá-lo. Aí se assentam os espectadores, e os lutadores combatem corpo a corpo, sem nenhum objeto, e não há

ninguém que desça para ajudá-los. Por acaso são boas ações como essas que praticais? O homem proeminente entre vós reúne o exército de assassinos e anuncia publicamente que vai alimentar uma tropa de bandidos. Depois esses mesmos bandidos saem de sua casa e vós todos correis para o espetáculo, primeiro para serem juízes da maldade do *agonoteta*, e depois dos próprios gladiadores. E aquele que não pôde assistir à matança fica triste por não ter sido condenado a ser espectador de obras perversas e abomináveis. Sacrificais animais para comer a sua carne e comprais homens para infligir também à alma uma carnificina humana, saciando-a com os mais ímpios derramamentos de sangue. O salteador mata para roubar; o rico, porém, compra gladiadores somente para matar.

### *Novo ataque ao teatro*

**24.** Para que me serve esse ator que, na tragédia de Eurípides, representa, furioso, o matricídio de Alcmeon? Ele não preserva nem a sua própria figura, abre desmesuradamente a boca, brande a espada à direita e à esquerda, inflama-se em gritos e veste uma roupa que ninguém usaria. Que pereçam as fábulas de Hegesipo e de Menandro, versificador da mesma língua daquele. Por que ficaria eu boquiaberto diante do flautista mítico? Que falta me faz trabalhar, como Aristóxeno, pelo tebano Antigenides? Concedemo-vos todas essas inutilidades, em troca acreditai em nossas doutrinas ou, imitando-nos, deixai-nos em paz com elas.

### *Outra vez contra os filósofos*

**25.** O que é que os vossos filósofos fazem de grande e maravilhoso? Trazem um dos ombros desnudado, conservam sua longa cabeleira, cultivam sua bela barba, usam unhas de feras; fanfarroneiam que não têm necessidade de nada, quando, como Proteu, necessitam do curtidor por causa do alforje, do tecelão para o manto, do lenhador para o bastão, dos ricos e do cozinheiro para suas gulodices. Tu, homem que imitas o cão, não conheces a Deus e, por isso, vives imitando os irracionais: depois de proclamar aos gritos e publicamente com fingida seriedade, te constituís em vingador de ti mesmo; se não recebes, desatas em insultos, e a filosofia é para ti a arte do lucro. Tu segues as doutrinas de Platão, e aquele que faz sofismas conforme Epicuro opõe-se a ti com voz estridente. Queres ordenar tua conduta de acordo com Aristóteles, e um discípulo de Demócrito te cobre de injúrias. Pitágoras afirma ter sido Euforbo e é herdeiro da doutrina de Ferecides, enquanto Aristóteles nega a imortalidade da alma. Vós, entre os quais existem doutrinas contraditórias, combateis, discordando, contra os que são entre si concordes. Há quem diz que o Deus perfeito é corpo; eu, que é incorpóreo; que o mundo é indestrutível; eu, que é destrutível; que a conflagração universal acontece periodicamente; eu, que de uma só vez; que os juízes são Minos e Radamante; eu, que é o próprio Deus; que só a alma receberá a imortalidade; eu, que juntamente com ela também a carne. Gregos, em que vos prejudicamos? Por que odiais, como sendo os mais abomináveis, a nós que seguimos o Verbo de Deus? Entre nós não existe antropofagia; as informações que recebeis disso são falsos testemunhos. É entre vós que Pélope é preparado como ceia para os deuses, embora seja o querido de Posêidon; Cronos come seus próprios filhos e Zeus engole Métis.

### *Contra os gramáticos*

**26.** Basta de jatar-vos com discursos alheios e de adornar-vos, como a gralha, com plumas dos outros. Se cada cidade vos despojasse das expressões que lhe pertence, já teriam acabado todos os vossos sofismas. Procurando averiguar quem é Deus, desconheceis o que há em vós mesmos, e, olhando boquiabertos o céu, acabais caindo num poço. As contradições de vossos livros parecem um labirinto, e aqueles que os lêem se parecem com o tonel das Danaides. Para que dividis o tempo,

dizendo que uma parte é passado, outra presente e outra futuro? Como o futuro pode passar, se é o presente? Como os navegantes acreditam em sua ignorância, por causa do movimento acelerado do navio, que são os montes que correm, do mesmo modo sois vós que passais rapidamente, mas o tempo permanece parado, enquanto aquele que o fez quiser que exista. Por que, quando expondo minhas doutrinas, sou recriminado e pondeis todo empenho em aniquilar o que me pertence? Será que não nascestes de modo semelhante a nós e não participais da mesma ordenação do mundo? Como é que dizeis que só entre vós existe a sabedoria, se não tendes outro sol, nem outros astros que vos iluminem, nem origem diferente, nem morte melhor do que os outros mortais? O princípio de vossa charlatanice foram os gramáticos; vós, que partilhais a sabedoria, vos separastes da verdadeira sabedoria e repartistes entre os homens os nomes das partes dela; como não conheceis a Deus, aniquilais uns aos outros, fazendo-vos guerra mútua. Por isso, não sois nada entre todos; e vos apropriais das palavras, mas em seguida falais como um cego com um surdo. Para que tendes nas mãos instrumentos de construção, se não sabeis construir? Para que vos ergueis com as palavras, se estais longe das obras? Envaidecidos na glória, abatidos nas desgraças, irracionalmente abusais de vossas figuras retóricas. Em público, andais pomposos, mas escondes vossas doutrinas nos cantos. Ao dar-nos cabal conta de que assim sois, vos abandonamos e já não tocamos em coisa que é vossa, mas seguimos o Verbo de Deus. De fato, ó homem, que sentido tem desencadear a guerra das letras? Por que, como num pugilato, fazes chocar tuas pronúncias pelo sussuro dos atenienses, quando deverias falar de modo mais natural? Por que falas em ático, não sendo ateniense, dize-me, por que não falas em dórico? Por que este dialeto te parece mais bárbaro e aquele mais agradável para a conversação?

*Não se castiga a ninguém por causa do nome*

**27.** Se te aténs à instrução daqueles mestres de dialeto ático, por que me declaras guerra por escolher dentre o que se ensina as opiniões que quero? Com efeito, o que é mais absurdo do que não castigar um bandido pelo mero nome que lhe dão, antes de averiguar exatamente a verdade e, em troca, odiar-nos por uma preocupação caluniosa, sem nenhuma averiguação? Diágoras foi ateu e, embora divulgasse os mistérios que se praticam entre os atenienses, vós o honrastes e, enquanto ledes os seus discursos frígios, vós nos odiais. Tendo em vosso poder os *Comentários de Leonte*, vós vos irritais contra os vossos argumentos; correndo de mão em mão as opiniões de Apião sobre os deuses do Egito, vós vos proclamais como os homens mais ímpios. Entre vós mostra-se o sepulcro de Zeus olímpico, por mais que se diga que os cretenses mentem. A turma inteira de vossos muitos deuses não é nada e, mesmo quando Epicuro, o negador deles, vá à frente com sua tocha, eu não presto aos príncipes um culto superior a Deus. Não quero ocultar a minha concepção sobre o universo. Por que me aconselhas a dissimular a minha conduta? Como, professando o desprezo da morte, nos anuncias a maneira de evitá-la com esperteza? Eu não tenho coração de cervo; mas todo esse aparato dos vossos discursos é pura charlatanice de Persites. Como vou acreditar em alguém que me diz que o sol é uma massa incandescente e que a lua é terra? Tudo isso são jogos de palavras e não ordenação da verdade. Existe maior estupidez do que crer nos livros de Herodoro, em sua história de Herácles, na qual se fala de uma terra superior, de onde desceu o leão que foi morto por Herácles? De que me serve a dicção ática, os sorites dos filósofos, as conclusões verossímeis dos silogismos, as medidas da terra, as posições dos astros e os cursos do sol? Ocupar-se em averiguar essas coisas é obra daqueles que impõem suas próprias opiniões como lei.

*Contra a variedade das leis*

**28.** Por isso, condeno também as vossas leis. Deveria haver uma só constituição política comum para todos; agora, há tantas legislações quantas cidades existem, e assim acontece que o que entre uns é vergonhoso, entre outros é tido por honroso. Os gregos, por exemplo, pensam que se deve evitar a união com a própria mãe, ao passo que entre os magos persas isso é tido como a mais bela instituição. A pederastia é perseguida entre os bárbaros; entre os romanos, porém, é considerada um privilégio, pois procuram reunir rebanhos de crianças para ela, como manadas de cavalos para o pasto.

### *Caminho para a fé: reflexão autobiográfica*

**29.** Tendo visto isso tudo, e também depois que me iniciei nos mistérios e examinei as religiões de todos os homens, instituídas por eunucos efeminados, encontrando entre os romanos aquele que eles chamam de Júpiter Laciário, que se compraz em sacrifícios humanos e no sangue dos executados; que Diana, não longe da grande cidade, exigia o mesmo tipo de sacrifícios; por fim, que numa parte um demônio, e em outra, outros se entregavam em perpetrar iniquidades semelhantes, entrando em mim mesmo, comecei a perguntar-me de que modo ser-me-ia possível encontrar a verdade. Em meio às minhas graves reflexões, caíram-me casualmente nas mãos algumas Escrituras bárbaras, mais antigas que as doutrinas dos gregos e, se considerarmos os erros destes, são realmente divinas. Tive que acreditar nelas, por causa da simplicidade de sua língua, pela maturidade dos que falam, pela fácil compreensão da criação do universo, pela previsão do futuro, pela excelência dos preceitos e pela unicidade de comando do universo. Com a alma ensinada pelo próprio Deus, compreendi que a doutrina helênica me levava para a condenação; a bárbara, porém, livrava-me da escravidão do mundo e me afastava de muitos senhores e tiranos infinitos. Ela nos dá, não o que não tínhamos recebido, mas o que, uma vez recebido, o erro nos impedia de possuir.

### *O tesouro escondido*

**30.** Tendo compreendido essas coisas, quero tornar-me uma criança pequena e desvestir-me do homem terreno. De fato, sabemos que a natureza da maldade é semelhante a uma semente pequeníssima que, com a mais leve razão, lança raízes; novamente se desfaz se nós obedecemos ao Verbo de Deus e não nos dissipamos a nós mesmos. Por meio de um tesouro oculto, o Verbo de Deus se tornou dono do que é nosso. Desenterrando esse tesouro, nós nos enchemos de poeira, mas demos ao Verbo a ocasião para ele estar conosco. Somente aquele que recebe toda a posse dele terá poder sobre a mais preciosa riqueza. Além disso, essas coisas fiquem ditas para os da própria casa. Para vós, gregos, que outra coisa vos direi, senão que não insulteis aqueles que vos são superiores, e que pelo fato de se chamarem bárbaros não os tomeis como pretexto para vossos escárnios? Se quiserdes, podeis encontrar a causa pela qual nem todos se entendem em uma só língua. Estou disposto a dar uma explicação fácil e abundante sobre isso para aqueles de vós que desejam examinar a fundo a nossa doutrina.

### *A prova da antiguidade*

**31.** Creio agora oportuno demonstrar-vos que a nossa filosofia é mais antiga do que as instituições gregas. Os limites serão Moisés e Homero. Tanto um como outro são antiquíssimos: um é o mais velho dos poetas historiadores; outro, autor de toda a sabedoria bárbara. Tomemo-los para estabelecer a comparação e veremos que a nossa religião não só é mais antiga que a cultura dos gregos, mas anterior à invenção do alfabeto. Não tomarei testemunhas da minha própria casa, e sim valer-me da ajuda dos próprios gregos. A primeira forma não teria sentido, nem mesmo nós

aceitamos isso. A segunda, porém, se verá que é um maravilhoso plano, pois vos combateremos com vossas próprias armas e usaremos os vossos próprios argumentos insuspeitos.

Os mais antigos que se dedicaram a investigar a poesia de Homero, sua origem e o tempo em que floresceu, foram Teágenes de Régio, que viveu no tempo de Combises, Estesímbroto de Tasos, Calímaco de Colofon, Heródoto de Halicarnasso e Dionísio de Olinto; depois desses, Éforo de Cima, Filócoro de Atenas e os peripatéticos Megaclides e Camaleonte; depois os gramáticos Zenódoto, Aristófanes, Calímaco, Crates, Eratóstenes, Aristarco e Apolodoro. Entre estes, os da escola de Crates dizem que Homero apareceu antes da volta dos heráclidas, o mais tardar oitenta anos depois da guerra de Tróia; os de Aristarco, durante a emigração jônia, que aconteceu cento e quarenta anos depois do que aconteceu com Tróia; Filócoro, depois da emigração jônia, durante o arcontado de Arquipo em Atenas, cento e oitenta anos depois dos acontecimentos de Tróia; os de Apolodoro, cem anos depois da emigração jônia, que equivaleria a duzentos e quarenta anos depois de Tróia. Alguns afirmaram que ele nasceu antes das Olimpíadas, isto é, quatrocentos anos depois da tomada de Tróia. Alguns abaixam o tempo, e o fazem contemporâneo de Arquíloco, que floresceu na vigésima terceira olimpíada, na época do lídio Gíges, quinhentos anos depois da guerra de Tróia. Para os que podem examinar com exatidão os meus argumentos, é suficiente o que foi dito resumidamente sobre o poeta Homero e sobre a discussão e discrepâncias entre os que dele falaram. Daí é possível a qualquer um afirmar também a falsidade das opiniões sobre a sua vida. Com efeito, para aqueles que não possuem uma cronologia bem ordenada não é possível também compor história verdadeira. De fato, qual é a causa do erro ao escrever, senão combinar dados não verdadeiros?

### *Filosofia cristã*

**32.** Entre nós não existe a ambição de glória e, por isso, não seguimos uma multiplicidade de doutrinas. Com efeito, afastados da razão vulgar e terrena, obedientes aos mandamentos de Deus e seguindo a lei do Pai da incorrupção, rejeitamos tudo o que se funda em mera opinião humana; não só os ricos filosofam, mas também os pobres tomam gratuitamente parte no ensinamento. O que vem de Deus ultrapassa a qualquer dom mundano que se poderia dar em troca. Nós, portanto, admitimos a todos os que querem ouvir-nos, ainda que sejam velhinhas e rapazes e, por fim, qualquer idade é honrada entre nós. A única coisa da qual estamos bem afastados é a dissolução. Nós não mentimos ao falar. Seria bom que pusésseis fim à vossa teimosia na incredulidade. Nossa doutrina está confirmada pelo pensamento de Deus e vós podeis rir, como pessoas que logo irão chorar. Que coisa mais absurda do que admirar vosso Nestor que, por fraqueza e peso da idade, só lentamente pode cortar as carreiras do terceiro cavalo e, todavia, procura lutar como qualquer jovem. Em troca, zombais daqueles nossos que lutam com a idade e se ocupam nas coisas divinas. Quem não rirá de vós, quando falais que existiram certas amazonas, uma tal Semíramis e outras mulheres guerreiras e, ao mesmo tempo, insultais nossas virgens? Aquiles era jovem e, contudo, é considerado muito nobre; Neoptólemo era mais jovem ainda, mas era forte; Filocteto estava doente e, todavia, a divindade precisava dele contra Tróia. De que tipo era Tersites? Entretanto, era chefe e se, por sua ignorância, não tivesse sido tão charlatão, não teria sido denegrido por sua cabeça pontiaguda e com pouco cabelo. Todos os homens que desejam filosofar correm até nós, que não examinamos as aparências, nem julgamos, por sua figura, aqueles que se aproximam. Pensamos que a força da inteligência possa existir em todos, ainda que sejam fisicamente fracos. Vossas instituições, porém, estão cheias de maldade e de muita ignorância.

### *A imoralidade da escultura*



**33.** Tomando a prova do que entre vós é tido como precioso, pensei em estabelecer que nossos costumes são castos, enquanto os vossos são acompanhados de muita loucura. Vós que dizeis que nós só falamos futilidades entre mulheres e rapazes, entre donzelas e velhinhas, e zombais de nós por não estarmos do vosso lado, escutai as bobagens das coisas dos gregos. Com efeito, mais insensatas que todos os sistemas filosóficos são as práticas que se realizam no culto de vossos deuses e cometeis indecências em seus haréns. Lisipo, com efeito, fundiu em bronze Praxila, que nada de útil disse em seus poemas. Menéstrato a Learquis; Silanion, a hetera Safo; Naucides, a lésbica Erina; Boisco, a Mirtis; Cefisódoto, a bizantina Miro; Gonfo, a Praxágoris; Anfistrato, a Clito. Com efeito, para que falar de Anita, Telesila e Nosis? Seus artífices são, de uma parte, Eutícrates e Cefisódoto; de outra, Nicérato; finalmente, Aristódoto; artífice da efésia Menesarquis foi Eutícrates, de Corina foi Silanion e da argiva Teliarquis foi o próprio Eutícrates. Só quis nomear essas mulheres para que não penseis que entre nós se pratica algo extraordinário e para que, comparando costumes que tendes à vossa vista, não zombeis das que filosofam entre nós. Para dizer a verdade, Safo foi uma mulherzinha, prostituta erotômana, que cantou a sua própria impudicícia. Entre nós, porém, todas as mulheres são castas e nossas virgens, ao redor de sua roca, entoam louvores a Deus de modo melhor que a vossa prostituta. Por isso, vós, que finalmente sois discípulos de mulheres, envergonhai-vos de zombar daquelas que entre nós vivem juntamente com o resto da comunidade cristã. O que vos trouxe de excelente Glaucipa, quando deu à luz um filho monstruoso, como o mostra a sua estátua em bronze, obra de Nicérato, ateniense, filho de Euctemon? Por ter gerado um elefante, Leucipa mereceu gozar de honras públicas? A prostituta Frine foi feita por Praxíteles e Heródoto; Panteuquis, que concebeu de seu corruptor, foi fundida em bronze por Eutícrates. Besantis, rainha dos peônios, por ter dado à luz um filho negro, foi imortalizada por Dinômenes com a sua arte. De minha parte, também condeno Pitágoras, que fez Europa sentar-se sobre um touro, e a vós, que honrais aquele que, por sua arte, é acusador de Zeus. Divirto-me também com a habilidade de Micon, que fez um bezerro e colocou Vitória montada nele, porque Zeus, ao raptar Europa, a filha de Agenor, ganhou a palma de adúltero e intemperante. Por que Heródoto de Olinto fabricou a prostituta Glicera e a tangedora Argiva? Briaxis colocou Pasifae em pé, e, recordando a sua dissolução, falta pouco para que prefirais que as mulheres de hoje sejam como ela. Houve tal Melanipa, mulher sábia, e por sua sabedoria Lisístrato lhe esculpiu uma estátua. E, contudo, não acreditais que também entre nós existam mulheres sábias.

**34.** Certamente é muito digno de veneração o tirano Faláris, que se fazia servir à mesa crianças de peito e por obra do ambraciota. Polístrato, é apresentado até hoje como homem maravilhoso. Os habitantes de Agrigento sentiam temor ao olhar semelhante monstro da desumanidade, enquanto os que se orgulham de sua própria cultura, vangloriam-se de contemplá-lo em imagem. Como não considerar coisa grave que se honre entre nós o fratricídio, pois vós mesmos, olhando as figuras de Polinices e Etéocles, não jogastes as estátuas num poço, juntamente com seu escultor Pitágoras, destruindo os monumentos da maldade? Por que me insinuais, através de Policlímeno, para que eu considere maravilha uma mulherzinha que gerou trinta filhos? Teria sido melhor abominar aquela que recolheu os frutos de sua grande incontinência, como a porca dos romanos que pelo mesmo motivo, como dizem, foi considerada digna de culto misterioso. Ares cometeu adultério com Afrodite, e Andron vos esculpiu Armonia, que deles nasceu. Sofron, que em suas comédias produziu tantas besteiras e inutilidades, é ainda mais famoso graças à escultura que até agora existe. O embusteiro Esopo não só se tornou imortal por causa de suas fábulas, mas a plástica de Aristodemo o tornou famoso no mundo todo. Como é que, tendo entre vós tantas poetisas que não valem nada, prostitutas incontáveis e homens malvados, não vos envergonhais de caluniar a pureza de nossas mulheres? Que me interessa saber que Evanta deu à luz durante o passeio, ficar boquiaberto diante da arte de

Calístrato e erguer meus olhos para Neera de Calíades? Era uma hetera. Laís foi prostituta e seu cúmplice a tornou monumento de sua prostituição. Como não vos envergonhais da fornicção de Hesféstio, por mais artisticamente que Fílon o tenha representado? Por que honrais o andrógino Ganimedes, graças a Leocares, como se com ele possuísteis um tesouro, assim como a mulherzinha dos braceletes que Praxíteles cinzelou? O que deveríeis fazer é recusar tudo isso e buscar verdadeiramente o bem, e não abominar nossa conduta, tornando vossas as obscenidades de uma Filênis e de uma Elefantis.

### *Taciano viajante*

**35.** Exponho-vos tudo isso, não porque soube de outros, mas porque percorri muitas terras, professei como mestre vossas próprias doutrinas, pude examinar muitas artes e idéias e, por fim, vivendo em Roma, pude contemplar detidamente a variedade de estátuas que para lá vós exportastes. De fato, não me preocupo, como o vulgo costuma fazer, em confirmar minhas doutrinas com opiniões alheias, mas só quero escrever aquilo que eu pessoalmente compreendi. Justamente por isso, dando adeus à altivez dos romanos, ao frio palavrório dos atenienses e aos contraditórios sistemas de vossa filosofia, aderi finalmente à nossa filosofia bárbara. Eu começara a escrever como ela é mais antiga que vossas instituições, mas diferi, porque estava premido para expor outro tema; agora, chegado o momento de falar de suas doutrinas, procurei terminar a minha exposição. Não leveis a mal a nossa instrução, nem objeteis contra nós a estupidez e a bufonaria de que “Taciano, saltando sobre os gregos, saltando sobre a incontável Caterva de filósofos, nos traz a novidade de sistemas bárbaros.” Com efeito, o que há de mal que homens que se demonstraram ignorantes fossem convencidos por outro que há pouco sofreu a mesma enfermidade? O que há de absurdo que, segundo vosso próprio sofista, alguém, tornando-se velho, vá ao mesmo tempo aprendendo muitas coisas?

### *Moisés é anterior a Homero*

**36.** Concedamos que Homero tenha vivido, não após a guerra de Tróia, mas no próprio tempo da guerra e que até tenha combatido no exército de Agamenon e que, se alguém se compraz com isso, tenha nascido antes da invenção do alfabeto. Ficará claro que o dito Moisés é, em muitos anos, mais antigo que a tomada de Tróia, muito anterior à própria fundação da cidade, a Tros e a Dárdano. Para demonstrar isso, valer-me-ei de testemunhos caldeus, fenícios, egípcios e... para que mais? De fato, quem só procura persuadir sobre um ponto particular, tem que explicar a seus ouvintes de forma mais breve que Beroso, o babilônio, que foi sacerdote do deus Belo dos babilônios. Beroso viveu nos tempos de Alexandre e escreveu em três livros a história dos hebreus para Antíoco, terceiro sucessor de Alexandre. Contando as façanhas dos reis, começam por um chamado Nabucodonosor, que fez a campanha contra os fenícios e judeus. Sabemos que tais acontecimentos foram anunciados pelos nossos profetas e que aconteceram muito depois da época de Moisés, setenta anos antes do domínio dos persas. Pois bem, Beroso é homem muito autorizado e a prova está no fato de que Juba, em seu *Sobre os assírios*, afirma ter tomado de Beroso a história deles. Juba compôs dois livros *Sobre os assírios*.

### *O testemunho fenício*

**37.** Depois dos caldeus, eis o testemunho dos fenícios. Houve três escritores entre eles: Teódoto, Hipsícrates e Moco, cujos livros foram traduzidos para o grego por Leto, o mesmo que investigou com exatidão as vidas dos filósofos. Nas histórias desses autores se esclarece em que época aconteceu o rapto de Europa e a chegada de Menelau à Fenícia, assim como os feitos de Hiram, que

deu sua filha em casamento a Salomão, rei dos judeus, e lhe forneceu madeiras de toda espécie para a construção do templo. Menandro de Pérgamo também escreveu sobre essa mesma matéria. A época de Hiram já se aproxima dos acontecimentos de Tróia; Salomão, porém, contemporâneo de Hiram, é muito posterior a Moisés.

### *O que os egípcios dizem*

**38.** Existem cronologias exatas dos egípcios, e seu historiador é Ptolomeu, não o rei, mas um sacerdote de Mendes. Contando as façanhas dos reis, ele diz que no tempo de Amósis, rei do Egito, aconteceu a saída dos judeus, sob o comando de Moisés, para a terra que eles desejavam. Diz literalmente: “E Amosis foi contemporâneo do rei Ínaco.” Depois de Ptolomeu, o gramático Apião, autor aprovadíssimo, no livro quarto de sua *História Egípcia* (a obra compreende cinco livros), diz também que Amósis, que viveu no tempo de Ínaco, rei de Argos, destruiu a cidade de Avaris, como Ptolomeu de Mendes registrou em sua *Crônica*. Pois bem: o período de Ínaco até a tomada de Tróia preenche vinte gerações, como será demonstrado em seguida.

### *Os reis de Argos*

**39.** Os reis dos argivos foram os seguintes: Ínaco, Foroneu, Ápis, Argivo, Críaso, Forbante, Triopante, Crótopo, Estenelau, Dânaos, Linceu, Preto, Abas, Acrísio, Perseu, Estenelau, Euristeu, Atreu, Tiestes, Agamenon, no décimo oitavo ano do qual Tróia foi tomada. O leitor inteligente precisa notar com toda a diligência que, segundo a própria tradição dos gregos, não existia entre eles nenhuma história escrita. Com efeito, Cadmo, que introduziu entre eles as letras, chegou à Beócia muitas gerações mais tarde e, só depois de Ínaco, sob Foroneu, terminou a vida selvagem e nômade, quando os homens se civilizaram um pouco. Concluindo: Se Moisés aparece como contemporâneo de Ínaco, ele é quatrocentos anos mais antigo do que a guerra de Tróia. E que assim o seja, fica demonstrado pela série dos reis áticos (assim como pelos da Macedônia, Ptolomeus e Antioquenos). Se os fatos históricos mais ilustres dos gregos começaram a ser registrados depois de Ínaco, e a partir daí são conhecidos, é evidente que foram também depois de Moisés. De fato, é sob Foroneu que os atenienses recordam Ógiges, em cuja época houve o primeiro dilúvio; sob Forbante, Acteão, a partir do qual a Ática se chamou Actea; sob Tiopante, Prometeu, Epimeteu, Atlas e Cécropo, aquele de dupla natureza, e Io; sob Crótopo, o incêndio de Faetonte e o dilúvio de Deucalião; sob Estenelau, o reinado de Anfíction, a chegada de Dânaos ao Peloponeso, a fundação de Dardânia por Dárdano e a vinda de Europa da Fenícia para Creta; sob Linceu, o rapto de Coré, a ereção do templo de Elêusis, a semeadura de Triptólemo, a chegada de Cadmo a Tebas e o reinado de Minos; sob Preto, a guerra de Eumolpo contra os atenienses; sob Acrísio, o passo de Pélope da Frígia, a chegada de Íon a Atenas, o segundo Cécropo, as façanhas de Perseu e Dioniso e Museu, discípulo de Orfeu. Por fim, sob o reinado de Agamenon, Tróia foi tomada.

**40.** Assim, de tudo o que foi dito, fica claro que Moisés é mais antigo do que os antigos heróis, guerras e divindades. E vale mais acreditar naquele que precede em idade do que nos gregos, que foram retirar dessa fonte seus ensinamentos, sem entendê-los. De fato, muitos de seus sofistas, com grande curiosidade vã, procuraram adulterar aquilo que conheceram de Moisés e que filosofam à maneira de Moisés, primeiramente para dar aparência de dizer algo original, depois para falsificar a verdade como um conjunto de fábulas, dando um verniz de falsa retórica àquilo que não compreenderam.

Quanto à nossa religião e à história de nossas leis, o que os eruditos gregos disseram sobre ela, quantos e quais a mencionaram, falarei em minha obra *Sobre os que afirmaram a respeito das coisas*

*Moisés é anterior aos pré-homéricos: argumento da antigüidade*

**41.** Apresso-me a esclarecer-vos sobre o que agora nos preme, isto é, que Moisés não só é anterior a Homero, mas também aos escritores anteriores a Homero: Lino, Filamon, Tamiris, Anfião, Orfeu, Museu, Demódoco, Fêmio, a Sibila, Epimênides cretense, aquele que veio para Esparta; Aristo de Proconeso, autor das *Arimaspas* do Centauro Asbolo, Báquis, Drimon, Euplo de Chipre, Horos de Samos e Propânides de Atenas. Com efeito, Lino foi mestre de Herácles, e este evidentemente viveu uma geração antes da guerra de Tróia, como se prova pelo fato de que seu filho Trepólemo esteve no exército que marchou contra ela. Orfeu foi contemporâneo de Herácles, embora os poemas que lhe são atribuídos dizem ter sido compostos por Onomácritos de Atenas, que viveu durante a tirania dos Pisistrátidas, na quinquagésima Olimpíada. Museu foi discípulo de Orfeu e Anfião foi anterior em duas gerações à guerra de Tróia; só esse fato me impede de dizer algo mais sobre eles aos estudiosos. Demódoco e Fêmio viveram na época da guerra de Tróia, pois um se achava entre os pretendentes e o outro com os feácios. Tamiris e Filámon não são muito mais antigos do que esses. Desse modo, quanto à matéria de cada um dos eruditos, assim como quanto à cronologia e suas fontes escritas, creio ter tratado muito brevemente, mas com toda exatidão. Contudo, para completar o que ainda falta, estenderei minha demonstração até os legisladores considerados sábios. Minos, que é tido como o mais excelente em toda sabedoria, prudência e legislação, viveu sob Linceu, que reinou após Dárdano, onze gerações depois de Ínaco. Licurgo, que nasceu depois da tomada de Tróia, entregou suas leis aos lacedemônios cem anos antes das Olimpíadas. Draco nasceu na trigésima nona Olimpíada. Sólon na quadragésima sexta, Pitágoras na sexagésima segunda. E já demonstramos que as Olimpíadas começaram quatrocentos e sete anos após a guerra de Tróia. Isso demonstrado, só nos resta registrar uma indicação sobre a idade dos outros sete sábios. Tendo Tales, o mais velho deles, nascido na quinquasésima Olimpíada, resumidamente fica dito sobre o que pensar das épocas dos posteriores a ele.

*Conclusão*

**42.** Essas são as coisas, ó gregos, que compus para vós, eu, Taciano, que professo a filosofia bárbara, nascido em terra dos assírios, formado primeiramente em vossa cultura e depois nas doutrinas que agora anuncio como pregador. Já conhecendo quem é Deus e sua criação, apresento-me a vós disposto ao exame de meus ensinamentos, advertindo que jamais renegarei minha conduta segundo Deus.

[a](#) Restam, hoje, dois remanescente desta obra. Um árabe e um latino. O original se perdeu. A versão latina se encontra na *Patrologia Latina* (P.L.) 68, 251-358.

# ATENÁGORAS DE ATENAS

## INTRODUÇÃO

### 1. Vida

Deste apologista cristão sabe-se tão-somente que era de Atenas e filósofo. Nem Eusébio de Cesaréia, nem s. Jerônimo o menciona. Dele se encontra uma menção no tratado *Sobre a ressurreição* I,37,1, de Metódio de Olimpo (sécs. III-IV). Traços de sua vida e de suas obras desapareceram completamente da literatura cristã até que o bispo Aretas de Cesaréia manda copiar, em 914, para o seu *Corpus apologetarum*, a *Apologia* e o tratado *Sobre a ressurreição dos mortos* de Atenágoras. Sua identificação com o Atenágoras ao qual o filósofo grego Boeto dedicou um escrito *Sobre algumas expressões difíceis em Platão*, carece de fundamentos.

Dessa forma, local de seu nascimento, sua formação intelectual, suas origens, local e data de sua morte nos escapam. Suas obras, contudo, revelam uma pessoa de boa cultura, alguém que freqüentou cursos de retórica. Seu estilo é moderado, bem mais sóbrio que o de Taciano, mais ordenado que o de Justino. Como Justino, é simpático à filosofia e à cultura gregas. É hábil em ordenar o material, mais preciso na linguagem que seus predecessores. J. Lebreton e J. Zeiller escrevem dele: “É uma alegria para quem acaba de ler as invectivas de Taciano encontrar-se aqui em contato com uma alma verdadeiramente cristã, pacífica e pura”<sup>a</sup>. O salto, em termos de qualidade, que se dá de Taciano para Atenágoras é enorme. Ele “compreende o valor da sobriedade, da clareza e da ordem; desdenha os efeitos demasiadamente ruidosos ou as cores demasiado vivas, as maneiras vulgares. (...) Se a tradição que faz de Atenágoras um ateniense é verdade, sem dúvida há uma relação entre sua origem e o meio em que se formou, e sua cultura mais afinada que a dos escritores cristãos anteriores”<sup>b</sup>.

### 2. Obras

Atenágoras escreveu, ao que se sabe, uma *Petição em favor dos cristãos* e um tratado *Sobre a ressurreição dos mortos*.

#### *Petição em favor dos cristãos*

O objetivo desta obra é refutar as acusações dirigidas contra os cristãos. De maneira metódica, o autor distribui a matéria de sua apologia a partir das três acusações básicas. Depois de uma Introdução na qual se dirige aos imperadores Marco Aurélio e Lúcio Aurélio Cômodo, expondo as razões de sua “petição” (caps.1-3), responde à acusação de ateísmo (caps. 4-30); de incesto (caps. 31-34); e de antropofagia (caps. 35-36).

O que realmente preocupa o apologista é que estas acusações são levadas a sério pelas autoridades. Com isso, o nome cristão é difamado e digno de morte sem nenhum exame mais acurado sobre a vida real dos acusados. Na introdução, Atenágoras deixa claro esta intenção: “Quanto a nós, que somos chamados cristãos, (...) comportando-nos de modo mais piedoso e justo do que ninguém, não só diante da divindade, mas também em relação ao vosso império, permitis que sejamos acusados, maltratados e perseguidos, sem outro motivo para que o vulgo nos combata, a não ser apenas o nosso nome. (...) vos suplicamos que também a nós deis alguma atenção, para que cesse, finalmente, a degolação a que nos submetem os caluniadores” (cap. 1). No capítulo 2, chama a atenção dos imperadores para que apliquem as regras do julgamento sobre os cristãos acusados e não se deixem

levar pelos preconceitos. Se agirem com justiça e rigor no julgamento, saberão que os cristãos são inocentes. Portanto, “se alguém é capaz de nos convencer de termos cometido uma injustiça, pequena ou grande, não fugiremos do castigo. (...) Mas se a nossa acusação é tão-somente o nome (...) e não foi provado que algum cristão tenha cometido um crime — a vossa questão é, como imperadores máximos, humaníssimos e amicíssimos do saber, rejeitar por lei a calúnia feita contra nós, (...). Com efeito, vossa justiça não diz que, quando se acusa a outros, não se pode condená-los antes de tê-los interrogado? Quanto a nós, porém, vale mais o nome do que as provas do julgamento, pois os juízes não buscam averiguar se o acusado cometeu algum crime, mas tratam-no com insolência por causa do nome, como se fosse crime”.

Estão aí as razões que levaram Atenágoras a compor e endereçar uma “súplica” em favor dos cristãos aos imperadores Marco Aurélio e a seu filho Cômodo, por volta, provavelmente, do ano 177.

### *Estrutura da petição*

A *Petição* está, portanto, assim estruturada: caps. 1-3 constituem uma introdução contendo a dedicatória e o objetivo da obra. No cap. 4, o autor passa a refutar as acusações. A primeira é a de ateísmo. Atenágoras emprega 26 dos 37 capítulos da *Petição* para refutar esta acusação. Em síntese, ele diz: os cristãos não são ateus, mas adoram o Deus único, criador do universo. O Deus dos cristãos é único, mas, também, trino. No cap., 10, demonstrando racionalmente a unicidade de Deus, busca esclarecer o novo conceito de Deus uno-trino: “O Filho de Deus que é mente (*nous*)... conjugado com o Logos”. “O Espírito Santo flui de Deus...”. Os cristãos não oferecem sacrifícios sangrentos não porque são ateus, mas porque o Deus verdadeiro só aprecia sacrifícios espirituais. Se eles se recusam a cultuar os deuses, é porque os julgam indignos de qualquer espécie de culto. Com moderação, mas com firmeza, Atenágoras diz que estes deuses são simples criaturas e os milagres que lhes são atribuídos são obras do demônio. Os cristãos, ao contrário dos ateus, praticam um culto mais puro, mais elevado e perfeito que os pagãos (caps. 4-30).

Nos caps. 31-34, o autor se empenha em demonstrar que os cristãos não cometem nenhuma imoralidade, nenhum ato incestuoso como se propaga. Ao contrário, interditam até mesmo os pensamentos maliciosos, por temor do castigo divino: “Nós, porém, estamos tão longe de ver isso com indiferença que não nos é lícito sequer olhar com intenção de desejo. (...) Como não acreditar que são castos os que nada podem olhar além daquilo para o qual Deus formou os olhos, isto é, para que fossem nossa luz, aqueles que consideram adultério o olhar com prazer, pois os olhos foram criados para outra finalidade, e os que serão julgados até pelos seus pensamentos?” (cap. 32). Os cristãos guardam, portanto, a castidade matrimonial e estão convencidos da indissolubilidade do matrimônio. Nem mesmo a morte pode dissolver este vínculo, por isso as segundas núpcias, mesmo em caso de viuvez, são consideradas “adultério decente” ou “adultério dissimulado” (cap. 33).

Finalmente, nos caps. 35-36, Atenágoras defende os cristãos contra a acusação de antropofagia. Ao contrário, os cristãos respeitam extremamente a vida humana; fogem dos jogos do circo; condenam o aborto por julgarem-no homicídio, pois o feto é já ser vivo e objeto dos cuidados de Deus. Além do mais, a fé na ressurreição é força que os impede de cometer estes excessos. F. Cayré sintetiza assim esta Apologia: “A apologia de atenágoras é uma das mais belas, por sua alta qualidade literária, pela lealdade na discussão e pela ciência de seu autor. A composição é remarcavelmente clara e metódica, a frase, sempre completa, muito rica em idéias, o raciocínio firme e vigoroso, o estilo preciso e sóbrio, por vezes conciso até à secura. Todo o conjunto deste escrito revela verdadeiro filósofo e mestre que discute segundo as regras. Atenágoras foi principalmente dialético, como

Taciano polemista e como Justino, apóstolo. Além disso, tem mais de um ponto de semelhança com Justino, em particular na maneira benevolente com que trata a filosofia e os filósofos, e no comum esforço para aliar a filosofia e a religião”<sup>c</sup>.

### *Sobre a ressurreição dos mortos*

A autenticidade desta obra é posta em dúvida por alguns estudiosos. Assim, por exemplo R.M. Grant e W.R. Schoedel opinam que este tratado sobre a ressurreição não é de autoria de Atenágoras. Pertenceria a um autor do ciclo originista, composta por volta de 310 e que um copista teria ajuntado à *Petição* em favor dos cristãos, de Atenágoras. Contudo, o códice do bispo de Aretas do ano 914 diz expressamente que a *Ressurreição* é de Atenágoras. No cap. 36 da *Petição*, o próprio Atenágoras defendendo os cristãos da acusação de antropofagia fala da ressurreição. Mas sentindo que esta é um tema fundamental para a fé cristã, propõe compôr uma obra especial para abordá-lo: “Reservemos, porém, para outra ocasião o discurso sobre a ressurreição” (cap. 37). Parece-nos que podemos admitir a legitimidade da autoria de Atenágoras sobre esta obra, sem prejuízo para sua compreensão.

### *Esquema e conteúdo da obra*

O tratado se divide em duas grandes partes: os caps. 1-11 formam a primeira parte e respondem às objeções tradicionais a respeito da ressurreição dos corpos como impossível de se realizar e indigna de Deus; os caps. 12-25 formam a segunda parte e estabelecem a conveniência e a necessidade da ressurreição. O argumento fundamental, entre outros, é que sendo o homem composto de corpo e alma, as duas partes devem ser recompensadas ou punidas juntas. Quatro argumentos vêm reforçar esta fundamentação: nos caps. 12-13, o argumento é o destino do homem criado para viver eternamente. Ora, se não houver ressurreição, não haverá vida eterna. Nos caps. 14-17, usa-se como argumento a natureza humana que compreende dois elementos unidos, a alma e o corpo. Nos caps. 18-23, trata-se do julgamento que deve ser aplicado tanto ao corpo quanto à alma, porque tanto um como o outro deve ser premiado ou castigado. Seria injusto, por exemplo, não premiar o corpo pelas obras boas que o homem realizou com sua colaboração. Finalmente, nos caps. 24-25, Atenágoras emprega o argumento do fim último que não é atingido nesta existência. O homem foi destinado à felicidade eterna, mas esta não é alcançada nesta vida. Logo, tem que haver ressurreição para que esta felicidade possa acontecer. Como se vê, Atenágoras tenta demonstrar a possibilidade e a conveniência da ressurreição fundamentalmente ao nível filosófico sem recorrer às Escrituras e nem mesmo alude à ressurreição de Cristo.

Deve-se observar ainda que a antropologia de Atenágoras é dependente do platonismo. O homem é composto de corpo mortal e alma imortal, embora criada. Na ressurreição, o corpo se conjuga novamente com a alma, que no período que vai entre a morte e a ressurreição, estivera num estado de torpor. A ressurreição reconstrói, portanto, aquela unidade que constitui o verdadeiro homem.

## BIBLIOGRAFIA

- BAREILLE, G., “Athénagore”, em *Dictionnaire de Théologie Catholique*, col. 2213.  
BUENO, D. R., *Padres Apologistas Griegos* (sec. II), 2ª ed., BAC, Madrid, 1954, 631-646.  
CHAUDONARD, L., *La philosophie du dogme de la résurrection de la chair au IIe siècle*, Lião, 1905.  
LEBLANC, J., “Le Logos chez Tatien, Athénagore et Théophile”, em *Annales de philosophie chrétienne* 149, 1905, 634-639.  
PARPALARDO, A., “Il monoteismo e la dottrina del Logos in Atenagora, em: *Didaskaleion* 2, 1924, 11-40. — “La teoria degli angeli e dei demoni e la dottrina della provvidenza in Atenagora”, em *Didaskaleion* 2, 1924, 67-180.  
PEPLEGRINO, M., *Studi sull’antica apologetica*, Roma, 1947, 65-79.  
UBALDI, P; M. PELLEGRINO, *Atenagora* (com texto, introdução, tradução italiana e notas) Turim, 1947.



# PETIÇÃO EM FAVOR DOS CRISTÃOS

## *Dedicatória e introdução*

Aos imperadores Marco Aurélio Antonino e Lúcio Aurélio Cômodo, armênicos, somáticos e, o que é o máximo título, filósofos.

1. Em vosso império, ó grandes entre os reis, certas pessoas usam alguns costumes e leis, e outras seguem outros, e a ninguém é proibido, nem por lei nem por medo de castigo, amar suas tradições pátrias, por mais ridículas que sejam. Desse modo, o troiano chama deus a Heitor e adora Helena, crendo que ela é Adrastéia; o lacedemônio cultua Agamenon como se fosse Zeus, Filonoe, filha de o Tindáreo, como se fosse Enódia; o ateniense sacrifica a Ereteu Posêidon, e os atenienses celebram iniciações e mistérios a Agraule e Pandroso, iniciações que foram consideradas sacrílegas por terem aberto a caixa. Numa palavra, os homens, conforme as nações e os povos, oferecem os sacrifícios e celebram os mistérios à vontade. Quanto aos egípcios, têm como deuses os gatos, crocodilos, serpentes, víboras e cães. Vós e vossas leis tolerais tudo isso, pois considerais ímpio e sacrílego não crer de modo algum em Deus. É necessário que cada um tenha os deuses que quiser a fim de que, por temor à divindade, se abstenha de cometer impiedades. A nós, porém, embora não vos ofendais, como o vulgo, já ficamos sendo odiados, só em ouvir o nome visto que não são os homens que merecem o ódio, mas a injustiça, que merece pena e castigo. Daí que admirando a vossa suavidade e mansidão, o vosso amor à paz e a toda humanidade, as pessoas particulares são regidas por leis iguais, e as cidades, segundo a sua dignidade, participam também de igual honra, e a terra inteira goza, graças à vossa inteligência, de profunda paz. Quanto a nós, que somos chamados cristãos, não tendo providência por nós, permitis que, sem cometer nenhuma injustiça, mas pelo contrário, como a continuação do nosso discurso demonstrará, comportando-nos de modo mais piedoso e justo do que ninguém, não só diante da divindade, mas também em relação ao vosso império, permitis que sejamos acusados, maltratados e perseguidos, sem outro motivo para que o vulgo nos combata, a não ser apenas o nosso nome. Todavia, nós nos atrevemos a vos manifestar a nossa vida e doutrina, e com o nosso discurso compreenderéis que sofremos sem causa e contra toda lei e razão, e vos suplicamos que também a nós deis alguma atenção, para que cesse, finalmente, a degolação a que nos submetem os caluniadores. Com efeito, não é perda de dinheiro que nos vem de nossos perseguidores, não é desonra no desfrutar de nossos direitos de cidadania, não é o prejuízo em alguma das outras coisas menores. Nós desprezamos tudo isso, por mais importante que pareça ao vulgo. Nós aprendemos não só a não ferir aquele que nos fere, mas também a não perseguir na justiça aqueles que nos roubam e saqueiam; mais ainda, àquele que nos dá uma bofetada numa face, devemos oferecer-lhe a outra, e a quem nos tira a túnica, devemos dar-lhe também o manto. Já que renunciemos às riquezas, o que eles atentam é contra os nossos corpos e as nossas almas, espalhando incontáveis acusações, que nem por suspeita tocam a nós; tocam sim aos que as propagam e aos de sua laia.

2. Se alguém é capaz de nos convencer de termos cometido uma injustiça, pequena ou grande, não fugiremos do castigo, mas pedimos antes que se nos inflija o que for mais áspero e cruel. Mas se a nossa acusação é tão somente o nome — e pelo menos até hoje o que propalam sobre nós é apenas vulgar e estúpido rumor das gentes, e não foi provado que algum cristão tenha cometido um crime — a vossa questão é, como imperadores máximos, humaníssimos e amicíssimos do saber, rejeitar por lei a calúnia feita contra nós, a fim de que, assim como toda a terra, pessoas particulares e cidades gozam de vosso benefício, também nós vos possamos agradecer, glorificando-vos por termos deixado de ser caluniados. Com efeito, a vossa justiça não diz que, quando se acusa a outros, não se



pode condená-los antes de tê-los interrogado? Quanto a nós, porém, vale mais o nome do que as provas do julgamento, pois os juízes não buscam averiguar se o acusado cometeu algum crime, mas tratam-no com insolência por causa do nome, como se fosse crime. Entretanto, em si e por si, um nome não pode ser considerado bom ou mau, e sim que pareça bom ou mau conforme sejam boas ou más as ações que ele supõe. Sabeis disso melhor do que ninguém, pois sois formados na filosofia e em toda a cultura. Por isso, mesmo os que são julgados diante de vós, embora sejam acusados dos maiores crimes, estão confiantes e, sabendo que examinais sua vida e não atacaís os seus nomes, se são vazios, nem atendeis às acusações, se são falsas, recebem com o mesmo espírito tanto a sentença de absolvição como a de condenação. Também nós reclamamos o direito comum, isto é, que não sejamos odiados e castigados por termos o nome de cristãos. Definitivamente, o que o nome tem a ver com a maldade? Reclamamos que cada um seja julgado por aquilo de que foi acusado, e nos absolvam, se desfizemos as acusações, ou nos castiguem se somos réus de maldade. Que não sejamos julgados pelo nome, mas pelo crime, pois nenhum cristão é mau, a não ser que professe fingidamente o cristianismo. Assim vemos que se procede com os filósofos. Nenhum deles, antes do julgamento, pelo simples fato de sua ciência ou profissão, é considerado pelo juiz como bom ou mau; pelo contrário, se é julgado injusto, é castigado, sem que por isso se faça qualquer acusação à filosofia, pois o mau é aquele que não a professa como é de lei; mas a ciência não tem culpa; e se ele se defende das acusações, então é absolvido. Proceda-se de modo igual conosco. Examine-se a vida dos que são acusados e deixe-se o nome livre de qualquer acusação.

Parece-me necessário, ó máximos imperadores, rogar-vos que, ao começar a defesa da nossa doutrina, vos mostreis ouvintes equânimes e não vos deixeis levar por algum preconceito, arrastados pelos rumores vulgares e irracionais, mas que também apliqueis à nossa doutrina o vosso amor ao saber e à verdade. Desse modo não pecareis por ignorância, e nós, livres das estúpidas intrigas do vulgo, deixaremos de ser combatidos.

**3.** São três as acusações que se propagam contra nós: o ateísmo, os convites de Tiestes, e as uniões edípicas. Se isso é verdade, não perdoeis a classe alguma. Castigai esses crimes, matai-nos pela raiz com nossas mulheres e filhos, se é que existe entre os homens alguém que viva como os animais. Até os animais não atacam os de sua espécie, unem-se entre si por lei de natureza, e apenas no tempo da procriação, e não por dissolução e, finalmente, conhecem quem lhes faz benefício. Se alguém, portanto, é mais feroz do que as próprias feras, que castigo corresponderá a tantos crimes? Mas se isso é pura intriga e calúnias vazias, é de razão natural que a maldade se oponha à virtude e de lei divina que os contrários lutem entre si, e vós sois testemunhas de que nós não cometemos nenhum desses crimes, mandando que não confessássemos, a vós cabe agora fazer uma investigação sobre a nossa vida e doutrinas, sobre a nossa lealdade e obediência à vossa casa e império e, por fim, conceder-nos o mesmo que àqueles que nos perseguem. Nós os venceremos, pois estamos dispostos a dar intrepidamente até as nossas vidas pela verdade.

## IPARTE REFUTAÇÃO DAS ACUSAÇÕES DE ATEÍSMO E AFIRMAÇÃO DO MONOTEÍSMO

**4.** Refutarei agora cada uma das acusações. Que não sejamos ateus, temo até chegar ao ridículo deter-me para contestar àqueles que dizem tal coisa. Diágoras sim, era com razão reprovado pelos atenienses por causa do seu ateísmo. Com efeito, ele não só expunha publicamente a doutrina órfica e divulgava os mistérios de Elêusis e os dos Cabiros, e quebrava a estátua de Herácles para com os pedaços cozer os seus nabos, mas também diretamente afirmava que Deus não existe em absoluto. Nós, porém, distinguimos Deus da matéria e demonstramos que uma coisa é Deus e outra a matéria, e

que a diferença entre um e outro é imensa, pois a di-vindade é incriada e eterna, contemplável apenas pela inteligência e pela razão, mas a matéria é criada e corruptível. Não é irracional chamar-nos de ateus? Com efeito, se pensássemos como Diágoras, tendo tantos argumentos para a crença em Deus — a ordem, a harmonia universal, a grandeza, a cor, a figura, a disposição do mundo —, então sim teríamos com razão a fama de ím-pios e haveria motivo para sermos perseguidos. Mas a nossa doutrina admite um só Deus, criador de todo este mundo, e ele não foi criado — pois não se cria o que existe, mas o que não existe —, e sim ele é criador de todas as coisas por meio do Verbo que dele procede. Portanto, sofremos ambas as coisas sem motivo, a má fama e a perseguição.

5. A ninguém pareceu que os poetas e filósofos eram ateus, porque especularam sobre Deus. Assim Eurípides, duvidando completamente sobre aqueles que a preocupação comum chama falsamente de deuses, disse: “Se é que Zeus está no céu, não deveria torná-lo desgraçado”. Mas, dando a sua opinião sobre aquele que é cognoscível por ciência, diz: “Vês na altura este éter imenso e que mantém a terra ao redor em seus braços úmidos? Crê que este é Zeus; tem a este como Deus”.

Com efeito, não via daqueles nem as essências que subsistiriam sob o nome que se lhes atribui — “Porque Zeus, seja Zeus quem for, dele sei apenas o nome” — nem que os nomes fossem atribuídos a coisas subsistentes. Ora, onde não há essências subsistentes, que valor têm os nomes? Este, porém, era visto pelas obras, entendendo que o aparente é manifestação do oculto. Assim, portanto, aquele cujas obras via e cujo espírito segura as rédeas de tudo, esse ele compreendeu como Deus. E com ele concorda Sófocles: “Um, em verdade, um só é Deus, que fabricou o céu e a vasta terra”. Com isso ele ensina sobre a natureza de Deus, que enche o universo com a sua beleza, e não só onde deve estar Deus, mas também que deve ser necessariamente uno.

6. Também Filolao, ao afirmar que Deus fechou tudo como em uma prisão, demonstra que Deus é uno e que está acima da matéria. Quanto a Lisis e Opsimo, um defende a Deus como o número inefável, o outro como a diferença entre o número máximo e seu contíguo. Ora, conforme os pitagóricos, o número máximo é o dez, pois é *tetractys* ou quaternário e compreende todas as proporções aritméticas e harmônicas, e o contíguo a este é o nove. Portanto, Deus é a mônada, isto é, uno, pois supera por um o maior em relação ao seu contíguo inferior.

Platão e Aristóteles — aviso, antes de tudo, que não tenho a intenção de expor com absoluto rigor as doutrinas dos filósofos, ao citar o que disseram a respeito de Deus; com efeito, sei o quanto superais a todos por vossa inteligência e o poder de vosso império, também saís versados em cada uma das partes da ciência, como não o são nem os que se reservaram uma só delas; todavia, como, sem citar nomes, era impossível demonstrar que não somos apenas nós que encerramos Deus na mônada, recorri aos florilégios ou coleções de sentenças. Platão, portanto, diz o seguinte: “Ao Criador e Pai de todo o universo não só é difícil encontrá-lo, mas, uma vez encontrado, é difícil manifestá-lo a todos”, dando a entender que o Deus incriado e eterno é um. É certo que ele conhece outros, como o sol, a lua e as estrelas, mas conhece-os como seres criados: deuses de deuses, de que eu sou o artífice, e pai de obras que, se eu não quiser, não são desatáveis, pois tudo o que é atado é desatável”. Portanto, se Platão não é ateu, por entender que o artífice do universo é um só Deus incriado, muito menos o somos nós, por saber e afirmar o Deus, por cujo Verbo tudo foi fabricado e por cujo Espírito tudo é mantido. Aristóteles e sua escola, que introduzem um só Deus como uma espécie de animal composto, dizem que Deus é composto de alma e corpo e consideram como seu corpo o éter, as estrelas errantes e a esfera das estrelas fixas, tudo movido circularmente; e consideram a alma como a inteligência que dirige o movimento do corpo, sem que ela própria se mova, sendo ela, em troca, a causa do movimento. Quanto aos estóicos, embora nos nomes multipliquem o divino nas denominações que lhe dão, conforme as mudanças da matéria, na realidade

consideram Deus como uno. Com efeito, se Deus é o fogo artifício—so, que marcha por um caminho para a geração do mundo e compreende em si todas as razões seminais, segundo as quais tudo se produz conforme o destino, e se o espírito de Deus penetra o mundo inteiro, Deus é uno, segundo eles; e chama-se Zeus, se olha o fervor da matéria; ou Hera, se o ar; e daí por diante, conforme cada parte de matéria, por onde penetra abrir para o § 7. De qualquer forma, tratando dos princípios do universo, todos geralmente, até contra a sua vontade, estão de acordo em que o divino é uno, e nós afirmamos que quem ordenou todo o universo, esse é Deus. Portanto, qual é o motivo pelo qual se permite que uns possam dizer e escrever livremente sobre Deus, conforme queiram, e, por outro lado, haja uma lei estabelecida contra nós, justamente nós, que podemos estabelecer por sinais e razões de verdade o que entendemos e retamente cremos, isto é, que Deus é uno? Com efeito, os *poetas* e *filósofos*, aqui como em outros lugares, procederam por conjecturas, *movidos conforme a simpatia do sopro de Deus*, cada um por sua própria alma, a buscar se era possível encontrar e compreender a verdade. E só conseguiram entender, mas não encontrar o ser, pois não se dignaram aprender de Deus sobre Deus, mas cada um de si mesmo. Então, cada um dogmatizou a seu modo, não só a respeito de Deus, mas sobre a matéria, as formas e o mundo. Nós, porém, sobre o que entendemos e cremos, temos como testemunhas os profetas que, movidos pelo Espírito divino, falaram sobre Deus e as coisas de Deus. Ora, vós mesmos, que por vossa inteligência e vossa piedade em relação ao verdadeiramente divino ultrapassais a todos, direis que é irracional aderir a opiniões humanas, abandonando a fé no Espírito de Deus, que moveu, como seus instrumentos, as bocas dos profetas.

### *Demonstração racional do monoteísmo*

**8.** Que o *Deus Criador* de todo este universo *seja um só desde o princípio*, considerai-o do seguinte modo, a fim de que tenhais também o arrazoado da nossa fé: Se, desde o princípio, tivesse havido dois ou mais deuses, certamente os dois teriam tido que estar em um só e mesmo lugar ou cada um, à parte, em seu lugar. Ora, é impossível que estivessem em um só e mesmo lugar, porque, sendo deuses, não seriam iguais, mas, como incriados, seriam desiguais. De fato, o criado é semelhante a seus modelos, mas o incriado não é semelhante a nada, pois não foi feito por ninguém, nem para ninguém. Se Deus é um só, como a mão, o olho e o pé são partes completivas de um só corpo, visto que delas se completa um só; Sócrates, sim, enquanto criado e corruptível, é composto e dividido em partes. Deus, porém, é incriado, impassível e indivisível. Portanto, não é composto de partes. Contudo, se cada um deles ocupa seu próprio lugar, sendo aquele que criou o mundo mais alto que todas as coisas e estando acima do que ele fez e ordenou, onde estará o outro ou os outros? Com efeito, se o mundo, que tem forma esférica perfeita, é limitado pelos círculos do céu, o Criador desse mesmo mundo está acima de tudo o que foi criado, conservando tudo com a sua providência, que lugar resta para o outro ou outros deuses? Porque não está no mundo, já que pertence a outro; nem em torno do mundo, pois o Deus Criador do mundo está acima deste. E se não está no mundo, nem em torno do mundo (porque tudo o que rodeia este é mantido pelo Criador), onde está? Acima do mundo e de Deus, em outro mundo e em torno a outro mundo? Mas se está noutro e em torno de outro, já não está em torno de nós (pois não tem poder sobre este mundo), nem é grande em si mesmo, pois está em lugar limitado. E se não está em outro mundo, porque tudo é repleto pelo criador do mundo, nem em torno a outro, porque tudo é mantido por este, então, definitivamente, não existe, pois não existe lugar onde esteja. O que é que faz, tendo outro de quem é o mundo e estando ele acima do Criador do mundo, mas não estando nem no mundo, nem ao redor do mundo? Existe, porém, um ponto de apoio em que se apóie aquele que foi feito contra aquele que é? Acima dele, porém, está Deus e as obras de Deus. E qual será o lugar, visto que o Criador preenche o que está acima do mundo? Têm

providência? Não! Não tem providência também, porque não fez nada. Por fim, se nada faz, não tem providência, nem outro lugar onde esteja, existe, desde o princípio, um único e só: o Deus Criador do mundo.

**9.** Se nos contentássemos com esses argumentos de razão, poder-se-ia pensar que a nossa doutrina é humana. Entretanto, *ossos arrazoados são confirmados pelas palavras dos profetas*. Penso que vós, que sois amicíssimos do saber e instruíssimos, não desconheceis os escritos de Moisés, nem de Isaías, Jeremias e outros profetas que, saindo de seus próprios pensamentos, por moção do Espírito divino, falaram o que neles se realizava, pois o Espírito se servia deles como flautista que sopra a flauta. Que dizem os profetas? “O Senhor é nosso Deus; não será contado nenhum outro com ele”. E ainda: “Eu sou Deus antes e depois, além de mim não há Deus.” Igualmente: “Antes de mim não existiu outro Deus, e depois de mim não existirá. Eu sou Deus e não outro além de mim.” E a respeito de sua grandeza: “O céu é o meu trono e a terra é o escabelo de meus pés. Que casa me edificarás, ou qual é o lugar do meu descanso?” Deixo para vós, inclinados sobre os livros deles, examinar mais suas profecias, a fim de que, através de um raciocínio conveniente, recuseis a calúnia contra nós.

### *Afirmação da fé monoteísta e trinitária*

**10.** Desse modo, fica suficientemente demonstrado que não somos ateus, pois admitimos um só Deus, incriado, eterno, e invisível, impassível, incompreensível e imenso, compreensível à razão só pela inteligência, rodeado de luz, beleza, espírito e poder inenarrável, pelo qual tudo foi feito através do Verbo que dele vem, e pelo qual tudo foi ordenado e se conserva. De fato, dele vem, e pelo qual tudo foi ordenado e se conserva. De fato, reconhecemos também um Filho de Deus. E que ninguém considere ridículo que, para mim, Deus tenha um Filho. Com efeito, nós não pensamos sobre Deus, e também Pai, e sobre seu Filho como fantasiam vossos poetas, mostrando-nos deuses que não são em nada melhores do que os homens, mas que o Filho de Deus é o Verbo do Pai em idéia e operação, pois conforme a ele e por seu intermédio tudo foi feito, sendo o Pai e o Filho um só. Estando o Filho no Pai e o Pai no Filho por unidade e poder do espírito, o Filho de Deus é inteligência e Verbo do Pai. Se, por causa da eminência de vossa inteligência, vos ocorre perguntar o que quer dizer “filho”, eu o direi livremente: o Filho é o primeiro broto do Pai, não como feito, pois desde o princípio Deus, que é inteligência eterna, tinha o Verbo em si mesmo; sendo eternamente racional, mas como procedendo de Deus, quando todas as coisas materiais eram natureza informe e terra inerte e estavam misturadas as coisas mais pesadas com as mais leves, para ser sobre elas idéia e operação. E o Espírito profético concorda com o nosso raciocínio, dizendo: “O Senhor me criou como princípio de seus caminhos para suas obras”. Com efeito, dizemos que o mesmo Espírito Santo, que opera nos que falam profeticamente, é uma emanção de Deus, emanando e voltando como um raio de sol. Portanto, quem não se surpreenderá ao ouvir chamar de ateus indivíduos que admitem um Deus Pai, um Deus Filho e um Espírito Santo, que mostram seu poder na unidade e sua distinção na ordem<sup>d</sup>? E a nossa doutrina teológica não pára aqui, mas dizemos que existe uma multidão de anjos e ministros, aos quais Deus Criador e Artífice do mundo, por meio do Verbo que dele procede, distribuiu e ordenou, para que estivessem em torno dos elementos, dos céus, do mundo, do que há no mundo, e cuidassem de sua boa ordem.

**11.** Não vos maravilheis de que eu exponha tão detalhadamente nossa doutrina, pois todo o meu afã de exatidão se orienta a que não vos deixeis arrastar pela opinião vulgar e irracional, mas que tenhais o meio de conhecer a verdade. É assim que, pelos mesmos preceitos aos quais aderimos e

que não são humanos, mas ditos por Deus e por Deus ensinados, podemos persuadir-vos de que não somos ateus. Quais são essas doutrinas com as quais nos nutrimos? “Eu vos digo: amai os vossos inimigos, bendizei aqueles que vos amaldiçoam, orai pelos que vos perseguem, para que vos torneis filhos do vosso Pai que está nos céus, que faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e chover sobre justos e injustos”. Permiti-me aqui, pois este discurso foi ouvido com grandes aplausos, que prossiga com confiança, como quem pronuncia a sua defesa diante de imperadores filósofos. Com efeito, quem, dentre os que analisam os silogismos, solucionam os equívocos, esclarecem as etimologias, ou que ensinam os homônimos e sinônimos, os categoremáticas, os axiomas, o que é o sujeito e o que é predicado; quais desses prometem fazer felizes os seus discípulos por essas ou semelhantes doutrinas? Quais desses têm almas tão purificadas que amem os seus inimigos ao invés de odiá-los, e abençoem a quem primeiro os amaldiçoou — coisa naturalíssima —, e roguem contra aqueles que atentam contra a sua própria vida? Ao contrário, eles passam a vida aprofundando com má intenção seus próprios mistérios, estão sempre desejando fazer algum mal, pois professam não uma demonstração de obras, mas uma arte de palavras. Entre nós, porém, é fácil falar a pessoas simples, artesãos e velhinhas que, se não são capazes de manifestar a utilidade da sua religião, a demonstram pela prática. Com efeito, não aprendem discursos de cor, e sim manifestam boas ações: não ferir a quem os fere, não perseguir na justiça a quem os despoja, dar a todo aquele que lhes pede e amar ao próximo como a si mesmos.

**12.** Ora, se não acreditássemos que Deus preside ao gênero humano, poderíamos levar uma vida tão pura? Não é possível dizer. Mas como estamos persuadidos de que teremos de dar contas de toda a nossa vida presente a Deus, que fez a nós e ao mundo, escolhemos a vida moderada, caritativa e desprezada, pois pensamos que não podemos sofrer mal tão grande aqui, mesmo quando nos tirem a vida e qual será a recompensa que receberemos lá do grande juiz por uma vida mansa, caritativa e modesta. Platão disse que Minos e Radamante julgariam e castigariam os maus. Nós, porém, dizemos que nem o próprio Minos ou Radamante ou o pai deles escapará do julgamento de Deus. Além disso, homens que consideram essa vida como “comamos e bebamos, porque amanhã morreremos” e fazem da morte um sono profundo e puro esquecimento — “a morte e o sono, irmãos gêmeos” — são considerados piedosos. Nós, porém, homens que consideramos a vida presente de curta duração e de mínima estima, que nos dirigimos pelo único desejo de conhecer o Deus verdadeiro e o Verbo que dele procede — qual é a comunicação do Pai com o Filho, que coisa é o Espírito, qual é a união de tão grandes realidades, qual a distinção dos assim unidos, do Espírito, do Filho e do Pai —; nós que sabemos que a vida que esperamos é superior a tudo quanto a palavra pode expressar, se chegarmos até ela puros de toda iniquidade; nós que vivemos a nossa caridade até amar não só os nossos amigos, como diz a Escritura: “Se amais os que vos amam e emprestais aos que vos emprestam, que recompensa tereis?”, a nós que somos tais e vivemos tal vida para fugirmos de ser julgados, não somos considerados religiosos?

Tudo isso são pequenas amostras de grandes coisas, poucas entre muitas, a fim de não vos molestarmos com a prolixidade. Com efeito, os que provam o mel ou o soro, através de uma pequena quantia, examinam se o todo é bom.

**13.** Contudo, já que aqueles que nos acusam de ateísmo — vulgo que não sabe sequer em sonho que é Deus, tão ignorantes e alheios que são à contemplação tanto da razão teológica como da física, que medem a religião por lei de sacrifícios — nos reprovam por não termos os mesmos deuses que as cidades, considerai, vos peço, ó imperadores, um e outro ponto do modo que segue, e, antes de tudo, a reprovação por não sacrificar. O Artífice e Pai deste universo não tem necessidade nem de sangue

nem de gordura, nem de perfume de flores e incensos, já que ele é o perfume perfeito; nada lhe falta, e de nada necessita. Para ele o máximo sacrifício é que reconheçamos quem estendeu e deu força esférica aos céus e assentou a terra como centro, que reuniu as águas em mares e separou a luz das trevas, quem adornou o éter com astros e fez que a terra produzisse sementes, quem criou os animais e plasmou o homem. Considerando, pois, Deus como artífice que contém tudo e que olha tudo com a ciência e a arte com que dirige tudo, e levantando as nossas mãos puras para ele, que necessidade há de catástrofes?

“Os homens tratam de dobrá-los com sacrifícios e suaves súplicas, com libação e gordura, suplicando-lhes quando alguém comete transgressão e pecado”. Que falta me fazem os holocaustos de que Deus não necessita? E que falta me faz apresentar oferendas, quando se deve oferecer-lhe sacrifícios incruentos, que é culto racional?

**14.** Sobre o fato de não nos aproximarmos ou termos como deuses os mesmos que as cidades têm, é palavra totalmente idiota; mas nem aqueles que nos acusam de ateísmo por não considerarmos como deuses aqueles aos quais de modo vão se aproximam, concordam entre si a respeito dos deuses. Os atenienses estabelecem como deuses Celeu e Metanira; os lacedemônios estabelecem Menelau, e a ele sacrificam e celebram festas; os troianos, que não podem sequer ouvir seu nome, estabelecem Heitor; os habitantes de Queos estabelecem Aristeu, que identificam com Zeus e Apolo; os tássios estabelecem Teágenes, que cometeu homicídio nos jogos olímpicos; os habitantes de Samos estabelecem Lisandro, depois de tantas mortes e tantos males; os cilícios consideram Medéia e Níobe; os sículos consideram Filipe, filho de Butacides; os amatúsios consideram Onesilau; os cartagineses consideram Amílcar. O dia acabaria se eu tivesse que enumerar toda a multidão. Se eles entre si não estão de acordo sobre seus próprios deuses, por que nos acusam de não coincidir com eles? Quanto aos egípcios, a coisa chega ao ridículo. Em suas grandes reuniões, eles batem no peito nos templos, como pelos mortos, e lhes oferecem sacrifícios como a deuses; e ninguém estranha que introduzam animais como deuses, raspem a cabeça quando morrem, os enterrem nos templos e organizem lutos públicos. Se nós, portanto, por não praticar a religião como eles, somos ímpios, todas as cidades e todas as nações são ímpias, pois não são todos que têm os mesmos deuses.

**15.** Aceitemos, porém, que todos admitissem os mesmos deuses. E daí? Se o vulgo, incapaz de distinguir entre matéria e Deus, e de compreender a diferença que existe de uma para outro, recorre aos ídolos feitos de matéria, deveremos também nós adorar as estátuas para agradá-los? Nós, que distinguimos e separamos o incriado do criado, o ser do não-ser, o inteligível do sensível, e que damos nome conveniente a cada uma dessas coisas? Com efeito, se a matéria e Deus são a mesma coisa, e se trata apenas de dois nomes para a mesma realidade, não aceitando como deuses as pedras, a madeira, o ouro e a prata, cometemos uma impiedade; contudo, se existe imensa distância entre um e outro, como do artista para os instrumentos de sua arte, por que nos acusam? Como o oleiro e o barro, o barro é a matéria e o oleiro é o artista, assim Deus é o artífice, e a matéria lhe obedece em vista da arte. Mas como o barro sem a ação do artista não pode por si mesmo converter-se em vasos, também a matéria, capaz de qualquer forma, não teria recebido em distinção nem figura nem ornato sem a ação do Deus artífice. Ora, nós não consideramos o vaso mais digno de honra do que o seu fabricante, nem as taças de ouro mais dignas de honra do que aquele que as fundiu, mas, se vemos nelas alguma habilidade artística, louvamos o artista e é este que colhe o fruto da glória dos vasos. Do mesmo modo, tratando-se de Deus e da matéria, não é esta que recebe a glória e a justa honra pela ordenação do mundo, mas Deus, artífice da matéria. Assim, se considerássemos como deuses as formas da matéria, daríamos prova de não ter o sentido do Deus verdadeiro, equiparando o dissolúvel e corruptível ao eterno.

**16.** Certamente o mundo é belo, abarca tudo com a sua grandeza, pela disposição dos astros da eclíptica e os do setentrião, e por sua forma esférica; contudo, não é a ele, mas ao seu artífice que se deve adorar. Com efeito, nem mesmo vossos súditos que recorrem a vós, seus donos e senhores, dos quais podem conseguir o que necessitam, vos deixam de honrar para deter-se na magnificência de vossa moradia; de passagem, eles olham vosso palácio imperial e admiram sua bela feitura; contudo, a glória e a honra eles as tributam inteiramente a vós. É de se notar que vós, os reis, construís para vós mesmos vossas régias moradas; o mundo, porém, não foi feito porque Deus necessitasse dele, pois Deus é tudo para si mesmo, luz inacessível, mundo perfeito, espírito, poder, verbo. Portanto, se o mundo é um instrumento harmonioso que se move conforme um ritmo, eu não adoro o instrumento, mas a quem lhe dá harmonia, o faz emitir os sons e entoa o canto afinado. Nem mesmo nos jogos públicos os atletas deixam de lado os tocadores de cítaras e coroam as cítaras deles. Se o mundo é, como diz Platão, uma obra de Deus, admirando sua beleza, eu me dirijo ao artista. Se é essência e corpo, como querem os peripatéticos, não vamos deixar de adorar a Deus, causa do movimento desse corpo, para cair nos elementos míseros e fracos, preferindo em nossas adorações a matéria passível ao éter que, segundo eles, é impassível. E se existe quem entende as partes do mundo como potências de Deus, não vamos pres-tar honras às potências, mas ao criador e dono delas. Não peço à matéria o que ela não tem, nem abandono a Deus para servir aos elementos, que podem apenas aquilo que lhes é ordenado. Se é certo que são formosas à vista por perícia do artífice, nem por isso deixam de ser perecíveis por natureza da matéria. O próprio Platão confirma meu raciocínio. Ele diz: “O que chamamos céu e mundo, embora participe de muitos e afortunados bens da parte do Pai, contudo, também tem a comunicação do corpo e, por isso, é impossí-vel que esteja isento de toda mudança”. Se, embora admi-rando o céu e os elementos por causa da arte que neles resplandece, não os adoro como a deuses, pois conheço a razão de dissolução que pesa sobre eles, como chamarei deuses aos que eu sei que têm homens como artífices?

**17.** Peço-vos considereis brevemente este ponto<sup>e</sup>. (É preciso que fazendo a nossa defesa, como estou, eu apresente argumentos mais precisos, tanto sobre os nomes, para demonstrar que são recentes, como sobre as imagens, para ver que procedem, como se diz, de ontem e anteontem; e isso vós o sabeis melhor do que ninguém, pois sois versados nos antigos a respeito de todo assunto e em grau superior a todos). Portanto, digo que Orfeu, Homero e Hesíodo são os que estabeleceram famílias e deram os nomes aos que por eles são chamados deuses. O próprio Heródoto o confirma: “Considero Hesíodo e Homero quatrocentos anos mais antigos do que eu, não mais, e foram eles que estabeleceram a Teogonia para os gregos, que deram suas denominações aos deuses, distribuindo suas honras e ofícios e explicando suas formas.” Quanto às suas imagens, enquanto não existiam a pintura, a plástica e a escultura, não eram sequer concebíveis. Foi na época de Sáurio de Samos, de Cráton de Sicião, de Cleantes de Corinto e de uma moça coríntia que foi inventada a representação das figuras, quando Sáurio delineou um cavalo ao sol; a pintura foi quando Cráton recobriu de cor, em uma tábua branca, as figuras de um homem e de uma mulher. A fabricação de bonecos foi inventada pela moça: enamorada por um homem, delineou, enquanto dormia, a figura dele na parede; depois, o seu pai, satisfeito com a exata semelhança (sabe-se que ele trabalhava com argila), a esculpiu, enchendo o contorno de barro. A imagem ainda é conservada em Corinto. A esses sucederam Dédalo, Teodoro e Smilis, que inventaram a escultura e a plástica. Na verdade, as imagens e fabricação dos ídolos têm tão pouco tempo que é possível indicar o artífice de cada deus. Assim, foi Endoio, discípulo de Dédalo, que fabricou a estátua de Ártemis em Éfeso, a de Atenas (ou melhor, de Atela, pois assim a chamam os que falam misteriosamente... falo, portanto, da antiga



estátua de oliveira), e até da Sentada; Apolo Pítio é obra de Teodoro e de Télecles; Délio e Ártemis são arte de Tecteu e de Angelião; a Hera de Argos e a de Samos saíram das mãos de Smilis; os demais ídolos são de Fídias; a segunda Afrodite é obra de Praxíteles; o Asclépio de Epidauro é obra de Fídias. Numa palavra, nenhum dos ídolos pode escapar de ser fabricado por homens. Ora, se são deuses, como não existiam desde o princípio? Como são mais recentes que aqueles que os fabricaram? Que necessidade tinham, para nascer, dos homens e da arte? Tudo isso, porém, é apenas terra, pedras, matéria e arte supérflua.

**18.** Há aqueles que dizem que isso são apenas estátuas, mas é aos deuses que elas se referem, que as procissões que a elas se fazem e os sacrifícios que se lhes oferecem terminam nos deuses e a eles se dirigem, que não existe, enfim, outro meio de aproximar-se dos deuses sem este: “os deuses são difíceis de aparecer claramente”. E que isso seja assim, apresentam como prova as atividades de alguns ídolos. Se vos agrada, examinemos o poder que existe em seus nomes. Antes de iniciar o meu discurso, eu vos rogo, ó máximos imperadores, que me perdoeis se apresento apenas raciocínios verdadeiros. O meu propósito não é refutar os ídolos, e sim desfazer as calúnias contra nós e oferecer-vos a razão de nossa religião. Ora, vós, por vós mesmos, poderíeis examinar o império celeste. Com efeito, como a vós, pai e filho, vos foi posto tudo na mão ao receber o império de cima: “Porque a alma do rei está nas mãos de Deus”, diz o Espírito profético, do mesmo modo está submetido a um só Deus e ao Verbo que dele procede seu filho concebido como seu inseparável. Antes de tudo, eu vos peço, portanto, que considereis este ponto. Os deuses não existiram, conforme dizem, desde um princípio, mas cada um deles nasceu do mesmo modo que nascemos. Nisso todos concordam, pois Homero diz: “Ao Oceano, origem dos deuses, e à mãe Tétis”.

Orfeu, que foi o primeiro a inventar os seus nomes e explicou suas genealogias, que contou as façanhas de cada um, e que se acredita entre o vulgo ser o mais veraz teólogo, a quem geralmente Homero segue mais do que ninguém em assunto de deuses, Orfeu, como dizia, também estabelece a primeira origem deles na água: “O Oceano, que é a origem de todos.” Com efeito, segundo ele, a água foi o princípio de tudo e da água formou-se um lodo e de ambos foi gerado um animal, um dragão que tinha unidas uma cabeça de leão e outra de touro, e entre as duas, um rosto de deus, cujo nome é Héracles e Crono. Héracles gerou um enorme ovo que, cheio da força da-quele que o havia gerado, rompeu-se em dois por atrito. A parte superior transformou-se no Céu, a debaixo na Terra, e surgiu um deus de duplo corpo. O Céu, unido com a Terra, gerou as mulheres Cloto, Láquesis e Atropo, os homens centímanos: Coto, Giges, Briareu, e os ciclopes Brontes, Estetopes e Arges. Mas como ficou sabendo que seria derrubado de seu império por seus próprios filhos, acorrentou-os e atirou-os na profundidade do Tártaro. Irritada com isso, a Terra gerou os titãs: “A augusta Gaia gerou os filhos de Urano que chamam pelo sobrenome de titãs, pois eles se vingaram do grande Urano estrelado”.

**19.** Tal é o princípio da gênese, não só daqueles que eles consideram deuses, mas do universo todo. Considerai, portanto, este ponto: cada um desses aos quais se atribui a divindade, como princípio, também é forçoso que seja corruptível. De fato, se nasceram não existindo, como dizem os que teologizam sobre eles, não existem, porque uma coisa ou é incriada e, por conclusão, eterna, ou é criada e, por conseguinte, corruptível. Não falo diferentemente dos filósofos: “O que é que é sempre e não tem princípio? O que é que começa e não é nunca? Platão, discorrendo sobre o inteligível e o sensível, ensina que aquilo que é sempre, o inteligível, é o incriado; e aquilo que não é, o sensível, criado, que começa a ser e deixa de ser. Por isso, também os estóicos dizem que tudo há de perecer numa conflagração, e voltar a ser de novo, readquirindo princípio. Ora, se, conforme eles, existem



duas causas, a eficiente, que é aquela que manda, como a providência, e a passiva, que é aquela que muda, como matéria, e é impossível que, mesmo governado pela providência, o mundo permaneça em um ser, desde o momento que tem princípio, como permanecerá a constituição desses que não existem por natureza, mas que nascem? Em que são superiores à matéria deuses que têm a sua constituição a partir da água? Mas nem mesmo a água, segundo eles, é princípio de tudo. (Com efeito, o que é que poderia constituir-se de elementos simples e uniformes? Além disso, a matéria sempre necessita de artífices e o artífice necessita da matéria. De fato, como poderiam ser feitas as imagens sem matéria ou sem artífice?) Não há razão alguma para que a matéria seja mais antiga do que Deus, pois é forçoso que a causa eficiente seja anterior ao que tem princípio.

**20.** Ora, se o absurdo de sua teologia ficasse na afirmação de que os deuses nascem e se constituem da água, uma vez que demonstrei que não existe nada criado que não seja também dissolúvel, poderia passar às outras acusações que nos fazem; de uma parte, porém, descreveram os corpos dos deuses: um Héracles, o qual dizem que era um dragão retorcido; os deuses de cem mãos; a filha de Zeus, que ele teve com sua mãe Rea, também chamada Deméter, que tinha dois olhos no lugar natural e outros dois na frente, além de chifres e a face de animal na parte posterior do pescoço, com o que, espantada com aquele monstro de filha, Rea fugiu sem dar-lhe o peito. É daí que misticamente se chama Atela, ao passo que comumente se lhe dá o nome de Perséfone e Coré, que não é a mesma que Atenas, à qual também se chama Coré, por causa de sua virgindade. Por outro lado, também nos contaram suas façanhas exatamente conforme eles pensam: Cronos, que cortou o membro viril de seu pai e ele próprio o atirou de seu carro, e que matava seus filhos, devorando os varões. Zeus, que amarrou seu pai e o atirou na profundidade do Tártaro, como já fizera Urano com seus filhos, que lutou contra os titãs pela supremacia e perseguiu sua mãe Rea, que recusava unir-se com ele, convertendo-se ela em dragão, ele também em dragão e, amarrando-o com o chamado nó de Héracles, finalmente uniu-se com ela (o símbolo da figura da união é o bastão de Hermes). Depois Urano também se uniu com sua filha Perséfone, forçando-a sob a forma de dragão, e dela nasceu o filho Dioniso. Tudo isso me força a dizer o seguinte: o que há de importante ou de útil nessa história, para que acreditemos que Cronos, Zeus, Coré e os outros sejam deuses? As configurações de seus corpos? Contudo, que homem discreto e formado na contemplação filosófica pode credi-tar que um deus tenha gerado uma víbora? Assim diz Orfeu: “Fanes, porém, espantosa à vista; de sua cabeça pendem os cabelos e o seu rosto é belo de se ver, mas nas partes restantes ela é dragão espantoso desde a altura do pescoço...” Quem poderá admitir que o próprio Fanes, que é o deus primogênito (pois este é o que saiu do ovo derramado), tenha corpo ou figura de dragão ou que tenha sido devorado por Zeus, a fim de que este se tornasse imenso? Com efeito, se em nada se diferenciam dos mais vis animais (e é evidente que a divindade deve diferenciar-se de todo terreno e até daquilo que é separado da matéria), não são deuses. Por que aos que nascem com forma semelhante à dos animais, têm forma de animais e aspecto horrível?

**21.** Na verdade, se dissessem apenas que seus deuses são carnais, que têm sangue, esperma, paixões de ira e desejo, já seria o bastante para qualificar todos esses relatos de charlatanice e coisa ridícula; de fato, em Deus não há ira, desejo, instinto ou sêmen gerador. Podem ser de carne, mas superiores ao fastio e à colera, e não vejamos Atenas “irritada contra Zeus Pai, pois uma cólera feroz a arrebatara”, e não contemplemos Hera, a quem “a cólera não lhe cabia no peito e disse”; também superiores à tristeza: “Que dor! Estou vendo com meus olhos o homem verdadeiramente querido perseguido em torno da muralha, e meu coração se entristece”. De minha parte, considero como homens deseducados e torpes aqueles que cedem à cólera e à tristeza. Com efeito, quando o “pai de

homens e deuses” se lamenta por seu filho: “Ai de mim! Pois Sarpedon, o mais querido dos homens, foi decretado pelo destino que ele seja domado por Pátroclo, filho de Menécio” e, com todos os seus lamentos, é incapaz de livrá-lo do perigo: “Sarpedon, filho de Zeus, e este nem a seu filho socorre”. Quem não chamará de ignorantes aqueles que se mostram amadores dos deuses com tais fábulas, quando, na realidade, são ateus? Podem ser carnaís, mas que Afrodite não seja ferida nem no corpo por Diomedes: “Feriu-me o filho de Tideu, o soberbo Diomedes”, nem por Ares na alma: “Por ser coxo, Afrodite, a filha de Zeus, sempre me despreza e ama o horrível Hares”. Nem Hares pelo próprio Diomedes: “E lhe arrancou a bela pele”. Ares, o espantoso nas batalhas e aliado de Zeus contra os titãs, aparece mais fraco que Diomedes: “Ia furioso, como quando Ares brande a sua lança”. Cala-te, Homero, pois Deus não se enfurece; tu és aquele que me apresentas Deus como manchado de sangue e funesto para os mortais: “Ares, Ares, destruição de mortais, manchado de sangue”, e nos contas o seu adultério e acorrentamento: “Os dois, tendo subido ao leito, adormeceram, mas ao redor deles estenderam-se as hábeis correntes do engenhoso Héfestos, e já não era possível mover os membros”.

Como não rejeitar todo esse interminável charlatanismo sobre os deuses? Urano foi castrado, Cronos foi acorrentado e jogado no Tártaro, os titãs se rebelam, Estígia morre no decorrer da batalha (até como mortais nos apresentam os deuses), uns se enamoram pelos outros e também se enamoram pelos homens: “Éneas, que foi concebido pela divina Afrodite nos braços de Asquises, nas quebradas do Ida, uma deusa deitada com um mortal”. Os deuses, porém, não amam, nem têm paixões, porque se são deuses não são afetados pelo desejo... E se Deus toma carne, segundo a divina economia, torna-se escravo do desejo?

“Com efeito, jamais o amor de deusa ou de mulher domou o meu coração dentro do peito em torno derramado, nem quando amei a esposa de Ixião; nem quando amei Dânae, a de belos tornozelos, a de Acrísio; nem quando amei a filha do ilustre Fênix, nem quando amei Sêmele ou Alcmena em Tebas, nem quando amei Deméter, a rainha de belas tranças, nem quando amei a gloriosa Seto, nem a ti mesma”. Se um ser é criado, ele é corruptível, e nada tem de Deus. E chegam a servir os homens como diaristas: “Ó palácios de Admeto, em que eu tive que suportar e aceitar a mesa de diarista sendo um deus.” Também são boiadeiros: “Vindo eu a esta terra, apascentei os bois de meu hóspede e salvei esta casa”. Portanto, Admeto é superior ao deus. Ó adivinho e sábio, que predizes o futuro para os outros! Tu não foste capaz de adivinhar a morte do teu amado, mas com a tua própria mão mataste o teu amigo. E Ésquilo censura Apolo como falso adivinho: “Eu acreditava que a boca divina de Febo era infalível, pois dela brota a arte da adivinhação; e ele próprio, que entoava o hino, presente ao convite e que me predissera isso, foi ele que matou o meu filho”.

**22.** Talvez se diga que tudo isso são fantasias poéticas, e que existe uma explicação física para tudo isso. Como diz Empédocles: “Esplêndido Zeus, e Hera que dá a vida, Aidoneu e Néstis, que banha de lágrimas os olhos mortais”. Contudo, se Zeus é o fogo, Hera a terra, Aidoneu o ar e Néstis a água, e tudo isso são elementos — fogo, água, ar —, nenhum deles é Deus: nem Zeus, nem Hera, nem Aidoneu, pois a constituição e origem de todos provém da matéria separada por Deus: “Fogo, água e terra, a benigna altura do ar, e a amizade entre eles”.

Aquele que não pode permanecer sem a amizade, pois está confundido pela discórdia, quem poderá dizer algo de Deus? Conforme Empédocles, a amizade é o que manda, e os compostos são o mandado, e o que manda é o principal. De modo que, se julgamos ser uma e a mesma a potência do que manda e do mandado, não nos damos conta de estar tributando honra igual à matéria corruptível do ser mutante e a Deus incriado, eterno e sempre concorde consigo mesmo.

Segundo os estóicos, Zeus é a substância fervente; Hera, que é o ar, pois o próprio nome concorda

com o som, enlaça-se consigo mesmo; Posêidon é a bebida. Outros dão outras explicações naturais. Com efeito, uns dizem que Zeus é o ar de dupla natureza, hermafrodita; outros dizem que ele é a ocasião que muda o tempo em boa temperatura e que, por isso, foi o único que escapou de Cronos. Contudo, é preciso dizer contra os estóicos: se considerais o Deus dupremo como um só, incriado e eterno, e que são compostas as coisas onde se processa a mudança da matéria, e afirmais que o espírito de Deus, que penetra através da matéria, recebe um ou outro nome conforme sua mudança, então as formas da matéria se converterão em corpo de Deus e, corrompendo-se os elementos pela conflagração, forçosamente também os nomes se corromperão junto com as formas, permanecendo unicamente o espírito de Deus. Entretanto, quem é que considerará como deuses corpos corruptíveis e mutáveis conforme a matéria?

Quanto aos que dizem que Cronos é o tempo e Rea a terra; que esta concebe de Cronos e gera e que, por isso, é chamada mãe de todos; que ele gera e devora; que a mutilação de seus órgãos sexuais é a união do macho e da fêmea que corta e joga o sêmen na matriz e gera o homem que tem dentro o desejo, isto é, Afrodite; que a loucura de Cronos é o giro do tempo, consumindo o animado e o inanimado; que as correntes e o Tártaro são o tempo que muda e se torna invisível pelas estações; contra esses dizemos: se Cronos é o tempo, então muda; se é a estação, gira; se é as trevas, o gelo ou sua substância úmida, nada disso permanece; a divindade, porém, é imortal, imóvel e imutável. Portanto, nem Cronos, nem o ídolo que o representa, é deus. Quanto a Zeus, se ele é o ar gerado de Cronos”, cujo elemento masculino é Zeus e o feminino Hera (daí que ela seja sua esposa e irmã), é mutável; se ele é a estação, gira; o divino, porém, não muda, nem decai.

Contudo, para que continuar importunando-vos com novas explicações, se vós sabeis melhor as explicações que deram todos aqueles que sobre isso especularam? O que entenderam sobre os deuses aqueles que, por exemplo, escreveram sobre Atena, dizendo que ela é a inteligência que tudo penetra? Ou sobre Ísis, que chamam de natureza da eternidade, da qual todos nasceram e pela qual todos existem? Ou sobre Osíris, seu irmão, morto por Tifão, perto de Pelúcio, cujos membros ela vai buscar junto com o seu filho Horo e, tendo-os encontrado em um sepulcro, que até hoje se chama tumba de Osíris? Com efeito, resolvendo para cima e para baixo as formas da matéria, o que fazem é desviar-se de Deus, que se contempla pela razão, e divinizar os elementos e suas partes, pondo-lhes diversidade de nomes. Por exemplo: a sementeira de trigo, Osíris (do qual dizem que nos mistérios se clama a Ísis por causa do achado dos membros ou dos frutos: “Encontramos, nos alegramos”); o fruto da vinha, Dioniso; a própria vinha Sêmele, raio, ao calor do sol. Na verdade, os que explicam alegoricamente os mitos, divinizando os elementos, nos dão qualquer coisa, menos explicações do divino, pois não se dão conta de que com aquilo que tentam defender seus deuses, confirmam ainda mais os raciocínios contra eles. O que é que Europa e o touro, o cisne e Leda têm a ver com a terra e o ar, para que nos venham dizer que o abominável tratamento de Zeus para com elas representa a união da terra e do ar? Desviando-se da grandeza de Deus e incapazes de remontar pelo raciocínio, pois não sentem simpatia pelo lugar celeste, se consomem e se afundam nas formas da matéria, divinizam as mudanças dos elementos, tão absurdo como alguém confundir o navio em que viaja com o piloto que o dirige. Mas como o navio nada vale, mesmo com todos os seus apetrechos, se não tem piloto, igualmente de nada vale a ordem dos elementos sem a providência de Deus. De fato, nem o navio navegará por si mesmo, nem os elementos se movimentarão sem um criador.

**23.** Vós, porém, que superais a todos em inteligência, poderíeis objetar: Então por que alguns ídolos agem, se não existem os deuses em cuja honra erguemos as imagens? Não é verossímil que estátuas inanimadas e imóveis tenham por si mesmas alguma força sem que alguém as mova. Desde já, nós mesmos não negamos que em determinados lugares, cidades e povoados aconteçam algumas

operações em nome dos ídolos; entretanto, porque alguns tenham recebido proveito e outros prejuízo, não vamos considerar deuses aqueles que agiram em um ou outro sentido, mas investigamos cuidadosamente o motivo de crerdes que os ídolos têm alguma força e quais são os que agem, usurpando seus nomes. Antes de tudo, porém, já que quais são os que agem nos ídolos e que não são deuses, é preciso trazer como testemunhas também alguns filósofos. Tales, como dizem os que conhecem a fundo suas doutrinas, foi o primeiro que estabeleceu a divisão entre Deus, demônios e heróis. Por Deus, ele entende a mente do mundo; por demônios, as substâncias animadas; por heróis, as almas separadas dos homens, bons as boas, maus as más. Platão, que em outros pontos se mostra reservado, também distingue entre o Deus incriado, os astros fixos ou errantes, criados pelo Incriado, para enfeitar o céu, e os demônios. Ele recusa falar desses demônios, mas quer que se acredite nos que falaram sobre eles: “Falar da multidão de demônios e conhecer as suas origens é tarefa que ultrapassa nossas forças, mas deve-se acreditar nos que falaram anteriormente, já que, como dizem, são descendentes dos próprios deuses, e é de se supor que conheçam exatamente seus ascendentes. Portanto, é impossível não crer nos filhos de Deus, mesmo quando falam sem provas ve-rossímeis ou necessárias, mas, seguindo o costume, deve-se crer neles como em pessoas que nos certificam estar nos contando a história de sua própria família. Dessa forma, seguindo a eles, sirva isso também para nós e digamos que a origem desses deuses é a seguinte: Da terra e do céu nasceram dois filhos: o Oceano e Tétis; desses nasceram Forco, Cronos, Rea e todo o seu séquito; de Cronos e Rea nasceram Zeus e Hera e todos os que sabemos que se dizem seus irmãos, e, por fim, os outros descendentes desses”.

Entretanto, Platão, que compreendeu o Deus eterno apenas pela inteligência e razão exequível; ele, que explicou os atributos que lhe convêm: seu ser real, sua unidade de natureza, o bem que dele se derrama, que é a verdade; ele, que falou da “primeira potência”, e disse: “Em torno do rei de todas as coisas está tudo, por causa dele tudo existe e ele é a causa de tudo”; e da segunda e terceira: “O segundo em torno do segundo, e o terceiro em torno do terceiro”; Platão pode considerar empresa superior às suas forças investigar a verdade sobre os que se dizem ter nascido de coisas sensíveis do céu e da terra? Não se pode dizer tal coisa. A verdade é que, como ele entendia ser impossível os deuses gerarem e conceberem, pois o que nasce tem conseqüentemente fim, mais impossível ainda seria mudar a convicção do vulgo, que aceita os mitos sem exame ou prova. Por esse motivo, disse que estava acima de suas forças conhecer e explicar a gênese da multidão dos demônios, pois não podia compreender, nem explicar como os demônios possam ter nascimento. A outra passagem sua, em que diz: “Zeus, o grande guia no céu, lança-se à marcha conduzindo o seu carro, e atrás dele segue o exército dos deuses e demônios”, não deve ser entendida de Zeus, o assim chamado filho de Crono, pois com o seu no-me quer-se significar o Criador do universo. O próprio Platão deixa isso bem claro. Não tendo outro termo para significar isso, usou o nome popular como pôde, não como nome próprio de Deus, mas por razão de clareza, já que não era possível representar para todos o Deus verdadeiro. Depois acrescentou-lhe o qualificativo de “grande”, para diferenciar o celeste do terreno, o incriado do criado, este mais jovem que o céu e a terra e até mais jovem que os cretenses, que o roubaram para que não fosse devorado por seu pai.

**24.** Que necessidade há de recordar-vos os poetas e examinar também outras opiniões para vós que examinastes toda a doutrina? É suficiente acrescentar apenas uma consideração. Mesmo quando poetas e filósofos não reconheceram que Deus é um só, mas uns pensaram nos deuses como demônios, outros como matéria, outros como tendo sido homens, haveria motivo para perseguir-nos, a nós que, com o nosso raciocínio distinguimos Deus da matéria e as substâncias de um e da outra? De fato, assim como confessamos Deus, o Filho, que é o seu Verbo, e o Espírito Santo, identificados

segundo o poder, mas distintos segundo a ordem: o Pai, o Filho e Espírito, porque o Filho é inteligência, Verbo e sabedoria do Pai, e o Espírito, emanação como luz do fogo, também entendemos que existem outras potências que rodeiam a matéria e a penetram, e uma contrária a Deus. Não porque exista algo contrário a Deus, da mesma forma que a discórdia é contrária à amizade, conforme Empédocles, ou a noite contrária ao dia, entre os fenômenos naturais — se alguma coisa se enfrentasse assim com Deus, cessaria completamente de ser, pois a sua substância seria destruída pela potência e força de Deus —; mas porque o Espírito que rodeia a matéria é contrário à sua bondade, atributo que lhe é próprio e que coexiste com ele como o calor com o fogo, sem o qual não pode existir — não que seja parte sua, mas é acompanhamento necessário, identificado e compenetrado, como o vermelho com o fogo e o azul com o céu —; Espírito, dizíamos, criado certamente espírito, por Deus, como foram por ele criados os demais anjos, e ao qual foi confiada a administração da matéria e das formas da matéria. Com efeito, a substância desses anjos foi criada por Deus para providência das coisas por ele ordenadas, de modo que Deus conservaria a providência universal e geral do universo — o domínio e o poder sobre tudo dependeria dele, e ele dirigiria isso sozinho, indeclinavelmente, como um navio, com o timão da sua sabedoria —; mas os anjos por ele ordenados se encarregariam da providência particular. Do mesmo modo, porém, que os homens têm livre-arbítrio podem optar pela virtude e pela maldade — pois se não estivesse em seu poder a maldade e a virtude, não honraríeis os bons nem castigaríeis os maus, quando uns se mostram diligentes e outros desleais naquilo que lhes confiais —, assim também os anjos. Uns, que foram imediatamente criados livres por Deus, permaneceram naquilo que Deus os criara e ordenara; outros se orgulharam tanto de sua natureza, como do império que exerciam, isto é, esse que é príncipe da matéria e das suas formas, e os outros encarregados desse primeiro firmamento — e deveis saber que não afirmamos nada sem testemunhas; expressamos apenas o que foi dito pelos profetas —; estes, por terem caído em desejo pelas virgens e mostrando-se inferiores à carne; aquele, por ter sido negligente e mau na administração que lhe fora confiada. Dos que tiveram relação com virgens nasceram gigantes. Não vos maravilheis, se em parte os poetas também falam dos gigantes, pois a sabedoria humana e a divina distam entre si assim como a verdade dista do verossímil. Uma é celeste e outra é terrena e, segundo o príncipe da matéria, “sabemos dizer muitas mentiras semelhantes à verdade”.

**25.** Portanto, esses anjos caídos do céu, que rondam em torno do ar e da terra, e que já não são capazes de subir ao supraceleste, e as almas dos gigantes são os demônios, que andam errantes ao redor do mundo e produzem movimentos semelhantes; os demônios às substâncias que receberam, os anjos aos desejos que sentiram. Quanto ao príncipe da matéria, como se pode ver pela experiência, ele governa e administra de modo contrário à bondade de Deus: “Muitas vezes, uma preocupação atravessou a minha alma. Se é o acaso, se é demônio que domina o humano, pois contra a esperança, contra a justiça, alguns são arrancados de suas casas, sem Deus, e outros são levados à felicidade.” Se o ser feliz ou desgraçado contra a esperança e a justiça deixa mudo Eurípedes, de quem será uma administração das coisas terrenas, diante da qual se pode dizer: “Vendo tudo isso, como diremos que a raça dos deuses existe ou obedeceremos às leis?” Isso também levou Aristóteles a dizer que as partes inferiores do céu não são governadas pela providência, mas a verdade é que a providência eterna de Deus permanece para nós de modo igual: “A terra, queira ou não queira, por força, produzindo erva, engorda os meus rebanhos”, e a providência particular chega de fato e não em aparência para os que são dignos, e os outros são providos conforme a constituição comum das coisas, por lei da razão. O que acontece é que os movimentos demoníacos do espírito contrário e suas operações produzem esses impulsos desordenados que vemos arrastar os homens, uns de um

modo, outros de outro, alguns individualmente, outros por nações, alguns parcialmente, outros em comum, segundo a razão da matéria e da simpatia com o divino; movimentos do interior, como do exterior, que obrigaram alguns, cujas opiniões não são desprezíveis, a pensar que todo este universo não está organizado com ordem, mas que tudo anda revirado por um acaso irracional. Eles ignoram que, quanto à constituição do universo, não existe nada desordenado, nem descuidado, mas cada parte sua foi feita com razão e, por isso, nenhuma transgride a ordem que lhe foi marcada. Quanto ao homem, se se olha para o seu Criador, também foi feito ordenadamente: a natureza de sua origem, que tem uma só e comum razão; a organização de sua formação, que não pode transgredir a lei que a rege; e o termo de sua vida, que permanece igual e comum para todos, embora, segundo a razão própria de cada um e a ação do príncipe da matéria que o domina e dos demônios que o acompanham, cada um se dirija e se mova de modo diverso, apesar de todos terem em si o raciocínio comum.

**26.** Aqueles que os arrastam aos ídolos são esses demônios dos quais falamos, os que andam em torno do sangue das vítimas e o lambem; mas os deuses que agradam o vulgo e dão o seu nome às estátuas foram apenas homens, como se pode averiguar pelas histórias que deles tratam. A prova de que são os demônios que usurpam seus nomes está na operação que cada um exerce. De fato, aqueles que cultuam Rea, mutilam o próprio membro viril; outros, os de Ártemis, fazem cortes ou incisões em si mesmos; a de Tauros mata estrangeiros. Deixo de falar sobre os que se torturam com punhais e correias de ossos, e tantas outras espécies de demônios. Não é próprio de Deus incitar a atos contra a natureza: “Quando um demônio quer fazer mal a um homem, primeiro lhe prejudica a inteligência.” Deus, porém, que é absolutamente bom, é eternamente benéfico.

Que sejam uns que agem e outros em cuja honra se erguem as estátuas, temos uma prova definitiva em Tróia e Páris. A primeira tem estátuas de Nerilino, contemporâneo nosso; Páris tem estátuas de Alexandre e Proteu. Há ainda na ágora ou praça pública o sepulcro e a estátua de Alexandre. Ora, as outras estátuas de Nerilino servem de ornamento público, se é que com tais coisas se orna uma cidade. Crê-se, porém, que uma delas dá oráculos e realiza curas e, por isso, os troianos lhe oferecem sacrifícios, a ungem e a coroam de ouro. Quanto às estátuas de Alexandre e Proteu (não ignorais que este se atirou ao fogo em Olímpia), diz-se também que uma emite oráculos, e a estátua de Alexandre — “Páris malfadado, brava figura, mulherengo” — também são oferecidos sacrifícios e celebradas festas, como a deus propício. De fato, são Nerilino, Proteu e Alexandre que realizam esses prodígios nas estátuas ou é a constituição da matéria? Mas a matéria é puro bronze. Que é que o bronze pode por si mesmo, se se pode transformá-lo em outra figura, como fez Amásis, segundo Heródoto, com a bacia para os pés? E o que é que Nerilino, Proteu e Alexandre têm a ver com os enfermos? O que se diz que a estátua realiza agora, o fazia quando Nerilino vivia e até quando estava enfermo.

**27.** O que pensar, então? Primeiramente, os movimentos irracionais e fantásticos da alma sobre as aparições arrancam da matéria algumas vezes uma imagem, outras vezes outras imagens, e outras são formadas e geradas por eles mesmos. E isso padece a alma principalmente quando recebe o espírito material, com ele, e já não olha para cima, para o celeste e seu Criador, mas para baixo, para o terreno e, para fazê-lo de modo geral, quando se converte em pura carne e sangue e não em espírito limpo. Esses movimentos irracionais e fantásticos da alma geram imagens de frenética idolatria; e quando a alma, delicada e fácil de conduzir, que não ouviu nem tem experiência de sólidas doutrinas, que não contemplou a verdade nem compreendeu o Pai e Criador do universo, se imprime em si essas falsas opiniões sobre si mesma, os demônios que rondam a matéria, gulosos como são de gordura e sangue das vítimas e enganadores dos homens, apoderando-se desses movimentos de falsa

opinião das almas do vulgo, fazem que fantasias se infiltrem neles, como se viessem das imagens cujos nomes usurpam, e são eles que colhem a glória do que a alma por si mesma, imortal como é, e se move racionalmente, ora para predizer o futuro, ora para curar o presente.

**28.** Talvez seja necessário, conforme anteriormente indicado, dizer algo também sobre os nomes. Heródoto e Alexandre, filho de Filipe, na carta à sua mãe — diz-se que tanto um como o outro conversaram com os sacerdotes em Heliópolis, Mênfis e Tebas — dizem ter sabido deles que seus deuses foram homens. Heródoto diz: “Tais demonstraram que eram aqueles que as estátuas representavam, mas muito diferentes dos deuses; antes desses homens, os deuses mandaram no Egito, vivendo junto aos humanos, e era sempre um deles que retinha o poder, e o último rei foi Horo, filho de Osíris, a quem os gregos chamam de Apolo. Este, tendo destronado Tifão, foi o último que reinou no Egito. Osíris, em grego, é Dioniso”.

Assim, portanto, tanto os outros como o último, foram reis do Egito, e os nomes dos deuses vieram dos egípcios para os gregos. Apolo é filho de Dioniso e de Ísis. O próprio Heródoto diz: “Dizem que Apolo e Ártemis são filhos de Ísis e que Leto foi sua nutriz e salvadora”. Daí se vê que os primeiros reis, de origem celeste como eram, seja por ignorância da verdadeira piedade para com a divindade, seja por gratidão para com o seu poder, foram tidos, como deuses junto com suas mulheres. “Agora todos os egípcios sacrificam bois puros, assim como os bezerras; as vacas, porém, não lhes é lícito sacrificá-las, mas estão sacrificadas a Ísis. Com efeito, a estátua de Ísis, que representa numa mulher, tem chifres, da maneira como os gregos pintam Io”. E o que se poderia crer melhor ao dizer isso, senão naqueles que por sucessão de família, o filho do pai, herdaram o sacerdócio e juntamente a história? De fato, não é verossímil que os guardiães dos templos mintam, que tenham interesse em exaltar seus ídolos, ao apresentá-los como homens.

Se Heródoto disse que os egípcios falam de seus deuses como de homens, quando o próprio Heródoto diz: “Não estou disposto a divulgar os relatos divinos que escutei”, não há a mais leve razão para não crer nele, como se fosse um inventor de mitos. Mas como Alexandre e Hermes, o chamado Trismegisto, e tantos outros mais, não fazendo a enumeração de todos, que uniram suas próprias famílias com os deuses, já não há razão para não pensar que, sendo homens, foram tidos como deuses. Que eles foram homens, o manifestam os mais eruditos entre os egípcios, os quais, ao chamar de deuses o éter, a terra, o sol e a lua, consideram os demais como homens mortais e os templos como seus sepulcros; isso manifesta também Apolodoro em seu tratado sobre os deuses. Além disso, Heródoto chama de mistérios os sofrimentos deles: “Já narrei anteriormente como celebram a festa em honra de Ísis na cidade de Busíris. Todos, homens e mulheres, se golpeiam depois do sacrifício, e a fé que milhares de pessoas ali depositam. Todavia, não é piedoso que eu lhes diga a maneira como se golpeiam”. Se são deuses, são imortais; mas se se golpeiam e seus sofrimentos são mistérios, são homens. O próprio Heródoto diz: “Em Sais, no templo de Atenas, por detrás e seguindo ao longo da parede, está o sepulcro do deus, cujo nome não considero piedoso pronunciar na presente ocasião. Ali há também, junto ao sepulcro, um lago com bordas de pedra, bem trabalhado e circular, ao que me parece com a mesma extensão do que em Delos se chama Trocóides. Nesse lago, durante a noite, fazem-se as representações de seus sofrimentos, que os egípcios chamam de mistérios”. Não só se expõe o sepulcro de Osíris, mas também a sua múmia: “Quando se lhes leva um cadáver, mostram-se aos portadores modelos de mortos em madeira, imitados pela pintura; e dizem que a mais exata delas é a do deus, cujo nome não considero piedoso pronunciar na presente ocasião.

**29.** Também os sábios gregos, poetas e historiadores, contam a respeito de Héracles: “Cruel! Não

respeitou a ira dos deuses, nem a mesa que lhe pusera, e depois matou seu próprio hóspede”, isto é, Ífito. Sendo assim, é natural que fosse louco, natural que acendesse uma fogueira e se queimasse vivo. De Asclépio, Hesíodo conta que: “o pai dos homens e dos deuses se irritou, e acertando-o do Olimpo com raio fuliginoso, matou Letoída, perturbando o coração de Tebo”. E Píndaro diz: “Mas até a sabedoria é atada pelo lucro. Também ele foi desviado pelo ouro que apareceu em sua mão por doce recompensa; mas o filho de Cronos, disparando com suas mãos, arrebatou-lhe velozmente o alento do peito, e o ardente raio feriu o insensato”.

Portanto, ou eram deuses e não se comportavam como homens em relação ao ouro: “Ouro, o mais belo presente para mortais, prazer que nem uma mãe ou os filhos ofereceu”. A divindade não tem necessidade, e está acima do desejo. Também não morreram. Ou, sendo homens, foram maus por ignorância e se deixaram dominar pelo dinheiro. Para que falar amplamente, recordando Cástor e Pólux ou Anfiaseu, os quais, sendo, como se diz, homens de ontem ou ante-ontem, são considerados deuses? A própria Ino, depois de sua loucura e o que nela sofreu, dizem que se transformou em deusa: “aqueles que caminham errantes pelo Ponto, a chamam Leucotéia”, assim como seu filho: “será chamado augusto Palêmon pelos marinheiros”.

## II PARTE REFUTAÇÃO DAS ACUSAÇÕES DE IMORALIDADE, INCESTO E REFEIÇÕES BACANAIS

**30.** Ora, se pessoas tão abomináveis e odiosas a Deus alcançaram a reputação de ser deuses, e Semíramis, a filha de Derceto, mulher despudorada e criminosa, foi considerada deusa síria, e os sírios, através de Derceto, cultuam os peixes, e através de Semíramis as pombas — é impossível que uma mulher se transforme em pomba; a fábula aparece em Clésias—, o que há de estranho que aqueles que exerceram poder e tirania fossem chamados deuses por seus súditos? A Sibila (Platão também recorda) diz: “Virá então a décima geração de míseros homens, desde que o dilúvio caiu sobre os primeiros mortais, e reinaram Cronos, Titã e Iapeto, filhos poderosos da terra e do céu, que os homens chamaram de Gaia e Urano, dando-lhes nome por terem sido os primeiros entre os míseros homens”; uns por sua força, como Hércules e Perseu; outros por sua arte, como Asclépio. Portanto, a uns foram os súditos que tributaram honra divina, a outros foram os governantes; uns por medo e outros por respeito tiveram parte no nome divino (o próprio Antínoco, por benevolência de nossos antepassados para com seus súditos, teve a sorte de ser considerado deus). Depois a posteridade os aceitou sem qualquer prova ou exame: “Cretenses sempre mentirosos. Com efeito, ó rei, os cretenses fabricaram o teu sepulcro. Tu, porém, não morreste”.

Calímaco, tu que crês no nascimento de Zeus recusas crer em sua sepultura, e pensando jogar uma sombra sobre a verdade, não fazes senão anunciar um morto mesmo àqueles que não o conhecem. Se olhas a gruta, te lembras do parto de Rea; mas se te fixas no ataúde, lanças uma sombra sobre o morto e já não sabes que só o Deus incriado é eterno.

Concluindo, ou os mitos do vulgo e dos poetas sobre os deuses são indignos de fé, e então é supérfluo o culto que se lhes tributa, porque não existem aquelas personagens sobre as quais essas fábulas tratam; ou se são verdadeiros seus nascimentos, amores, assassinios, roubos, mutilações e fulminações, também não existem, pois deixaram de existir, uma vez que nasceram por não existirem antes. Com efeito, que razão há para crer em alguns relatos e não crer em outros, quando tudo foi contado pelos poetas, com a finalidade de glorificá-los? De fato, os que foram causa de que fossem considerados deuses ao exaltar suas histórias, não mentiriam contando os seus sofrimentos.

Fica portanto demonstrado, segundo minhas forças, embora não conforme a dignidade do assunto, que não somos ateus ao admitir como o Deus, Criador de todo este universo, e o Verbo que dele procede.



**31.** Além disso, acusam-nos sobre comidas e uniões ímpias, pretendendo com isso encontrar alguma razão para nos odiar. Pensam que, amedrontando-nos, nos afastarão do nosso propósito de vida, ou, com suas acusações exorbitantes, nos exasperarão e arrumarão intrigas com os governantes. Isso para nós é puro jogo, pois sabemos que esse costume é antigo e não inventado só para o nosso caso e que se realiza por uma espécie e razão divina, isto é, que a maldade faça sempre guerra à virtude. Assim, Pitágoras foi queimado pelo fogo com trezentos companheiros; Heráclito e Demócrito foram exilados, um de Éfeso e o outro de Abdera, acusados de loucura; os atenienses condenaram Sócrates à morte. Mas se todos esses não perderam a reputação de virtude por causa da opinião do vulgo, a estúpida calúnia de alguns contra nós não faz nenhuma sombra à retidão de nossa vida, pois temos boa fama diante de Deus. Entretanto, quero também enfrentar essas acusações.

Sei que com o que eu disse estou defendido diante de vós. De fato, superando a todos por vossa inteligência, sabeis que aqueles que tomam a Deus como regra de vida, para que cada um de nós esteja sem culpa e sem mancha em sua presença, não podem ter, em pensamento, o mais leve pecado, e acreditássemos que nada existe além desta vida presente, poder-se-ia suspeitar que pecássemos, submetendo-nos à servidão da carne e do sangue ou sendo dominados pelo lucro e pelo desejo. Sabendo, porém, como sabemos, que Deus vigia nossos pensamentos e nossas palavras, tanto de dia como de noite, e que ele é todo luz e vê até dentro do nosso coração; acreditando, como cremos, que, ao sair desta vida, viveremos outra melhor, contando que permaneçamos com Deus e por Deus inquebrantáveis e superiores às paixões, com alma não carnal, mas com espírito celeste, embora na carne; ou acreditando que, se cairmos como os demais, espera-nos uma vida pior no fogo (porque Deus não nos criou como rebanhos ou bestas de carga, de passagem, só para morrer e desaparecer); crendo nisso, dizíamos, não é lógico que nos entreguemos voluntariamente ao mal e nos joguemos a nós mesmos nas mãos do grande juiz para sermos castigados.

**32.** Não há nada de surpreendente que falem de nós a mesma coisa que contam sobre seus deuses, pois apresentam suas paixões como mistérios. Contudo, se querem apresentar como crime o unir-se livre e indiferentemente, teriam de começar a rejeitar Zeus, que teve filhos com sua mãe Rea e com sua filha Coré e cuja mulher é a própria irmã, ou rejeitar Orfeu, o inventor de todos esses contos, que tornou Zeus mais ímpio e abominável do que Tiestes; com efeito, este se uniu com a própria filha através de um oráculo e pelo desejo de chegar a reinar e vingar-se. Nós, porém, estamos tão longe de ver isso com indiferença que não nos é lícito sequer olhar com intenção de desejo. De fato, a Escritura diz: “Aquele que olha para uma mulher a fim de desejá-la já cometeu adultério em seu coração”. Como não acreditar que são castos os que nada podem olhar além daquilo para o qual Deus formou os olhos, isto é, para que fossem nossa luz, aqueles que consideram adultério o olhar com prazer, pois os olhos foram criados para outra finalidade, e os que serão julgados até pelos seus pensamentos? Nós nada temos a ver com leis humanas, que qualquer malvado pode burlar (desde o começo, ó soberano, vos assegurei que nossa doutrina era ensinamento de Deus), mas temos uma lei e mandamento, que nos deu a nós mesmos e ao nosso próximo como medida de justiça. Por isso, dependendo da idade, consideramos a uns como filhos e filhas, a outros como irmãos e irmãs, e aos mais velhos tributamos honra de pais e mães. Assim, empenhamo-nos para que aqueles aos quais damos nome de irmãos e irmãs e outras qualificações familiares, permaneçam sem ultraje ou corrupção em seus corpos, como nos diz também a palavra divina: “Se alguém, por ter gostado, dá um segundo beijo...” Portanto, é preciso ser muito exato a respeito do beijo e principalmente na adoração, porque por pouco que manchem nossa mente nos colocam fora da vida eterna.

*Indissolubilidade do matrimônio*

**33.** Como temos esperança na vida eterna, desprezamos as coisas da vida presente e até os prazeres da alma, tendo cada um de nós por mulher aquela que tomou conforme as leis estabelecidas por nós e com a finalidade de procriar filhos. Assim como o lavrador, jogada a semente na terra, espera a colheita e não continua semeando, do mesmo modo, para nós, a medida do desejo é a procriação de filhos<sup>f</sup>. E até é fácil encontrar muitos dentre nós, homens e mulheres, que chegaram celibatários à velhice, com a esperança de um relacionamento mais íntimo com Deus. Se o viver na virgindade e castração aproxima mais de Deus e só o pensamento e o desejo separa, se fugimos dos pensamentos, quanto mais não recusaremos as obras? Nossa religião não se mede pelos discursos cuidadosos, mas pela demonstração e ensinamento de obras: ou se permanece como nasceu, ou não se contrai mais do que um matrimônio, pois o segundo é um adultério decente. A Escritura diz: “Quem deixa sua mulher e casa com outra, comete adultério”, não permitindo deixar aquela cuja virgindade desfez, nem casar-se novamente. Quem se separa de sua primeira mulher, mesmo quando morreu, é adúltero dissimulado, transgredindo a mão de Deus, pois no princípio Deus formou um só homem e uma só mulher, desfazendo a comunidade da carne com a carne, segundo a unidade para a união dos sexos.

**34.** Nós que somos assim (por que devo falar o que não pode ser dito?), temos que ouvir o provérbio: “A prostituta para a casta”. Com efeito, os que fazem mercado de prostituição e constroem para os jovens prostíbulos para todo prazer vergonhoso; os que não perdoam nem aos homens, cometendo atos torpes homens com homens; os que ultrajam de mil modos os corpos mais respeitáveis e mais formosos, desonrando a beleza feita por Deus (pois a beleza não nasce espantaneamente da terra, mas é enviada pela mão e desígnio de Deus); esses nos atiram na cara aquilo de que têm consciência, o que eles chamam de deuses, adúlteros e pederastas insultando aos virgens e monógamos. Eles que vivem como peixes (pois devoram quem lhes cai na boca, o mais forte atacando o mais fraco — isso sim é alimentar-se de carnes humanas — e que, tendo leis estabelecidas por vossos antecessores após maduro exame para toda a justiça, violentam-se os homens contra elas, de modo que não são suficientes os governadores mandados por vós para os julgamentos); esses, dizíamos, acusam os que não podem deixar de se apresentar aos que os golpeiam nem de abençoar os que os amaldiçoam. Para nós não basta ser justos — a justiça consiste em dar o mesmo aos iguais — mas nos é proposto que sejamos bons e pacientes.

### IIIPARTE.OSCRISTÃOSNÃOSÃOANTROPÓFAGOS

**35.** Quem, em plena razão, poderia dizer que, sendo assim, somos assassinos? Não é possível saciar-se de carne humana, se antes não matamos alguém. Se eles mentem quanto ao primeiro ponto, mentem também quanto ao segundo. Com efeito, se lhes é perguntado se viram o que dizem, não existe ninguém tão sem-vergonha que diga ter visto. Entretanto, temos escravos, alguns mais outros menos, para os quais não é possível ocultar-nos. No entanto, nenhum deles chegou a caluniar-nos com semelhantes coisas. De fato, os que sabem que não suportamos ver uma execução com justiça, como vão nos acusar de matar e comer homens? Quem de vós não se entusiasma em ver os espetáculos de gladiadores ou de feras, principalmente os que são organizados por vós? Nós, porém, que consideramos que ver matar está próximo do próprio matar, nos abtemos de tais espetáculos. Portanto, como podemos matar os que não queremos sequer ver para não contrair mancha ou impureza em nós? Afirmamos que as mulheres que tentam o aborto cometem homicídio e terão que dar contas a Deus por ele<sup>g</sup>; então, por que iríamos matar alguém? Não se pode pensar que aquele que a mulher leva no ventre é um ser vivente e objeto, conseqüentemente, da providência de Deus e em seguida matar aquele que já tem anos de vida; não expor o nascido, crendo que expor os filhos

equivale a matá-los, e tirar a vida ao que já foi criado. Não! Nós somos em tudo e sempre iguais e concordes com nós mesmos, pois servimos à razão e não a violentamos.

**36.** Além disso, quem crê na ressurreição querará oferecer-se como sepultura dos corpos que hão de ressuscitar? Não é possível alguém acreditar que nossos corpos ressuscitarão e, ao mesmo tempo, os coma, como se não deversem ressuscitar; pensar que a terra devolverá seus próprios mortos e, ao mesmo tempo, pensar que aqueles que engoliu não reclamarão. É mais verossímil o contrário, aqueles que pensam que não se terá de dar conta desta vida, tanto faz se é boa ou má, e que não haverá ressurreição, mas que julgam que com o corpo perece também a alma e esta como que se apaga; é natural, dizíamos, que esses não se abstenham de nenhum atrevimento, crêem que nada ficará sem ser examinado diante de Deus e que juntamente com a alma será castigado o corpo que cooperou com seus impulsos e desejos irracionais, quanto a esses não há razão para que cometam o mais leve pecado. Se para alguém parece pura charlatanice que um corpo apodrecido, desfeito e desaparecido torne a organizar-se, não poderia por parte daqueles que não crêem na ressurreição imputar-nos maldade, mas ingenuidade. De fato, se nos enganamos a nós mesmos com essas razões, não causamos prejuízo a ninguém. Entretanto, não somos apenas nós que admitimos a ressurreição dos corpos, mas muitos filósofos também estão conosco. Contudo, seria ocioso demonstrar-vos isso agora, a não ser que introduzíssemos raciocínios estranhos ao nosso objetivo, falando do inteligível, do sensível, da constituição de um e de outro, que o incorporeal é anterior aos corpos, que inteligível precede o sensível, embora não seja isso o que primeiro encontramos, pois os corpos são constituídos de elementos incorpóreos, conforme a acumulação do inteligível, e o sensível é constituído de elementos inteligíveis. Segundo a doutrina de Pitágoras e de Platão, nada impede que, realizada a dissolução dos corpos, voltem depois a organizar-se com os mesmos elementos dos quais eram constituídos no princípio.

**37.** Reservemos, porém, para outra ocasião o discurso sobre a ressurreição. Quanto a vós que, em tudo e por tudo, por natureza e educação, sois bons, moderados, humanos e dignos do império, inclinai vossa imperial cabeça diante de quem desfez todas as acusações e demonstrou que somos piedosos, modestos e puros em nossas almas. Quais são os que merecem, com mais justiça, conseguir o que pedem senão nós que rogamos por vosso império, para que o herdeis, como é de estrita justiça, de pai para filho, que cresça e acresça, através da submissão de todos os homens? Isso também redundará em proveito nosso, para que, levando uma vida tranqüila e pacífica, cumpramos animadamente tudo quanto nos é mandado.

[a](#) Fliche-Martin, de *Histoire de l'Église*, 1941, p. 455.

[b](#) A. Puech, *Les apologistes grecs du II siècle de notre ère*, Paris 1912, p. 175.

[c](#) *Patrologie. Histoire de la Théologie* I, Paris, 1947, p. 127.

[d](#) Observe-se já aí, as primeiras articulações da teologia trinitária: o Filho de Deus é o Verbo coeterno, intermediário único da criação; a natureza divina do Verbo; as relações divinas interpessoais.

[e](#) Atenágoras passa a descrever a origem dos deuses, de suas representações em estátuas.

[f](#) Explicação de um princípio de “moral matrimonial” que vai fazer muita história e mantido até hoje por parte da Igreja oficial: fim primeiro e último do matrimônio é a procriação; todo ato conjugal, toda união sexual que não esteja em função da procriação é pecaminosa.

[g](#) Princípio de moral e de não-violência ao ser indefeso de extrema atualidade. Atitude corajosa, concepção avançada da natureza do feto como ser vivo, objeto dos cuidados de Deus, quando o direito romano da época não o considerava como ser vivo e não se lhe reconhecia direito de existência.

# SOBRE A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

## IPARTE A POSSIBILIDADE DA RESSURREIÇÃO

### *Dois tipos de raciocínio*

1. Em todo dogma ou doutrina que se atenha à verdade nesses assuntos nasce, como rebento, alguma mentira. E nasce não porque, de princípio, saia algo inerente por natureza ou como causa essencial de cada coisa, mas porque é procurado com afinco que honram o germe adúltero que corrompe a verdade. Pode-se comprovar isso primeiramente que há muito tempo especularam sobre esses assuntos e na divergência com seus predecessores ou mesmo com seus contemporâneos, e igualmente através da própria confusão em que se encontram os assuntos discutidos. Com efeito, é certo que essa laia de pessoas não deixou nenhuma verdade sem calúnia: nem a essência de Deus, nem seu conhecimento e sua operação, nem o seguimento encadeado dessas coisas que nos aponta a doutrina da piedade. Assim, existem alguns que, completamente e de uma vez para sempre, renunciam a encontrar a verdade sobre esses assuntos; outros a distorcem em vista de suas próprias opiniões; outros, por fim, fazem profissão de dúvida até sobre o evidente. Na minha opinião, aqueles que se preocupam com isso necessitam de duplos raciocínios: uns para defender a verdade, outros a respeito da verdade. Os raciocínios para defender a verdade se dirigem aos que não crêem ou duvidam; os raciocínios a respeito da verdade para os que têm sentimentos nobres e recebem com benevolência a verdade. Portanto, é preciso que aqueles que desejam examinar estas questões considerem o que lhes seja útil em cada caso e, de acordo com o caso, meçam seus raciocínios e ajustem convenientemente à sua ordem, e não descuidem do conveniente e do lugar que corresponde a cada coisa, acreditando que se deva conservar sempre o mesmo princípio. Com efeito, se se olha para a força demonstrativa e para a ordem natural, os raciocínios a respeito da verdade têm a primazia sobre os raciocínios em defesa da verdade; ao contrário, se olhamos, porém, a utilidade, os raciocínios em defesa da verdade são anteriores aos raciocínios a respeito da verdade. Assim é que o lavrador não pode convenientemente lançar as sementes na terra, se antes não arrancar todo o mato e o que pode prejudicar a boa semente; o médico também não pode aplicar medicamentos de saúde ao enfermo, se não limpa antes o mal interno ou não detém o mal que procura infiltrar-se; assim quem procura ensinar a verdade não poderá, por mais que fale dela, persuadir a ninguém, enquanto uma falsa opinião esteja agarrada à mente dos ouvintes e se oponha aos raciocínios. Nós também, visando justamente à utilidade, por vezes antepomos os raciocínios em defesa da verdade aos raciocínios a respeito da verdade. E para quem considera o que é conveniente, não lhe parecerá inútil que procedamos agora do mesmo modo, neste tratado sobre a ressurreição. De fato, também neste assunto, encontramos alguns que não crêem absolutamente, outros que duvidam e, entre os que aceitam nossos primeiros princípios, existem os que são tão perplexos como os que duvidam abertamente. O mais absurdo é que eles não têm o menor pretexto para fundamentar sua incredulidade na realidade, nem podem encontrar uma única causa racional para não crerem ou duvidarem.

### *O conhecimento que Deus tem das coisas é garantia da ressurreição*

2. Passemos à consideração. Toda incredulidade, se não é gerada temerariamente ou por alguma opinião irreflexiva, mas por forte causa e com verdadeira segurança, então detém a razão conveniente, pois a própria coisa para a qual se nega a fê não parece oferecer nenhuma garantia de verdade. De fato, não crer naquilo que não é inacreditável é próprio de homens que não têm dela

juízo sadio sobre a verdade. Portanto, os que não crêem na ressurreição ou duvidam dela, não devem dar sua opinião sobre ela a partir do que lhes pareça irrefletidamente, nem por aquilo que poderia ser grato às pessoas intemperantes; devem dizer que a origem do homem não depende de nenhuma causa (e isso é fácil de refutar) ou, se atribuem a Deus a causa de todos os seres, devem olhar este dogma como princípio e por ele devem demonstrar que a ressurreição não tem nenhuma garantia de verdade. Conseguirão isso se demonstrarem que Deus não pode ou não quer unir e juntar de novo os corpos mortos e até completamente desfeitos, para constituir os mesmos homens. E se não podem demonstrá-lo, parem com essa incredulidade atea e não blasfemem contra o que não é lícito blasfemar. Que não dizem a verdade ao falar que Deus não pode ou não quer, ficará claro pelo que vamos dizer.

Sabe-se realmente que algo é impossível para alguém, quando este não sabe o que fazer ou porque não tem força suficiente para fazer bem o que sabe. Com efeito, aquele que não conhece o que se tem que fazer, não pode de jeito nenhum tentar, sequer realizar o que desconhece; aquele que conhece bem o que se tem que fazer, quais os meios e de que modo, mas não tem nenhuma força para isso ou não a tem suficientemente, esse, se é sensato e sabe medir as próprias forças, em princípio não começará a obra; se a começa de modo desconsiderado, não poderá levar o cabo o seu propósito. Pois bem! Não é possível que Deus desconheça, em cada parte e membro, a natureza dos corpos que ressuscitarão, nem que ignore o paradeiro de cada parte desfeita, nem qual parte de elemento recebeu o desfeito e dissolvido em seus afins, por mais difícil que pareça aos homens discernir aquilo que identificou novamente de modo natural com o todo. De fato, quem, antes da própria constituição de cada um, não desconhecia a natureza dos elementos que deveriam existir e dos que deveriam formar os corpos dos homens, nem as partes daqueles que lhe pareceu melhor tomar para a constituição do corpo, é evidente que, depois de completamente dissolvido, também não desconhecerá onde foi parar cada uma das partes que tomou para completar o todo. Segundo a ordem dominante das coisas entre nós e o juízo de cada caso, certamente é superior conhecer antecipadamente o que não é; no entanto, para a dignidade e sabedoria de Deus, ambas as coisas são naturais e igualmente fáceis: conhecer antecipadamente o que não é e reconhecer o que se desfez.

### *Quem criou pode recriar*

3. Que o poder de Deus seja suficiente para ressuscitar os corpos, o próprio fato de sua criação o prova. Se Deus fez os corpos dos homens, que não existiam, conforme a primeira constituição e princípios deles, com a mesma facilidade ressuscitará os que, seja como for, se desfizeram, pois isso é igualmente possível para ele. Este raciocínio em nada falha pelo fato de que alguns suponham que os primeiros princípios derivam da matéria, ou que os corpos dos homens têm como princípios os elementos ou os espermatozoides. De fato, o mesmo poder usado para dar forma ao que eles consideram matéria informe, adornar com diferentes espécies a que não tem espécie nem adorno, reunir em um só composto as partes dos elementos, dividir na variedade de membros o sêmen que é um simples, articular o inarticulado, e dar vida ao não vivente, o mesmo é usado para reunir o dissolvido, levantar o que jaz por terra, vivificar o morto e transformar em incorrupto o corrompido. Corresponde ao mesmo e é obra do mesmo poder e sabedoria distinguir e reunir em suas próprias partes e membros aquele que, despedaçado, foi parar numa multidão de animais de toda espécie, que costumam atacar tais corpos e saciar-se deles, tenham ido parar em um só desses animais ou em muitos, e destes em outros e, dissolvido juntamente com eles, tenha voltado, conforme a natural dissolução, aos primeiros princípios. Parece ser isso o que mais perturba alguns, entre aqueles cuja sabedoria é admirável; não sei porque consideram tão grandes as dificuldades correntes entre o

vulgo.

### *Dificuldades para admitir a ressurreição*

4. Com efeito, o vulgo costuma objetar que muitos corpos, mortos miseravelmente em naufrágios e rios, serviram de alimento aos peixes, e muitos que morreram nas guerras, ou em outra causa mais áspera, ou em qualquere acidente das coisas, não receberam as honras da sepultura e ficaram expostos como pasto de numerosas feras. Desse modo, consumidos os corpos e espalhadas suas partes e membros, de que se compunham, entre muitos animais e assimilados, através do alimento, com os corpos daqueles que os comeram, eles dizem primeiramente que a separação é impossível. A essa dificuldade acrescentam outra ainda maior: se os corpos de animais que se alimentaram de carne humana são, por sua vez, aptos para alimento de homens, passando pelo ventre destes e assimilados aos corpos de quem os comeram, resultará necessariamente que as partes dos homens que serviram de alimento aos animais passarão para os corpos de outros homens, pois os animais que se alimentaram deles os transportam, por sua vez, para aqueles homens que se alimentam deles. A tudo isso, acrescentam as tragédias daqueles que comeram seus próprios filhos em momentos de fome ou em arroubos de loucura, ou dos filhos que, por armadilha dos inimigos, foram alimento de seus próprios pais; formam assim uma cadeia de calamidades acontecidas entre os gregos e os bárbaros: a famosa mesa de Medéia, os trágicos convites de Tiestes e outras semelhantes. A partir de tudo isso, estabelecem, conforme pensam, que a ressurreição é impossível, pois os mesmos membros não podem ressuscitar em diferentes corpos; ou não podem ressuscitar os corpos dos primeiros, admitindo que as partes que o compunham passaram para outro; ou, se estas são devolvidas para os primeiros, os outros ficarão defeituosos.

### *Argumentações para eliminar as objeções*

5. Parece-me, porém, que aqueles que assim falam, em primeiro lugar, desconhecem o poder e a sabedoria daquele que criou e governa todo este universo. Ele adapta o natural e conveniente alimento para cada natureza e espécie de animal, não permite que qualquer natureza seja unida a qualquer corpo e assimilada por este; e não lhe seria difícil nem mesmo a separação do unido. Ele consente, porém, que cada coisa criada faça e suporte o que condiz com sua natureza e proíbe o que não condiz; e ele consente ou se opõe a tudo o que quer e para a finalidade que quer. Além disso, parece-me que não levaram em consideração a própria força e natureza de cada um dos que se alimentam ou são alimentados. Caso contrário, ter-se-iam dado conta de que nem tudo que se ingere, cedendo à necessidade exterior, converte-se, sem mais nem menos, em alimento natural para o animal, mas que existem coisas que, apenas tendo chegado às partes dobradas do ventre, naturalmente se corrompem e que, por vômito, secreção ou por outro modo, são expelidas, de modo que por breve tempo toleram a primeira e natural cocção e muito menos a assimilação com o corpo que se quer alimentar. Além disso, tudo o que foi cozido e recebeu a primeira transformação não se incorpora absolutamente às partes alimentadas, porque parte perde sua força nutritiva no próprio ventre, parte na segunda transformação, são segregados na cocção que se realiza no fígado e executam outra função alheia à virtude nutritiva. Mesmo a transformação que se realiza no fígado não passa a ser inteiramente alimento dos homens, mas é segregada para as naturais superfluidades. Por fim, o que sobra se transforma por vezes em outra coisa nas mesmas partes e membros alimentados, conforme o predomínio do que abunda ou sobra e que costuma, de algum modo, corromper ou assimilar em si o que se lhe aproxima.

6. Portanto, como é tão grande a variedade natural em todos os animais e o próprio alimento natural

muda para cada espécie animal e para cada corpo alimentado, e o alimento de cada animal, tendo que sofrer tríplice purificação e segregação, é totalmente necessário que ele corrompa naturalmente, elimine ou transforme em outra coisa tudo o que é alheio à nutrição do animal, por não poder ser assimilado, e que a força do corpo alimentício se ajeite e esteja conforme à natureza e força do corpo alimentado pelas segregações naturais e, purificado com os meios de purificação da própria natureza, se transforme em autêntico aumento da substância. Falando conforme a verdade das coisas, somente este se deveria chamar alimento, pois rejeita tudo o que é alheio e daninho à constituição do corpo alimentado e aquele grande peso que provém de ventre cheio e da satisfação do apetite. Ninguém duvidará que este é o alimento que se une ao corpo alimentado, implicando-se e incorporando-se às suas partes e membros; mas o que não é assim e é contrário à natureza, corrompe-se logo ao se encontrar com uma força maior; todavia, se é ele que predomina, corrompe com facilidade o organismo e se transforma em maus humores e qualidades venenosas, como o que não traz nada próprio ou favorável ao corpo alimentado. A prova maior disso reside em que para muitos animais seguem-se dores, perigo ou morte se, impelidos por veemente apetite, ingerem, misturado à comida, algo venenoso e contrário à natureza. Isso pode corromper o animal alimentado, pois o que se alimenta, se alimenta somente com o apropriado e conforme à sua natureza, e se corrompe com o contrário. Ora, se o alimento conforme à natureza se diversifica pela diferença dos animais também diferentes por natureza, e ainda assim nem tudo o que o animal ingere, nem qualquer parte dele, recebe a assimilação com o corpo alimentado, mas somente o purificado por todas as cocções e de fato transformado para a união segundo a qualidade do corpo, e que se adapta finalmente às partes alimentadas, é evidente que nada que seja contra a natureza pode unir-se a corpos para os quais não é alimento natural e conveniente; ao contrário, ou é eliminado no próprio ventre, antes de gerar algum outro humor, cru ou corrompido, ou, se se mantém por muito tempo, produz sofrimento e doença de difícil cura, que corrompe o alimento natural e até a própria carne que necessita de alimento. Mesmo quando é expelido, seja por medicamentos, seja por comidas melhores, ou vencido pelas forças naturais, não é eliminado sem grande prejuízo, pois não leva nada de pacífico aos elementos naturais, porque não se assimila naturalmente com eles.

7. Mesmo concedendo que um alimento em tais condições (chamemo-lo assim por costume) entre no organismo, embora sendo contra a natureza, e se transforme num dos elementos úmidos ou secos, frios ou quentes, essa concessão absolutamente de nada adiantará para nossos opositores, porque os corpos ressuscitados constarão novamente de suas próprias partes e nada do que foi dito é parte, nem tem função ou ordem de parte. Ainda mais: essas coisas nem sempre permanecem com as partes do corpo alimentado, nem ressuscitarão juntamente com os corpos ressuscitados, pois daí para frente de nada lhes servirão o sangue, a pituíta, a bÍlis, a respiração, porque não terão mais necessidade daquilo que os corpos alimentados necessitavam antes, uma vez que, junto com a necessidade e a corrupção, ser-lhes-á tirado o uso das coisas de que se alimentavam.

Por fim, suponhamos que a transformação desse alimento chegue até a fazer-se carne. Nem mesmo assim haverá necessidade de que essa carne recém-formada de tal alimento e que aderiu ao corpo de outro homem tenha novamente de servir como parte para a composição desse homem, pois nem sempre a carne que assimila conserva a que tomou, nem é constante a que com ela se uniu, nem permanece com aquela com a qual se agregou. Com efeito, são muitas as mudanças que pode sofrer de um ou de outro modo; ora arrastada e levada por trabalhos e preocupações, ora consumida pelas tristezas, fadigas e enfermidades, ou porque, produzindo-se destemperanças por causa do calor ou frio, as partes que receberam o alimento, por permanecerem no que são, não se transformam com a carne e a gordura. Com tantos acidentes que sobrevêm a toda carne, é mais cabível entender que isso



passa àquela que se nutre de alimentos que lhe são impróprios, ora ganhando em peso e engordando com o que come, ora rejeitando-o de alguma maneira e emagrecendo, seja por causa de uma só das causas mencionadas, seja por muitas. Permanece nas partes somente aquilo que tem por função unir, proteger e aquecer, isto é, o alimento que foi selecionado pela natureza e que se assimila às partes cuja vida e cujos trabalhos na vida se comportem conforme a própria natureza. No entanto, (nem julgando como se deve o que foi examinado por nós, nem concedendo ao que os opositores nos objetam pode-se demonstrar a verdade do que eles dizem) não é possível que os corpos dos homens se assimilem aos de sua própria natureza, seja por ignorância, seja por artifício de outro, quando alguém come sem dar-se conta de tal corpo, seja quando, conscientemente, por necessidade ou por loucura, se manche com corpo de sua própria espécie, caso nos tenhamos esquecido de que existem certas feras com forma humana ou natureza mista de homem e fera, tal como alguns poetas mais audazes costumam fantasiar.

**8.** Para que falar dos corpos que não são destinados a ser alimento de nenhum animal e aos quais resta apenas a sepultura na terra, para honra da natureza, se o Criador não destinou nenhum animal como alimento dos de sua própria espécie, embora possam transformar-se em alimento natural para outros de espécie diferente?

Ora, se se pode demonstrar que as carnes humanas estão destinadas a servir de alimento para os homens, nada se oporá a que a antropofagia esteja de acordo com a natureza, como qualquer outra das coisas que a natureza permite, e os que se atrevem a dizer tais atrocidades poderão saciar-se com os corpos de seus mais queridos, como mais apropriados para si, ou dar seus banquetes com estes para seus melhores amigos. Todavia, se apenas falar isso é uma impiedade e os homens comerem os homens é coisa horrorosa e abominável, e não há comida ou ação contra a lei e a natureza mais sacrílega do que esta; e como o que é contra a natureza não pode se transformar em alimento para as partes que dele necessitam, e se não se transforma em alimento também não pode se assimilar ao que naturalmente não pode alimentar, segue-se de tudo isso que os corpos dos homens jamais podem assimilar corpos de sua mesma espécie, por ser alimento contra a natureza, embora passasse muitas vezes por seu ventre para uma amarga desgraça; ao contrário, separados da força nutritiva e espalhados entre aqueles elementos, dos quais receberam sua primeira composição, identificam-se com estes pelo tempo que tocar a cada um. Depois, daí separados novamente por sabedoria e poder de quem compôs toda a natureza do animal, com suas próprias potências, cada um se une naturalmente com cada um, embora tivesse sido queimado pelo fogo, ou apodrecido na água, ou devorado pelas feras ou por quaisquer animais, ou ainda cortado do conjunto do corpo, tenha-se dissolvido de suas outras partes. Membros e membros, unidos novamente, ocuparão o mesmo lugar, para a harmonia e constituição do mesmo corpo e para a ressurreição e vida do que fora antes morto ou totalmente dissolvido. Não me parece oportuno demorar mais sobre este assunto, pois ao menos para aqueles que não sejam meio feras, a decisão é manifesta.

*A ressurreição só depende do querer de Deus.*

**9.** Embora haja muitos outros pontos úteis para a presente questão, no momento não quero falar daqueles que se refugiam nas obras humanas e nos homens que as fazem, mas não são capazes de refazer aquelas que se quebram, ou com o tempo envelhecem, ou se destroem de outro modo, e com a comparação dos oleiros e carpinteiros procuram demonstrar que também Deus não quer ou, embora quisesse, não pode ressuscitar os corpos mortos ou já dissolvidos. Contudo, não percebem que com tais raciocínios ofendem a Deus como os mais perversos, colocando no mesmo nível os poderes daqueles que são completamente diferentes, isto é, igualando as substâncias com os que delas usam e



as obras de arte com as naturais. Ora, dar importância a tais objeções não careceria de repreensão, pois de fato é idiotice deter-se para refutar o que é superficial e vão. Muito mais glorioso e verdadeiro é dizer que o que é impossível para os homens, é possível para Deus. Se a razão, através deste único argumento glorioso e por tudo o que anteriormente foi examinado, demonstra a ressurreição como possível, evidentemente ela não é impossível. Além disso, também não é certo que Deus não a queira.

### *Não há nenhuma injustiça na ressurreição*

**10.** Com efeito, o que não se quer não é desejado porque é injusto ou indigno. Por sua vez, a injustiça se considera ou em relação à própria pessoa que ressuscita ou em relação a outro fora dela. Mas é evidente que com a ressurreição não se causa prejuízo aos que estão fora do homem, nem a nada daquilo que se inscreve no rol dos seres. De fato, nem as naturezas inteligíveis podem receber algum prejuízo da ressurreição dos homens, pois esta, para existir, não supõe impedimento ou prejuízo ou injúria de qualquer tipo; também não pode receber prejuízo a natureza dos seres irracionais ou a dos inanimados, porque, depois da ressurreição, não mais existirão. Quanto ao que não existe, não há injustiça. Todavia, mesmo supondo que existissem para sempre, também não se cometeria injustiça com eles pelo fato de os corpos humanos serem renovados. Com efeito, se agora estas coisas estão submetidas à natureza dos homens que necessitam de seus serviços, e postas sob o jugo e toda servidão, não se comete contra elas nenhuma injustiça e também não se cometerá quando os homens, tornados incorruptíveis e já sem necessidade de servir-se das coisas, estão se verão livres de toda escravidão. Se elas tivessem voz, também não poderiam queixar-se ao Criador por terem sido rebaixadas mais do que o justo em relação ao homem e por não alcançarem também a ressurreição, pois aquele que é justo não pode atribuir o mesmo fim àqueles que possuem natureza distinta. Além disso tudo, onde não existe julgamento sobre o justo, também não cabe discussão sobre injustiça. Finalmente, também não é possível dizer alguma injustiça em relação ao próprio homem que ressuscita. Este, de fato, é constituído de alma e corpo, e não sofre injustiça nem na alma, nem no corpo. Com efeito, ninguém de bom senso dirá que sofre injustiça na alma. Caso contrário, sem perceber, desse modo também condenaria a presente vida. De fato, se agora, habitando em corpo corruptível e passível, não se lhe faz nenhuma injustiça, muito menos se lhe fará, convivendo com outro incorruptível e impassível. Contudo, também não se agrava em nada o corpo. Com efeito, se agora o corruptível acompanha o incorruptível e não é agravado, evidentemente também não o será quando, incorruptível, acompanhará o incorruptível. Também não se pode dizer que seja de algum modo obra indigna de Deus ressuscitar e novamente reunir um corpo desfeito. Se o menos, isto é, fazer um corpo corruptível e passível não foi indigno, com maior razão o mais não o será, isto é, formá-lo incorruptível e impassível.

### *Resumo da I parte*

**11.** Portanto, se pelos princípios, que são naturalmente primeiros e pelo que deles se segue, ficam demonstradas cada uma das questões propostas, é evidente que a ressurreição dos corpos desfeitos é obra possível, desejada e digna do Criador. Por aí também se demonstrou a mentira que se opõe a esta verdade e o absurdo da incredulidade de alguns. Que necessidade há de ressaltar a correspondência de uma coisa com outra e sua mútua conexão? Se é que se deva falar de conexão, como se houvesse entre elas alguma diferença que asseparassem, e não seja melhor dizer que o possível é também desejado e que o que Deus deseja é absolutamente possível e conforme com a dignidade de quem o deseja.

Antes dissemos de modo suficiente que existe um raciocínio a respeito da verdade e outro para defender a verdade e qual a diferença entre um e outro, assim como a ocasião e para quem eles são úteis. Mas talvez não haja inconveniente, depois de ter atendido à utilidade comum e à conexão do que foi dito com o que resta por dizer, que novamente tomemos aqui o nosso ponto de partida. Ora, a um convém por natureza ser primeiro e a outro escoltar o primeiro, abrir-lhe o caminho e afastar tudo que se lhe opõe e dificulta a sua marcha. O raciocínio a respeito da verdade, necessário a todos os homens para sua segurança e salvação, tem a primazia por sua natureza, por sua ordem e por sua utilidade. Por sua natureza, porque nos proporciona o conhecimento das coisas; por sua ordem, pois existe naquilo e junto com aquilo do qual é indicador; por sua utilidade, enfim, porque é guia de segurança e salvação para os que conhecem. Em troca, o raciocínio para defender a verdade é inferior, tanto por sua natureza como por sua força, pois é menos refutar a mentira do que afirmar a verdade. Também é secundário por sua ordem, pois tem força apenas contra as falsas opiniões, e uma falsa opinião nasce de uma sementeira em cima da outra e de corrupção. Todavia, mesmo que isso seja assim, antepõe-se algumas vezes e acaba sendo mais útil, pois é ele que tira e limpa de antemão a incredulidade que aflige alguns e a dúvida ou falsa opinião dos que se aproximam pela primeira vez. Um e outro tendem ao mesmo fim, pois tanto aquele que refuta a mentira, como aquele que afirma a verdade se referem à piedade; isso, porém, não quer dizer que ambos são uma mesma coisa, mas que um, como disse, é necessário a todos os que crêem e a todos os que se preocupam com a verdade e a salvação; quanto ao outro, por vezes torna-se mais útil para alguns.

Seja dito isso, em resumo, só para recordar o que foi anteriormente exposto. Prossigamos com o nosso propósito, e demonstremos que é verdadeira a doutrina da ressurreição pela própria causa pela qual foi criado o primeiro homem, e os outros depois dele, embora não do mesmo modo; pela natureza comum dos homens como homens e, por fim, pelo julgamento que o Criador fará sobre os mesmos, conforme o tempo que viveram e as leis que observaram; julgamento que ninguém duvidará que será justo.

## II PARTE A CONVENIÊNCIA E A NECESSIDADE DA RESSURREIÇÃO

*1ª prova da ressurreição: o destino do homem criado para a eternidade*

**12.** O raciocínio pela causa apóia-se em considerar se o homem foi feito ao acaso e despropositadamente ou se foi feito por algum motivo. Se foi feito por algum motivo, ou teria sido para viver ele próprio depois de feito e permanecer segundo a sua natureza, ou feito para a utilidade de alguém. Se foi feito para utilidade, é a do próprio Criador ou de alguma coisa relacionada a ele e que merece a sua maior preocupação. Ora, se consideramos a questão de modo mais geral, encontramos que nenhum ser sensato e que se move para fazer algo por juízo de razão, faz em vão alguma coisa de tudo o que realiza de propósito. Ao contrário, ele é movido a agir, ou para sua própria utilidade, ou para a utilidade de alguém com o qual se preocupa, ou pela própria coisa realizada, para cuja produção é arrastado por um impulso natural e pelo amor. Vamos dar um exemplo, para que fique mais claro o que dissemos. O homem faz uma casa para a sua própria utilidade; contudo, para seus bois, camelos e outros animais de que necessita constrói como casa uma morada que lhe convém. Aparentemente não para a sua própria utilidade; mas, em última análise, é para isso, embora imediatamente faça isso pelo cuidado com aqueles animais com os quais ele se preocupa. Também procria filhos, não para a sua própria utilidade, nem olhando para qualquer coisa que lhe toca, mas para que aqueles que foram gerados por ele existam e permaneçam o quanto possível, consolando-se do seu próprio fim com a sucessão de seus filhos e descendentes e pensando

que desse modo imortaliza o que é mortal. Isso quanto aos homens. Deus, porém, não fez o homem em vão, pois Deus é sábio, e na sabedoria não cabe obra vã; também não é para a sua própria utilidade, pois ele de nada necessita, e quem absolutamente de nada necessita, nenhuma coisa do que ele faz lhe pode servir de qualquer utilidade; mas também não o fez por motivo de qualquer obra das que ele criou, pois nenhuma das criaturas dotadas de razão e juízo, maiores ou menores, nem foi nem é feita para a utilidade de outro, mas para a própria vida e permanência dessas criaturas. Com efeito, nem a própria razão pode encontrar alguma utilidade como causa da criação do homem, pois os seres imortais de nada necessitam e nenhuma utilidade pode lhes advir dos homens; e os irracionais são naturalmente comandados e alguma necessidade dos próprios homens preenche cada um, e não são eles que, pela lei da natureza, irão servir-se destes. De fato, nunca foi e nem é lícito rebaixar aquele que comanda e guia à utilidade do inferior, submetendo o racional ao irracional, que não é apto para comandar. Portanto, se o homem não foi criado sem motivo e em vão, pois nada daquilo que Deus faz pode ser em vão, ao menos segundo a intenção de quem o faz; se não foi criado para a utilidade daquele que o faz, nem de alguma outra coisa criada por Deus, é evidente que, quanto à razão primeira e mais geral, Deus fez o homem por motivo do próprio homem e pela sua bondade e sabedoria, que se contempla em toda a criação. Quanto à razão mais imediata das coisas criadas, para a vida dos próprios homens criados, e essa não para acender-se por um momento e extinguir-se totalmente logo depois. De fato, para os répteis, aves, peixes e, dizendo de um modo geral, para todos os irracionais, Deus lhes concedeu vida semelhante; mas para aqueles que levam em si mesmos a imagem do seu Criador, são dotados de inteligência e participam do juízo racional, a estes o Criador destinou uma permanência para sempre, a fim de que, conhecendo o seu Criador e o seu poder e sabedoria, seguindo a lei e a justiça, vivam eternamente sem trabalhar naquelas coisas com que afirmaram a sua vida anterior, apesar de estarem em corpos corruptíveis e terrenos. De fato, o que foi feito por motivo de outra coisa, é natural que também deixe de ser, quando cessa aquilo para o qual foi feito e não pode permanecer em vão, pois nada do que é vão tem lugar nas obras de Deus. Mas o que foi feito em razão do próprio ser e da vida conforme a sua natureza, como a própria causa está ligada à natureza e é olhada apenas quanto ao próprio ser, jamais poderia receber uma causa que destruísse totalmente o seu ser. Todavia, sendo esta considerada sempre no ser, é absolutamente preciso que também se salve o animal criado, realizando e sofrendo o que por natureza lhe convém e contribuindo cada uma das partes de que se compõe naquilo que lhe toca: a alma, sendo e permanecendo uniformemente na natureza em que foi criada e trabalhando naquilo que naturalmente lhe corresponde (e corresponde a ela presidir e comandar os impulsos do corpo e julgar e medir tudo o que ocorre em qualquer momento, servindo-se de critérios e medidas convenientes); quanto ao corpo, movendo-se conforme a natureza do que naturalmente lhe corresponde e recebendo as transformações para as quais está destinado e todas as outras de idade, forma e tamanho, também lhe cabe a ressurreição. Com efeito, a ressurreição é uma espécie de transformação, a última de todas, e transformação para melhor entre aquelas que já se realizaram.

**13.** Confiando nessas coisas, não menos nas que já aconteceram, e considerando a nossa própria natureza, não só aceitamos com amor a vida de necessidades e corrupção, como convém ao tempo presente, mas esperamos também firmemente a permanência na incorrupção. E esta não a tomamos de modo vão, da fantasia dos homens, iludindo-nos com esperanças mentirosas, mas cremos em quem nô-la garante de modo absolutamente infalível no desígnio de nosso Criador, segundo o qual fez o homem de alma imortal e de corpo, dotou-o de inteligência e lei ingênita para a sua salvação e para a guarda dos preceitos que ele lhe dera, convenientes com uma vida moderada e razoável. Sabemos muito bem que ele jamais teria feito um animal assim, nem o teria adornado com tudo o que é

necessário para a sua permanência, caso não fosse sua vontade que efetivamente permanecesse. Portanto, se o Criador de todo este universo fez o homem para participar da vida racional e, feito contemplador de sua magnificência e sabedoria que em tudo brilham, permanecer sempre nessa contemplação, segundo o seu desígnio e conforme a natureza que lhe coube como sorte, a causa da criação nos garante a permanência para sempre e a permanência garante a ressurreição, pois sem ela não seria possível ao homem permanecer para sempre.

Do que foi dito, fica evidente que, por causa da criação assim como pelo desígnio de seu Criador, a ressurreição fica claramente demonstrada. Sendo tal a causa pela qual o homem foi trazido a este mundo, seria conseqüente considerar agora a razão que a ela se segue naturalmente ou por encadeamento lógico. Segue-se, portanto, o exame da causa da criação, a própria natureza dos homens criados, e a julgamento justo que o Criador fará deles, e a tudo isso, o próprio fim de vida. Como já investigamos o que ocupa o primeiro lugar, passemos agora à natureza do homem.

## *2ª prova: o desígnio do Criador e a natureza do homem composto de alma e corpo*

**14.** Se a demonstração dos dogmas da verdade ou de quaisquer outros problemas que se propõem à investigação deve trazer evidência infalível às conclusões, ela não toma seu ponto de partida de nenhum exterior ou do que para alguns possa parecer ou lhes tenha parecido, mas da inteligência comum e natural, ou da conexão entre os primeiros princípios e suas conseqüências. Com efeito, ou se trata dos princípios primeiros, e nesse caso basta uma simples advertência para mover a inteligência natural; ou se trata daquilo que por lei natural se segue dos primeiros princípios e da conexão natural. Então deve-se estabelecer uma ordem mostrando o que é aquilo que se segue conforme a verdade do primeiro e principal, a fim de não cometer uma negligência com a verdade ou com a segurança da verdade, nem confundir o que por natureza está ordenado e tem seus próprios limites, tampouco romper o seu encadeamento natural. Disso, parece-me necessário que aqueles que põem um justo empenho na questão proposta e queiram julgar com prudência se existe ou não a ressurreição dos corpos humanos, antes de tudo considerem bem a força dos argumentos que servem para a sua demonstração, que lugar cada um ocupa, qual deles é o primeiro, qual o segundo, qual o terceiro e qual o último. Portanto, se tratamos de estabelecer nisso uma ordem, é preciso em primeiro lugar a causa da criação do homem, isto é, o desígnio segundo o qual o Criador fez o homem; a esta deve-se unir naturalmente a natureza dos próprios homens criados, não porque ocupe o segundo lugar na ordem, mas porque não é possível julgar ambas de uma só vez, por mais que em sumo grau coexistam uma com a outra e ambas tenham a mesma força para a questão presente. Demonstrada claramente por esses argumentos como sendo primeiros e que tomam seu princípio da própria criação, a ressurreição da carne não pode ser menos confirmada pelas razões da providência, isto é, pelo prêmio ou castigo que se deve a cada homem, conforme o julgamento justo, e pelo fim da vida do homem. Com efeito, muitos que discutiram a doutrina da ressurreição apoiaram toda a causa na terceira ordem dos argumentos, crendo que acontecerá apenas por causa do julgamento; isto, porém, que se demonstra com toda a clareza como falso, pelo fato de que todos os homens que morrem ressuscitarão, mas nem todos os ressuscitados serão julgados. Se apenas a justiça do julgamento fosse a causa da ressurreição, aqueles que não cometeram pecado, nem fizeram algum bem, não ressuscitariam, isto é, as crianças muito pequenas; mas como todos ressuscitarão e, entre outros, também os que morreram em tenra idade, estes mesmos justificam que não será por meio do julgamento, como razão primeira, que se dará a ressurreição, mas pelo desígnio do Criador e pela natureza das obras criadas.

**15.** Mesmo quando a causa que vemos na criação dos homens basta por si só para demonstrar que a

ressurreição se seguirá por natural consequência aos corpos desfeitos, é justo, todavia, não desprezar nenhum dos argumentos anteriormente propostos e, coerentes com o que dissemos, frisar, para os que não podem vê-los por si próprios, quais consequências se seguem de cada um deles. Antes de tudo, a natureza dos homens, que nos leva à mesma conclusão e tem a mesma força para esta estabelecer a fé na ressurreição. Agora, como universalmente toda a natureza consta de alma imortal e de corpo que foi adaptado a essa alma no momento da criação; como Deus não destinou tal criação, tal vida e toda a existência à alma por si só ou ao corpo separadamente, mas aos homens, compostos de alma e corpo, a fim de que pelos mesmos elementos dos quais se geram e vivem, cheguem, terminada a sua vida, a um só e comum termo; como de corpo e alma se forma um só animal que sofre o mesmo que alma e corpo sofrem, que age e realiza tanto o que se refere à vida sensível como ao juízo racional, é inteiramente necessário que todo esse conjunto se refira a um só fim e, desse modo, em tudo concorra a uma só harmonia e à mesma união de sentimentos no homem: seu nascimento, sua natureza, sua própria vida, suas ações, suas paixões, sua existência e o fim conveniente à sua natureza. Mas se deve haver uma só harmonia de todo o animal e uma união de sentimento entre o que procede da alma e o que é

realizado pelo corpo, é preciso que haja um só fim para todos esses elementos. Haverá um só fim, se o animal, de cujo fim se trata, é de fato o mesmo, segundo a sua constituição; e será claramente o mesmo, se se dão os mesmos elementos de que se compunha como partes; e os elementos serão os mesmos segundo sua própria conexão, se os que se dissolveram se unirem novamente para a constituição do animal. A constituição dos próprios homens demonstra que a ressurreição dos corpos mortos e desfeitos necessariamente se seguirá; caso ela não houvesse, não seria possível que as partes se unissem naturalmente umas com as outras, nem a natureza se comporia dos mesmos homens. Além disso, se foram dadas aos homens inteligência e razão para discernir o inteligível, e não só as substâncias, mas também a bondade, sabedoria e justiça do Doador, permanecendo aquilo pelo qual lhe foi dado o juízo racional, necessariamente deve também permanecer o juízo que foi dado para o seu discernimento. E não é possível que este permaneça se não permanecer a natureza que o recebe e na qual ele está. Ora, quem recebe a inteligência e a razão é o homem e não a alma por si só; logo, o homem, que consta de alma e corpo, deve permanecer para sempre. É impossível, porém, que ele permaneça se não ressuscita. De fato, se a ressurreição não se verifica, a natureza dos homens como homens não pode permanecer e, se a natureza dos homens não permanece, a alma se ajustou em vão às necessidades e sofrimentos do corpo, em vão foram postas peias ao corpo, impedindo-o de satisfazer seus instintos, sendo obediente às rédeas e ao freio da alma; são vãos a inteligência, o pensamento, a observância da justiça, a prática de qualquer virtude, a promulgação e ordenação das leis, em uma palavra, é vão tudo o que há de belo nos homens e para os homens; ainda mais: a própria criação e a natureza dos homens são vãs. Se, porém, ser vão está excluído de todas as obras de Deus e seus dons em todas as partes, é absolutamente necessário que, juntamente com a alma imorredoura, a permanência do corpo perdure eternamente conforme a sua própria natureza.

**16.** Ninguém se surpreenda por chamarmos de permanência uma vida interrompida pela morte e corrupção, mas considere que não existe apenas uma razão para essa denominação, nem há apenas uma medida da permanência, pois a natureza dos que permanecem também não é apenas uma. Com efeito, se cada coisa que permanece tem a permanência segundo a sua própria natureza, não é possível encontrar permanência equiparável nos seres puramente incorruptíveis e imortais, pelo fato de que as substâncias superiores não podem ser comparadas às inferiores, nem se deve buscar nos homens uma permanência simples e imutável, pois aqueles foram, desde o princípio, criados imortais

e permanecem imorredouros pelo único desígnio de quem assim os fez. Quanto ao corpo, os homens recebem a incorruptibilidade pela transformação exigida pela razão da ressurreição, embora quanto à alma gozem da permanência imutável desde a criação. Visando à ressurreição, aguardamos por um lado a dissolução do corpo que se seguirá à vida de necessidades e corrupção; depois desta vida, porém, esperamos confiantemente na permanência da incorruptibilidade, pela qual não igualamos o nosso fim com o fim dos irracionais, nem a permanência dos homens com a permanência dos seres imortais, a não ser que, inadvertidamente, equiparemos desse modo a natureza e a vida dos homens com o que não convém equipará-las. Assim, não nos devemos preocupar se notamos alguma desigualdade na permanência dos homens, nem nos devemos desesperar da ressurreição porque a separação da alma do corpo e a dissolução de suas partes e membros corte a continuidade da vida. Com efeito, não recusamos dizer que há uma mesma vida só porque os relaxamentos das sensações e potências naturais, que naturalmente acontecem no sono, pareçam interromper a vida consciente e obriguem o homem a dormir em períodos regulares de tempo e, de certo modo, a reviver novamente. Por isso, creio que alguns chamam o sono de irmão da morte, não porque queiram explicar a genealogia deles através de mesmos pais ou antepassados, mas por causa da semelhança de situação dos que morrem e dos que dormem: quanto à sua tranqüilidade, que tanto uns como outros não se dão conta do que os rodeia ou do que lhes acontece e, ainda mais, nem mesmo de sua própria existência e vida. Portanto, se não recusamos dizer que a vida dos homens é a mesma vida, embora cheia de tanta desigualdade desde que nascemos até a nossa dissolução e interrompida por tudo o que dissemos, também não nos desesperaremos da vida após a dissolução, que traz consigo a ressurreição, por mais que, durante um pouco de tempo, seja interrompida pela separação da alma e do corpo.

**17.** A mesma natureza humana que, segundo o desígnio do seu Criador, desde sua origem tem a desigualdade por herança, tem também de forma desigual a vida e a permanência, interrompida ora pelo sono, ora pela morte, ora pelas transformações de cada idade, sem que apareça claramente nas primeiras aquelas que acontecerão depois. Quem poderia crer, se a experiência não o ensinasse, que numa gota de esperma, uniforme e diluído, está contido o princípio de tantas e tão grandes faculdades, ou que tanta diferença de massas estão aí reunidas e contraídas, isto é, os ossos, os nervos, as cartilagens, além dos músculos, carnes, entranhas e todas as partes do corpo? De fato, não se pode ver nada disso no sêmen úmido, nem se vê nas crianças o que serão os homens feitos, nem nos homens feitos o que serão os homens maduros, nem nos maduros o que serão os velhos. Entretanto, apesar de algumas coisas ditas não manifestarem absolutamente e outras indicarem apenas de maneira obscura o que será o ulterior desenvolvimento natural, nem manifestarem as transformações que sobrevêm à natureza humana, todos aqueles que não tem o juízo cego, pela maldade e a preguiça, a respeito dessas coisas sabem que antes de tudo se deve lançar o sêmen e, articulando-se as partes e membros do corpo e dado à luz o concebido, acontece o crescimento e, depois do crescimento, a maturidade; após a maturidade, o relaxamento das faculdades físicas até a velhice e, finalmente, esgotado o corpo, a dissolução. Desse modo, nesta ordem das coisas, sem que o sêmen tenha inscritas em si mesmo a vida e a forma dos homens, nem a vida a dissolução nos primeiros princípios, o encadeamento dos fatos naturais nos garante a fê do que acontecerá, mesmo não podendo vê-lo claramente; muito mais a razão, que segue o rastro da verdade por conexão natural, nos garante a fê na ressurreição, visto que ela é mais segura e superior do que a experiência para confirmar a verdade.

*3ª prova: tanto o corpo quanto a alma devem ser premiados ou punidos*

**18.** As razões que, há pouco, nos propusemos examinar e que demonstram a ressurreição, são todas

da mesma espécie, pois nascem do mesmo princípio e este princípio é a origem, por criação, dos primeiros homens. Contudo, umas se afirmam pelo mesmo primeiro princípio de que nascem; outras, ao seguir a natureza e a vida dos homens, adquirem sua força demonstrativa a partir da providência de Deus para conosco. Com efeito, a causa por que e para que foram criados os homens, unida à natureza deles, adquire sua força a partir da própria criação. Contudo, a razão da justiça, segundo a qual Deus julga os que vivem bem ou mal, é tomada a partir do fim destes. De fato, nascem daí, porém dependem mais da providência.

Na medida de nossas possibilidades, provada a nossa tese através das primeiras razões, será bom também procurarmos prová-la por estas últimas, isto é, o prêmio ou castigo que, por um julgamento justo, é devido a cada homem, e, segundo a finalidade da vida humana e destas mesmas colocar por primeiro aquela que é principal e considerar antes de tudo o motivo do julgamento. Por causa da nossa preocupação de princípio e de ordem que convém à nossa tese, temos que fazer uma única advertência: aqueles que admitem Deus como Criador de todo este universo, devem também atribuir à sua sabedoria e justiça a guarda e providência de todo o criado, se desejam permanecer fiéis a seus próprios princípios. Se assim pensam sobre isso, não podem considerar que algo seja alheio ao governo e providência de Deus, mas reconhecer que o cuidado do Criador se estende a tudo, tanto ao invisível como ao visível, ao grande e ao pequeno. Com efeito, todo o criado necessita do cuidado do Criador, e, particularmente, cada coisa, segundo foi criada e para que foi criada. Não julgo oportuno descer a pormenores ou dividir agora por seus gêneros e querer fazer um longo catálogo do que é conveniente para cada natureza. Quanto ao homem, do qual agora nos propomos falar, como necessitado, ele necessita de alimento; como mortal, de sucessão; como racional, de julgamento. Ora, se cada uma das coisas ditas são naturais ao homem, e ele necessita de alimento para a vida, de sucessão para a permanência da espécie e de justiça para o que de legítimo têm o alimento e a sucessão, é forçoso que a justiça se refira também ao composto humano, pois a este se referem o alimento e a sucessão. Chamo de composto o homem com seu corpo e alma, e digo que esse homem é o responsável por todas as suas ações e receberá o prêmio ou castigo por elas. Ora, se um julgamento justo dará sobre o composto a sentença das obras, nem a alma sozinha receberá a recompensa do que realizou junto com o corpo, pois por si mesma ela é insensível aos pecados que possam ser cometidos pelos prazeres, alimentos ou cuidados corporais, nem o corpo sozinho, pois por si mesmo ele é incapaz de discernir a lei e a justiça. Ao contrário, é o homem, composto de alma e corpo, que recebe o julgamento de cada uma das obras por ele feitas; a razão, porém, não vê que isso se realize na vida presente, onde não se dá a cada um o que merece, pois vemos que muitos ateus e pessoas entregues a toda iniquidade e maldade, chegam ao fim de sua vida sem experimentar nenhum mal e, por outro lado, outros que levam uma vida exercitada em toda virtude vivem entre dores, injúrias, calúnias, tormentos e todo tipo de calamidades; depois da morte isso acontece, uma vez que não existe mais o composto humano, pois a alma está separada do corpo e este disperso novamente naqueles elementos de que foi composto, sem conservar mais nada do seu primeiro tamanho e forma, e muito menos memória de suas obras. Portanto, permanece apenas evidentemente o que diz o Apóstolo: é preciso que este corpo corruptível e disperso se revista de incorruptibilidade, para que, vivificados pela ressurreição, seus membros mortos e novamente unidos os que se haviam separado e até totalmente dissolvido, cada um receba justamente o que realizou por meio do seu corpo, bem ou mal.

**19.** Portanto, contra os que confessam a providência e admitem os mesmos princípios que nós, mas depois, não se sabe como, abandonam seus próprios supostos, essas razões e muitas outras devem servir, caso se queira ampliar o que aqui foi dito de modo breve e rápido. Mas contra os que diferem

de nós nos primeiros princípios, seria bom propor-lhes antes outro ponto de partida, discutindo com eles as suas opiniões e propor-lhes a seguinte questão: Relega-se a vida e a existência inteira dos homens e profundas trevas se derramam pela terra, ocultando na ignorância e silêncio os próprios homens e suas ações, ou não será mais seguro opinar que o Criador preside às suas próprias obras e vigia sobre tudo o que existe ou acontece, e é juiz de tudo o que se faz ou que se quer? Com efeito, se não existe nenhum julgamento de nenhuma das ações dos homens, estes não terão nenhuma vantagem sobre os irracionais, ou melhor, serão mais miseráveis do que eles, pois refreiam suas paixões e se preocupam com a piedade, a justiça e as outras virtudes. A vida do animal e da fera é a melhor; a virtude é uma insensatez; a ameaça da justiça é pura piada; o bem supremo é gozar de todos os prazeres. O dogma universal e a única lei de todos eles é aquele dito dos intemperantes e dissolutos: “Comamos e bebamos, pois amanhã morreremos”. Com efeito, a finalidade de tal vida, segundo alguns, não é sequer o prazer, mas a insensibilidade absoluta.

Todavia, se o Criador dos homens tem algum cuidado com suas próprias criaturas, e em algum lugar se guarda a justa distinção entre os que viveram bem e os que viveram mal, isso acontecerá ou na vida presente, quando ainda vivem os que vivem conforme a virtude ou a maldade, ou depois da morte, na separação da alma e do corpo e dissolução deste. Ora, em nenhum dos dois casos é possível achar que se guarde o julgamento justo. Com efeito, nem os bons recebem na vida presente a recompensa de sua virtude, nem os maus o castigo de sua maldade. E omito dizer que, subsistindo a natureza em que agora estamos, a natureza mortal não é capaz de sofrer o castigo adequado a muitos delitos ou a delitos extraordinariamente graves. De fato, aquele que matou milhares e milhares, seja ladrão, seja príncipe ou tirano, não pode pagar com uma só morte o castigo de tantos. E aquele que não teve jamais opinião verdadeira sobre Deus, mas viveu entre insolências e blasfêmias de toda espécie, que desprezou o divino, violou as leis, ultrajou tanto crianças como mulheres, assolou injustamente cidades, incendiou casas junto com seus moradores, devastou comarcas, destruiu multidões, povos e até uma nação inteira, como essa pessoa bastará em seu corpo corruptível para o castigo adequado de tantos crimes, pois a morte se antecipa àquilo que merece e a natureza mortal não é suficiente nem para um só deles? Portanto, nem na vida presente se mostra um julgamento segundo o merecido, nem depois da morte.

### *Necessidade da ressurreição do corpo para que haja julgamento justo*

**20.** Com efeito, ou a morte é a extinção completa da vida, com a alma se dissolvendo e corrompendo juntamente com o corpo; ou a alma permanece por si mesma, como indissolúvel, indissipável e incorruptível, enquanto o corpo se corrompe e se desfaz, sem guardar memória de qualquer de suas obras ou consciência do que nela sofrera. De fato, extinguida totalmente a vida dos homens, de nada servirá o cuidado de homens que não vivem, nem o julgamento sobre aqueles que viveram conforme a virtude ou conforme a maldade. Nessa hipótese, porém, ficaremos de novo rodeados por todos os absurdos da vida sem lei e o enxame de aberrações que a esta seguem e a impiedade do ateísmo que é o total e o resumo dessa iniquidade.

Na hipótese de que seja apenas o corpo que se corrompa e cada uma de suas partes desfeitas se juntem com as de sua espécie e a alma permaneça por si mesma como incorruptível, também assim não haverá lugar para o julgamento sobre ela, pois nela não haveria justiça, pois não é lícito supor que haja em Deus ou por Deus qualquer julgamento em que não haja justiça, e não há justiça no julgamento se não se conserva aquele que praticou a justiça ou a iniquidade. De fato, aquele que praticou cada uma das ações da vida sobre as quais versa o julgamento foi o homem e não a alma por si mesma. Dizendo numa palavra: esse raciocínio não salva a justiça em nenhuma das duas hipóteses.



**21.** Se se trata de premiar as boas obras, cometer-se-á patente injustiça com o corpo, porque depois de ter tomado sua parte com a alma nos trabalhos da virtude, ele não a terá no prêmio; e enquanto a alma, em muitos casos, irá gozar de certa indulgência por certos pecados, aos quais foi arrastada pela debilidade e necessidade do corpo, este não entra na parte das obras boas, pelas quais suportou trabalhos na vida. Se, pelo contrário, se trata de julgar os pecadores, não se mantém a justiça para com a alma, se somente ela tivesse que sofrer o castigo do que pecou por incômodo do corpo e arrastada pelos instintos e movimentos próprios do corpo, algumas vezes como que arrebatada e seqüestrada, outras levada por ímpeto demasiadamente violento, outras por certa concomitância, por dar-lhe satisfação e atender ao cuidado de sua constituição. Como não considerar injustiça que se julgue a alma sozinha por aquilo que não lhe é próprio segundo a sua natureza, pois não sente instinto, nem inclinação, nem impulso, por exemplo, para a lascívia, a violência, a avareza, a injustiça e tudo o que nessas matérias se possa cometer de pecado? Com efeito, se é certo que a maior parte de tais males procedem do fato de os homens não dominarem as paixões que os atacam — e são atacados pelas necessidades e exigências do corpo, pois por meio delas se busca a posse e, melhor ainda, o uso das coisas; daí o casamento e todas as ações, por fim, da vida sobre a qual possa acontecer o que é pecaminoso e o que não é — onde estará a justiça, se se julga a alma sozinha em coisas em que o corpo sente primeiro a paixão e é este que arrasta a alma à participação da paixão e comunicação de ações que satisfazem suas necessidades? Então os instintos e prazeres, temores e tristezas, em cuja desordem se enraíza a responsabilidade, teriam seu movimento proveniente do corpo; em troca, os pecados que procedem de tudo isso e os castigos que acompanham os pecados seriam atribuídos unicamente à alma, sendo que esta não tem nenhuma necessidade disso, pois não sente instinto nem temor e não sofre por si mesma nada semelhante do que o homem naturalmente sofre. Mesmo quando sentimos que as paixões não pertencem somente ao corpo, mas ao homem, e nisso dizemos bem, pois corpo e alma constituem uma única vida, nem por isso diremos que tais paixões convêm à alma, se considerarmos simplesmente a sua natureza própria. Se ela não tem nenhuma necessidade de alimento, nunca pode desejar aquilo de que não tem nenhuma necessidade para existir, nem poderia lançar-se na consecução de algo que por natureza não pode usar de maneira nenhuma. Não pode também entristecer-se pela falta de dinheiro e riquezas, que nada têm a ver com ela. Se é superior a qualquer corrupção, não teme absolutamente nada que possa corrompê-la. Com efeito, não se espanta com a fome, a enfermidade, a mutilação, o ultraje, o fogo, o ferro, porque não é possível que tais coisas lhes causem algum dano; nem a dor, pois tanto os corpos como os poderes corporais não podem tocá-lo de maneira alguma. Se é absurdo atribuir as paixões como coisa própria das almas, seria o cúmulo da injustiça e algo indigno do julgamento Deus imputar unicamente às almas os pecados que nascem das paixões e os castigos que estes merecem.

**22.** Além do que foi dito, não seria absurdo que a virtude e a maldade não possam ser concebidas na alma separadamente do corpo — de fato, as virtudes que conhecemos são virtudes do homem e também a maldade que a elas se opõe, e não da alma separada do corpo e por si mesma — e, em troca, o prêmio ou castigo por elas recaísse unicamente sobre a alma? Poderia alguém compreender o valor e a constância unicamente na alma, que não sente medo da morte ou ferimento, da mutilação, de dano, de tormento, nem das dores que a isso se seguem, nem da calamidade que daí provém? Ou a temperança e castidade, quando nenhum desejo a arrasta para a comida, para a união sexual ou para outros prazeres e deleites, nem qualquer outra coisa a perturba por dentro ou a provoca e irrita de fora? Ou a prudência, se ela não tem diante de si o que deve fazer ou não fazer, escolher ou fugir, ou melhor, se ela não tem nenhum movimento ou impulso para nenhuma ação? Onde encontrar justiça conveniente para as almas, seja entre si mesmas, seja em relação a qualquer outro ser de espécie

igual ou distinta, se elas não têm como, meios, modo para poder dar a cada um o que lhe corresponde por mérito ou equidade, a não ser a honra devida a Deus? Por outro lado, elas não possuem por si impulso ou movimento para usar as próprias coisas ou abster-se das alheias, pois o uso ou abstenção das coisas é considerado naquilo que naturalmente pode ser usado; a alma, contudo, por natureza, não necessita de nada e não pode usar nada; por isso, nem mesmo a chamada justiça individual é possível realizar-se numa alma dessa natureza.

**23.** Além de todas essas coisas absurdas, há outra: as leis são dadas aos homens e, em troca, os prêmios e castigos do fato, legítima ou ilegítimamente, recairiam unicamente sobre a alma. Se alguém recebe as leis, é justo que também receba o castigo pela sua infração, e foi o homem inteiro que recebeu as leis e não a alma por si, é o homem inteiro e não a alma por si que deve responder pelos pecados contra as leis. Com efeito, Deus não mandou que as almas se abstivessem daquilo que nada tem a ver com elas, como o adultério, o assassinio, o roubo, a rapina, a desonra dos pais e, em geral, de todo desejo que tende ao dano ou prejuízo do próximo. Assim, o mandamento: “Honra teu pai e tua mãe” não se adapta somente às almas, pois tais nomes não têm nada a ver com elas. Não são as almas que, gerando outras almas, recebem os nomes de pai e mãe, mas os homens que geram os homens. Igualmente: “Não cometerás adultério” não se pode convenientemente dizer ou compreender que se refere às almas, pois nelas não existe diferença de macho e fêmea, nem aptidão para a união sexual, nem instinto para ela. E não havendo instinto, também não é possível que haja união. Ora, naqueles em que não se dá absolutamente a união, também não se dará a legítima união, que é o matrimônio. E se não se dá a legítima, tampouco se dará a ilegítima, nem o desejo da mulher alheia e relação com ela, que é o chamado adultério. Também não se refere às almas a proibição do roubo e da avareza, porque elas não necessitam dessas coisas, cuja necessidade natural costuma ser causa dos roubos e rapinas naqueles que as praticam, como o ouro, a prata, um animal ou qualquer outra coisa apropriada para alimento, vestuário e uso. Com efeito, tudo o que os necessitados podem cobiçar como útil, é inútil para uma natureza imortal.

Deixemos, porém, a enumeração mais completa sobre tudo isso para aqueles que queiram olhar com mais cuidado cada ponto em particular ou lutar com mais afincado contra os adversários. Para nós bastam os argumentos que acabamos de expor e os que, de acordo com estes, demonstram a ressurreição. Não é oportuno que insistamos mais sobre eles, pois não nos propusemos como meta não omitir nada do que se poderia dizer, mas apenas expor sumariamente aos assistentes o que se deve pensar sobre a ressurreição e acomodar à capacidade dos ouvintes os argumentos que conduzem a isso.

*4ª prova: o fim último do homem a felicidade, não é atingida nesta vida*

**24.** Tendo já examinado em certa medida os argumentos propostos, resta-nos considerar a razão que se refere ao fim do homem, a qual já aparece clara pelo que dissemos e só necessita de exame e consideração aqui para não parecer que deixamos de mencionar alguma coisa do que foi proposto e prejudicamos a hipótese e a divisão que estabelecemos no começo. Portanto, por essa razão e em atenção ao que se poderia objetar sobre isso, haveria apenas que acrescentar uma observação, isto é, que tanto os seres de constituição natural, como os que se produzem pela arte, devem cada um ter o seu próprio fim, coisa que a inteligência universal nos ensina e aquilo que temos diante de nossos olhos nos testemunha. Com efeito, não vemos que um é o fim a que se propõem os lavradores e outro os médicos? Também não é um o fim das coisas que nascem da terra e outro dos animais que se criam sobre ela e se propagam por uma espécie de encadeamento natural? Se isso é claro e absolutamente necessário que o fim, segundo a natureza, siga as faculdades naturais ou técnicas e

suas operações, também é absolutamente necessário que o fim do homem, devido à sua natureza peculiar, também se afaste do comum dos outros. De fato, não é lícito supor que deverão ter o mesmo fim os seres carentes de juízo racional e os que agem conforme a lei e a razão neles ingêntas e usam de prudente vida e justiça. Portanto, nem aquela famosa insensibilidade à dor pode ser fim próprio do homem, pois participariam dela até os que não sentem absolutamente nada, tampouco o gozo daquilo que alimenta ou deleita o corpo com toda a multidão dos prazeres, a não ser que demos a primazia à vida dos animais e sintamos que a virtude não tem nenhum fim. Com efeito, penso que este é o fim próprio dos animais e rebanhos, não, porém, de homens dotados de alma imortal e juízo racional.

**25.** De outro lado, também não pode ser fim do homem a felicidade da alma separada do corpo, pois não se deve considerar a vida ou o fim de um dos elementos de que o homem se compõe, mas a vida e o fim do composto dos dois. Com efeito, assim é todo homem ao qual cabe como sorte a presente existência, e a vida deste é a que deve ter algum fim peculiar. Ora, se o fim deve ser o composto, não é possível encontrar esse fim nem enquanto os homens vivem, pelas causas muitas vezes alegadas, nem a alma separada do corpo, uma vez que tal homem não pode sequer subsistir, pois logo o corpo se desfaz e se dispersa totalmente, embora a alma permaneça por si mesma. Portanto, é absolutamente necessário que o fim do homem apareça em outra constituição do composto e do próprio animal. E se isso acontece necessariamente, é absolutamente necessário que se dê a ressurreição dos corpos mortos e até totalmente dissolvidos e que novamente se reconstituam os mesmos homens, porque a lei da natureza não estabelece simplesmente o fim de quaisquer homens, mas dos mesmos homens que viveram a vida anterior. Mas não é possível reconstituir os mesmos homens, se não se devolvem os mesmos corpos às mesmas almas, e não é possível que as mesmas almas recebam de outro modo os mesmos corpos, a não ser pela ressurreição. De fato, depois que esta se houver realizado, segue-se também o fim conveniente à natureza humana; e não erraria o fim da vida inteligente e do juízo racional, quem o pusesse em conviver eternamente com aquilo a que a razão natural se adapta primariamente e acima de tudo: a contemplação do Doador e a glória e júbilo daquilo que foi por ele decretado, por mais que a maior parte dos homens, aderidos com mais paixão e veemência às coisas daqui de baixo, passem a vida sem alcançar essa meta. Com efeito, o destino comum não se invalida por causa da multidão dos que não conseguem o seu próprio fim, pois o exame dessas questões é peculiar a cada um, e a cada um é medido o prêmio ou o castigo por sua vida boa ou má.

# TEÓFILO DE ANTIOQUIA

## INTRODUÇÃO

### 1. Vida

Estamos diante do ao último apologista de renome do século II e o único, dentre eles, elevado ao episcopado.

Eusébio de Cesaréia nos informa que “da Igreja de Antioquia, Teófilo é conhecido como o sexto bispo depois dos apóstolos” (HE, IV,20).

Seus dados biográficos são pouco conhecidos. É em sua obra *A Autólico* que podemos respigar algumas informações. Originário da Síria ou Assíria, sua terra natal situa-se entre os rios Tigre e Eufrates. Falando dos rios que nasciam ou passavam pelo Éden, diz: “Quanto aos outros dois rios, os chamados Tigre e Eufrates, são bem conhecidos entre nós, pois correm perto de nossas regiões” (*A Aut.* 2,24). Sua cultura revela que recebera excelente educação grega. Sua família era pagã. Converteu-se ao cristianismo já adulto, através da leitura dos profetas, especialmente. Exortando seu interlocutor Autólico a crer, revela Teófilo o processo de sua conversão: “Eu também não acreditava que isso existisse, mas agora, depois de refletir muito, eu creio; ao mesmo tempo, li as Sagradas Escrituras dos santos profetas, os quais inspirados pelo Espírito de Deus, predisseram o passado como aconteceu, o presente tal como acontece e o futuro tal como se cumprirá. Por isso, tendo a prova das coisas acontecidas depois de terem sido preditas não sou incrédulo, mas creio e obedeco a Deus” (1,4). Nada sabemos de sua morte ou de outras circunstâncias de sua vida. Sabemos apenas que por volta de 169-170, já era bispo de Antioquia.

### 2. Obras

Temos de Teófilo apenas os três livros *A Autólico*. Mas, sua produção literária parece ter sido bem mais vasta a dar crédito aos testemunhos da antiguidade. Eusébio de Cesaréia, por exemplo, afirma que “De Teófilo que citamos como bispo de Antioquia, possuímos três livros elementares *A Autólico* e outro intitulado *Contra a heresia de Hermógenes*, no qual utiliza testemunhos tiradas do Apocalipse de João. Possuímos ainda outros livros catequéticos. Como também naquele tempo, os hereges corrompiam não menos que em outros tempos, como a zizânia, a semente pura do ensinamento apostólico, os pastores da Igreja procuravam afastá-los, por toda parte, das ovelhas de Cristo, como feras selvagens, afastando-as tanto por meio de advertências e de exortações dirigidas aos irmãos, como lutando abertamente contra eles por meio de questões e de refutações orais, face a face, ou então refutando suas opiniões por provas bem precisas por meio de memórias escritas. Teófilo combateu, ao mesmo tempo que os outros, contra os heréticos, como demonstra um trabalho de grande valor composto por ele *Contra Marcião*. Esta obra foi conservada até o presente com os outros livros dos quais falamos” (HE, IV,24).

Os historiadores desse período costumam invocar, entre outros, também o testemunho de S. Jerônimo. De fato, no seu *De viris illustribus* 25, acrescenta algumas informações além das de Eusébio que merecem ser explicitadas aqui: “Teófilo, sexto bispo da Igreja de Antioquia, compôs sob o imperador Marco Aurélio Vero um livro *Contra Marcião*, que até hoje existe. Correm, também seus três volumes *A Autólico* e um livro *Contra a heresia de Hermógenes*, e outros breves e elegantes tratados que edificam a Igreja. Li de sua autoria uns comentários ao Evangelho e aos Provérbios de Salomão, que não me parecem afinados com a elegância e estilo dos volumes anteriores”. Além disso parece ter escrito uma obra apologética *Sobre as origens da humanidade*

segundo a Bíblia e a mitologia.

Escritor de cultura variada, de estilo elegante, ordeiro e claro, não parece, contudo, ser original. Os analisadores de sua obra têm, de fato, avaliações contraditórias. A. Puech, por exemplo, tem sobre ele um juízo severo: “A obra de Teófilo não tem senão um valor medíocre, e se julgou quase sempre, quando se tratava de seus antecessores, que os juízos de Geffeken precisavam de uma contrapartida, não sinto tentação alguma de defender contra ele este charlatão superficial em quem o estilo e o vocabulário rivalizam em pobreza com o pensamento”<sup>a</sup>. G. Bardy faz-lhe alguns elogios enquanto bispo que tenta defender seu rebanho, não é menos severo quanto ao escritor. Depois de mencionar sua educação um tanto refinada, de levantar os nomes de poetas, trágicos e filósofos citados por Teófilo, diz: “Todavia, esta amostragem de erudição não deve nos impressionar além da medida. O bispo de Antioquia não leu a maioria dos autores dos quais fala e não os conhece senão por intermédio dos florilégios. Quando ele multiplica, segundo o costume de seu tempo, as citações dos poetas, os textos que retoma são daqueles que se encontravam em toda parte; não foi ele quem os reuniu e seu papel não ultrapassa, em semelhante caso, àquele de um humilde copista. Foi, é verdade, acusado de não ter nem mesmo sido capaz de copiar sempre bem suas fontes (...). De qualquer maneira, Teófilo está longe de ter a curiosidade simpática e inteligência de Justino ou de Atenágoras, por exemplo, pelas ciências e pela filosofia profana. (...) Ele não conhece os sobressaltos da indignação, os elãs do entusiasmo, e vigor lúcido que inspira por vezes o amor da verdade”<sup>b</sup>.

Cabe, todavia, ao leitor moderno retomar esta apologia e tentar compreendê-la em seu contexto e fazer seu próprio julgamento. Entre outros pontos, o leitor encontrará, pela primeira vez, o emprego do termo *trías* para designar Deus. J. Lebreton, estudando na apologia de Teófilo as referências ao dogma da Trindade, afirma: “Estes textos interessam à história da teologia; aqui aparece pela primeira vez a palavra *trías*, pela primeira vez também os dois termos técnicos de Verbo interior (*Lógos endiáthetos*) e proferido (*Lógos profhorikós*). Estas expressões vêm da psicologia estoíca. Ao aplicá-las ao Verbo divino, Teófilo dá-lhes um valor novo. Não se pode dizer, contudo, que tenha feito avançar por isso a teologia; criou-lhe antes um tropeço. Por esta mesma data, S. Ireneu já repudiava estas explicações psicológicas, e mais tarde, na época das lutas antiarinas, esta distinção do Verbo interior e do Verbo proferido, será definitivamente proscrita. É curioso ressaltar esta influência estoíca num escritor tão hostil a toda filosofia. Esta passagem nos mostra, uma vez mais que, contra as seduições da opinião pagã, a hostilidade e o desdém não constituem a melhor salvaguarda”<sup>c</sup>.

### 3. *A Autólico*

São os únicos escritos de Teófilo que chegaram até nós. Trata-se de uma apologia do cristianismo dirigida, presumivelmente, a um amigo pagão incapaz de compreender como alguém podia se tornar cristão. São três livros justapostos nos quais o autor parece ter dois objetivos: a) esforçar-se para responder às objeções e às acusações pagãs e, b) mostrar a superioridade da doutrina cristã em relação a todo outro saber ou filosofia. Os críticos estão de acordo em situar a composição da obra pouco depois do ano 180. A razão desta data é que o livro terceiro apresenta uma cronologia da História do mundo que chega até a morte de Marco Aurélio ocorrida em 17 de março de 180.

Mas quem é Autólico? As outras apologias eram dirigidas aos imperadores, ao senado romano. Esta é endereçada a um particular. Trata-se de um amigo? Algum intelectual? É rico? Nobre? Será uma personagem fictícia? No Novo Testamento há o exemplo de Lucas que escreve seu Evangelho e os Atos dos apóstolos ao “ilustre Teófilo”, alguém da aristocracia romana que queria estar bem informado sobre a nova religião. Era um procedimento comum, ainda no tempo de Teófilo, endereçar

um escrito a “alguém”, real ou fictício. Segundo Puech, “É difícil dizer o que pode se misturar, nesta obra, de ficção e de verdade. As introduções são colocadas à frente de cada livro e a discussão que segue, embora certas fórmulas lembrem, de tempos em tempos, que se endereçam antes de tudo a um leitor particular, é, na realidade, destinado ao uso do público; não tem nada de verdadeiramente pessoal”<sup>d</sup>.

#### 4. O livro I

O primeiro livro é o mais breve, contendo apenas 14 capítulos. Nele Teófilo procura mostrar que Deus é invisível aos olhos do corpo, mas pode ser conhecido, em parte, pela razão. A grande questão do livro é encontrar os caminhos para responder ao desafio levantado por Autólico: “Mostra-me teu Deus”. Se de imediato Teófilo responde lançando a seu interlocutor outro desafio: “Mostra-me teu homem, e eu te mostrarei o meu Deus”, a verdade é que ele vai se estender bem mais sobre a questão. O verdadeiro conhecimento de Deus, porém, só é atingido pela fé das almas puras: “Deus é experimentado por aqueles que podem vê-lo, desde que os olhos de sua alma estejam abertos. Todos têm olhos, mas alguns os têm obscurecidos e não percebem a luz do sol; (...) Do mesmo modo, ó homem, tu tens os olhos de tua alma obscurecidos por tuas faltas e tuas más ações. O homem deve ter a alma pura como espelho brilhante. Quando o espelho fica enferrujado, não se pode mais ver a face do homem no espelho; assim também, quando há falta no homem, esse homem já não pode contemplar a Deus” (1,2). Neste texto, Teófilo parece querer traçar as verdadeiras condições para o conhecimento de Deus.

#### 5. O livro II

O segundo livro, mais extenso que o primeiro, com 38 capítulos, demonstra a infantilidade das doutrinas pagãs. Combate a idolatria e estabelece a comparação entre os autores pagãos e os inspirados, concluindo pela superioridade destes sobre aqueles.

Destacamos, entre os temas desenvolvidos neste livro, o que lhe é mais característico. De início, chama-nos a atenção a distinção que Teófilo faz, no cap. 10, entre o *Lógos endiáthetos*, isto é, imanente, interior, e o *Lógos prophorikós*, o Verbo emitido, pronunciado, proferido por Deus, seguindo um caminho aberto por Justino. Assim ele se expressa: “Tendo Deus o seu Verbo imanente em suas próprias entranhas, gerou-o com a sua própria sabedoria, emitindo-o antes de todas as coisas. Teve este Verbo como ministro da sua criação e por meio dele fez todas as coisas” (2,10). Foi este Verbo que falou a Adão no paraíso. É este Verbo a “voz” de Deus que os santos do Antigo Testamento ouviam. É ele também o conselheiro primeiro e único de Deus, desde toda eternidade. Por isso “quando Deus quis fazer tudo o que havia deliberado, gerou esse Verbo proferido, como primogênito de toda criação, não esva-ziando-se de seu Verbo, mas gerando o Verbo e conservando-o sempre com ele” (2,22).

No cap. 15, emprega pela primeira vez, a expressão *Trías* (trindade), embora não se alcance clareza na distinção do Filho e do Espírito, ao longo dos capítulos restantes. Nos três dias que precedem a criação dos luzeiros, vê o símbolo da trindade (2,15).

Outro destaque do Livro II está no cap. 27. Trata-se da questão da natureza da alma humana que não é algo que pertença à alma por natureza, mas fruto da recompensa à observância dos mandamentos de Deus. A alma é, portanto, passível de mortalidade ou de imortalidade: “O homem não foi criado mortal por natureza?” De jeito nenhum. “Então foi criado imortal?” Também não dizemos isso. (...) O que afirmamos é que por natureza não foi feito nem mortal, nem imortal. Porque se, desde o princípio, o tivesse criado imortal, o teria feito deus; por outro lado, se o tivesse criado mortal,

pareceria que Deus é a causa da morte. Portanto, não o fez mortal, nem imortal, mas, como dissemos antes, capaz de uma coisa e de outra”.

## 6. O livro III

O terceiro livro, composto em 30 capítulos, refuta as acusações de antropofagia e de imoralidade lançadas contra os cristãos. Demonstra a superioridade do cristianismo e prova a imortalidade da religião pagã que se funda na maldade atribuída aos deuses pelos escritores pagãos. Autólico parece dar fé às calúnias populares lançadas contra o cristianismo a ponto de considerar a doutrina cristã pura charlatanice. Teófilo deve fazer um esforço ingente para demonstrar a pureza da doutrina cristã, sua superioridade. Finalmente, retoma o argumento da antiguidade da religião cristã: numa discussão cronológica, tenta estabelecer a anterioridade da Bíblia sobre as lendas pagãs. Assim, mostra que Moisés e os profetas são anteriores aos filósofos pagãos. Teófilo estabelece, nos caps. 24-28, uma cronologia a partir da criação do mundo até a morte de Marco Aurélio. Mostrando os resultados a que chegou Teófilo com sua cronologia, G. Bardy lamenta que “em todos estes cálculos, o Salvador não tenha nenhum lugar. Teófilo não procura datar nem seu nascimento nem sua morte. Dir-se-ia que isso não o interessa. E, de fato, o argumento da antiguidade do cristianismo perderia toda sua força se se datasse o nascimento da Igreja do ensinamento de Jesus. Para ter algum valor, é preciso que a religião cristã seja apresentada como a herdeira legítima da religião judaica e que a história da Igreja se solde intimamente à da Sinagoga. São Teófilo retoma uma prova que os apologistas judaicos, Josefo, em particular, haviam já empregado. Ele não se crê obrigado de lhe introduzir a menor mudança e se contenta em prosseguir a cronologia até o tempo em que ele escreve”<sup>e</sup>.

## BIBLIOGRAFIA

- AGUADO, P., “Teófilo y el canon del N.T.”, em *Estudios Biblicos*, 1932, 17ss; 281ss; 1933, 3ss.
- BARDY, G., *Theophile d’Antioche. Trois livres de Autolicus*. Texte grec établi par G. Bardy, traduction de J. Sender, introduction et notes de G. BARDY, “Sources Chrétienne”, Paris, 1948.
- BUENO, D.R., *Padres Apologetas Gregos* (séc. II). Introducciones, texto grego, versión española y notas de D.R. Bueno, Madrid, BAC, 1969, pp. 755-873.
- GRANT, R. M., Theophilus of Antioch to Autolycus, em *Harvard Theological Review*, 40, 1947, 227-256.
- LEBRETON, J., *Histoire du dogme de la Trinité*, vol. 2, Paris, 1928, 508-13.
- PUECH, A., *Les Apologistes grecs du IIe siècle de notre ère*, Paris, 1912, 207-227.
- QUASTEN? J., *Patrologia I. Hasta el concilio de Nicea*, Madrid, BAC, 1968, 233-238.
- RAPISARDA, E., *Teofilo di Antiochia*, Turim, 1937.



*Introdução*

**1.** Boca eloqüente e dicção agradável fornecem prazer e glória fútil de louvor para os pobres homens que têm o entendimento corrompido; o amante da verdade, porém, não se prende a palavras afetadas, mas examina a eficácia da palavra, o que ela é e de que tipo é.

Pois bem, meu amigo: tu me causaste estupor com palavras vãs, vangloriando-te dos teus deuses de pedra e madeira cinzelados e fundidos, esculpidos e pintados, deuses que não vêem nem ouvem (de fato, são imagens e obras de mãos humanas); além disso, tu também me chamas zombeteiramente de cristão, como se eu portasse um nome infame. Quanto a mim, confesso que sou cristão e trago esse nome grato a Deus, e espero ser útil ao mesmo Deus. Não há fundamento, para supores que seja difícil ter o nome de Deus; talvez porque, sendo inútil para Deus, tu pensas dessa maneira sobre Deus.

*Condições morais para o conhecimento de Deus*

**2.** Mas se tu me dizes: “Mostra-me teu Deus”, eu te poderia responder: “Mostra-me teu homem, e eu te mostrarei o meu Deus”. Mostra-me, portanto, os olhos de tua alma que vejam e os ouvidos do teu coração que ouçam. Com efeito, aqueles que vêem com os olhos do corpo observam aquilo que se passa na vida e sobre a terra, discernindo juntamente as diferenças entre a luz e a escuridão, entre o branco e o negro, entre o disforme e a bela forma, entre o que é harmonioso, bem proporcionado e o que é desarmonioso e desproporcional, desmesurado e truncado; a mesma coisa para aquilo que cai sob o sentido dos ouvidos: sons agudos, graves e suaves. Acontece do mesmo modo com os ouvidos do coração e os olhos da alma aos quais é possível perceber Deus. De fato, Deus é experimentado por aqueles que podem vê-lo, desde que os olhos de sua alma estejam abertos. Todos têm olhos, mas alguns os têm obscurecidos e não percebem a luz do sol; e não é porque os cegos não vêem que a luz do sol deixa de brilhar, mas os cegos devem buscar a causa em si mesmos e em seus olhos. Do mesmo modo, ó homem, tu tens os olhos de tua alma obscurecidos por tuas faltas e tuas más ações. O homem deve ter alma pura como espelho brilhante. Quando o espelho fica enferrujado, não se pode mais ver a face do homem no espelho; assim também, quando há falta no homem, esse homem já não pode contemplar a Deus. Mostra-te a ti mesmo, se não és adúltero, se não és devasso se não és pederasta, se não és ladrão, se não és explorador, se não és colérico, se não és invejoso, se não és impostor, se não és soberbo, se não és brutal, se não és amante do dinheiro, se não desobedece a teus pais, se não vendes teus filhos. Com efeito, Deus não se manifesta àqueles que cometem essas faltas, a não ser que antes se purifiquem de toda mancha. Por isso, tudo é obscuro para ti, como a bandagem que se coloca no olho por não poder contemplar a luz do sol. Assim também, ó homem, tuas impiedades projetam sobre ti trevas e tu não podes ver a Deus.

*Transcendência de Deus*

**3.** Então me dirás: “Tu que vês, descreve-me o aspecto de Deus”. Escuta, homem: o aspecto de Deus é inefável, inexprimível, e não pode ser visto com os olhos carnaís. Por sua glória, ele é sem limite, inigualável por sua grandeza, acima de qualquer idéia por sua altura, incomensurável por sua força, sem igual por sua sabedoria, inimitável por sua bondade, indizível por sua benevolência. Se eu o chamo Luz, é uma de suas criaturas que nomeio; se eu o chamo Verbo, nomeio o seu princípio; se eu o chamo Razão, nomeio a sua inteligência; se eu o chamo Espírito, nomeio a sua respiração; se eu o chamo Sabedoria, nomeio o que ele gera; se eu o chamo Força, nomeio o seu poder; se eu o chamo



Potência, nomeio a sua atividade; se eu o chamo Providência, nomeio a sua bondade; se eu o chamo Soberania, nomeio a sua glória; se eu o chamo Senhor, digo que é juiz; se eu o chamo Juiz, digo que é justo; se eu o chamo Pai, digo que é tudo; se o chamo Fogo, nomeio a sua ira. Tu me dirás: “Deus fica irado?” Eu respondo: Sim, ele se ira contra aqueles cujas ações são más; no entanto, ele é bom, propício e misericordioso para com aqueles que o amam e o temem; ele é o educador dos fiéis, o pai dos justos, o juiz e castigador dos ímpios.

### *A soberania de Deus*

**4.** Ele não tem princípio, porque não foi gerado; ele é imutável, porque é imortal. É chamado Deus porque fundou tudo sobre sua própria estabilidade, e ainda através de *théein*. *Théein* significa correr, ser ativo, trabalhar, alimentar, prover, governar, dar vida a tudo. Ele é Senhor, porque exerce o senhorio sobre tudo; Pai, porque existe antes de tudo; Fundador e Criador, porque ele criou e fez tudo; Altíssimo, porque ele é superior a todas as coisas; Onipotente, porque ele domina e envolve tudo. As alturas dos céus, as profundezas dos abismos, e os confins da terra estão em sua mão; não há lugar onde esteja suspensa a sua ação. Os céus são obra sua; a terra é realização sua; o mar é criação sua; o homem é figura e imagem sua; o sol, a lua e as estrelas são elementos seus, feitos para medir sinais, medidas de tempo, dias e anos, para utilidade e serviço dos homens. E Deus fez tudo do não-ser para o ser, a fim de que por suas obras seja conhecida e compreendida a sua grandeza.<sup>f</sup>

### *Condições intelectuais para o conhecimento de Deus*

**5.** Do mesmo modo como a alma não pode ser vista no homem, pois ela é invisível para os homens, mas pode ser imaginada por causa dos movimentos do corpo, assim também acontece com Deus: ele não pode ser visto pelos olhos humanos, mas pode ser visto e imaginado pela sua providência e pelas suas obras. Quando alguém vê no mar um navio com todo o seu apetrecho, que singra e se aproxima do porto, é evidente que pensa que há um piloto que o dirige; do mesmo modo, deve-se pensar que existe um Deus, que governa tudo, embora os olhos carnis não o vejam, porque ele não é circunscrito. Se o sol, que é o menor elemento existente, não pode ser fixado pelo olhar humano, pois é muito quente e muito forte, como não será muito mais impossível ao homem mortal ver face a face a glória inefável de Deus? A romã possui uma casca que a envolve; dentro tem muitas repartições ou casinhas separadas por membranas e, finalmente, muitos grãos aí alojados. Do mesmo modo, toda a criação está envolvida pelo sopro de Deus, e esse sopro que a envolve está com a criação pela mão de Deus. Assim como o grão da romã, do interior de seu habitáculo, não pode ver o que está fora da casca, pois está lá dentro, também o homem, que é envolvido com toda a criação pela mão de Deus, não pode contemplar a Deus. Além disso, crê-se que um soberano terrestre existe, embora ninguém o veja: suas leis, seus editos, seus funcionários, suas autoridades, suas estátuas o tornam conhecido. E tu não queres reconhecer Deus pelas suas obras e manifestações de seu poder?

**6.** Ó homem, considera, portanto, as obras de Deus: a variedade das estações segundo os tempos, a mudança dos ares, o curso bem regrado dos elementos, a marcha também ordenada dos dias e das noites, dos meses e dos anos; a variada formosura das sementes, das plantas e dos frutos; a grande diversidade de criações: quadrúpedes e aves, répteis e peixes, seja de água doce, seja do mar; o instinto dado aos mesmos animais para gerar e criar, não para sua própria utilidade, mas para que o homem aproveite; a providência com que Deus prepara o alimento para toda carne, a submissão à humanidade que ele impôs a todas as coisas; as torrentes das fontes doces e dos rios perenes, o aparecimento oportuno do orvalho, das chuvas e das tempestades que acontecem segundo os tempos; o movimento tão variado dos elementos celestes, o luzeiro da manhã que surge para anunciar a vinda

do grande astro, a conjunção da Plêiade e do Órion, o Arturo e o coro dos outros astros que circulam na abóbada celeste, aos quais a infinita sabedoria de Deus pôs nomes próprios.

É unicamente esse Deus que tirou a luz das trevas, que tira a luz de seus depósitos, que conserva os depósitos do vento, os reservatórios do abismo, os limites dos mares, os depósitos das neves e granizos, que junta as águas nos reservatórios do abismo e junta as trevas em seus depósitos, tira a luz doce, desejada e grata, de seus depósitos, faz subir as nuvens da extremidade da terra, multiplica os relâmpagos para chover, envia o trovão para infundir medo, anuncia de antemão o seu estrondo por meio do relâmpago, para que a alma não sofra emoção súbita que a deixaria inanimada, e ainda modera a força do relâmpago que vem dos céus, para que não abraze a terra. De fato, se o relâmpago desenvolvesse todo o seu poder, abrasaria a terra e igualmente o trovão transtornaria tudo o que há nela.

7. Esse é o meu Deus, Senhor do universo, o Único que estendeu os céus e estabeleceu a largura da terra sob o céu, que perturba a profundidade do mar e faz ressoar suas ondas, que domina a sua força e acalma a agitação de suas ondas, que alicerçou a terra sobre as águas e deu seu espírito que a alimenta, cujo sopro tudo vivifica e, se ele o retivesse, tudo desfaleceria. Esse sopro, ó homem, faz a tua voz; tu respiras o espírito dele, e tu não o conheces. Isso acontece por causa da cegueira de tua alma e endurecimento do teu coração. Mas, se quiseses, podes curar-te. Coloca-te nas mãos do médico e ele operará os olhos de tua alma e do teu coração. Quem é esse médico? É Deus que cura e vivifica através do Verbo e da Sabedoria. Deus fez tudo através do seu Verbo e da sua Sabedoria. Por seu Verbo foram estabelecidos os céus e por seu Espírito toda a força deles. Sua Sabedoria é poderosíssima. Por sua Sabedoria, Deus colocou os alicerces da terra, por sua inteligência dispôs os céus, em sua prudência os abismos se abriram e as nuvens derramaram o orvalho.

### *Fé e visão*

Ó homem, se compreenderes isso, e viveres de maneira pura, piedosa e justa, poderás ver a Deus. Antes de tudo, porém, entrem em teu coração a fé e o temor de Deus, e então compreenderás isso. Quando depuseres a mortalidade e te revestires da incorruptibilidade, verás a Deus de maneira digna. Com efeito, Deus ressuscitará a tua carne, imortal, juntamente com tua alma. Então, tornado imortal, verás o imortal, contanto que agora tenhas fé nele. Então reconhecerás que falaste injustamente contra ele.

### *Crer na ressurreição é razoável*

8. Tu, porém, não crês que os mortos ressuscitam. Quando isso acontecer, então crerás, queiras ou não. E essa crença será considerada incredulidade, se não creres desde agora. Mas, por que não crês? Não sabes que a fé vai à frente de todas as coisas? De fato, qual lavrador pode colher, se antes não confia a semente à terra? Ou quem pode atravessar o mar, se antes não se confia à embarcação e ao piloto? Qual doente pode curar-se, se antes não se confia ao médico? Qual arte ou ciência pode alguém aprender, se antes não se entrega e se confia ao mestre? Portanto, se o lavrador crê na terra, o viajante no navio, o doente no médico, por que tu não queres confiar-te a Deus, do qual recebeste tantos dons? O primeiro dom é te haver tirado do nada para o ser. Se houve momento em que nem teu pai, nem tua mãe existiam, muito menos existias tu. Ele te plasmou de uma substância úmida e pequena e de uma pequenina gota, que também não existia antes, e finalmente te introduziu neste mundo. Além disso, crês que as imagens fabricadas por homens são deuses e que operam prodígios, e não crês que Deus, que te fez, possa novamente tornar a fazer-te?

## *Vós credes em outros deuses*

**9.** Os nomes dos deuses, aos quais dizes cultuar, são nomes de homens mortos. Quem eram esses e que valiam? Não se diz que Cronos era comedor de crianças e que devorava seus próprios filhos? Se falas de Zeus, filho dele, conheças bem sua vida e prodígios. Primeiramente, foi alimentado no Ida por uma cabra; depois, matando-a e esfolando-a, da pele fez para si, conforme as fábulas, uma vestimenta. Seus outros feitos, como, por exemplo, seu casamento com sua irmã, seus adultérios e corrupções de rapazes, Homero e os outros poetas os cantam melhor do que eu. Além disso, para que fazer a lista de seus filhos, um Hércules que se queima vivo; um Dioniso embriagado e louco; um Apolo que tem medo de Aquiles e dele foge, e depois se enamora de Dafne e não fica sabendo da morte de Jacinto; uma Afrodite ferida; um Ares que é perdição dos mortais e, finalmente, o sangue que escorre de todos esses pretensos deuses? E isso tudo ainda é moderado, quando vemos um deus esquartejado que chamam de Osíris, do qual a cada ano se celebram mistérios, como se se perdesse e se encontrasse e fosse procurado membro por membro. Não se sabe se foi perdido, nem se mostra se foi achado!

Por que devo falar de Átis mutilado, ou de Adônis, que anda errante pela selva, que caça e é ferido por um javali, ou de Asclépio fulminado, ou de Serápis, que vai fugitivo de Sínope para Alexandria, ou da frígia Ártemis, tonta, fugitiva, assassina, caçadora e enamorada de Eudimião? Não somos nós que dizemos tudo isso, mas os vossos escritores e poetas que os apregoam.

**10.** Para que também fazer o catálogo da multidão de animais que os egípcios cultuam? Répteis e bestas, feras e aves, peixes das águas, e até os banhos dos pés e os ruídos vergonhosos. Se me falas dos gregos e das outras nações, elas cultuam pedras, madeiras e outras matérias, como dissemos antes, que são representações de homens mortos. Com efeito, sabemos que Fídias fez em Pisa o Zeus Olímpico para os éleos e a Atena da Acrópole para os atenienses. E agora, eu pergunto também a ti, homem: Quantos Zeus existem? Em primeiro lugar, chama-se Zeus o olímpico; depois, há um Zeus latino, um Zeus cássio, um Zeus fulminador, um Zeus Propator, um Zeus noturno, um Zeus defensor da cidade, um Zeus capitolino. E ainda o Zeus, filho de Cronos, que foi rei dos cretenses e tem sua sepultura em Creta. Quanto aos outros, não foram sequer considerados dignos de sepultura.

Falar-me-ás da mãe dos pretensos deuses? Deus me livre nomear com minha boca suas ações, pois não nos é lícito sequer nomear tais coisas, ou as ações com que seus servidores lhe prestam culto e as contribuições e tributos que eles e seus filhos pagam ao imperador. Não são deuses, mas ídolos, como anteriormente dissemos, obras das mãos dos homens e demônios impuros. Que aqueles que os fabricam se tornem como eles e aqueles que neles põem a sua confiança.

## *Atitude para com o imperador*

**11.** Por isso, eu honraria melhor ao imperador, embora não o adorasse, mas rogasse por ele. Adorar, eu adoro apenas ao Deus real e verdadeiramente Deus, pois sei que o imperador foi criado por ele. Então me perguntarás: “Por que não adoras o imperador?” Porque não foi constituído para ser adorado, mas para que se lhe tribute a legítima honra. Com efeito, ele não é Deus, mas homem estabelecido por Deus, não para ser adorado, mas para julgar com justiça. De certo modo, Deus lhe confiou uma administração e assim como ele próprio não quer que se chame de imperadores os que ele estabeleceu sob o seu poder, pois o nome “imperador” é particular seu, e a ninguém é permitido chamar-se dessa forma, da mesma forma a ninguém é lícito adorar senão a Deus. Portanto, ó homem, estás completamente equivocado em tudo. Honra ao imperador por tua adesão a ele, submetendo-te a ele, orando por ele. Fazendo isso, realizarás a vontade de Deus. A lei divina diz: “Meu filho, honra a

Deus e ao rei, e não sejas desobediente a nenhum dos dois, pois eles se vingarão repentinamente de seus inimigos”.

### *O nome de cristão*

**12.** Quanto ao fato de zombares de mim, chamando-me cristão, não sabes o que dizes. Primeiramente, o ungido é agradável e útil, e não tem nada de ridículo. Com efeito, qual navio pode ser útil e salvo se antes não for ungido? Que torre ou casa possui bela forma ou é útil se antes não for ungida? Qual homem, entrando no mundo ou indo ao combate, não se unge com azeite? Qual obra ou ornato pode ter bela aparência, se não é ungida e não se torna brilhante? Por fim, todo o ar e toda a terra sob o céu são de certo modo ungidos pela luz e pelo vento. E tu não queres ser ungido com o óleo de Deus? Nós nos chamamos cristãos porque nos ungimos com o óleo de Deus.<sup>g</sup>

### *Imagens da ressurreição na natureza*

**13.** Retornemos à tua negação da ressurreição dos mortos. Tu dizes: “Mostra-me apenas um morto que tenha ressuscitado e eu acreditarei.” Em primeiro lugar, o que há de maravilhoso em creres naquilo que viste acontecer? Por outro lado, crês que Hércules, depois de queimar-se vivo, ainda vive, e que Asclépio, que foi fulminado, ressuscitou. E não crês no que Deus te diz? Talvez, se te mostrasse um morto ressuscitado e vivo, não acreditarias. Ora, Deus te mostra muitos indícios, para que creias nele. Se queres, considera a morte das estações, dos dias e das noites, como morrem e ressuscitam. Vê. Não há também uma ressurreição para as sementes e frutos, e isso para a utilidade dos homens? Assim, por exemplo, um grão de trigo ou de qualquer outra planta, uma vez jogado na terra, primeiro morre e se desfaz, depois ressuscita e se transforma em espiga. Do mesmo modo, segundo a ordenação de Deus, a natureza das árvores e plantas não produz, conforme os tempos, os seus frutos a partir do oculto e invisível? Ainda mais: às vezes um pardal ou outro pássaro qualquer engole a semente de uma pereira, de uma figueira ou de outra árvore, depois voa para um monte pedregoso ou sobre um túmulo, aí defeca e a semente que fora antes tragada e que passara por tão grande calor, retorna e se transforma em uma árvore. A sabedoria de Deus realiza tudo isso para demonstrar, mesmo por esses exemplos, que ele é Deus poderoso para realizar a universal ressurreição de todos os homens. Se queres contemplar um espetáculo mais maravilhoso, que acontece para demonstrar não a ressurreição de coisas terrenas, mas das celestes, considera a ressurreição da lua, que acontece a cada mês, como ela se consome, morre e ressuscita novamente. Escuta ainda: a obra da ressurreição se realiza em ti mesmo, embora tu, ó homem, a desconheças. Provavelmente alguma vez, ficando doente, perdeste tuas carnes, tuas forças e aparência; ao recobrar a saúde, por misericórdia de Deus, recuperaste novamente teu corpo, tua força e tua aparência. E como não sabes para onde foram tuas carnes ao desvanecer-se, também não sabes como se formaram e de onde vieram. Tu dirás: “Dos alimentos e dos líquidos transformados em sangue”. Muito bem! Isso, porém, também é obra de Deus, que assim dispôs, obra dele e de nenhum outro.

### *Exemplo pessoal de Teófilo*

**14.** Portanto, não sejas incrédulo, mas acredita. Eu também não acreditava que isso existisse, mas agora, depois de refletir muito, eu creio; ao mesmo tempo, li as Sagradas Escrituras dos santos profetas, os quais, inspirados pelo Espírito de Deus, predisseram o passado como aconteceu, o presente tal como acontece e o futuro tal como se cumprirá. Por isso, tendo a prova das coisas acontecidas depois de terem sido preditas não sou incrédulo, mas creio e obedeco a Deus. Eu te peço: submete-te também a ele, para que, não crendo agora, forçosamente tenhas que crer mais tarde

em tormentos eternos.

### *Exortação final*

Esses tormentos foram preditos pelos profetas, e os poetas e filósofos, posteriores a eles, os imitaram a partir das Sagradas Escrituras, para dar autoridade aos seus ensinamentos. Desse modo, eles também falaram antecipadamente dos castigos que recairão sobre os ímpios e incrédulos, para que ficassem testemunhados para todos e ninguém pudesse dizer: “Não ouvimos falar disso, nem sabemos”. Se queres, lê tu também com interesse as Escrituras dos profetas e elas te guiarão com mais clareza para escapares dos castigos eternos e alcançares os bens eternos de Deus. De fato, ele, que nos deu a boca para falar, que formou o ouvido para ouvir e fez os olhos para ver, examinará tudo e julgará com justiça, dando a cada um segundo os próprios méritos. Para aqueles que, segundo suas forças, buscam a incorruptibilidade através das boas obras, ele dará a vida eterna, a alegria, a paz, o descanso e uma multidão de bens, que nenhum olho viu, nenhum ouvido e nenhum coração humano sentiu; mas aos incrédulos, aos zombadores e aos que desobedecem à verdade e seguem a injustiça, depois de manchar-se com adultérios, fornicações, pederastias, avarezas e sacrílegas idolatrias, para esses, existirá a ira e a indignação, a tribulação e a angústia, e, por fim o fogo eterno se apoderará deles.

Amigo, tu replicaste: “Mostra-me teu Deus”. Pois bem: esse é o meu Deus, e te aconselho que o temas e creias nele.

## SEGUNDO LIVRO A AUTÓLICO

### *Introdução*

**1.** Excelente Autólico, há dias tivemos uma conversa, na qual tu me perguntaste qual era o meu Deus. Expus brevemente minha religião e tu prestaste atenção ao meu discurso. Despedindo-nos, fomos para casa na melhor amizade, embora no começo me tenhas tratado com dureza. Sabes e lembras que consideravas loucura o nosso discurso. Depois disso tu me convidas... Mesmo sendo novato na arte de falar, quero também agora, através deste escrito, demonstrar-te de modo mais completo a inutilidade do teu afã e a inanidade da religião que te retém; esclarecerei a verdade através de algumas histórias do teu próprio grupo, as quais lês, mas que talvez ainda não tenhas entendido.

### *Os ilogismos do paganismo*

#### *A- Idolatria*

**2.** Com efeito, parece-me ridículo que cortadores de pedra, oleiros, pintores e fundidores modelem, pintem, esculpam, fundam e fabriquem deuses, os quais, enquanto estão nas mãos dos artífices, não são de maneira alguma apreciados; contudo, quando alguém os compra e os expõe no que chamam de templo ou em alguma casa, então são adorados não somente por aqueles que os compraram, mas aqueles mesmos que os fabricaram e venderam acorrem com grande fervor, com aparato de sacrifícios e libações para adorá-los, considerando-os deuses, sem levar em conta que continuam sendo as mesmas coisas por eles fabricadas: pedra, bronze, madeira, cor ou qualquer outro material. Algo parecido acontece convosco ao ler as histórias e genealogias dos chamados deuses. Enquanto ledes seus nascimentos, os considerais como homens; mas depois lhes dais nomes de deuses e lhes prestais culto, sem perceber nem compreender que tais como lestes que nasceram, tais de fato existiam.

## *B- Antropomorfismo*

**3.** Ao menos os deuses antigos, se é certo que nasceram, podia-se ver que tinham uma longa descendência. Agora, porém, como se pode mostrar a descendência dos deuses? Com efeito, se antes geravam e nasciam, é evidente que agora também teriam que nascer deuses gerados. Do contrário, ter-se-á que considerá-los bem fracos, seja porque se tornaram velhos e por isso não geram, seja porque morreram e não permanece nenhum rastro deles. De fato, se os deuses antes geravam, teriam que gerar também agora, como vemos que os homens geram. Além disso, os deuses teriam que ser mais numerosos do que os homens, como diz a Sibila: “Se os deuses geram e continuam imortais, os deuses nascidos seriam em maior número que os homens, e já não haveria lugar para os mortais ficarem”.

Com efeito, se os filhos gerados pelos homens, que são mortais e de vida curta, existem até o presente e não cessam de nascer outros homens, e por isso as cidades e aldeias se multiplicam e até os campos são habitados, quanto mais os deuses que, segundo os poetas, não morrem, não deveriam gerar e nascer, de acordo com o que dizeis a respeito do nascimento ou geração dos deuses?

Ainda mais: Como é que o monte chamado Olimpo era antes habitado por deuses e agora se encontra deserto? Por que antes Zeus morava no monte Ida, e se sabia que ele morava ali através de Homero e outros poetas, e agora não se sabe onde anda? Como é que não estava em toda parte, mas se encontrava em um ponto determinado da terra? Ou ele não se interessava pelo resto, ou não era capaz de estar em toda parte e prover tudo. Se ele estava, por exemplo, no Oriente, não estava no Ocidente. No entanto, é próprio do Deus altíssimo e onipotente e verdadeiro Deus não só estar em toda parte, mas também ver e ouvir tudo e não ser contido por nenhum lugar. Do contrário, o lugar que o contivesse seria maior do que ele, pois o continente é sempre maior do que o contido. De fato, Deus não é contido, mas é o lugar de todas as coisas. Por que Zeus abandonou o Ida? Morreu ou não gostava mais desse monte? Então para onde foi? Para os céus? De jeito nenhum. Dir-me-ás que foi para Creta? Sim, ali se mostra até hoje o seu sepulcro. Também podes dizer que partiu para Pisa, onde até hoje é enaltecido pelas mãos de Fídias. Passemos, porém, aos escritos dos filósofos e poetas.

## *As contradições dos escritores profanos*

**4.** Alguns do Pórtico, ou estóicos, chegam a negar totalmente que Deus existe ou, se existe, afirmam que Deus não se preocupa com ninguém, mas consigo mesmo. E nisso se manifesta totalmente a insensatez de Epicuro e Crisipo. Outros dizem que todo o universo se rege pelo acaso, que o mundo é incriado e a natureza é eterna, e até se atreveram a dizer que não existe absolutamente providência de Deus, mas que o único Deus é a consciência de cada dia. Outros estabelecem como dogma que Deus é o espírito que penetra tudo. Quanto a Platão e sua escola, certamente confessam que Deus é incriado e Pai e Criador do universo; em seguida, porém, supõem que a matéria é incriada como Deus e que ela tem a mesma idade de Deus. Mas se, conforme os platônicos, Deus é incriado e a matéria também o é, o Criador de todas as coisas já não é Deus, nem, seguindo-os, se percebe a monarquia ou unicidade de Deus. Além disso, como Deus é imutável por ser incriado, se também a matéria fosse incriada seria pelo mesmo motivo imutável e parelha de Deus. Com efeito, o criado é variável e mutável; o incriado é invariável e imutável. E o que de maravilhoso haveria se Deus tivesse feito o mundo de matéria preexistente? Também um artífice humano, tomando uma matéria qualquer, faz dela o que quer. Mas o poder de Deus se manifesta em fazer o que quer do que não existe, de modo que ninguém, a não ser Deus, pode dar alma e movimento. Um homem fabrica uma estátua, mas não pode infundir razão, alento ou sentido ao que foi feito por ele. Deus, porém, tem

sobre o homem a vantagem de fazer um ser racional, com alento e sentido. Sendo Deus mais poderoso que o homem nessas coisas, assim também o é em fazer do nada e ser criador de tudo o que existe, quando ele quiser e como quiser.<sup>h</sup>

**5.** Assim, a opinião dos filósofos e escritores é contraditória. Tendo esses feito tais afirmações, o poeta Homero vai por outro caminho para cantar-nos a origem não só do mundo, mas também dos deuses. Ele diz em algum lugar: “Ao Oceano, origem dos deuses, e à mãe Tétis, donde se originam os rios e todo o mar.” Na verdade, assim falando, ele não nos apresenta nenhum Deus, pois quem não sabe que o oceano é água? Ora, se é água, conclui-se que não é Deus. E se Deus é o criador do universo, como de fato o é, também é criador da água e dos mares.

Quanto a Hesíodo, ele não só explicou a origem dos deuses, mas também do próprio mundo. Ele disse que o mundo foi criado, mas não teve coragem de dizer por quem. Além disso, disse que são deuses, Cronos e seu filho Zeus, Posêidon e Plutão, e vemos que estes foram posteriores ao mundo. Conta-nos também como Cronos foi combatido pelo seu próprio filho Zeus, pois diz o seguinte: “Vencendo seu pai Cronos por sua própria força; depois, devidamente imortal, ordenou tudo e delimitou as honras”.

Depois continua falando das filhas de Zeus, às quais chama de Musas e diante das quais se apresenta como suplicante, querendo saber delas de que modo tiveram princípio todas as coisas. Ele diz: “Salve, filhas de Zeus, dai-me o amável canto. Celebrai a linhagem dos afortunados imortais, os que existem para sempre, que nasceram da terra, do céu estrelado, da noite tenebrosa e os que foram criados pelo mar salgado. Dizei-me como primeiro nasceram os deuses, a terra, os rios e o mar infinito, que ferve de ondas, os astros brilhantes, o céu estendido lá em cima, como repartiram a opulência e distribuíram honras, e também como chegaram a possuir o Olimpo de mil recantos. Dizei-me isso, Musas, que tendes as moradas olímpicas desde o princípio, e dizei o que existiu primeiro.”

Todavia, como as Musas poderiam saber isso se são posteriores ao mundo? Como poderiam contar isso a Hesíodo, se o pai delas ainda não havia nascido?

**6.** De certo modo, ele supõe a matéria e a criação do mundo, quando diz: “Primeiro existiu o Caos e depois a terra de largo seio, assento firme para sempre de todos os imortais, que ocupam os cumes do Olimpo nevado e o tenebroso Tártaro, seio da terra de largos caminhos; e foi Eros, o mais belo dos deuses imortais, que afrouxa os membros, e vindo ao coração de todo ser, homem ou deus, domina a razão e o discreto conselho. O Érebo e a Noite negra nasceram do Caos: a Terra gerou primeiro aquilo que é semelhante a si, o Céu estrelado, para que ele lhe servisse como cobertura, e fosse para sempre assento firme para os afortunados deuses. Gerou as altas montanhas, graciosas moradas de deusas e das ninfas que habitam pelos montes escarpados. Pariu também o Mar infecundo, que ferve de ondas, o alto Mar, sem paixão amorosa; mas depois, em relação com o Céu, pariu o Oceano de profundos turbilhões”.

Dizendo tudo isso, nem mesmo assim declarou por quem foram feitas as coisas. Com efeito, se antes existia o caos e preexistia certa matéria incriada, quem foi que estabeleceu esta e depois a ordenou e transformou? Teria sido, por acaso, a matéria, que se transformou e ordenou a si mesma? De fato, Zeus aparece muito depois, não só da matéria, mas do mundo e da multidão de homens, e o próprio Crono, seu pai. Ou não foi antes algo principal que a criou, isto é, Deus que a pôs em ordem?

Além disso, vê que Hesíodo diz apenas bobagens e contradiz a si próprio de mil maneiras. Com efeito, tendo falado da terra, do céu e do mar, quer que deles nasçam os deuses e destes nos anuncia alguns homens extraordinários, parentes dos deuses, a raça dos titãs, dos ciclopes, a multidão dos



gigantes e dos demônios egípcios, ou homens vãos, mencionados por Apolônides, de sobrenome Horápio, no livro intitulado Semenuthi e noutras histórias suas sobre a religião e seus reis.

**7.** Que necessidade tenho de falar dos mitos gregos e de sua futilidade? Plutão, rei das trevas; Posêidon que se coloca sob o mar e se abraça com Melanipa, gerando um filho que devora os homens! E o que dizer das tragédias que os vossos escritores compuseram sobre os filhos de Zeus? Como nasceram homens e não deuses, eles nos podem traçar sua genealogia. Ai está o cômico Aristófanes que na sua peça Os pássaros, pondo-se a contar a criação do mundo, disse que no princípio nasceu um ovo como composição única do mundo: “Antes de tudo, a de negras asas pariu um ovo”. E Sátiro, historiador das famílias alexandrinas, começando por Filopátor, chamado também Ptolomeu, afirma que este se originou de Dioniso, e daí Ptolomeu deu o primeiro lugar à tribo dionisiaca. Sátiro, portanto, diz o seguinte: De Dioniso e Altéia, filha de Téstio, nasceu Dejanira; desta e Héracles, filho de Zeus, nasceu Hilo; deste nasceu Cleodemo; deste nasceu Aristômaco; deste nasceu Têmeno; deste nasceu Criso; deste nasceu Marão; deste nasceu Téstio; deste nasceu Acoos; deste nasceu Ceno; deste nasceu Tirimas; deste nasceu Perdicas; deste nasceu Filipe; deste nasceu Aéropo; deste nasceu Alceta; deste nasceu Amintas; deste nasceu Bocro; deste nasceu Meleagro; deste nasceu Arsinoe; desta e de Lagos nasceu Ptolomeu Soter; deste e de Berenice nasceu Ptolomeu Filadelfo; deste e de Arsinoe nasceu Ptolomeu Evergetes; deste e de Berenice, filha de Magas, rei de Cirine, nasceu Ptolomeu Filopátor. Esse é, portanto, o parentesco entre Dioniso e os reis de Alexandria. Daí também a tribo dionisiaca toma a sua divisão em famílias: a Altaida, de Altéia, que foi mulher de Dioniso e filha de Téstio; a Dejanírida, da filha de Dioniso e Altéia, mulher de Héracles, de onde recebem também seus nomes as famílias que deles descendem; a Ariádnida, da filha de Minos, mulher de Dioniso, filha enamorada de seu pai, que se uniu com Dioniso, este sob a forma de marinheiro; a Téstida, de Téstio, o pai de Altéia; a Toântida, de Toante, filho de Dioniso; a Estáfida, de Estáfido, filho de Dioniso; a Evênida, de Eunoo, filho de Dioniso; a Marônida, de Marão, filho de Ariadne e Dioniso. Todos esses foram filhos de Dioniso. Existem ainda muitas outras denominações que se conservam até o presente: os Heráclidas, de Héracles; os Apolônidas, de Apolo; os Poseidônidas, de Posêidon; os Diones e Diógenes, de Zeus.

**8.** Para que prosseguir enumerando a multidão dessas denominações e genealogias? Concluindo, todos os chamados historiadores, poetas e filósofos se enganam de todos os modos, e o mesmo acontece com aqueles que lhes dão atenção. Com efeito, escreveram apenas contos, ou melhor, tolices sobre seus deuses. Não demonstraram que são deuses, mas homens, alguns bêbados, outros dissolutos e assassinos.

Da mesma forma, o que disseram sobre a origem do mundo é contraditório e sem valor. Em primeiro lugar, alguns afirmaram que o mundo é incriado, como antes notamos, e os que disseram que o mundo é incriado e que a natureza é eterna estão em contradição com aqueles que têm por dogma a criação. Com efeito, falaram tudo isso por conjecturas e imaginação humana, e não conforme a verdade. Uns disseram que existe providência e outros lançaram por terra as doutrinas destes. Arato, por exemplo, diz: “Começemos por Zeus, a quem nós, homens, jamais devemos deixar sem nomear, pois todas as ruas estão cheias de Zeus e também todas as praças dos homens, e cheios estão o mar e os portos; em todo lugar nos valem todos de Zeus. E somos da sua mesma raça. Ele é benigno para com os homens, com augúrios favoráveis, e desperta as pessoas para o trabalho, recordando-lhes a vida. Ele nos diz quando a terra é melhor para os bois e para as enxadas; diz-nos qual é a melhor estação, seja para recolher feixes, seja para lançar toda semente.”

Em quem vamos crer? Em Arato ou em Sófocles, que diz: “Não existe em nada providência clara; o



melhor é viver ao acaso, cada um como puder.” Homero, porém, não concorda com este, pois diz: “Zeus aumenta ou diminui o valor dos homens”. E Simônides: “Ninguém recebeu valor sem os deuses, nenhuma cidade, nenhum mortal; Deus é a inteligência universal, enquanto nada está sem defeito nos mortais”. O mesmo diz Eurípides: “Sem Deus não existe nada para os homens”. E Menandro: “Além de Deus, ninguém cuida de nós”. E de novo Eurípi-des: “Quando agrada a Deus salvar-nos, ele nos dá muitas ocasiões de salvação.” E Téstitio: “Se Deus quer, tu te salvarás, mesmo que navegues sobre uma esteira”.

Com sentenças infinitas não como essas, eles não concordam em suas declarações. Sófocles, que em outra passagem fala contra a providência, agora diz: “O mortal não pode se esquivar dos golpes divinos”. De outro lado, algumas vezes apresentam uma multidão de deuses, outras falam do poder de um só; os que afirmam que existe providência são contraditos por aqueles que afirmam a improvidência. E daí Eurípides confessa: “Nós nos afanamos em muitas coisas por causa de nossas esperanças trabahando em vão, sem nada saber ao certo”.

Mesmo sem querer, eles confessam que não conhecem a verdade. São os demônios que os inspiram, que os fazem dizer o que lhes inspiram. Os poetas, como Homero e Hesíodo, não são, como dizem, inspirados pelas musas, para fazer palavreados, conforme as divagações da imaginação? Aí não há um espírito puro, mas enganador. Prova clara disso temos em que às vezes os endemoninhados, e há casos até hoje, conjurados em nome do Deus verdadeiro, confessaram que os espíritos do erro são demônios, os mesmos que agiram em outros tempos sobre os poetas. Algumas vezes, porém, certos poetas tiveram a alma livre desses demônios e falaram coisas no mesmo sentido que os profetas, a fim de que servissem de testemunho para eles e para todos os homens a respeito do poder de um só Deus, do seu julgamento e do resto que disseram.

### *Os autores sacros*

**9.** Em troca, os homens de Deus, que foram portadores de um espírito santo e profetas, recebendo de Deus inspiração e sabedoria, tornaram-se discípulos de Deus, e santos e justos. Por isso foram considerados dígnos de receber a recompensa de se converterem em instrumento de Deus e terem parte em sua sabedoria.<sup>1</sup> É sob a influência dessa sabedoria que falaram sobre a criação do mundo e sobre tudo o mais. Também profetizaram sobre pestes, fomes e guer-ras. E os profetas não foram um ou dois, mas muitos que, conforme as circunstâncias, se encontraram entre os he-breus, como também entre os gregos a Sibila, e todos disseram coisas que concordam entre si, tanto sobre os acontecimentos anteriores a eles, como sobre aqueles que sucede-ram depois e ainda os acontecimentos do seu tempo e os que se realizam entre nós no presente. Também estamos persuadidos de que assim acontecerá com as coisas que es-tão por vir do mesmo modo que se realizaram antes.

### *Ensino dos autores sacros sobre cosmologia*

**10.** Em primeiro lugar, eles estão de acordo em nos ensinar que do nada Deus tirou todas as coisas. Com efeito, nada foi coetâneo com Deus: ele próprio é o seu lugar, não conhece a necessidade e é anterior a todas as coisas. Mas ele quis criar o homem, que o conheceu. Finalmente, foi para o homem que ele preparou o mundo, pois aquele que é criado tem necessidades; mas o incriado de nada necessita.

Tendo Deus o seu Verbo imanente em suas próprias entranhas, gerou-o com a sua própria sabedoria, emitindo-o antes de todas as coisas.<sup>2</sup> Teve este Verbo como ministro da sua criação e por meio dele fez todas as coisas. Este se chama Princípio, pois é Príncipe e Senhor de todas as coisas por ele

feitas. Este, portanto, que é espírito de Deus e Princípio e Sabedoria e Força do Altíssimo, desceu sobre os profetas, e por meio deles falou sobre a criação do mundo e tudo o mais. De fato, não existiam profetas quando o mundo era feito; existia, porém, a sabedoria que nele estava, e o seu Verbo santo, que sempre estava presente a ele. Daí ele dizer por meio do profeta Salomão: “Quando ele preparava o céu, eu estava com ele, e quando ele afirmava os alicerces da terra, eu estava junto dele, harmonizando tudo”.

Moisés, que viveu muitos anos antes de Salomão, ou melhor, o Verbo de Deus, que se serve dele como instrumento, diz: “No princípio fez Deus o céu e a terra”. Suas primeiras palavras são para o princípio e a criação, e depois acrescenta o nome de Deus, porque não se deve tomar o nome de Deus em vão ou sem motivo. A sabedoria divina sabia antecipadamente que alguns iriam dizer tolices e dar o nome de Deus a muitas coisas que não têm ser. Portanto, para que o verdadeiro Deus fosse conhecido por suas obras e para que se saiba que em seu Verbo Deus fez o céu e a terra e tudo o que eles contêm, disse: “No princípio fez Deus o céu e a terra”. Depois, a respeito da sua criação, ele nos explica: “A terra era invisível e informe, as trevas estavam sobre o abismo, e um espírito de Deus pairava acima da água”.

É assim que se inicia o ensinamento da Escritura divina: como foi criada e nascida de Deus uma matéria, com a qual Deus fez e formou o mundo.

**11.** O começo da criação foi a luz, porque é ela que manifesta o ornamento da criação. Por isso diz: “E disse Deus: ‘Haja luz’, e a luz se fez. E Deus viu que a luz era boa”. — Evidentemente, foi criada como coisa boa para o homem. — “Colocou uma separação entre a luz e as trevas, e Deus chamou a luz dia e as trevas chamou noite. Houve uma tarde e houve uma manhã: um dia. E disse Deus: ‘Haja um firmamento no meio da água e separe entre água e água. E assim se fez. E fez Deus o firmamento e colocou uma separação entre a água que estava por cima do firmamento e a água que estava por baixo do firmamento. E Deus chamou o firmamento céu. E Deus viu que era bom. Houve tarde e houve manhã: segundo dia. E disse Deus: ‘Reúna-se a água que está debaixo do céu numa só reunião, e apareça a terra seca’. E assim se fez. A água se reuniu em suas reuniões, e a terra seca apareceu. E chamou Deus a terra seca terra e as reuniões de águas chamou mares. E Deus viu que era bom. E Deus disse: ‘Que a terra faça brotar toda erva verdejante, produzindo semente conforme a sua espécie e semelhança, e árvores frutíferas que produzam frutos, que tragam em si a sua semente conforme a sua se-melhança’. E assim se fez. A terra produziu erva verde-jante que produz semente conforme a sua espécie, e árvores frutíferas que produzem frutos, que trazem em si sua semente conforme a sua espécie, sobre a terra. E Deus viu que era bom. Houve tarde e houve manhã: terceiro dia.

E disse Deus: ‘Haja luzeiros no firmamento do céu para iluminar a terra e para separar o dia e a noite, e servir como sinais para as estações, para os dias e para os anos, e para iluminar no firmamento do céu e para brilhar sobre a terra’. E assim se fez. E Deus fez os dois grandes luzeiros, o luzeiro maior para governar o dia, e o luzeiro menor para governar a noite, e também as estrelas. E Deus os colocou no firmamento do céu, para iluminar a terra e governar o dia e a noite, e colocar uma separação entre a luz e as trevas. E Deus viu que era bom. Houve tarde e houve manhã: quarto dia.

E disse Deus: ‘Que as águas produzam répteis de alma vivente e aves que voam sobre a terra debaixo do firmamento do céu’. E assim se fez. E Deus fez os monstros grandes do mar, e toda alma dos animais que se arrastam, que as águas produziram conforme suas espécies, e todo volátil alado segundo a sua espécie. E Deus viu que era bom. E Deus os abençoou, dizendo: ‘Crescei e multiplicai-vos e enchei as águas do mar, e que as aves se multipliquem sobre a terra’. Houve tarde e

houve manhã: quinto dia. E disse Deus: 'Que a terra produza alma vivente conforme a sua espécie, quadrúpedes e répteis e feras da terra segundo a sua espécie'. E assim se fez. E Deus fez as feras da terra conforme a sua espécie e os animais segundo a sua espécie, e todos os répteis da terra. E Deus viu que era bom. E disse: 'Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, e que ele comande os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, toda a terra e todos os répteis que rastejam sobre a terra'. E Deus fez o homem, à imagem de Deus o fez, homem e mulher os fez. E os abençoou, dizendo: 'Crescei e multiplicai-vos; enchei a terra e dominai-a, ordenai aos peixes do mar, às aves do céu, a todos os animais, a toda a terra e a todos os répteis que se arrastam sobre a terra'. E Deus disse: Vede! Eu vos dei toda planta que traz semente, que espalha semente sobre toda a terra e toda árvore que tem fruto com semente, para que vos sirvam de alimento, e a todos os animais da terra, a todas as aves do céu e a todo réptil que se arrasta sobre a terra, que tem em si alento de vida, toda erva verde para alimento'. E assim se fez. E Deus viu tudo o que ele havia feito; e eis que isso era muito bom. Houve uma tarde e uma manhã: sexto dia. E o céu e a terra foram terminados, juntamente com todo o seu ornamento. E Deus terminou no sexto dia as obras que fizera, e descansou no sétimo dia de todas as obras que fizera. E Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, porque nele descansou de todas as obras que Deus começara a fazer.”

### *Cosmologia bíblica*

**12.** Ninguém pode explicar de modo digno a obra dos seis dias, nem traçar sua economia completa, mesmo que tivesse mil bocas e mil línguas; mesmo que vivesse mil anos na presente vida, nem assim seria capaz de dizer algo digno dela, por causa da soberana grandeza e riqueza da sabedoria de Deus, que estão contidas nesta descrição da obra de seis dias. Certamente muitos escritores a imitaram e quiseram dar-lhe uma explicação; contudo, mesmo tomando esse ponto de partida, eles não exprimiram senão uma centelha digna da verdade, seja a respeito do mundo, seja sobre a natureza do homem. As explicações dos filósofos, historiadores e poetas parecem dignas de crédito porque estão adornadas de bela expressão; contudo, no fundo, vê-se que são néscias e vazias, pois contêm apenas uma multidão de bobagens e nelas não é dito nem sequer uma sombra de verdade. E se parece que dizem algo de verdadeiro, acha-se misturado com o erro. Como um veneno mortal, ao qual se mistura mel, vinho ou qualquer outra coisa, torna tudo prejudicial e inútil, assim também se percebe que a verbosidade deles é pura inanidade, ou melhor, prejuízo para aqueles que nela crêem. Alguma coisa ainda sobre o sétimo dia, sobre o qual todos os homens falam, mas cuja razão a maior parte desconhece. De fato, o que os hebreus chamam de sábado significa em grego sétimo dia, nome que todo o gênero humano lhe dá, sem saber, porém, por que assim é chamado. O que o poeta Hesíodo diz, afirmando que do Caos nasceu o Érebo, a Terra e o Amor, que domina, segundo ele, a todos, seja deuses, seja homens, é dito de maneira vazia e fria e totalmente alheia à verdade. Com efeito, Deus não deve se deixar vencer pelo prazer, quando até os homens temperantes se abstêm de todo prazer vergonhoso e de todo mau desejo.

**13.** Além disso, ao começar o relato da criação pelas coisas da terra, aqui de baixo, Hesíodo tem pensamento puramente humano, baixo, fraco para ser aplicado a Deus. É o homem que, sendo daqui de baixo, começa a construir pela terra, e logicamente não pode pôr o telhado antes de ter assentado os alicerces. O poder de Deus, porém, se manifesta antes de tudo em fazer as coisas do nada e depois fazer como quiser. De fato, o que é impossível para os homens é possível para Deus. Por isso, o profeta diz que antes foi criado o céu, que tem forma de teto, dizendo: “No princípio, Deus fez o céu”, isto é, que o céu foi feito pelo Princípio, conforme dissemos antes. De certo modo, chama a

terra de solo e alicerce, e de abismo à imensidão das águas, e também de trevas, porque o céu, criado por Deus, cobria como uma tampa tanto as águas como a terra. O espírito, que se mantinha sobre a água, o qual Deus deu para animação da criação, como deu a alma ao homem, misturando o sutil com o sutil — pois o espírito é sutil e a água também o é —, para que o espírito alimente a água, e a água, com o espírito, alimente a criação, pene-trando-a por todas as partes. Esse único espírito, ocupando o lugar da luz, se mantinha entre a água e o céu, a fim de que, de certa maneira, as trevas não se comunicassem com o céu, que está mais próximo de Deus, antes que Deus dissesse: “Faça-se a luz”. Assim, o céu, como uma abóbada, continha a matéria, semelhante a uma bola. Com efeito, outro profeta, chamado Isaías, falando a respeito do céu, disse: “Este é o Deus que fez o céu como uma abóbada e o estendeu como uma tenda para nele habitar”.

Assim, a ordenação de Deus, isto é, seu Verbo, brilhando como uma lâmpada em casa fechada, iluminou a terra subceleste por uma criação fora do mundo. E Deus chamou à luz dia e à noite trevas, pois o homem certamente não teria sabido chamar à luz dia, nem à noite trevas, como também não saberia dar nome às demais coisas, se não tivessem recebido seus nomes de Deus, que as criou. No começo da história e da criação, a Escritura santa não falou desse firmamento que vemos, e sim de outro céu invisível para nós; só depois o nosso céu visível se chamou firmamento. Nele está recolhida metade das águas, para fornecer à humanidade chuvas, tempestades e orvalhos; a outra metade foi deixada na terra para os rios, fontes e mares. Assim, quando a água ainda cobria a terra, principalmente nos lugares baixos, Deus fez, através de seu Verbo, com que a água se reunisse em um só lugar e que a parte seca se tornasse visível, pois no princípio era invisível. A terra tornada visível estava ainda informe. Deus lhe deu forma e a adornou com toda espécie de ervas, sementes e plantas.

**14.** Além disso, considera a diversidade que há nessas coisas, sua variada beleza e multidão, e como, através deles, se nos manifesta a ressurreição, sendo prova daquela que um dia se realizará em todos os homens. De fato, se refletés bem, quem não se admirará que de uma semente minúscula de figo se forme uma figueira e que de outras pequeninas sementes nasçam árvores enormes?

O mundo também nos oferece semelhança com o mar. Assim como o mar teria secado há muito tempo por causa de seu sal se não houvesse afluência dos rios e fontes que lhe fornecem alimento, de modo semelhante o mundo, se não tivesse recebido a lei de Deus e os profetas, que fazem correr para ele fontes de doçura, misericórdia e justiça e mantêm o ensinamento dos santos mandamentos de Deus, também já teria perecido por causa da maldade e do pecado que nele se multiplica. Do mesmo modo que no mar existem ilhas habitáveis, com água e vegetação, enseadas e portos para refúgio durante as tempestades, assim Deus deu ao mundo, em meio às tormentas e ondas de pecados, os lugares de reunião, as chamadas igrejas santas, nas quais, como nas ilhas de portos acolhedores, se encontram os ensinamentos da verdade, nas quais se refugiam os que querem salvar-se, tornados amantes da verdade e decididos a fugir da cólera e do julgamento de Deus. Há, porém, outras ilhas rochosas, sem água nem vegetação, repletas de feras, inabitáveis, para dano dos navegantes e naufragos, onde os navios atracam e perecem os que e elas descem; do mesmo modo, há também doutrinas que extraviam, isto é, as das heresias, que levam à perdição aqueles que aderem a elas. Porque não se guiam pelo Verbo da verdade, mas à maneira dos piratas que, enchendo os navios, os atracam em recifes para arruiná-las. Assim acontece com aqueles que se extraviam da verdade, que acabam perecendo por causa do erro.

**15.** No quarto dia foram criados os luzeiros. Deus, que sabe tudo de antemão, sabia as bobagens que os vãos filósofos iriam dizer, com intenção de eliminar a Deus: que tudo quanto nasce na terra se deve ao influxo dos elementos. Por isso, para que a verdade ficasse clara, as plantas e as sementes

foram criadas antes dos elementos, pois o posterior não pode produzir o que é anterior. Os luzeiros contêm o exemplo e símbolo de um grande mistério, pois o sol é símbolo de Deus e a lua o é do homem. Como o sol difere muito da lua em poder e glória, assim Deus é muito diferente da humanidade; como o sol permanece sempre cheio e não diminui, assim Deus permanece sempre perfeito, repleto de poder, inteligência, sabedoria, imortalidade e de todos os bens. Em troca, a lua perece cada mês, e de certo modo, morre, e é símbolo de como é o homem; depois torna a nascer e cresce, para demonstrar a ressurreição futura.

Igualmente os três dias que precedem a criação dos luzeiros são símbolo da Trindade, de Deus, de seu Verbo e de sua Sabedoria. No quarto símbolo está o homem, que necessita de luz. Assim temos: Deus, Verbo, Sabedoria, Homem. É também por isso que os luzeiros foram criados no quarto dia.<sup>k</sup> Por outro lado, a disposição dos astros representa a economia e a ordem dos justos e piedosos, que guardam a lei e os mandamentos de Deus. Com efeito, os astros mais visíveis e brilhantes representam os profetas; por isso permanecem fixos, não mudando de um lugar para outro. Aqueles que ocupam o segundo grau de brilho são tipo do povo dos justos; por fim, os que mudam e passam de um lugar para outro, os chamados planetas, são símbolo dos homens que se afastam de Deus, abandonando sua lei e seus mandamentos.

**16.** No quinto dia foram criados os animais que procedem das águas, pelas quais e nas quais se mostra a multiforme sabedoria de Deus. De fato, quem seria capaz de enumerar sua quantidade e a variedade de suas variadíssimas espécies? Além disso, o que foi criado das águas por Deus foi abençoado por ele, para que isso servisse de prova sobre o que os homens deveriam receber: penitência e remissão dos pecados através da água e banho de regeneração, todos os que se aproximam da verdade, renascem e recebem a bênção de Deus.

Os monstros marinhos e as aves carnívoras são símbolo dos avarentos e transgressores. De fato os animais aquáticos e aves, embora sendo de uma única natureza, alguns permanecem no que é conforme a natureza, sem prejudicar aos mais fracos, guardam a lei de Deus e se alimentam das sementes da terra; outros transgridem a lei de Deus, comendo carne, e prejudicam os mais fracos. De modo semelhante, os justos, guardando a lei de Deus, não mordem nem causam dano a ninguém, vivendo santa e justamente; mas os ladrões, assassinos e ateus assemelham-se aos monstros marinhos, às feras e aves carnívoras, pois de certo modo engolem os mais fracos.

**17.** No sexto dia, Deus fez os quadrúpedes, as feras e os répteis da terra, mas não se fala da bênção correspondente, guardando-a para o homem, que criaria no mesmo sexto dia. Assim, os quadrúpedes e feras se tornaram tipo de alguns homens que desconhecem a Deus, que são ímpios e não fazem penitência. De fato, os que se convertem de suas iniquidades e vivem justamente voam como aves em sua alma, sentindo as coisas de cima e agradando à vontade de Deus; mas os que desconhecem a Deus e vivem de modo ímpio são parecidos com essas aves, que tem asas e não podem voar, nem subir até a altura da divindade. De modo semelhante, estes se chamam homens, mas sentem o que é baixo e terreno, pois estão pesados por causa de seus pecados. Quanto às feras, elas se chamam assim por causa da sua ferocidade, não porque desde o princípio fossem más ou venenosas, pois nada do que é mau foi criado por Deus desde o princípio; ao contrário, tudo era bom e até muito bom, mas o pecado do homem as tornou más. Quando o homem se tornou transgressor, elas também transgrediram. É como numa casa: se o senhor se comporta bem, os domésticos não têm outro remédio a não ser comportar-se bem; contudo, se o senhor peca, os servidores pecam junto com ele. Da mesma forma, quando o homem, que é o senhor, pecou, também os animais, seus escravos, pecaram com ele. Portanto, quando o homem voltar a viver conforme a natureza e não agir mal,

também os animais serão estabelecidos em sua mansidão original.

### *O ensinamento dos autores sacros sobre antropologia*

**18.** Quanto à criação do homem, não há palavra humana que possa expressar a sua grandeza, ainda que a narração da Escritura divina seja tão breve. Com efeito, o fato de que Deus diga: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança” dá, antes de tudo, a entender a dignidade do homem. De fato, tendo Deus feito o universo por sua palavra, considerou tudo como coisa acessória e julgou como obra eterna digna de sua criação somente a criação do homem. Além disso, Deus se apresenta como se precisasse de ajuda, pois diz: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança”, mas não diz a ninguém essa palavra “Façamos”, a não ser a seu próprio Verbo e à sua Sabedoria.

Tendo feito o homem e tendo-o abençoado para que se multiplicasse e enchesse a terra, submeteu a ele todas as coisas para que o servisse, ordenou que desde o princípio se alimentasse com os frutos da terra, sementes, ervas e árvores e que os animais fossem seus comensais, os quais também deveriam comer todas as sementes da terra.

**19.** Tendo Deus terminado, no sexto dia, o céu, a terra, o mar e tudo o que nele existe, no sétimo dia descansou de todas as obras que fizera. Em seguida, a divina Escritura recapitula assim: “Este é o livro da origem do céu e da terra, quando existiu o dia em que Deus fez o céu e a terra, toda verdura do campo antes de nascer, toda erva do campo antes de brotar, pois Deus não havia feito chover sobre a terra e não havia homem para cultivar a terra”. Com essas palavras nos dá a entender que, naquele tempo, toda a terra era regada por uma fonte divina e o homem não tinha necessidade de cultivá-la, pois, por mandamento de Deus, ela brotava espontaneamente, a fim de que o homem não se fatigasse trabalhando-a.

Para mostrar-nos a formação do homem e para que não parecesse um problema insolúvel aos homens Deus ter dito: “Façamos o homem” e não nos ter mostrado sua criação, a Escritura nos ensina, dizendo: “E uma fonte subia da terra e regava toda a face da terra, e Deus formou o homem do pó da terra, e lhe insuflou alento de vida em seu rosto, e o homem foi feito alma vivente. É por isso que a alma é chamada imortal. Depois de ter formado o homem, Deus escolheu um lugar pelas bandas do Oriente, excelente por sua luz, iluminado por um ar mais brilhante, adornado com as mais belas plantas, e aí Deus colocou o homem.

### *Descrição do paraíso. Criação da mulher*

**20.** Este é o relato da história sagrada, conforme a Escritura: “Deus plantou um jardim no Éden, no Oriente, e aí colocou o homem que formara. E Deus fez brotar da terra toda árvore formosa à vista e saborosa ao paladar, e a árvore da vida no meio do paraíso, e a árvore da ciência do bem e do mal. Do Éden saía um rio para regar o jardim e a partir daí se dividia em quatro braços. Um se chamava Fison e é este aquele que rodeia toda a terra de Hévilá, onde existe o ouro. O ouro dessa terra é bom, e aí também se encontra o carvão e a pedra ônix. O segundo rio se chama Geon e é aquele que rodeia toda a terra da Etiópia. O terceiro rio é o Tigre, que corre diante dos assírios. O quarto rio é o Eufrates. E o Senhor Deus tomou o homem a quem formara e o colocou no jardim para que o cultivasse: ‘Comerás de toda árvore do jardim, mas não comerás da árvore da ciência do bem e do mal, pois no dia em que dela comerdes, morreréis de morte’. E o Senhor Deus disse: ‘Não é bom que o homem esteja só; façamos para ele uma ajuda que lhe seja semelhante’. E Deus plasmou então da terra todas as feras do campo e todas as aves do céu e as apascentou diante de Adão. O nome com que Adão chamou a toda alma vivente, esse é o seu nome. E Adão pôs nomes em todos os animais, em todas as aves do céu e em todas as feras do campo; mas não se achou para Adão ajuda que lhe

fosse semelhante. Então Deus fez cair sobre Adão um êxtase e um sono profundo, tomou uma de suas costelas e preencheu de carne o lugar vazio. E o Senhor Deus construiu a costela tirada de Adão em forma de mulher e a apresentou a Adão. Adão disse: ‘Isto sim é osso de meus ossos e carne de minha carne; esta se chama mulher, porque foi tirada do homem. Por isso, o homem abandonará seu pai e sua mãe, juntar-se-á com sua mulher e serão dois em uma só carne’. E os dois, Adão e sua mulher, estavam nus e não se envergonhavam.

### *Retomada de Gn sobre a tentação e queda de Adão e Eva*

**21.** A serpente, porém, era a mais astuta de todas as feras sobre a terra que o Senhor Deus fizera. A serpente disse à mulher: ‘Como é que Deus disse: Não comas de toda árvore do jardim?’ A mulher disse à serpente: ‘Nós comemos de toda árvore do jardim; mas a respeito do fruto da árvore que está no meio do paraíso, Deus nos disse: Não comais dele, nem o toqueis para que não morrais’. A serpente disse à mulher: ‘Não morrereis de morte. É que Deus sabia que no dia em que dele comerdes vossos olhos se abrirão e sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal.’ E a mulher viu que a árvore era boa para comer, agradável aos olhos para ver e preciosa para entender; então, tomando de seu fruto, comeu e deu também a seu marido; eles comeram e os olhos de ambos se abriram, perceberam que estavam nus, colheram folhas de figueira e fizeram cinturões para si. Então ouviram a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim depois do meio-dia, e Adão e sua mulher se esconderam da face de Deus no meio da árvore do paraíso. O Senhor Deus chamou Adão e lhe disse: ‘Onde estás?’ Adão respondeu: ‘Ouvi tua voz no jardim e temi, pois estava nu, e me escondi’. Deus disse: ‘Quem te disse que estavas nu, senão que comeste da única árvore que te mandei não comeres?’ Adão disse: ‘A mulher que me destes, foi ela que me deu da árvore e eu comi’. Então Deus disse à mulher: ‘Por que fizeste isso?’ A mulher respondeu: ‘A serpente me enganou e eu comi’. O Senhor Deus disse à serpente: ‘Porque fizeste isso serás maldita entre todas as feras da terra. Caminharás sobre teu peito e sobre teu ventre, e comerás terra todos os dias de tua vida. Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a descendência dela: ela esmagará a tua cabeça e tu lhe morderás o calcanhar’. E disse à mulher: ‘Multiplicarei muito as tuas tristezas e o teu gemido; darás à luz a teus filhos na dor, estarás voltada para teu marido e ele te dominará’. E disse a Adão: ‘Porque ouviste a voz de tua mulher e comeste da única árvore que te mandei não comer, a terra será maldita em teus trabalhos, a cultivarás na tristeza todos os dias de tua vida; ela produzirá espinhos e cardos para ti e comerás a erva do campo. Comerás o teu pão com o suor do teu rosto até que voltes para a terra de onde foste tirado, porque és terra e à terra retornarás’. Esse é o relato da santa Escritura sobre a história do homem e do jardim.

**22.** Agora me dirás: “Tu dizes que Deus não deve estar circunscrito a nenhum lugar. Como agora dizes que Deus passeava no jardim?” Ouve minha resposta. Deus, o Pai do universo, é imenso e não está limitado a um lugar, pois não existe lugar para seu descanso. O seu Verbo, porém, pelo qual ele fez todas as coisas, sendo sua potência e sabedoria, tomando a figura do Pai e Senhor do universo, foi ele que se apresentou no jardim em figura de Deus e conversava com Adão. De fato, a própria divina Escrita nos ensina que Adão disse ter ouvido a sua voz. Que outra coisa é essa voz senão o Verbo de Deus, que é também seu Filho? Filho não à maneira como poetas e mitógrafos dizem que nascem filhos dos deuses por união carnal, mas como a verdade explica que o Verbo de Deus está sempre imamente no coração de Deus. Porque antes de criar alguma coisa, o tinha por conselheiro, pois era sua mente e pensamento. E quando Deus quis fazer tudo o que havia deliberado, gerou esse Verbo proferido, como primogênito de toda criação, não esvaziando-se de seu Verbo, mas gerando o Verbo e conversando sempre com ele. Por isso, as santas Escrituras e todos os portadores do espírito



nos ensinam, dentre as quais João diz: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava em Deus”, dando a entender que no princípio existia apenas Deus e nele o seu Verbo. Depois diz: “E Deus era o Verbo. Tudo foi feito por ele, e sem ele nada foi feito.” Portanto, sendo o Verbo Deus e nascido de Deus, quando o Pai do universo quer, ele o envia a algum lugar e, chegando aí, ele é ouvido e visto, pois é enviado por ele e se encontra em algum lugar.<sup>1</sup>

**23.** Portanto, Deus fez o homem no sexto dia, mas sua modelação foi manifestada no sétimo dia, quando fez também o jardim, para que estivesse em lugar melhor e local excelente. Que isso seja verdade, a própria experiência o demonstra. Com efeito, como não considerar a dor que as mulheres sofrem no parto e como logo se esquecem disso, para que se cumpra a palavra de Deus que o gênero humano cresça e se multiplique? O mesmo se diga da condenação da serpente: como nos parece odiosa, arrastando-se sobre o seu próprio ventre e comendo terra, para que também isso seja demonstração do que antes foi dito.

**24.** Deus ainda fez brotar da terra toda árvore formosa à vista e boa para comer. De fato, no princípio havia apenas o que foi criado no terceiro dia: plantas, sementes e ervas; mas o que havia no jardim nasceu com extrema beleza e formosura, pois se diz que era uma plantação plantada pelo próprio Deus. Quanto ao resto das plantas, no mundo há semelhantes. Todavia, há duas árvores, a da vida e a da ciência, que não existem em nenhuma terra, mas somente no jardim do Éden. Que o jardim seja terra e esteja plantado sobre a terra, a Escritura diz: “E Deus plantou um jardim em Éden, ao Oriente, e colocou aí o homem, e Deus ainda fez brotar da terra toda árvore formosa à vista e boa para comer.” Pelas expressões “ainda da terra” e “para o Oriente”, a divina Escritura claramente nos ensina que o jardim estava sob o nosso céu, assim como o Oriente e a terra. O que se chama Éden em hebraico é traduzido por “delícias”. A Escritura indica que de Éden saía um rio para regar o jardim e que a partir daí se dividia em quatro braços. Dois deles são o Fison e o Geon, que regam as partes orientais, principalmente o Geon, que rega toda a terra da Etiópia e que dizem aparecer no Egito com o nome de Nilo. Quanto aos outros dois rios, os chamados Tigre e Eufrates, são bem conhecidos entre nós, pois correm perto de nossas regiões.

Como dissemos acima, Deus colocou o homem no jardim, para que o cultivasse e o guardasse, e mandou que ele comesse de todos os frutos, portanto também da árvore da vida, e mandou que só não experimentasse da árvore da ciência. E Deus o transportou da terra da qual fora criado para o jardim, dando-lhe ocasião de progresso, para que crescendo e chegando a ser perfeito e até declarado deus, subisse então até o céu, possuindo a imortalidade, pois o homem foi criado como ser intermédio, nem completamente mortal nem absolutamente imortal, mas capaz de uma e outra coisa, assim como seu lugar, o jardim, se considerarmos a sua beleza, é lugar intermédio entre o mundo e o céu.

Quando a Escritura diz “trabalhar”, não dá a entender outro trabalho, mas a observância do mandamento de Deus, a fim de que o homem, violando-o, não se perca, como efetivamente aconteceu quando se perdeu pelo pecado.

### *A desobediência expulsa o homem do paraíso*

**25.** A própria árvore da ciência era boa e bom era também o seu fruto. Não produziu, como pensam alguns, a árvore da morte, pois o que produziu esta foi a desobediência. De fato, em seu fruto não havia outra coisa senão ciência, e a ciência é boa, desde que seja usada devidamente. Acontece que, por sua idade, Adão era uma criança e por isso ainda não podia receber de modo digno a ciência. Quando uma criança nasce, não pode imediatamente comer pão, mas primeiro se alimenta de leite e depois, conforme vai crescendo em idade, usa-se alimento sólido. Algo parecido aconteceu com Adão. Não foi também por inveja, como pensam alguns, que Deus lhe proibiu comer da ciência.



Além disso, Deus queria prová-lo, para ver se era obediente ao seu mandamento, e também queria que o homem permanecesse o mais tempo possível simples e inocente na idade de criança. Com efeito, é coisa santa, não só diante de Deus, mas também diante dos homens, que os filhos se submetam aos pais em simplicidade e inocência. Portanto, se os filhos devem se submeter aos pais, quanto mais o homem a Deus, Pai do universo? Além do mais, não é normal que as crianças pequenas tenham pensamentos acima de sua idade, pois assim como o crescimento em idade acontece ordenadamente, do mesmo modo o entender e o sentir. Por outro lado, quando uma lei manda abster-se de algo e não se obedece, é evidente que não é a lei que nos traz o castigo, mas a transgressão e a desobediência. Com efeito, se um pai manda seu filho abster-se de certas coisas e ele não obedece à ordem do pai, este o açoita e castiga; contudo, não é por isso que se dirá que tais coisas são os açoites, mas que é a desobediência que acarreta o castigo ao desobediente. Assim, foi a desobediência que acarretou ao primeiro homem ser expulso do jardim do Éden; não porque a árvore da ciência tivesse alguma coisa de mau, mas foi por causa de sua desobediência que o homem atraiu trabalho, dor, tristeza e caiu finalmente sob o poder da morte.

26. Também foi um grande benefício feito por Deus ao homem que este não permanecesse sempre em pecado, mas, de certo modo, como se tratasse de um desterro, o expulsou do paraíso, para que pagasse por tempo determinado a pena de seu pecado e, assim educado, fosse novamente chamado. Tendo sido o homem formado neste mundo, misteriosamente se escreve no Gênesis como se ele tivesse sido colocado duas vezes no jardim. A primeira vez se realizou quando foi aí colocado; a outra se realizaria depois da ressurreição e do julgamento.

Podemos ainda dizer mais. Do mesmo modo como um vaso que depois de fabricado tem algum defeito, é novamente fundido e modelado para que fique novo e inteiro, assim acontece com o homem através da morte: de certo modo se quebra, para que na ressurreição surja sadio, isto é, sem mancha, justo e imortal.

Quanto ao fato de Deus chamar e dizer: “Adão, onde estás?”, Deus não o fez como se não soubesse, mas, por causa de sua longanimidade, oferecia ao homem ocasião de penitência e confissão.

*O homem é, por natureza, mortal ou imortal*

27. Poder-se-á dizer: “O homem não foi criado mortal por natureza?” De jeito nenhum. “Então foi criado imortal?” Também não dizemos isso. “Então não foi nada?” Também não dizemos isso. O que afirmamos é que por natureza não foi feito nem mortal, nem imortal. Porque se, desde o princípio, o tivesse criado imortal, o teria feito deus; por outro lado, se o tivesse criado mortal, pareceria que Deus é a causa da morte. Portanto, não o fez mortal, nem imortal, mas, como dissemos antes, capaz de uma coisa e de outra. Assim, se o homem se inclinasse para a imortalidade, guardando o mandamento de Deus, receberia de Deus o galardão da imortalidade e chegaria a ser deus; mas se se voltasse para as coisas da morte, desobedecendo a Deus, seria a causa da morte para si mesmo, porque Deus fez o homem livre e senhor de seus atos. O que o homem atraiu sobre si mesmo por sua negligência e desobediência, agora Deus o presenteou com isso, através de sua benevolência e misericórdia, contanto que o homem lhe obedeça. Do mesmo modo como o homem, desobedecendo, atraiu sobre si a morte, assim também, obedecendo à vontade de Deus que quer, pode adquirir para si a vida eterna. De fato, Deus nos deu lei e mandamentos santos, e todo aquele que os cumpre pode salvar-se e, tendo alcançado a ressurreição, herdar a incorruptibilidade.

*O ensinamento dos autores sagrados sobre a história da humanidade*

28. Adão foi expulso do jardim e nessas condições ele conheceu a sua esposa Eva, que Deus havia

feito de sua costela para que fosse sua mulher. Não porque não pudesse plasmar a mulher separadamente, mas porque sabia de antemão que os homens haveriam de nomear uma multidão de deuses. Sendo presciente e sabendo que o erro haveria de nomear, através da serpente, uma multidão de deuses — embora não havendo mais do que um Deus, já desde aquele tempo o erro pensava em semear subrepticamente multidão de deuses, dizendo: “Sereis como deuses” — para que não se pudesse imaginar que um Deus fez o homem e outro fez a mulher, fez os dois de uma única criação. Entretanto, Deus fez junto a mulher não só para mostrar o mistério de sua monarquia e unicidade, mas também para lhes mostrar maior benevolência. Depois que Adão disse a Eva: “Esta sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne”, profetizou mais dizendo: “Por isso o homem deixará seu pai e sua mãe e juntar-se-á à sua mulher, e os dois serão uma só carne”. Isso se vê que se cumpre em nós mesmos. Com efeito, quem, legitimamente casado, não abandona sua mãe e seu pai, toda a sua parentela e todos os seus familiares, apegando-se e unindo-se à sua mulher, a qual quer acima de todos? Sabe-se que houve aqueles que sofreram até à morte por amor a suas esposas.

Esta Eva, por ter sido extraviada desde o princípio pela serpente e por ter-se tornado guia do pecado, o demônio perverso, que também se chama Satã e que lhe falou então através da serpente, nomeia esta Eva em seus gritos até hoje, quando age nos homens por ele possuídos. O demônio também se chama dragão, por ter-se afastado de Deus, pois no princípio foi um anjo. Teria muito que falar sobre este. Agora, porém, deixemos de lado sua explicação, pois já tratamos dele em outros discursos.

### *O ciúme de Caim*

**29.** Quando Adão conheceu a sua mulher Eva, esta concebeu e deu à luz um filho chamado Caim. E disse: “Tive um homem por meio de Deus”. Novamente deu à luz um filho, chamado Abel, que era pastor de ovelhas, enquanto Caim cultivava a terra. A história dos dois irmãos é muito longa para adaptá-la à situação de minha exposição; por isso, o próprio livro que se chama Origem do mundo pode informar os estudiosos a respeito de seus pormenores.

Satanás, vendo que Adão e Eva não só viviam, mas geravam filhos, foi tomado de inveja por não ter podido levá-los à morte. Vendo que Abel era agradável a Deus, agiu sobre seu irmão Caim e fez com que este matasse seu irmão Abel. Assim começou a existir a morte neste mundo, que faz caminho até hoje por todo o gênero humano. Deus, porém, sendo compassivo e querendo dar a Caim, como a Adão, ocasião de penitência e confissão, disse: “Onde está o teu irmão Abel?” Caim, desconfiado de Deus, respondeu: “Não sei. Por acaso sou guarda do meu irmão?” Irritado contra ele, Deus disse: “Por que fizeste isso? A voz do sangue de teu irmão clama da terra a mim. Agora, tu és maldito da terra, que se abriu para receber de tua mão o sangue de teu irmão. Ficarás gemendo e tremendo sobre a terra.” Por isso, a partir daí, a terra temerosa já não recebe o sangue do homem, nem de nenhum animal, manifestando assim que ela não é culpada, mas que o homem é transgressor.

### *Início da construção da cidade*

**30.** Caim também teve um filho, chamado Henoc. E edificou uma cidade, à qual chamou de Henoc, o nome de seu filho. Então teve início a construção de cidades, antes do dilúvio, e não como Homero mente, dizendo: “Porque ainda não havia sido construída cidade de míseros homens.” Henoc teve um filho chamado Gaidad, o qual gerou Meel, Meel gerou Matusala e Matusala gerou Lamec. Lamec tomou para si duas mulheres, cujos nomes eram Ada e Sela. Daí começou a poligamia e também a música. De fato, Lamec teve três filhos: Obel, Jubal e Tobel. Obel foi pastor, habitando em tendas; Jubal foi o inventor do saltério e da cítara; Tobel foi ferreiro, trabalhando com martelo em bronze e

ferro. Até aqui chega a lista da descendência de Caim, que é esquecida daqui para frente, por ter ele matado o seu irmão.

Para substituir Abel, Deus concedeu a Eva que concebesse e gerasse outro filho, que se chamou Set, do qual procede todo o gênero humano até hoje. Aos que desejam e têm vontade de conhecer todas as outras gerações, é fácil mostrar para eles nas santas Escrituras. Nós já tratamos em outra parte como indicamos acima, da formação das genealogias no primeiro livro *Sobre as histórias*.

O Espírito Santo nos ensina tudo isso por intermédio de Moisés e dos outros profetas, de modo que os nossos livros dos que adoramos a Deus, são mais antigos e sobretudo mais verdadeiros que os de todos os historiadores e poetas.<sup>m</sup> Eles fantasiam que foi Apolo o inventor da música; outros que foi Orfeu, dizendo que ele inventou a música tomando-a do canto das aves. Vê-se, porém, que é tudo palavrório vão e sem fundamento, pois esses nasceram muitos anos depois do dilúvio. Quanto a Noé, que é chamado Deucalião por alguns, tratamos a respeito dele no livro antes mencionado, no qual, se te agrada, podes tu mesmo ler.

### *Florescimento das cidades e surgimento do sacerdócio*

**31.** Depois do dilúvio, novamente recomeçaram a existir cidades e reis do seguinte modo: a primeira cidade foi Babilônia, Orec, Arcat e Calana, na terra de Senaar, e seu rei se chamava Nebrot. Destas saiu Assur, que deu nome aos assírios. Nebrot construiu as cidades de Nínive, Roboom, Calac e Dasen (esta entre Nínive e Calac). No início, Nínive foi uma grande cidade. Outro filho de Sem, filho de Noé, chamado Mesraim, gerou os Ludomim, os que se chamam Enemiguim, os Labiim, os Neptalim, os Patrosinim e os Caslonim, de onde saíram os Filistiim. Dos filhos de Noé e de sua consumação e genealogia fizemos um resumo no livro anteriormente citado. Recordaremos agora o que ali foi omitido sobre cidades e reis, assim como acontecimentos do tempo em que havia uma só e mesma língua. Antes das línguas se dividirem, existiram as cidades anteriormente descritas. No tempo em que iam se dividir, decidiram, por própria conta e não segundo Deus, edificar uma cidade e uma torre, cujo topo chegasse até o céu, para adquirir fama gloriosa. Como se atreveram a empreender tão grande obra contra o conselho de Deus, Deus atirou por terra a cidade deles e arrasou a torre. A partir disso, ele mudou as línguas dos homens e deu fala diferente a cada um. A própria Sibila indicou isso, anunciando a ira que deveria vir ao mundo: “Mas quando se cumprirem as ameaças do grande Deus, que um dia ameaçara os mortais, quando construíram a torre na terra da Assíria...tinham todos a mesma língua e quiseram subir até o céu estrelado. Nesse momento, o Imortal impulsionou fortemente os ares, e os ventos derrubaram a grande torre elevada, semeando a discórdia nas fileiras dos mortais. Depois que a torre caiu, as línguas humanas se dividiram nas muitas falas dos mortais.” E o resto.

Isso aconteceu na Caldéia. Em Canaã houve uma cidade chamada Carran. Nesse tempo, o primeiro rei do Egito foi o faraó, que, segundo os egípcios, se chamava também Necaot. E assim foram os outros reis que lhe sucederam. Na terra de Senaar, entre os chamados caldeus, o primeiro rei foi Arioc; depois deste, veio outro chamado Elasar, depois Codolagomor, rei de Elam; depois deste, Targal, rei dos povos que se chamam assírios. Houve outras cinco cidades no território de Cam, filho de Noé: a primeira se chamava Sodoma; e as outras, Gomorra, Adama, Seboim e Balac, também chamada Segor. Os nomes de seus reis são: Balas, rei de Sodoma; Barsas, rei de Gomorra; Senaar, rei de Adama; Himor, rei de Seboim; Balac, rei de Segor, que também se chama Balac. Esses ficaram submetidos a Codolagomor, rei dos assírios, durante doze anos. E no décimo terceiro ano se separaram de Codolagomor. E assim aconteceu que os quatro reis dos assírios fizeram guerra contra os cinco reis. Este foi o começo das guerras sobre a terra. Derrotaram os gigantes Caranain e com

eles nações fortes, os romeiros na mesma cidade, e os correios nos montes chamados Seir até a cidade chamada Terebinto de Farã, que está no deserto. Nesse mesmo tempo, havia um rei justo chamado Melquisedec, na cidade de Salém, que agora se chama Hierosólima. Este foi o primeiro de todos os sacerdotes do Altíssimo e dele a cidade de Jerusalém recebeu o nome, aquela que antes chamamos Hierosólima. Depois de Melquisedec, podemos ver que houve sacerdotes por toda a terra. Depois dele, reinou Abimelec em Gerara, e depois outro Abimelec. Depois reinou Efrom, também chamado Queteu. São esses os nomes desses primeiros reis; os nomes dos outros reis dos assírios, que vieram muitos anos depois, foram omitidos pela crônica. Dos nossos últimos tempos, recordam-se os reis da Assíria: Teglafasar, depois Salamanasar e depois Senacarim. Este último teve como triarca Adramalec, o etíope, que também foi rei do Egito. Contudo, tudo isso, comparado com as nossas Escrituras, é coisa muito recente.

**32.** Daí se podem julgar as histórias dos estudiosos e amantes da antiguidade, pois são recentes os últimos fatos a que aludimos sem utilizar os santos profetas. Em todo caso, no início eram poucos os homens que habitavam a terra da Arábia e da Caldéia e foi apenas depois da divisão das línguas que começaram, em seus territórios, a ser muitos e a multiplicar-se por toda a terra. Então alguns foram viver no Oriente e outros foram para os territórios do grande continente e para o Norte, de modo que se estenderam até a Bretanha, nas regiões árticas; outros foram para a terra de Canaã, também chamada Judéia e Fenícia, para os territórios da Etiópia, Egito e Líbia, e para a chamada zona tórrida, até as regiões do Ocidente. Outros ocuparam a terra que vai da costa e da Panfília, da Ásia, Grécia, Macedônia e, mais além, a Itália e as chamadas Gálias, Espanhas e Germânicas, de modo que agora toda a terra está cheia de seus habitantes.

Portanto, o povoamento da terra pelos homens se fez, no princípio, em três direções, para o Oriente, para o meio-dia e para o Ocidente. Depois, com o afluxo de gerações humanas, foi habitado o restante. Os historiadores ignoraram isso e querem dizer que o mundo é esférico e comparável com um cubo! Mas como podem ser verdadeiros nisso, se ignoram a criação do mundo e seu povoamento? Quando os homens aumentaram e se multiplicaram conforme as regiões, como acabamos de dizer, também foram povoadas as ilhas do mar e as outras regiões.

### *Comparação das duas histórias*

**33.** Quem dos chamados sábios, poetas e historiadores foi capaz de dizer a verdade nessas coisas? Eles próprios são muito posteriores e introduzem uma multidão de deuses, que também nasceram depois de muitos anos que as cidades tinham sido fundadas. E também são posteriores aos reis, aos povos e às guerras. Seria preciso que tivessem mencionado tudo, mesmo o que aconteceu antes do dilúvio, sobre a criação do mundo, a formação do homem e o que aconteceu depois, se é fato que os profetas dos egípcios ou os caldeus e outros historiadores falaram pelo espírito divino e puro, e era verdade o que eles anunciavam. E não só deveriam dizer-nos o passado e o presente, mas também anunciar de antemão o futuro do mundo. Daí se demonstra que todos os outros estão errados e que só nós, cristãos, possuímos a verdade, pois somos ensinados pelo Espírito Santo, que nos falou pelos santos profetas e nos anuncia tudo antecipadamente.

**34.** Quanto ao resto, procura investigar com empenho as coisas de Deus, isto é, o que os santos profetas disseram, a fim de que, comparando o que nós dizemos e o que os outros dizem, possas encontrar a verdade.

Que os nomes dos chamados deuses são apenas nomes de homens, como já apontamos antes, podemos demonstrá-lo pelas histórias que eles próprios escreveram. Quanto às suas imagens, que

são fabricadas diariamente até hoje, são meros ídolos, “obras de mãos humanas”. Esses ídolos são cultuados por uma multidão de homens insensatos, enquanto desprezam o Criador e Artífice do Universo, que alimenta todo o ser que respira, acreditando em inúteis ensinamentos e transmitindo uns aos outros, de pai para filho, uma doutrina errônea, cheia de insensatez.

### *O ensinamento dos autores sagrados sobre moral*

Deus, porém, Pai e Criador do universo, não abandonou a humanidade, mas deu-lhe uma lei e lhe enviou seus santos profetas, para anunciar e ensinar todo o gênero humano, a fim de que cada um de nós viva vigilante e conheça que há um só Deus. Também nos ensinaram a nos afastarmos da sacrílega idolatria, do adultério, do assassinio, da fornicção, do roubo, da avareza, do perjúrio, da mentira, da ira e de toda dissolução e impureza. E que aquilo que o homem não quer que façam a ele, também ele não faça a ninguém. Dessa forma, ele deve praticar a justiça, para escapar dos castigos eternos e se tornar digno da vida eterna que vem de Deus.

**35.** A lei divina não proíbe apenas adorar aos ídolos, mas também aos elementos, ao sol, à lua e aos demais astros; também não se deve cultuar o céu, a terra, o mar, as fontes, os rios, mas deve-se servir unicamente o Deus verdadeiro e Criador do universo, com santidade de coração e intenção sincera. Com efeito, a lei santa diz: “Não cometerás adultério, não matarás, não roubarás, não levantarás falso testemunho, não desejarás a mulher do teu próximo.” Do mesmo modo os profetas. Salomão nos ensinou que não se deve pecar nem por sinais ou piscar de olhos: “Que teus olhos vejam o que é direito, que tuas pálpebras se inclinem sobre o que é justo.” Moisés, que também é profeta, diz sobre a unicidade de Deus: “Este é o vosso Deus, aquele que firmou o céu e alicerçou a terra, cujas mãos mostraram toda a milícia celeste, mas não a mostrou para que caminheis atrás dela.” Isaías também diz: “Assim diz o Senhor, ele que firmou o céu e colocou os alicerces da terra e de tudo o que ela contém, ele que dá respiração ao povo sobre ela e alento para os que a pisam. Este é o Senhor vosso Deus.” O próprio Isaías diz ainda: “Diz o Senhor: Eu fiz a terra e o homem sobre ela; com minha mão firmei o céu”. E em outro capítulo: “Este é o vosso Deus, aquele que preparou os cumes da terra; não terá fome, nem se fatigará, nem é possível encontrar a profundidade de seu pensamento.” Do mesmo modo Jeremias: “Aquele que fez a terra com a sua força, que levantou o orbe com a sua sabedoria, que segundo o seu pensamento estendeu o céu e grande quantidade de água no céu, reuniu as nuvens dos confins da terra, fez relâmpagos para a chuva e tirou os ventos de seus depósitos.”

Cumpra notar que os profetas disseram coisas bem coerentes e concordes, falando todos com um só e mesmo espírito sobre a monarquia de Deus, a origem do mundo e a criação do homem. E não só falaram, mas também sofreram dor, chorando sobre o gênero humano alheio a Deus, denunciaram os sábios aparentes pelo erro em que viviam e endurecimento do coração deles. Assim diz Jeremias: “Todo homem se tornou néscio por sua ciência, todo fundidor de ouro se cobriu de vergonha por suas obras de ourivesaria, em vão o cunhador de prata cunha moeda; não há alento neles; perecerão no dia da visitação.” Davi também diz a mesma coisa: “Corromperam-se e se tornaram abomináveis em suas obras; não há quem realize obras boas, não há um só. Todos se desviaram, todos unanimemente se tornaram inúteis.” Igualmente Habacuc: “Para que serve ao homem o que ele grava? Ele gravou uma imaginação mentirosa. Ai daquele que diz à pedra: ‘Levanta-te’, e à madeira: ‘Sustém-te’.”

Do mesmo modo falaram os outros profetas da verdade. Para que enumerar toda a multidão de profetas, que foram muitos e disseram infinitas coisas, coerentes e concordes entre si? Os que quiserem podem, lendo seus escritos, conhecer exatamente a verdade e não extraviar-se em especulação e trabalho inútil. Portanto, esses foram os profetas dos hebreus, dos quais falamos: homens iletrados, pastores e ignorantes.<sup>[u](#)</sup>

**36.** Quanto à Sibila, que foi profetisa entre os gregos e demais nações, começa a sua profecia recriminando o gênero humano: “Homens mortais e de carne, que não sois nada, como vos apressais a vos exaltar, sem olhar para o fim da vida, e não tremeis, nem temeis a Deus, que vos vigia, conhecedor altíssimo, que tudo vê, testemunha de tudo, criador que tudo alimenta, que infundiu em tudo doce alento e que se fez guia de todos os mortais?”

Único Deus, que impera sozinho, máximo e não criado, onipotente, invisível, e o único que tudo vê, embora não seja visto por nenhum olho de carne. Com efeito, que carne pode ver com os olhos o celeste e verdadeiro, o Deus imortal, que habita no eixo do mundo? Os homens, nascidos mortais, homens apenas em seus ossos, veias e carnes, não podem olhar de frente sequer os raios do sol.

Reverenciai àquele que é único, ao guia do mundo, o único que foi para o eterno e desde o eterno. Nascido de si mesmo, incriado, que tudo domina para sempre, que distribui julgamento a todos os mortais em luz comum.

Recebereis o justo pagamento do vosso mau querer, pois deixando de glorificar ao Deus verdadeiro, à fonte perene e de oferecer-lhe sagradas hecatombes, sacrificastes aos demônios do Hades.

Caminhais no orgulho e na loucura e, abandonando o caminho direito e reto, vos haveis desviado e andais errantes entre os espinhos e estacas. Vãos mortais, cessai já de errar entre sombras através da negra noite escura, abandonai a sombra da noite e recebei agora a luz. Este é aquele que a todos se manifesta, ele não erra. Vinde, não sigais a sombra e as trevas para sempre. Olhai: sobre tudo brilha a doce luz do sol. Conhecei e colocai sabedoria em vossos peitos: existe um único Deus que nos envia chuvas, ventos, terremotos e relâmpagos, fomes, pestes e lutos fúnebres, neve e geada... Para que citar tudo? Ele guia o céu e domina a terra; unicamente ele existe.”

E disse contra os que são chamados deuses gerados:

“Se todo o gerado se corrompe inteiramente, Deus não pode ter sido formado dos músculos do homem e de matriz. Unicamente Deus, porém, se ergue acima de tudo, ele que fez o céu, o sol, as estrelas e a lua, a terra fértil em frutos, as ondas infladas do ponto, as altas montanhas e as correntes perenes das fontes.

Ele criou a incontável multidão de peixes dos rios, alimenta também os répteis, que se arrastam sobre a terra, e as aves variadas, de voz sonora e gorgeios, com plumagem dourada, de canto claro, que turbam o ar com suas asas.

Colocou a multidão de feras selvagens nas florestas da montanha, submeteu a nós mortais todos os animais e para todos fez um guia por sua mão formado, submetendo ao homem variedade incompreensível de coisas. De fato, qual carne pode compreendê-las uma a uma? Somente pode conhecê-las quem no princípio as fez: o Imortal, o Criador e Eterno, que habita o éter, que oferece aos bons o bom e pródigo pagamento, e aos maus e injustos reserva sua cólera e ira, guerra e peste, dores e lágrimas.

Homens, por que, inutilmente envaidecidos, vos desenraizais? Envergonhai-vos de elevar gatos e insetos à condição de deuses! Não é loucura e raiva que tira o bom-senso, existirem deuses que roubam os pratos e carregam as panelas?

Ao invés de morar no céu dourado e florido, é visto comido pelo caruncho e coberto de espessas teias de aranha.

Insensatos, adoraís serpentes, gatos e cães, e cultuais aves, répteis e feras do campo, estátuas de madeira, imagens manufaturadas e montes de pedras nos caminhos, que já é vergonhoso apenas nomear. Esses são deuses enganosos dos homens sem discernimento, de cuja boca veneno mortal se derrama; aquele Deus, porém, que tem a vida e a luz imortal e perene derrama sobre os homens



prazer mais doce do que o mel... Somente diante dele deve-se inclinar a fronte, entrando nas sendas dos séculos piedosos.

Tendo abandonado tudo isso, essa taça cheia de justiça, vinho puro, abundante, plena sem mistura alguma, a arrastastes em vossas loucuras, todos loucos de espírito, e mesmo assim não quereis despertar, reaver mente sensata e conhecer a Deus rei, aquele que tudo vê. Por isso, virá sobre vós uma chama de fogo abrasador e sereis queimados em seu ardor para sempre, o dia todo, envergonhados de vossos ídolos enganosos e inúteis; mas os que honram ao Deus verdadeiro e perene, herdarão vida para sempre, habitando junto ao jardim florido do paraíso e comendo o doce pão do céu estrelado.”

É evidente que isso é verdadeiro, proveitoso, justo e digno de ser amado por todos os homens; também é evidente que aqueles que praticam o mal serão necessariamente castigados, conforme mereçam as suas ações.

### *Concordância com textos poéticos*

**37.** Alguns poetas chegaram a falar a mesma coisa, como que emitindo oráculos contra si mesmos e testemunhando contra aqueles que fazem o mal, dizendo que serão castigados. Ésquilo diz: “Aquele que faz, também deve sofrer”. Píndaro diz também: “Pois aquele que fez algo convém que também sofra.” Igualmente Eurípides: “Suporta o que sofrer, pois fazendo gozaste. É uma lei maltratar o inimigo se o pegas”. Ele mesmo diz novamente: “Causar danos aos inimigos: creio que isso é ser homem.” De modo semelhante Arquíloco: “Eu conheço uma grande coisa: àquele que me fez algum mal, responder com um mal maior.”

Sobre o fato de que Deus tudo vê e nada lhe é oculto, mas que, sendo misericordioso, espera pelo momento de julgar, Dioniso diz: “O olho da Justiça olha com rosto tranqüilo, mas vê tudo ao mesmo tempo.”

Que deverá haver julgamento e que os malvados se tornarão repentinamente presa dos males, Ésquilo também o deu a entender, dizendo: “A desgraça chega até os mortais com pés velozes, conforme o pecado de quem ultrapassa o lícito. Vês a justiça silenciosa e invisível para aquele que dorme, que caminha, que se assenta. Cedo ou tarde, ela te alcança na encruzilhada. Não esconde a noite para aquele que realiza o mal. Ao fazer alguma coisa de mal, pensa que alguém a está vendo.” E Simônides também diz: “Não existe desgraça inesperada para os homens; em pouco tempo Deus transtorna tudo”. De novo Eurípides: “Nunca se deve considerar como coisa sólida a fortuna do homem mau, nem a felicidade excessiva, nem a raça dos injustos, pois o tempo, que não nasceu de ninguém, manifesta as maldades dos homens.” Ainda Eurípides: “A divindade não é sem inteligência, mas pode distinguir os juramentos falsos e os que a eles se obrigam.” E Sófocles: “Se agiste mal, também deves sofrer o mal.”

Que Deus examinará todo juramento injusto e qualquer outro pecado, os poetas quase o disseram, assim como falaram, querendo ou sem querer, coisas concordes com os profetas sobre a conflagração do mundo, apesar de serem muito posteriores a estes e de terem tirado tudo isso da lei e dos profetas.

**38.** Não importa se foram anteriores ou posteriores.<sup>o</sup> O importante é que falaram de acordo com os profetas. Sobre a conflagração, por exemplo, o profeta Malaquias predisse: “Eis que chega o dia do Senhor como fornalha ardente e abrasará todos os ímpios.” E Isaías: “A ira do Senhor virá como granizo que cai com violência e como água no vale que arrasta tudo.”

Portanto, a Sibila, os outros profetas, e até os filósofos e poetas falaram claramente sobre a justiça, sobre o julgamento e o castigo. Falaram também sobre a providência, que Deus cuida de nós não apenas enquanto vivemos, mas também depois de mortos, embora o dissessem contra a vontade,

convencidos que foram pela própria verdade. Entre os profetas, Salomão disse sobre os mortos: “A carne será curada e os ossos serão cuidados.” E o próprio Davi: “Meus ossos humilhados se regozijarão.” De acordo com eles, disse Tímocles: “Para os mortos, a misericórdia é o Deus benigno.”

Os escritores que falaram sobre a multidão dos deuses acabaram por admitir a unicidade ou monarquia de Deus; aqueles que afirmaram a não-providência, depois falaram sobre a providência; aqueles que negaram o julgamento, mais tarde o afirmaram; aqueles que negaram a sensação após a morte, depois a confessaram. Homero, por exemplo, diz em uma passagem: “A alma, como um sonho, alçou vôo e partiu.” Em outra passagem: “A alma, saindo dos membros, voou para o Hades.” Ainda: “Enterra-me quanto antes, pois quero atravessar as portas do Hades.”

Creio que sabes perfeitamente como falaram os outros autores que leste. Aquele que busca a sabedoria de Deus e que lhe agrada pela fé, justiça e boas obras entenderá tudo isso. Com efeito, um dos profetas dos quais falamos, chamado Oséias, diz o seguinte: “Quem é sábio e conhecerá estas coisas, inteligente e as entenderá? Porque os caminhos do Senhor são retos e os justos entrarão neles, mas os ímpios cairão de fraqueza nesses caminhos.”

É preciso que quem ama o saber, aprenda. Portanto, procura ter conversas mais freqüentes, para que, ouvindo de viva voz, aprendas com exatidão a verdade.

## TERCEIRO LIVRO A AUTÓLICO

### *Introdução*

#### **1. Teófilo a Autólico. Saudações.**

Os escritores querem escrever multidões de livros por vanglória; alguns sobre os deuses, as guerras e os tempos; outros sobre fábulas inúteis e trabalho vão, em que também tu te exercitaste até agora. Certamente não vacilas em suportar esse trabalho. Por outro lado, conversando conosco, ainda continuais crendo que a nossa doutrina da verdade é tolice, alegando que nossas Escrituras são recentes e novas. Diante disso tudo, eu também não vacilarei em tratar novamente, com a ajuda de Deus, desde o princípio, a questão da antiguidade de nossas Escrituras, a apresentantar-te um breve resumo, a fim de que não te enfades ao lê-lo e também conheças a inanidade dos outros autores.

#### *Os outros autores estão mal documentados*

**2.** Os escritores deviam ter sido eles próprios testemunhas oculares do que afirmam ou ter sabido exatamente daqueles que viram, pois escrever sobre o incerto é, de algum modo, açoiar o ar. De que adiantou Homero ter descrito a guerra de Tróia e enganar a muitos, ou Esíodo na sua *Teogonia* ter feito o catálogo e descrito as origens daqueles que ele chama deuses? Ou Orfeu com os seus trezentos e sessenta e cinco deuses, que ele rejeita no fim da vida, pois afirma em seus *Testamentos* que existe um só Deus? De que adiantou a Arato a sua esferografia do céu cósmico ou pata aqueles que tiveram as mesmas opiniões, a não ser ter alcançado entre os homens uma glória que nem sequer mereceram? O que eles disseram de verdadeiro? Que proveito tiveram Eurípedes, Sófocles e os outros trágicos com suas tragédias, ou Menandro, Aristófanes e outros cômicos, ou Heródoto e Tucídides com suas histórias, ou Pitágoras com seus templos e as colunas de Hércules, ou Diógenes com sua filosofia cínica, ou Epicuro com seu dogmatismo contra a providência, ou Empédocles com suas doutrinas atéias, ou Sócrates com seus juramentos pelo cão, o ganso, o plátano e o fulminado Asclépio e pelos demônios a quem invocava? Além disso, por que morreu voluntariamente e que recompensa esperava receber depois da morte? De que serviu a Platão a educação que ele instituiu, ou de que serviram



para os outros filósofos as suas doutrinas? Não farei a lista completa, pois são muitos. Dizemos isso para demonstrar o teor inútil e ateu de suas especulações.

### *Os outros autores são mal inspirados*

**3.** O fato é que, sendo todos ambiciosos de vanglória, nem eles conheceram a verdade, nem conduziram ou estimularam outros a ela. Eis que eles são acusados pelos seus próprios discursos, pois disseram coisas contraditórias e, além disso, a maioria deles destruiu suas próprias doutrinas. Isto é: não só lançaram por terra uns aos outros, mas alguns invadiram seus próprios dogmas, de modo que sua glória acabou na desonra e loucura, pois são condenados pelos homens inteligentes. Primeiro falaram dos deuses, e depois ensinaram o ateísmo; falaram sobre a origem do mundo e acabaram dizendo que o acaso é a lei universal; por fim, começam falando da providência, e depois dogmatizam que o mundo não tem providência. E o que mais? Não é certo que, tentando escrever sobre a pureza, ensinaram a praticar os mais odiosos atos de impudor? São justamente os seus deuses os primeiros que eles anunciam ter praticado as uniões desonestas e festins sacrílegos. Quem não canta Cronos como devorador de seus filhos? E Zeus, seu filho, que devora Métis e prepara abomináveis convites para os deuses? Depois, nos contam de um tal Éfesto, coxo e ferreiro, que o serve à mesa; e de Hera, irmã de Zeus, que não só se casa com ele, mas também comete desonestidades com sua boca impura. Suponho que saibas das demais ações dele que os poetas cantam. Que necessidade tenho de enumerar o que se refere a Posêidon, a Apolo, Dioniso e Héracles, ou de Atena, a guerreira, e Afrodite, a desavergonhada? Disso tratamos mais detalhadamente em outro livro.

### *Caluniadores dos cristãos*

**4.** Eu nem deveria estar refutando essas coisas, se não fosse porque te vejo agora duvidando sobre a doutrina da verdade. Mesmo sendo sensato, suportas de boa vontade os ignorantes. De outra forma, não terias deixado desviar-te pelos vãos discursos de homens insensatos, nem acreditado nesse boato preconceituoso de bocas ímpias, que mentirosamente caluniam a nós, que adoramos a Deus e nos chamamos cristãos, espalhando que temos mulheres em comum e que não nos importamos com quem nos unimos; além disso, dizem que mantemos relação carnal com nossas próprias irmãs e, o que é mais ímpio e cruel, que nos alimentamos de carnes humanas. Dizem ainda que nossa doutrina é recente e que nada temos para alegar como demonstração de nossa verdade e ensinamento. Por fim, dizem que toda a nossa doutrina é pura loucura. Ora, mais do que tudo, fico admirado contigo, pois sendo no resto diligente e pesquisador de todas as coisas, somente a nós ouves com descuido, tu que, tendo possibilidade, não hesitarias em passar até as noites nas bibliotecas!

### *Como levar isso a sério?*

**5.** Muito bem. Já que leste muito, que achas dos conteúdos do livro de Zenão, de Diógenes e de Cleantes, que ensinam a antropofagia, dizendo que os pais devem ser cozidos por seus próprios filhos e comidos por estes, e que se alguém se nega a comer ou joga um membro qualquer dessa abominável comida, deve-se comer aquele que não come? Ainda se encontra uma voz mais ímpia, a de Diógenes, que ensina os filhos a levar seus próprios pais para serem sacrificados e depois comê-los. O que mais? O historiador Heródoto não conta que Cambises degolou os filhos de Harpago e os serviu cozidos para o pai? Também conta que entre os indianos os pais são comidos por seus filhos. Que ímpio ensinamento dessas pessoas que registram tais coisas e até as professam! Que impiedade o ateísmo, que especulações, daqueles que filosofam tão acuradamente e propagam filosofia. Com

efeito, os que es-palham tais doutrinas encheram o mundo de impiedade.

6. De fato, no que se refere à união ilegítima, todos os que se extraviaram no coro dos filósofos estão de acordo. Em primeiro lugar Platão, que dentre eles parece ser o que filosofou com mais profundidade. No livro primeiro da *República* legisla expressamente, digamos assim, que as mulheres de todos devem ser comuns, alegando o exemplo de Minos, filho de Zeus e legislador dos cretenses, a fim de que, sob esse pretexto, os nascimentos sejam numerosos e que, com tais costumes, sejam consolados os que se acham tristes. Além disso, Epicuro, não contente de ensinar o ateísmo, aconselha a relação carnal com mães e irmãs, mesmo transgredindo as leis que o proíbem. Sólon também legislou com toda clareza sobre isso, dizendo que os filhos devem nascer de matrimônio legítimo e não de adultério, para que não se honre como pai aquele que não é pai e se desonre, por ignorância, aquele que o é. Digamos o mesmo do resto que as leis dos romanos e gregos proíbem. Então, com que finalidade Epicuro e os estóicos afirmam como dogma as uniões de irmãos e a pederastia e encheram as bibliotecas com esses ensinamentos, para que se aprenda a união ilegítima desde criança? Não compensa, porém, gastar o tempo com isso, pois propagam coisas semelhantes a respeito do que eles chamam deuses.

7. Com efeito, depois de afirmar a existência dos deuses, em seguida os reduzem a nada. Porque uns afirmaram que se compõem de átomos; outros, que vão dar nos átomos e que eles não têm mais poder do que os homens. Platão, depois de dizer que os deuses existem, quer que eles sejam compostos de matéria. Pitágoras, que se fatigou tanto sobre o problema dos deuses, que viajou de um lado para outro, por fim separa a natureza e diz que é o acaso que rege tudo e que os deuses não se importam em nada com os homens. E o que excogitou o acadêmico Clitômaco para demonstrar o ateísmo! O que falar de Crítias e Protágoras de Abdera, que diz: “Sobre os deuses, não posso dizer se existem, nem manifestar qual seja sua natureza, pois existem muitas coisas que me impedem.” Seria supérfluo citar as teorias do ímpio Evêmero que, atrevendo-se a falar longamente sobre os deuses, termina dizendo que absolutamente não existem, e quer que tudo seja governado pelo puro acaso. Platão, que falou tantas coisas sobre a monarquia de Deus e sobre a alma do homem, afirmando que ela é imortal, depois também não se contradiz, dizendo que as almas emigram para outros homens e que as almas de alguns vão parar até em animais irracionais? Como é que tal doutrina não se mostrará funesta e sacrílega para os que possuem inteligência sã, isto é, que quem foi homem se transforme em lobo, cão, asno ou qualquer outro animal irracional? Encontramos tolices semelhantes naquilo que Pitágoras disse, além de eliminar a providência. Então, em que vamos acreditar? No cômico Filêmon, que diz: “Porque os que honram a Deus têm belas esperanças de salvar-se”, ou nos citados Evêmero, Epicuro, Pitágoras e outros que negam haver religião e destroem a providência? Em todo caso, eis o que Ariston diz sobre Deus e a providência:

“— Coragem! É costume de Deus ajudar aqueles que o merecem e de modo poderoso. De fato, se não existisse uma preeminência estabelecida para os que vivem como se deve, para que serviria a religião?

— Deveria ser assim, mas com muita frequência vejo aqueles que se decidem viver religiosamente fazê-lo de modo estranho, enquanto os que buscam apenas o próprio interesse levam existência mais honrosa que nós.

— Talvez no presente. Contudo, é preciso olhar mais longe e esperar a transformação de todas as coisas. Esta não será como na opinião funesta e perniciosa à vida, que se fortaleceu entre alguns, segundo a qual tudo é puro ímpeto do acaso e tudo se decide conforme aparece. Sem dúvida, os ímpios julgam que isso traz vantagem para seus próprios interesses. Entretanto, há também uma

preeminência para os que vivem santamente e para os ímpios, como convém, um desejo. Porque sem providência não acontece nada.”

Quanto ao que os outros disseram sobre Deus e a providência, e pode-se dizer que são a maioria, pode se ver como suas doutrinas são contraditórias. Uns eliminaram completamente Deus e a providência; outros, ao contrário, admitem Deus e confessam que tudo é governado por uma providência. Portanto, o ouvinte ou leitor inteligente deve prestar acurada atenção ao que se diz, de acordo com Similo: “Comumente se costuma chamar de poetas tanto aqueles que são naturalmente mal dotados e os de excelentes dotes. Dever-se-ia fazer distinção.” A mesma coisa Filêmon: “É insuportável um ouvinte néscio ali sentado. Por sua tolice nunca repreende a si mesmo.” Deve-se, portanto, prestar atenção e compreender o que se diz, examinando anteriormente as afirmações dos filósofos e demais poetas.

**8.** De fato, começam negando a existência dos deuses, depois a confessam e nos contam que eles praticam ações abomináveis. Zeus é o primeiro. Aí estão os poetas que proclamam suas ações em versos melodiosos. Não foi o grande charlatão de Crisipo que mostrou que Hera uniu-se a Zeus por sua impura boca? Para que enumerar as impudicícias da chamada mãe dos deuses, ou de Zeus Lacial, sedento de sangue humano, ou de Átis, o mutilado? Ou aquele Zeus, com o sobrenome de Trágico, que queimou sua própria mão, como dizem, e agora é honrado como deus entre os romanos? Passo em silêncio os templos de Antinoo e dos outros pretensos deuses. Essas histórias todas são motivo de riso para os homens inteligentes. Na verdade, os que professam tal filosofia são levados ao ateísmo por suas próprias doutrinas, assim como à poligamia e à inversão. Além disso, em seus escritos encontra-se a antropofagia, e os primeiros que fizeram tudo isso são os deuses que eles honram.

### *Excelência da moral cristã*

**9.** Nós, porém, confessamos a Deus, mas um só, o criador, o autor e artífice de todo este mundo, e sabemos que tudo é governado por sua providência, mas somente pela sua. E aprendemos uma lei santa, mas temos como legislador o verdadeiro Deus, que nos ensina a agir justa, religiosa e santamente. Sobre a religião e a piedade ele diz: “Não terás deuses estranhos além de mim. Não fabricarás para ti imagem alguma de tudo o que há acima no céu, nem abaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não os adorarás, nem os servirás, porque eu sou o Senhor teu Deus.”

Sobre o agir santamente ele diz: “Honra teu pai e tua mãe, para que tudo te corra bem e tenhas longa vida sobre a terra que eu te dou, eu o Senhor Deus.” E sobre a justiça: “Não cometerás adultério. Não matarás. Não roubarás. Não levantarás falso testemunho contra o teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem a sua casa, nem o seu campo, nem o seu escravo, nem a sua escrava, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem qualquer animal seu, nem qualquer coisa que pertença ao teu próximo. Não distorcerás o julgamento ao julgar o pobre. Tu te afastarás de toda palavra injusta. Não matarás o inocente e justo. Não absolverás o ímpio, nem aceitarás suborno, pois o suborno cega os olhos dos que vêem e destroem as palavras justas.” O ministro dessa lei santa foi Moisés, também servo de Deus. Foi dada para o mundo inteiro, embora primeiro para os hebreus, também chamados judeus. O rei do Egito os havia reduzido à escravidão, apesar de serem uma descendência justa de homens religiosos e santos, de Abraão, de Isaac e Jacó. Deus, porém, lembrou-se deles e, realizando maravilhas e prodígios por meio de Moisés, libertou-os milagrosamente e os tirou do Egito, conduzindo-os através do assim chamado deserto, e finalmente os estabeleceu na terra de Canaã, que depois foi chamada Judéia, deu-lhes a lei e lhes ensinou tudo isso. Os dez pontos principais dessa grande e admirável lei, que vale para toda a justiça, são os que acabamos de citar.

**10.** Os judeus residiram no Egito como estrangeiros, pois de raça eram hebreus procedentes da

Caldéia. Tendo havido naquele tempo uma fome, tiveram que emigrar para o Egito, a fim de comprar mantimentos e com o tempo aí se estabeleceram. Então aconteceu a eles conforme a predição de Deus. Depois de viverem como forasteiros no Egito durante quatrocentos e trinta anos, quando Moisés os levou para o deserto, Deus lhes ensinou por meio da lei, dizendo: “Não oprimirás o estrangeiro, porque vós conheceis a alma do estrangeiro, pois fostes estrangeiros na terra do Egito.”

**11.** Ora, o povo transgrediu a lei que lhe fora dada. Deus, porém, que é bom e misericordioso, não querendo que perecessem, além de ter-lhes dado a lei, mandou-lhes depois profetas dentre seus irmãos, para que lhes ensinassem e recordassem as coisas da lei e levá-los à penitência para que não pecassem mais. Contudo, como eles se obstinassem em suas más ações, os profetas lhes predisseram que seriam submetidos a todos os reinos da terra. E é evidente que isso lhes aconteceu. Portanto, sobre a penitência, o profeta Isaías diz a todos em geral, mas particularmente ao povo: “Buscai o Senhor e, ao encontrá-lo, invocai-o. Quando ele se aproximar de vós, que o ímpio abandone os próprios caminhos e o homem iníquo seus conselhos, e convertam-se ao Senhor seu Deus. Ele se compadecerá e largamente perdoará os vossos pecados.” Ezequiel, outro profeta, diz: “Se o iníquo se converte de todas as iniquidades que praticou, guarda os meus mandamentos e pratica a minha justiça, viverá com vida e não morrerá; não se lembrará de todas as iniquidades que praticou, mas viverá pela justiça que praticou, porque eu não quero a morte do iníquo, diz o Senhor, e sim que ele se converta de seu mau caminho e viva.” E Isaías acrescenta: “Convertei-vos, vós que alimentais um desígnio que conduz ao abismo e ao crime, para que vos salveis.” E Jeremias diz: “Convertei-vos ao Senhor vosso Deus, como o vindimador ao seu cesto, e encontrareis misericórdia.” Muitas outras coisas, ou melhor, coisas inumeráveis dizem as santas Escrituras sobre a penitência, pois Deus sempre quer que o gênero humano se converta de todos os seus pecados.

**12.** Além disso, sobre a justiça de que a lei fala, vemos que os profetas e os evangelhos estão de acordo, pois todos, portadores de espírito, falaram pelo único Espírito de Deus. Isaías diz o seguinte: “Tirai as maldades de vossas almas, aprendei a fazer o bem, buscai o direito, libertai o oprimido, julgai o órfão e fazei justiça à viúva.” E ainda: “Desata as amarras da iniquidade, rompe os laços dos contratos violentos, deixa ir os oprimidos em liberdade, rasga todo contrato injusto, reparte o teu pão com o faminto e recolhe em tua casa os mendigos sem teto. Se vês alguém nu, veste-o, e não te afastes com desprezo daqueles que pertencem à tua própria descendência. Então a tua luz brilhará como a aurora, tuas feridas logo serão curadas e tua justiça caminhará diante de ti.” De modo semelhante Jeremias diz: “Parai nos caminhos, olhai e perguntai qual é o caminho do Senhor vosso Deus, o caminho bom; caminhai por ele e encontrareis descanso para vossas almas. Daí sentenças justas, porque essa é a vontade do Senhor vosso Deus.” De modo semelhante também Oséias diz: “Observai o direito e aproximai-vos do Senhor vosso Deus, que firmou o céu e alicerçou a terra.” Joel, outro profeta, de acordo com eles, diz: “Reuni o povo, santificai a assembléia, recebei os anciãos, juntai as crianças que mamam nos peitos; que o esposo saia de seu quarto nupcial e a esposa de seu leito; rogai com insistência ao Senhor vosso Deus, a fim de que ele se compadeça de vós, e ele apagará vossos pecados.” Do mesmo modo Zacarias, outro profeta, diz: “Eis as palavras do Senhor Onipotente: julgai com verdadeira justiça e cada um pratique a misericórdia e a compaixão com o seu próximo; não oprimai a viúva, o órfão e o estrangeiro; não guardeis rancor em vossos corações contra o vosso irmão, diz o Senhor Onipotente.”

**13.** Quanto à pureza, a palavra santa não só nos ensina a não pecar por atos, mas também por pensamento, sequer pensar em nosso coração sobre alguma coisa má ou desejar a mulher alheia, olhando-a com os olhos. Com efeito, Salomão, que foi rei e profeta, diz: “Que teus olhos vejam o que

é reto e tuas pálpebras se inclinem para o que é justo; que teus pés só percorram o caminho reto.” E a voz do Evangelho diz ainda mais expressamente sobre a castidade: “Todo aquele que olha a mulher alheia para desejá-la, já cometeu adultério com ela em seu coração. Aquele que se casa com a que foi repudiada por seu marido, comete adultério; e aquele que repedia sua mulher, exceto pelo motivo de fornicção, faz com que ela cometa adultério.”

Salomão diz ainda: “Pode alguém carregar fogo em sua veste e não queimar a sua roupa? Ou caminhar sobre brasas e não queimar os pés? Do mesmo modo, quem entra na casa da mulher casada não será inocente.”

**14.** Quanto a não termos benevolência apenas com os de nosso próprio grupo, como pensam alguns, o profeta Isaías diz: “Dizei aos que vos odeiam e abominam: ‘Sois nossos irmãos’, a fim de que seja glorificado o nome do Senhor e seja visto na alegria deles.” E o Evangelho diz: “Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos caluniam. Com efeito, se amais os que vos amam, que recompensa tendes? Também os salteadores e publicanos fazem isso. “Aos que praticam o bem, ele os ensina a não se glorificar, a fim de não agradarem aos homens: “Que a tua mão esquerda não saiba o que faz a tua mão direita.”

A palavra divina também manda que nos submetamos aos magistrados e autoridades e a orar por eles, a fim de levar uma vida calma e tranqüila. Também nos ensina a dar a todos o que lhes convém. A honra, a quem se deve a honra; o temor, a quem se deve o temor; o tributo, a quem se deve o tributo; e não dever nada a ninguém, mas apenas amar a todos.

### *Acusações precipitadas*

**15.** Considera, portanto, se aqueles que recebem tais ensinamentos podem viver indiferentemente ou manchar-se com uniões ilegítimas, ou então, o que supera toda impiedade, alimentar-se de carnes humanas. Na verdade, somos proibidos até de assistir aos espetáculos de gladiadores, a fim de não participarmos e não nos tornarmos cúmplices daquelas mortes. Também não devemos ver os outros espetáculos, para que nossos olhos e ouvidos não fiquem impuros ao participar do que ali se canta. De fato, se se fala de antropofagia, ali são devorados os filhos de Tiestis e Tereu; se se fala de adultério, ali se representam tragédias em que não só os homens as cometem, mas também os próprios deuses. Coisas que são contadas em versos melodiosos e não sem honras e prêmios.

Longe dos cristãos sequer passar-lhes pelo pensamento fazer essas coisas. Entre eles há temperança, exercita-se a continência, observa-se a monogamia, guarda-se a castidade, aniquila-se a injustiça, arranca-se o pecado pela raiz, medita-se a justiça, cumpre-se a lei, pratica-se a religião, confessa-se a Deus, a verdade decide como árbitro, a graça guarda, a paz protege, a palavra santa dirige, a sabedoria ensina, a vida decide e Deus reina.

Poderíamos dizer muito mais coisas sobre o comportamento que se vive entre nós e sobre as justificações de Deus, artífice de toda criatura. Por enquanto, porém, basta o que recordamos, a fim de que tu o saibas, sobretudo pelo que lês até agora e, já que foste estudioso até o presente, o sejas também daqui para frente.

### *Antiguidade da tradição cristã*

**16.** Quero agora mostrar-te com mais precisão, com a ajuda de Deus, nossa posição no tempo, para que reconheças que a nossa doutrina não é recente, e nem fabulosa, e sim mais antiga e verdadeira do que todos os poetas e historiadores que escreveram sobre o incerto.

Uns, dizendo que o mundo era incriado, terminaram no infinito; outros, que o disseram criado, falaram que já se haviam passado quinze miríades e três e setecentos e cinco anos. Isso é contado por

Apolônio, o egípcio. Platão, que parece ter sido o mais sábio dos gregos, por quantas tolices não enveredou? Na chamada *República* encontra-se literalmente: “Se as coisas permaneceram o tempo todo dispostas como estão agora, como se poderia encontrar alguma coisa de novo? É que durante uma miríade de miríades de anos as pessoas não perceberam o tempo e só há mil ou dois mil anos tornaram-se manifestas as primeiras descobertas, umas por Dédalo, outras por Orfeu, e outras por Palamedes.” Dizendo que assim aconteceu, ele mostra que do dilúvio até Dédalo passou-se uma miríade de miríades de anos. Depois de falar longamente de cidades espalhadas pelo mundo, de habitantes e povos, ele confessa que falou de tudo isso por conjectura. De fato, ele diz: “Em todo caso, estrangeiro, se um deus nos promettesse começar de novo as discussões sobre as leis, das palavras agora ditas...” É claro que falou por conjectura e, se falou por conjectura, o conseqüentemente que ele disse não é verdade.

### *Necessidade da inspiração*

**17.** Portanto, vale mais tornar-se discípulo da lei divina. O próprio Platão reconheceu o que não é possível aprender de outra maneira que é exato, a não ser que Deus nos ensine pela lei. Além disso, os próprios poetas Homero, Hesíodo e Orfeu não disseram que foram ensinados pela presciência divina? E dizem ainda que no tempo dos historiadores houve adivinhos e conhecedores do futuro e que aqueles que aprenderam com eles escreveram com exatidão. Tanto mais não saberemos nós a verdade, que aprendemos com os santos profetas, os quais receberam o santo Espírito de Deus? É por isso que todos os profetas disseram coisas que concordavam entre si e anunciaram de antemão o que deveria acontecer para todo o mundo. Com efeito, o cumprimento das coisas anteriormente anunciadas e que agora se realizam pode muito bem ensinar aos estudiosos, ou melhor, aos amantes da verdade, que também são verdade as coisas por eles ditas a respeito dos tempos e situações anteriores ao dilúvio, desde a criação do mundo até hoje, junto com a computação dos anos, demonstrando assim a charlatanice enganadora dos historiadores e que não é verdade o que estes disseram.

### *A história do dilúvio*

**18.** Platão, como dissemos antes, depois de afirmar que houve dilúvio, disse que não atingiu toda a terra, mas só as planícies, e que os que fugiram para as montanhas mais altas se salvaram. Outros dizem que existiram Deucalião e Pirra, que somente estes se salvaram numa arca, e que Deucalião, depois de sair da arca, foi jogando pedras para trás e que dessas pedras nasceram homens. Dizem que é daí que vem o nome “povos” dado à multidão de homens. Outros disseram que Clímeno existiu por ocasião do segundo dilúvio.

É evidente que aqueles que escreveram essas coisas e assim inutilmente filosofaram sejam miseráveis, totalmente ímpios e néscios. Ao contrário, nosso profeta explicou como aconteceu o dilúvio, sem ter que inventar um Deucalião, ou uma Pirra, ou Clímeno, nem que se deu apenas nas planícies e salvando-se somente os que se refugiaram nas montanhas.

**19.** Também não disse que houve um segundo dilúvio; ao contrário, disse que não acontecerá no mundo outro dilúvio de água, como de fato não houve, nem haverá. Conta que foram oito pessoas que se salvaram na arca, construída por ordem de Deus não através de Deucalião, mas por aquele que em hebraico se chama Noé e é interpretado em grego como “descanso”. Em outro livro, mostramos como Noé, anunciando aos homens que o dilúvio viria, profetizou-lhes, dizendo: “Vinde, Deus vos chama à penitência”.<sup>p</sup> Por isso, com toda a propriedade, foi chamado Deucalião. Esse Noé tinha três filhos, como mostramos no segundo livro, cujos nomes eram Sem, Cam e Jafé. Cada um deles tinha sua

mulher, assim como Noé tinha a sua. Alguns dão o nome de Eunuco a esse homem. Portanto, no total, se salvaram oito vidas humanas, aquelas que se encontravam na arca. Moisés mostrou que o dilúvio durou quarenta dias e quarenta noites, durante os quais as cataratas do céu se romperam e todas as fontes do abismo jorraram, de modo que a água se ergueu quinze côvados acima dos montes mais altos. Desse modo todo o gênero humano então existente pereceu, salvando-se apenas os oito que foram preservados na arca, dos quais falamos antes. Os restos dessa arca até hoje são mostrados nos montes da Arábia.<sup>4</sup> Essa é, em resumo, a história do dilúvio.

### *Data de Moisés*

**20.** Como já dissemos antes, Moisés conduziu os judeus, quando estes foram expulsos do Egito pelo rei faraó, cujo nome é Tetmósis. Segundo dizem, depois da expulsão do povo, este reinou vinte e cinco anos e quatro meses, conforme a contagem de Maneton. Depois dele, Cebron reinou treze anos; depois deste, reinou Amenófis por vinte anos e sete meses; depois deste, sua irmã Amesa reinou vinte e um anos e um mês; depois dela, Mefres reinou doze anos e nove meses; depois, Meframutósis reinou vinte anos e dez meses; depois deste, Titmósis reinou nove anos e oito meses; depois deste, Damfenófis reinou trinta anos e dez meses; depois deste, Oros reinou trinta e cinco anos e cinco meses; a filha deste reinou dez anos e três meses; depois dela, reinou Merqueres durante doze anos e três meses; depois, Armais reinou quatro anos e um mês; depois deste, Ramsés reinou um ano e quatro meses; depois Messes, filho de Miamo, reinou seis anos e dois meses; depois deste, Amenófis reinou dezenove anos e seis meses; depois Seto e Ramsés, que reinaram dez anos, os quais tinham fama de possuir grandes forças de cavalaria e grande frota em seu tempo.

Quanto aos hebreus, que naquele tempo viviam como forasteiros no Egito, submetidos à escravidão pelo rei Tetmósis, do qual falamos, construíram para ele as cidades fortificadas de Peito, Ramesen e On, que é Heliópolis. Assim se demonstra que os hebreus são mais antigos do que as mais famosas cidades daquela época entre os egípcios. Eles são os nossos antepassados e deles recebemos também os livros sagrados que são, como já dissemos, mais antigos do que todos os historiadores. O Egito deriva seu nome do rei Seto, pois dizem que Seto equivale a Egito. Seto tinha um irmão chamado Armais. É este que é chamado de Dânaos, e foi ele que veio do Egito para Argos; dele fazem menção todos os historiadores como sendo muito antigo.

**21.** O egípcio Maneton, depois de muitas tolices e até injúrias contra Moisés e os hebreus que o acompanhavam, insinuando que foram expulsos do Egito como leprosos, não soube dizer exatamente a época. Chamando os hebreus de pastores e inimigos dos egípcios, disse que eram pastores forçado, convencido pela verdade. De fato, nossos antepassados foram pastores, habitando como peregrinos no Egito, mas não leprosos. Com efeito, ao chegarem à terra chamada Jerusalém, onde em seguida habitaram, é claro como seus sacerdotes, que permaneciam no templo por ordem de Deus, curavam toda enfermidade, entre elas a lepra e qualquer outro defeito. O templo foi construído por Salomão, rei da Judéia.

É evidente que Maneton se equivoca na cronologia por suas próprias palavras, e também a respeito de quem os expulsou, cujo nome era Faraó. Ele não reinou mais sobre os egípcios, pois, saindo em perseguição aos hebreus, afogou-se com o seu exército no mar Vermelho. Ele também se equivoca dizendo que aqueles que ele chama de pastores, guerrearam contra os egípcios, porque eles saíram do Egito e povoaram a terra que agora se chama Judéia, trezentos e treze anos antes da chegada de Dânaos a Argos. É claro que este é tido como o mais antigo pela maior parte dos escritores gregos. Através de seus escritos, mesmo sem querer, Maneton disse a verdade em dois pontos: em tê-los chamado de pastores e afirmado que saíram do Egito. Por esses dados fica demonstrado que Moisés



e os seus são novecentos ou mil anos anteriores à guerra de Tróia.

### *Data do templo*

**22.** Sobre a construção do templo da Judéia, edificado pelo rei Salomão quinhentos e sessenta e seis anos depois da saída do Egito, entre os tírios se guardam documentos de como ele foi construído; nos arquivos deles conservam-se escritos onde consta que o templo foi construído cento e trinta e quatro anos e oito meses antes da fundação de Cartago pelos tírios. Esses documentos foram consignados pelo rei dos tírios chamado Hiéramo ou Hiram, filho de Abibal, rei dos tírios, pois este, por tradição paterna, tornou-se amigo de Salomão, também por causa da extraordinária sabedoria de Salomão. Um e outro se exercitavam continuamente com os problemas e disso dão testemunho as cartas que dizem ainda estar conservadas entre os tírios; e também enviavam escritos um ao outro.

O mesmo é lembrado por Menandro de Éfeso em suas histórias dos reis de Tiro, onde ele diz: “Quando morreu Abibal, rei dos tírios, seu filho Hieromo herdou o reino e viveu cinqüenta e três anos. A este sucedeu Bazorro, que viveu quarenta e três anos e reinou dezessete. Depois dele, veio Metnastarto, que viveu cinqüenta e quatro anos e reinou nove. Os quatro filhos de sua nutriz conspiraram contra ele e o mataram; o maior dos conjurados reteve a coroa durante doze anos. Depois deles, Astarto, filho de Deliostarto, viveu cinqüenta e quatro anos e reinou doze. Depois dele, seu irmão Atárimo viveu cinqüenta e oito anos e reinou nove. Este foi morto pelo seu irmão chamado Heles, que viveu cinqüenta anos e reinou oito. Foi morto por Iutobal, sacerdote de Astarte, que viveu cinqüenta anos e reinou doze. Depois dele, veio seu filho Bazorro, que viveu quarenta e cinco anos e reinou sete. Meten, filho deste, viveu trinta e dois anos e reinou vinte e nove. A ele sucedeu Pigmalião, que viveu cinqüenta e seis anos e reinou sete. No sétimo ano do seu reinado, sua irmã fugiu para a Líbia e edificou a cidade que até hoje se chama Cartago. Portanto, todo o tempo que vai desde o reinado de Hieromo até a fundação de Cartago se reduz a cento e cinqüenta e cinco anos e oito meses. O templo foi edificado em Jerusalém no ano doze do reinado de Hieromo, de modo que o tempo que vai da edificação do templo até a fundação de Cartago é de cento e trinta e três anos e oito meses.

**23.** Basta o que dissemos sobre o testemunho dos fenícios e egípcios, tal como aparece nas histórias escritas sobre nossas antiguidades pelo egípcio Maneton, pelo efésio Menandro e pelo próprio Josefo, o cronista da guerra dos judeus, feita contra eles pelos romanos. Através desses antigos demonstram-se que os escritos dos outros são posteriores aos que nos foram dados por Moisés e mesmo aos dos profetas posteriores.

### *Data do último profeta*

De fato, o último dos profetas, chamado Zacarias, exerceu sua atividade no reinado de Dario. Também vemos que os legisladores editaram suas leis posteriormente. Com efeito, se se cita Sólon, o ateniense, este viveu nos tempos dos reis Ciro e Dario, contemporâneo do profeta Zacarias e até muitos anos posterior. Se se trata dos legisladores Licurgo, Draco ou Minos, nossos livros sagrados ganham deles em antiguidade, pois demonstra-se que os escritos da lei divina, que nos foi dada por Moisés, são anteriores ao próprio Zeus, rei dos cretenses, e até à guerra de Tróia.

### *Cronologia do mundo*

Todavia, para fazer uma demonstração mais exata de toda essa cronologia, vamos, com a ajuda de Deus, traçar a história não só dos tempos anteriores ao dilúvio, mas também dos posteriores. Daremos, no que for possível, o número de todos eles, remontando à própria origem da criação do



mundo, tal como foi consignada por Moisés, servo de Deus, sob a inspiração do Espírito Santo. Com efeito, depois de falar da criação e origem do mundo, do primeiro homem e do que aconteceu depois, ele também indicou os anos que se passaram antes do dilúvio. De minha parte, peço a graça do único Deus para dizer com exatidão toda a verdade, conforme a sua vontade, a fim de que também tu e todo aquele que ler isto seja guiado pela verdade e pela sua graça. Vou, portanto, começar pelas genealogias que foram consignadas, isto é, desde o primeiro homem, que serve de ponto de partida.

**24.** Adão, até ter o seu primeiro filho, viveu duzentos e trinta anos; seu filho Set viveu duzentos e cinco anos. Enós, filho deste, viveu cento e noventa anos; Cainã, filho deste, cento e setenta; Malaleel, filho deste, cento e sessenta e cinco; Jareta, filho deste, cento e sessenta e dois; Henoc, filho deste, cento e sessenta e cinco; Matusala, filho deste, cento e sessenta e sete; Lamec, filho deste, cento e oitenta e oito; este gerou o já mencionado Noé, que, com quinhentos anos, gerou Sem. No seu tempo, quando tinha seiscentos anos, aconteceu o dilúvio. Portanto, o total de anos até o dilúvio é de dois mil, duzentos e quarenta e dois anos.

Logo depois do dilúvio, Sem, com cem anos, gerou Arfaxad. Com cento e trinta e cinco anos, Arfaxad gerou Sala. Aos cento e trinta anos, Sala teve o filho Héber, e este por sua vez gerou aos cento e trinta e quatro anos. Da descendência dele veio a denominação de hebreus. Seu filho Faleg foi pai aos cento e trinta anos. Ragã, filho deste, foi pai aos cento e trinta e dois anos; Nacor, filho deste, foi pai aos setenta e cinco; Tarra, filho deste, foi pai aos setenta; Abraão, filho deste, foi o nosso patriarca e gerou Isaac aos cem anos. Antes de ter filhos, Isaac viveu sessenta anos e gerou Jacó. Jacó viveu cento e trinta anos, até a emigração para o Egito, antes mencionada, e a permanência dos hebreus no Egito durou quatrocentos e trinta anos. E depois de sair da terra do Egito, passaram quarenta anos no deserto. Portanto, o total de anos é de três mil novecentos e trinta e oito. Depois que Moisés morreu, sucedeu-lhe no comando Josué, filho de Nave, que os chefou durante vinte e sete anos.

Depois de Josué, o povo transgrediu os mandamentos de Deus e ficou submetido por oito anos ao rei da Mesopotâmia, chamado Cusaraton. Depois o povo se arrependeu e teve juízes: Gotonoel, durante quarenta anos; Eglon durante dezoito; Aot durante oito. Depois, por causa de seus pecados, foram durante vinte anos dominados pelos estrangeiros. Em seguida, Débora os julgou durante quarenta anos. Depois os madianitas os dominaram por sete anos. Gedeão os julgou quarenta; Abimelec três; Tola vinte e três; Jair vinte e dois. Depois os filisteus e os amonitas os dominaram durante dezoito anos. Depois Jefté os julgou por seis anos, Esbon sete, Ailon dez, Abdon oito anos. Depois os estrangeiros os dominaram por quarenta anos. Depois Sansão os julgou vinte anos e, em seguida, tiveram paz durante quarenta anos. Depois Samera os julgou um ano, Heli vinte e Samuel doze anos.

**25.** Depois dos juízes, houve reis entre eles. O primeiro deles foi Saul, que reinou vinte anos; depois Davi, nosso antepassado, que reinou quarenta anos. Portanto, o total de anos até Davi é de quatrocentos e noventa e oito. Depois desses, reinou Salomão durante quarenta anos, que foi o primeiro a construir o templo de Jerusalém, conforme o desígnio de Deus. Depois dele, Roboão reinou dezessete anos; depois deste, Abias sete; depois deste, Asa quarenta; depois deste, Josafã vinte e cinco; depois deste, Jorão oito; depois deste, Ocozias um; depois deste, Gotolia seis; depois deste, Joás quarenta; depois deste, Amasis trinta e nove; depois deste, Ozias cinqüenta e dois; depois deste, Manassés cinqüenta e cinco; depois deste, Amós dois; depois deste, Josias trinta e um; depois deste, Ocas três meses; depois deste, Joaquim onze anos; depois deste, outro Joaquim três meses e dez dias; depois deste, Sedecias onze anos.

Depois dos reis, como o povo continuava em seus pecados e não se convertia, segundo o profeta

Jeremias, subiu até a Judéia um rei da Babilônia, chamado Nabucodonosor, levou o povo judeu para a Babilônia e destruiu o templo edificado por Salomão. O povo permaneceu setenta anos no exílio da Babilônia. Portanto, o total de anos até o estabelecimento na Babilônia é de quatro mil, novecentos e cinquenta e quatro anos.

Contudo, do mesmo modo como Deus, através do profeta Jeremias, predissera que o povo viveria exilado na Babilônia, também anunciou de antemão que voltariam para a sua terra depois de setenta anos. Cumpridos os setenta anos, veio Ciro, rei dos persas, que, conforme a profecia de Jeremias, no segundo ano de seu reinado, emanou por escrito um decreto, pelo qual todos os judeus existentes em seu reino voltariam para seu país e reedificariam a Deus o templo destruído pelo mencionado rei da Babilônia. Além disso, por disposição de Deus, Ciro ordenou a seus próprios guardas Sabessaro e Mitridates para que os utensílios tomados por Nabucodonosor do templo da Judéia fossem devolvidos e recolocados no templo. Assim, no segundo ano de Dario, cumpriram-se os setenta anos preditos por Jeremias.

### *Transcendência da história sagrada*

**26.** Pode-se ver, assim, como nossos livros sagrados são mais antigos e mais verdadeiros que os dos historiadores gregos, egípcios ou de outros. Na verdade, Heródoto, Tucídides e os outros historiadores costumam iniciar seus relatos mais ou menos nos reinados de Ciro e Dario, por não poderem dizer nada de exato sobre épocas anteriores. O que é que disseram de grande, se apenas nos falaram de Dario e Ciro, reis bárbaros; entre os gregos, de Sópiro e Hípias; das guerras de atenienses e lacedemônios; das façanhas de Xerxes e Pausânias, que quase morre de fome no templo de Atenas; de Temístocles e da guerra do Peloponeso; de Alcebíades e Trasíbulo? Não nos interessa assunto de muitas palavras, mas esclarecer a quantidade de tempo passado desde a constituição do mundo, convencendo da inanidade e charlatanice os historiadores, pois não se trata, como disse Platão, de duas miríades de miríades de anos desde o dilúvio até seu tempo, nem de quinze miríades, trezentos e setenta e cinco anos, como dissemos que afirma o egípcio Apolônio. O mundo também não é incriado, nem o acaso rege tudo, como sonharam Pitágoras e outros, mas é criado e governado pela providência de Deus, que o criou. Com isso se esclarece o conjunto do tempo e os anos, para aqueles que querem obedecer à verdade. Entretanto, para que não pareça que chegamos apenas até Ciro e descuidamos das épocas posteriores, porque não podíamos completar a nossa demonstração, com a ajuda de Deus procurarei ordenar também, no que for possível, a cronologia das épocas seguintes.

### *História contemporânea*

**27.** Ciro reinou trinta e oito anos e foi morto por Tomíris na Massagétia, durante a sexagésima segunda Olimpíada. A partir daí, os romanos se engrandeceram, com a força de Deus. Roma tinha sido fundada por Rômulo, que se conta ter sido filho de Marte e Ilia, na sétima Olimpíada, dezessete dias antes das calendas de maio, quando então o ano era contado em dez meses. Morto Ciro, como dissemos, na sexagésima segunda Olimpíada, o tempo desde a fundação de Roma corresponde a duzentos e vinte anos, quando Tarquínio, o Soberbo, comandava os romanos. Este foi o primeiro que desterrou alguns romanos, corrompeu os jovens e deu direitos de cidadania a eunucos; ele chegou até a violar virgens para depois dá-las em casamento. Por isso, ele foi chamado em latim de “Soberbo”, que significa “Arrogante”. Foi o primeiro a decretar que aqueles que o saudassem fossem saudados por outro. Reinou vinte e cinco anos. Depois dele, assumiram o poder cônsules anuais, tribunos e edis durante quatrocentos e cinquenta e três anos, cujos nomes são muitos e seria supérfluo enumerá-

los. Quem quiser saber, os encontrará nas listas feitas por Crísero, o nomenclador, que foi liberto de M. Aurélio Vero. Ele anotou tudo detalhadamente, nomes e datas, desde a fundação de Roma até a morte do seu patrono, o imperador Vero. Portanto, durante quatrocentos e cinquenta e três anos, magistrados anuais governaram os romanos, como já dissemos. Depois vieram os chamados imperadores: o primeiro, Caio Júlio, que reinou três anos, quatro meses e seis dias; depois Augusto, cinquenta e seis anos, quatro meses e um dia; Tibério, vinte e dois anos; outro Caio, três anos, oito meses e sete dias; Cláudio, treze anos, oito meses e vinte e quatro dias; Nero, treze anos, seis meses e vinte e oito dias; Galba, sete meses e sete dias; Otão, três meses e cinco dias; Vitélio, seis meses e vinte e dois dias; Domiciano, quinze anos, dez meses e vinte e oito dias; Nerva, um ano, quatro meses e dez dias; Trajano, dezenove anos, seis meses e dezesseis dias; Adriano, vinte anos, dez meses e vinte e oito dias; Antonino, vinte e dois anos, sete meses e seis dias; Vero, dezenove anos e dez dias. Assim, os anos dos Césares até a morte do imperador Vero são duzentos e vinte e cinco. Desde a morte de Ciro e do reinado em Roma de Tarquínio, o Soberbo, até a morte do imperador Vero, do qual falamos antes, o total de anos é de setecentos e quarenta e quatro.

### *Racapitulação*

**28.** Resumindo então a cronologia desde a criação do mundo, temos:

Da criação do mundo até o dilúvio, dois mil, duzentos e quarenta e dois anos; do dilúvio ao primeiro filho de Abraão, nosso antepassado, mil, trinta e seis anos; de Isaac, filho de Abraão, até a estada do povo com Moisés no deserto, seiscentos e sessenta anos; da morte de Moisés e do comando de Josué, filho de Nave, até a morte de Davi, nosso antepassado, quatrocentos e noventa e oito anos; da morte de Davi e do reinado de Salomão até a estada do povo na Babilônia, quinhentos e dezoito anos, seis meses e dez dias; do reinado de Ciro até a morte do imperador Aurélio Vero, setecentos e quarenta e um anos. O total de anos, sem contar meses e dias, desde a criação do mundo, é de cinco mil, seiscentos e noventa e cinco anos.

### *Conclusão*

**29.** Tendo reunido o que dissemos sobre a cronologia e tudo o resto, é fácil ver a antiguidade dos textos proféticos e a divindade da nossa doutrina. Esta não é recente, assim como a nossa religião, como pensam alguns, fábula e mentira, ao contrário, mais antiga e mais verdadeira do que a deles. Com efeito, Talo menciona Bel, rei dos assírios, e o Titã Crono, dizendo que Bel lutou com os Titãs contra Zeus e os chamados deuses; aí afirma que Gigos, vencido, fugiu para Tartessos, terra que então se chamava Acté e agora se chama Ática, da qual Gigos era então rei. Não creio ser necessário contar-te de quem as outras terras e cidades receberam seus nomes, pois sobretudo tu conheces suas histórias.

É coisa evidente, portanto, que Moisés é mais antigo do que todos os historiadores (e não somente ele, mas a maior parte dos profetas que lhe sucederam), e mais do que Bel e Crono e a guerra de Tróia. De fato, segundo a história de Talo, Bel é anterior à guerra de Tróia em trezentos e vinte e dois anos, e acima expusemos como Moisés é anterior à tomada de Tróia em novecentos ou mil anos. Como Crono e Bel foram contemporâneos, a maior parte não sabe quem é Crono e quem é Bel. Uns culturam Crono e o chamam de Bel ou Bal, sem saber quem é Crono e quem é Bel. Entre os romanos o chamam de Saturno, e também estes não sabem quem dos dois é, se Crono ou Bel.

Quanto ao início das Olimpíadas, uns dizem que adquiriam caráter religioso a partir de Ifito; conforme outros, a partir de Limo, que também era chamado de Ílio. Acima expusemos a sucessão dos anos e das Olimpíadas. Por fim, segundo as nossas possibilidades, creio que eu disse exatamente

o que se refere à antiguidade de nossas coisas e o número completo dos tempos. Se algum período nos escapou, terá sido, por exemplo, uns cinqüenta, cem ou até duzentos anos; não, porém, dez mil ou mil anos, co-mo disseram Platão, Apolônio e outros que escreveram de forma mentirosa. Talvez também nós não saibamos exatamente o número de todos os anos, porque não se assinalam nas sagradas Escrituras os meses e dias supérfluos.

Além disso, está de acordo com o que dissemos sobre essas épocas Beroso, filósofo caldeu, que foi aquele que deu a conhecer aos gregos a literatura caldéia e disse algumas coisas concordes com Moisés, tanto sobre o dilúvio como sobre muitos outros acontecimentos. Em parte, ele está de acordo também com Jeremias e Daniel; por exemplo, no que aconteceu aos judeus sob o rei da Babilônia, que ele chama de Nabopolassar e os hebreus de Nabu-codonosor. Ele também menciona a destruição do templo de Jerusalém pelo rei dos caldeus e como, no segundo ano do reinado de Ciro, foram postos os alicerces do novo templo, que foi terminado no segundo ano de Dario.

### *As verdadeiras razões do incrédulo*

**30.** Os gregos, porém, não mencionam as histórias verdadeiras. Primeiro, porque só recentemente tiveram conhecimento das letras, coisa que eles mesmos confessam, uns dizendo que foram inventadas pelos caldeus, outros pelos egípcios, outros pelos fenícios; segundo, porque cometeram e continuam cometendo um erro ao não se lembrarem de Deus em seus escritos, mas só assuntos vãos e inúteis. Vê-se como colocam todo seu afã em citar Homero, Hesíodo e outros poetas; sobre a glória do Deus incorruptível e único, porém, não só se esquecem dele, como também o blasfemam. Mais ainda: perseguiram e até hoje continuam perseguindo seus adoradores. Em troca, oferecem prêmios e honras para os que o insultam melodiosamente, mas aos que se esforçam pela virtude e vivem vida santa, eles apedrejam uns, matam outros, e até hoje os submetem a tormentos cruéis. Por isso, necessariamente perderam a sabedoria de Deus e não encontraram a verdade.

### *Exortação final*

Portanto, se te agrada, lê cuidadosamente tudo isso, para que encontres aqui um resumo e um penhor da verdade.

[a](#) A. PUECH, *Les apologistes grecs* (séc.II), p. 210.

[b](#) G. BARDY, *Théophile D'Antioche. Trois Livres A Autolycus*, p. 10-12.

[c](#) *Histoire du dogme de la Trinité*, v. II, p. 510.

[d](#) A. PUCEH, *o.cap.*, p. 210-211.

[e](#) G. Bardy, *o.p.*, p. 53.

[f](#) Teófilo procura demonstrar a existência, a grandeza e a soberania de Deus através das obras criadas e da ordem do mundo.

[g](#) Referência clara ao batismo-crisma.

[h](#) Afirmação expressa da fé na criação “ex nihilo” (do nada).

[i](#) “Sabedoria” aqui significa o Verbo e não o Espírito Santo. Cf. 2,15

[j](#) As expressões “Verbo imanente” e “emitido” são de origem estoica.

[k](#) Já fizemos a observação, na introdução deste livro, que a terminologia de Teófilo a respeito da “tríade” permanece confusa, imprecisa. Ora a “Sabedoria” designa o Verbo, ora o Espírito. Cf. 2,18, por ex.: “(...) mas não se diz a ninguém essa palavra “Façamos”, a não ser a seu próprio Verbo e à sua Sabedoria”.

[l](#) Primeiras especulações da vida intradivina, da geração do Verbo. Mesmo afirmando a divindade do Verbo e sua coeternidade com o Pai, Teófilo não escapa de certa subordinação do Verbo: se o Verbo é Deus igual ao Pai, porque se circunscrever a um lugar?

[m](#) Teófilo retoma a velha idéia dos apologistas anteriores e vai dedicar quase todo o Livro III desta obra para demonstrar a anterioridade de Moisés e dos profetas em relação aos poetas e filósofos pagãos. Trata-se do argumento da antiguidade.

[n](#) Deve-se observar que nem todos os profetas eram rudes, ignorantes ou pastores. Só Amós era passtor. Entre eles encontram-se homens cultos, letrados, de corte como Isaías, Ezequiel, por exemplo.

- [o](#) Antes, cap. 12, Teófilo se esforçara em mostrar a anterioridade dos autores bíblicos sobre os pagãos. Agora diz que isso não tem importância, mas deve-se procurar neles a confluência de doutrina.
- [p](#) Este texto não se encontra em nenhum livro bíblico. Não se sabe em que versão ou em que autor Teófilo obteve este versículo.
- [q](#) Segundo a tradição mais corrente, a Arca teria se estacionado sobre as montanhas da Armênia.

# HÉRMIAS, O FILÓSOFO

## INTRODUÇÃO

### 1. Vida

Deste apologista, sabemos apenas que é autor de uma *Sátira dos filósofos gregos*. No estado atual da pesquisa, torna-se impossível determinar quer a data de seu nascimento, quer a data da composição de sua obra. As opiniões variam entre o final do século II até o século VI. A julgar pelo texto, pela temática, por sua semelhança com alguns apologistas do século II, como Taciano, por exemplo, contrários à filosofia grega, parece mais provável situá-lo pelo final do século II. Porém, identificá-lo com Hérmiias Sozomeno ou com o Hérmiias recordado por Filóstrio de Bréscia e por Agostinho, é tarefa praticamente abandonada, hoje.

### 2. Obra

Trata-se de uma obra de curto fôlego. Ao longo dos 10 capítulos, hérmiias procura mostrar a nulidade da filosofia pagão, indicando as contradições de seus ensinamentos sobre a essência de Deus, do mundo e da alma. Sente-se, pelo seu texto, que não é filósofo de profissão. Mais que filósofo, revela-se um retórico hábil, de estilo vivaz e cheio de ironia. Lança o ridículo sobre seus adversários tanto sobre Platão como sobre Aristóteles. Mas sua crítica é muito superficial, contentando-se em revelar as contradições dos vários filósofos sem enfrentar a crítica interna dos sistemas filosóficos. Sua obra é, portanto, interessante mas sem grande valor, quanto ao fundo da questão. É uma apologia no sentido amplo, enquanto seu ceticismo a respeito dos filósofos pagãos não é senão um aspecto de sua própria fé. Assim, a obra não apresenta nenhuma idéia original a não ser que a filosofia teve sua origem da apostasia dos anjos. Isto explicaria todos os seus desvarios e contradições. A obra não é, portanto, mais que um desfile de opiniões de filósofos que se destroem uns aos outros.

Quanto ao título, *Sátira* é melhor que *Escárnio*. De fato, o título grego traz *diasurmós*, termo relacionado, etimologicamente, com carne, donde, *es-cárnio*, no sentido de fazer, em finas tiras, a pele do vizinho. Mas não é bem o que pretende Hérmiias. Ele não comenta a vida dos filósofos por meio de murmurações e maledicências, mas suas doutrinas contraditórias.

Resta dizer que esta obra não é mencionada em nenhuma parte da literatura cristã antiga. Seu interesse se não é extraordinário, vale como eco fiel da doutrina antiga, de uma posição radical contra o paganismo de alguém que está absorvido pela doutrina cristã.

## BIBLIOGRAFIA

ALFONSI, L., "L'uomo di Protagora in hermia", em *Rivista di Storia della Filosofia* 1, 1946, 320-321.

IDEM, *Ermia filosofo*, Brescia, 1947.

GENNERO, S., *Sullo scherno di Ermia filosofo*, Catarina, 1950.

RIZZO, G. Alfredo, em sua edição italiana desta obra faz uma Introdução e um amplo comentário, Livorno, 1931.

# ESCÁRNIO DOS FILÓSOFOS PAGÃOS

1. <sup>1</sup>O bem-aventurado apóstolo Paulo, escrevendo aos coríntios que habitam a Grécia da região lacônica, disse: “Caríssimos, a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus”. Ao falar assim, ele não errou o alvo, pois parece-me que a sabedoria deste mundo começou com a apostasia dos anjos, e esta é a causa pela qual os filósofos expõem as suas doutrinas sem estar em harmonia ou de acordo entre si.

<sup>2</sup>Dessa forma, alguns deles dizem que a alma é fogo; outros, que é ar (os estóicos); outros, inteligência; outros, movimento (Heráclito); outros, exalação; outros, que é força que emana dos astros; outros, um número que se move (Pitágoras); outros, água fecundante (Hipou); outros, um elemento composto de elementos; outros, harmonia (Dinarco); outros, sangue (Crítias); outros, espírito; outros, mônada (Pitágoras), e... os antigos o contrário. Quantos discursos sobre essas coisas, quantas disputas, quantas discussões de sofistas que discutem por discutir e não para encontrar a verdade!

2. <sup>3</sup>Tudo bem que não estejam de acordo sobre a essência da alma, se afirmassem com unanimidade tudo o mais que disseram sobre ela. Sobre o prazer, por exemplo, alguns dizem que ele é um bem supremo; outros, um mal; outros, alguma coisa entre o bem e o mal. Quanto à sua natureza, alguns a concebem como imortal; outros, mortal; outros, que permanece por um pouco de tempo; outros, que ela se transfere para um animal; outros, que se dissolve nos átomos; outros, que se reencarna três vezes; outros lhe atribuem períodos de três mil anos. Com efeito, pessoas que não chegam a viver cem anos fazem promessas para três mil anos futuros.

<sup>4</sup>O que dizer disso tudo? Ao meu parecer, charlatanice, ou insensatez, ou loucura, ou dissensão, ou tudo ao mesmo tempo. Se encontraram a verdade, estejam ou ponham-se de acordo e eu de boa vontade lhes darei crédito. Contudo, se me arrancam a alma e a arrastam de uma para outra natureza, de uma para outra substância, de uma matéria para outra, confesso que fico incomodado com esse flutuar das coisas. Num momento eu sou imortal e me alegre; pouco depois já sou mortal e começo a chorar; depois me dissolvo em átomos, me transformo em água, me transformo em ar, me transformo em fogo. Logo depois não sou mais nem água, nem ar, nem fogo, mas transformam-me em fera ou me tornam um peixe. Depois sou irmão dos delfins. E quando olho para mim mesmo, fico com medo do meu corpo e já nem sei como chamá-lo: homem, cão, lobo, touro, pássaro, serpente, dragão ou quimera, uma vez que os filósofos me transformam em todo tipo de animais terrestres ou aquáticos, multiformes, selvagens, mansos, mudos, canoros, irracionais ou racionais. Ao mesmo tempo nado e vôo, ou me arrasto, corro e me sento. Ainda por cima, Empédocles me transforma em mata.

3. <sup>5</sup>Assim como os filósofos não foram capazes de encontrar de modo unânime a natureza da alma do homem, menos ainda iriam afirmar a verdade sobre os deuses ou o mundo. Isso é no mínimo um atrevimento, para não dizer uma idiotice. Com efeito, aqueles que não foram capazes de encontrar a própria alma, vão pesquisar a natureza dos deuses; e os que não conhecem o seu próprio corpo, investigam cuidadosamente a natureza do mundo. <sup>6</sup>No que se refere aos princípios da natureza, uns se opõem a outros: Anaxágoras me toma consigo e me dá a seguinte lição: “O princípio do universo é o nous ou inteligência. Ele é o autor e senhor de todas as coisas, que põem ordem no que é desordenado, movimento no que está imóvel, distinção no confuso e beleza no que não é belo”. Gosto de ouvir Anaxágoras dizer isso e adiro ao seu ensinamento. Mas contra ele se levantam Melisso e Parmênides. Parmênides anuncia poeticamente que a essência é coisa única, eterna, imóvel e em tudo semelhante. Sem saber como, eu me transfiro para esse dogma. <sup>7</sup>Parmênides expulsou

Anaxágoras da minha mente. Mas, quando penso estar em posse de um dogma estável, Anaxímenes se intromete, gritando: “Eu, porém, te digo: o universo é ar, e este, condensando-se e solidificando-se, transforma-se em água e terra e, rarefazendo-se e espalhando-se em éter e fogo e, voltando de novo à sua natureza, em ar...” Também me acomodo com isso e torno-me amigo de Anaxímenes.

4. <sup>8</sup>Mas aí está frente a frente Empédocles, resmungando e gritando em alta voz a partir do Etna: “Os princípios do universo são o ódio e a amizade, esta unindo e aquele separando, e a luta entre os dois realiza tudo. Eu os defino como semelhantes e dessemelhantes ilimitados e com limites, como eternos e que têm começo”.

— Bravo, Empédocles! Estou disposto a seguir-te até a cratera do vulcão.

<sup>9</sup>Mas aí está agora Protágoras, puxando-me para outro lado, quando diz: “O limite e o critério das coisas é o homem; o que lhe cai sob os sentidos são coisas, e o que não cai não se encontra entre as espécies da essência.” Lisonjeado com esse raciocínio, fico gostando de Protágoras, pois ele atribui tudo o mais ao homem. <sup>10</sup>Tales, porém, me desvia para outro lado com a verdade, definindo a água como princípio do universo: “Do úmido tudo se compõe e nele tudo se dissolve, e a terra se sustenta sobre a água”. E por que não acreditar em Tales, o mais velho dos jônios? Todavia, o seu concidadão Anaximandro afirma que o movimento eterno é um princípio mais antigo que o úmido, e que por ele algumas coisas nascem e outras perecem. Deve-se, portanto, acreditar em Anaximandro.

5. <sup>11</sup>Mas também não é famoso Arquelau, que afirma que os princípios do universo são o calor e o frio? Todavia o grandiloquente Platão não está de acordo com ele, pois afirma que os princípios do universo são Deus, a matéria e o modelo. Agora sim eu fiquei convencido. Com efeito, como não hei de acreditar no filósofo que inventou o carro de Zeus? Atrás dele, porém, vem o seu discípulo Aristóteles, invejoso do seu mestre pela construção do carro, e define outros princípios: a ação e a passividade. O princípio ativo, que é o éter, é impassível; o passivo tem quatro qualidades: secura, umidade, calor e frio. Com efeito, tudo nasce e morre pela transformação desses princípios. <sup>12</sup>Já estou cansado de ir para cima e para baixo com opiniões diferentes; vou ficar com o que Aristóteles pensa, e que ninguém venha me incomodar com os seus discursos.

6. Mas o que vamos fazer? Acontece que alguns velhos mais antigos do que esses mexem comigo como se eu fosse um boneco. Ferecides, com efeito, diz que os princípios são Zeus, Ctônia e Cronos. Zeus é o éter, Ctônia a terra, e Cronos o tempo. O éter é o princípio ativo, a terra o passivo, e o tempo o elemento em que se encontra aquilo que nasce. Há alguma inveja entre os velhos, pois Leucipo considera tudo isso como tolice e diz que os princípios são o ilimitado, o sempre móvel e o mínimo, e que os corpos das partes mais leves, subindo para o alto, se transformaram em fogo e ar; os mais densos, fixando-se embaixo, transformam-se em terra e água.

<sup>13</sup>Até quando ficarei aprendendo tantas opiniões sem conseguir nenhuma verdade? A não ser que Demócrito me livre de andar errante, afirmando que os princípios são o ser e não-ser, e que o ser é o cheio e o não-ser o vazio. O cheio no vazio, por sua posição e figura, faz o todo. Talvez eu aderisse ao nobre Demócrito e gostasse de estar com ele sorrindo, se eu não fosse dissuadido por Heráclito, que está sempre chorando e que me diz: “O princípio do universo é o fogo e seus estados são dois: a rarefação e a densidade; uma é ativa, a outra passiva; uma une, a outra separa.” Já estou satisfeito e já estou bêbado de tantos princípios.

<sup>14</sup>Mas também Epicuro exorta-me para que eu não despreze sua formosa doutrina sobre os átomos e o vazio, pois é no entrelaçar-se destes que, com seus vários modos e figuras, tudo nasce e perece.

7. Não vou te dizer que não, ó Epicuro, o melhor dos homens! Acontece, porém, que Cleantes,



levantando a cabeça do poço, zomba de tua doutrina e, com a sua corda, puxa os verdadeiros princípios, que são Deus e a matéria. A terra se transforma em água, a água em ar, o ar é levado para cima, o fogo vai para as regiões em volta da terra, a alma penetra em todo o mundo e, participando dela, todos nós somos animados.

<sup>15</sup>Além desses, que já são tantos, ainda me inunda outra multidão proveniente da Líbia, Carnéades e Clitômaco com todos os seus seguidores, que pisoteiam todas as doutrinas dos demais. De sua parte, eles afirmam paladinamente que tudo é incompreensível e que, junto com a verdade, sempre se apresenta uma enganadora fantasia. Então o que farei, depois de estar passando miséria por tanto tempo? Como vou tirar de minha cabeça tantas doutrinas? Com efeito, se não há nada de compreensível, adeus verdade entre os homens, e a tão decantada filosofia não faz outra coisa senão lutar com sombras, ao invés de possuir a ciência dos seres.

**8.** <sup>16</sup>Do mesmo modo, outros da antiga tribo, Pitágoras e seus companheiros, graves e silenciosos, entregam-me outros dogmas, como mistérios, e entre esses, aquele grande e secreto: “Eu o disse”. O princípio do universo é a mônada e, de suas figuras e números, nascem os elementos. O número, a figura e a medida de cada um, eles o declaram mais ou menos assim: o fogo resulta de vinte e quatro triângulos, fechados por quatro equiláteros; cada um dos triângulos equiláteros é composto de seis triângulos retângulos, e por isso o comparam justamente com uma pirâmide. O ar resulta de quarenta e oito triângulos, fechados por oito equiláteros; é comparado ao octaedro, que se fecha por oito triângulos equiláteros, de modo que o total dá quarenta e oito. A água resulta de cento e vinte triângulos, fechados por vinte triângulos iguais e equiláteros, assemelhando-se ao icosaedro, que consta de cento e vinte triângulos iguais e equiláteros. O éter é composto de doze pentágonos equiláteros e assemelha-se ao dodecaedro. A terra é composta de quarenta e oito triângulos e está limitada por seis quadrados equiláteros. É semelhante a um cubo, pois o cubo é limitado por seis quadrados, dos quais cada um se decompõe em oito triângulos, de maneira que o total dá quarenta e oito.

**9.** <sup>17</sup>Certamente Pitágoras mede o mundo. Então eu também, divinamente possuído, desprezo pátria, mulher e filhos, e não me importo nada com eles, mas subo até o próprio éter e, tomando o cúbito de Pitágoras, começo a medir o fogo. De fato, não basta Zeus para medi-lo. Se este grande vivente, este grande corpo, esta grande alma que sou eu, não subo em pessoa para medir o éter, lá se vai o império de Zeus. E, uma vez medido, tendo Zeus sabido por mim, quantos ângulos tem o fogo, descerei novamente do céu, comerei azeitonas, figos e legumes. Depois, pelo caminho mais curto, irei até a água e medirei em cúbitos, dedos e semidedos a substância úmida e determinarei sua profundidade, para informar a Posêidon qual é a extensão de seu império marítimo. Percorrerei a terra inteira em apenas um dia, calando seu número, sua medida e suas figuras. Com efeito, sendo quem sou e com a idade que tenho, estou seguro de que não omitirei nenhum palmo de todo o universo. E eu sei o número das estrelas, dos peixes e dos animais; e, pondo o mundo numa balança, não me custará nada saber o seu peso. <sup>18</sup>Assim, até agora, a minha alma se preocupa com essas coisas, para conseguir o domínio de tudo.

**10.** Todavia, inclinando-se para mim, Epicuro me diz:

— Amigo, tu mediste um mundo, mas existem muitos e até infinitos mundos.

Assim, novamente me vejo forçado a medir outros céus e outros éteres, e estes em grande número. Que seja! Sem perda de tempo, depois de arrumar provisões para alguns dias, empreenderei a viagem aos mundos de Epicuro. Com facilidade, vôo sobre os limites do mundo, Tétis e o oceano e, entrando em um mundo novo, como se fosse outra cidade, em poucos dias o meço todo. Daí, vou mais

além, a um terceiro mundo, depois a um quarto, quinto, décimo, centésimo, milésimo e... aonde mais? De fato, lança-se sobre mim uma sombra de ignorância, um escuro engano, uma fantasia sem fim e uma incompreensível insensatez. Por outro lado, por que deixar de medir até os átomos, dos quais se formaram tantos mundos? Não se pode deixar nada sem verificar, sobretudo coisas que são necessárias e úteis, das quais depende a felicidade da família e do Estado.

<sup>19</sup>Expus amplamente tudo isso para demonstrar a contradição que existe nas doutrinas dos filósofos e como a investigação das coisas os leva até o infinito e indeterminado. O objeto deles é improvável e inútil, pois não é confirmado por nenhum fato, nem por nenhum raciocínio claro.

Coleção **PATRÍSTICA**

1. Padres Apostólicos, Clemente Romano – Inácio de Antioquia – Policarpo de Esmirna – Pseudo-Barnabé – Hermas – Pápias – Didaqué
2. Padres Apologistas, Carta a Diogneto – Aristides – Taciano – Atenágoras – Teófilo – Hérmiias
3. Apologias e Diálogo com Trifão, Justino de Roma
4. Contra as heresias, Ireneu de Lião
5. Explicação dos símbolos (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência, Ambrósio de Milão
6. Sermões, Leão Magno
7. A Trindade, S. Agostinho
8. O livre-arbítrio, S. Agostinho
- 9/1. Comentário aos Salmos (Salmos 1-50), S. Agostinho
- 9/2. Comentário aos Salmos (Salmos 51-100), S. Agostinho
- 9/3. Comentário aos Salmos (Salmos 101-150), S. Agostinho
10. Confissões, S. Agostinho
11. Solilóquios – A vida feliz, S. Agostinho
12. A Graça (I), S. Agostinho
13. A Graça (II), S. Agostinho
14. Homília sobre Lucas 12 – Homílias sobre a imagem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo, Basílio de Cesareia
15. História eclesiástica, Eusébio de Cesareia
16. Os bens do matrimônio – A santa virgindade consagrada – Os bens da viuvez: Cartas a Proba e a Juliana, S. Agostinho
17. A doutrina cristã, S. Agostinho
18. Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador Constâncio – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de S. Antão, S. Atanásio
19. A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos, S. Agostinho
20. Contra Celso, Orígenes
21. Comentário ao Gênesis, S. Agostinho
22. Tratado sobre a Santíssima Trindade, S. Hilário de Poitiers
23. Da incompreensibilidade de Deus – Da Providência de Deus – Cartas a Olímpia, S. João Crisóstomo
24. Contra os Acadêmicos – A Ordem – A grandeza da Alma – O Mestre, S. Agostinho
25. Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos / Explicação da Carta aos Gálatas / Explicação incoada da Carta aos Romanos, S. Agostinho
26. Examerão – os seis dias da criação, S. Ambrósio
- 27/1. Comentário às Cartas de São Paulo/1 – Homílias sobre a Carta aos Romanos – Comentário sobre a Carta aos Gálatas – Homílias sobre a Carta aos Efésios, S. João Crisóstomo
- 27/2. Comentário às Cartas de São Paulo/2 – Homílias sobre a Primeira Carta aos Coríntios – Homílias sobre a Segunda Carta aos Coríntios, S. João Crisóstomo
- 27/3. Comentário às Cartas de São Paulo/3 – Homílias sobre as cartas: Primeira e Segunda a Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus, S. João Crisóstomo
28. Regra Pastoral, S. Gregório Magno
29. A criação do homem / A alma e a ressurreição / A grande catequese, S. Gregório de Nissa
30. Tratado sobre os Princípios, Orígenes
31. Apologia contra os livros de Rufino, S. Jerônimo
32. A fé e o símbolo / Primeira catequese aos não cristãos / A disciplina cristã / A continência, S. Agostinho

Direção Editorial  
*Claudiano Avelino dos Santos*

Coordenação de desenvolvimento digital  
*Erivaldo Dantas*

Tradução  
*Ivo Storniolo*  
*Euclides M. Balancin*

Introdução e notas explicativas  
*Roque Frangiotti*

Revisão  
*H. Dalbosco*

Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)  
Padres apologistas / [introdução e notas explicativas Roque Frangiotti ; tradu-ção Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin]. — São Paulo : Paulus, 1995. — (Patrística)

Bibliografia.

eISBN 9788534938761

1. Apologética - Igreja primitiva, ca. 30-600 2. Padres da Igreja primitiva I. Frangiotti, Roque. II. Série 93-3177 CDD-281.1

Índices para catálogo sistemático:  
1. Padres da Igreja : Literatura cristã primitiva 281.1  
2. Patrística 281.1

© PAULUS – 2014  
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)  
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5084-3066  
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

eISBN 9788534938761